

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em História

**“QUEM GOSTA DE SAMBA, BOM
PERNAMBUCANO NÃO É?”**

(1955 – 1972)

Augusto Neves da Silva

RECIFE

2011

Augusto Neves da Silva

**“QUEM GOSTA DE SAMBA, BOM
PERNAMBUCANO NÃO É?”
(1955-1972).**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Martins Guillen

RECIFE

2011

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

S586q Silva, Augusto Neves da.
"Quem gosta de samba, bom pernambucano não é?" (1955-1972) /
Augusto Neves da Silva. – Recife: O autor, 2011.
227 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina Martins Guillen.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco,
CFCH. Programa de Pós Graduação em História, 2011.
Inclui bibliografia e anexos.

1. História. 2. Carnaval – Recife (PE). 3. Intelectuais. 4. Escolas de
samba. 5. Samba. 6. Frevo. I. Guillen, Isabel Cristina Martins
(Orientadora). II. Título.

981 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2011-121)

Augusto Neves da Silva

Quem gosta de Samba, bom pernambucano não é?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial a obtenção do Título de Mestre em História.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Isabel Cristina Martins Guillen (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco -UFPE

Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira (Arguidor)
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO

Profa. Dra. Maria Ângela de Faria Grillo (Arguidora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

RECIFE

31 de agosto de 2011



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO ALUNO AUGUSTO NEVES DA SILVA

Às 14h do dia 31 (trinta e um) de agosto de 2011 (dois mil e onze), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno Augusto Neves da Silva intitulada "QUEM GOSTA DE SAMBA, BOM PERNAMBUCANO NÃO É?" (1955-1972)", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "APROVADO", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Isabel Cristina Martins Guillen (orientadora), Maria Angela de Faria Grilo e Leonardo Affonso de Miranda Pereira. A validade deste grau de Mestre está condicionada à entrega da versão final da dissertação no prazo de até 90 (noventa) dias, a contar da presente data, conforme o parágrafo 2º (segundo) do artigo 44 (quarenta e quatro) da resolução Nº 10/2006, de 17 (dezessete) de julho de 2006 (dois mil e oito). Assinam, a presente ata os professores supracitados, a Vice-coordenadora, Profª. Drª. Tanya Maria Pires Brandão, e a Secretária da Pós-graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 31 de agosto de 2011

Profª. Drª. Isabel Cristina Martins Guillen

Profª. Drª. Maria Angela de Faria Grilo

Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Profª. Drª. Tanya Maria Pires Brandão

Sandra Regina Albuquerque

“Quero existir nesse azul / Repousar neste branco /
Portela, sou franco em dizer / Que em matéria de
samba / O meu sonho de bamba era mesmo você / Será
sempre você / Pois se o azul é poesia / E se o branco é
paz / Minha querida Portela / Um poeta da vida: o que
mais vai querer?”. (“Sonho de Bamba”, de João
Nogueira).

AGRADECIMENTOS

As páginas carnavalescas que o leitor encontrará a seguir foram fruto de árduas horas de trabalho, seja nos arquivos, fotografando os jornais, realizando as entrevistas, ou mesmo em frente ao computador, tecendo a narrativa. Muitas foram as pessoas que contribuíram para a conclusão deste trabalho e aqui se faz presente a gratidão a todos aqueles que direta ou indiretamente tornaram esse feito possível.

Primeiramente, como não poderia deixar de ser, gostaria de agradecer ao meu Deus, pois, por Ele, por meio Dele e para Ele, são todas as coisas. A Ele seja dada a glória, a honra e o louvor por tudo isso! Em segundo lugar, agradeço a minha família, pela ajuda e compreensão nas mais diversas situações.

Meus primeiros agradecimentos se direcionam também para minha orientadora, a Professora Isabel Cristina Martins Guillen, pelas horas incansáveis de dedicação. Sempre com seu olhar perspicaz, teceu comentários e apontou caminhos, com uma sensibilidade singular, própria de uma intelectual experiente como é. A Professora Isabel Guillen, nesses anos, desde a minha graduação, mostrou-se muito mais que uma orientadora, mas tornou-se uma amiga, é uma pessoa que carrego no meu coração e a quem aprendi a admirar muito. Professora, a senhora, além de me ensinar os caminhos do ‘ser historiador’, mostrou-me muito mais que isso, me ensinou a ser uma pessoa mais ética, profissional e pessoalmente. Professora Isabel Guillen, meu muito obrigado por tudo!

Aos professores do PPGH da UFPE, em especial ao professor Antônio Torres Montenegro, que por meio de suas aulas deslocou o meu pensamento e balançou as certezas que eu acreditava ter, contribuindo, e muito, para a minha formação enquanto “aprendiz de historiador”. Ao professor Antônio Paulo Rezende, que em seus ensinamentos procurou nos mostrar como articular o passado historicamente, bem como salientou a importância da leveza na produção da narrativa histórica dos trabalhos acadêmicos.

Ao coordenador do Programa de Pós Graduação em História da UFPE, o professor Marcus Joaquin Maciel de Carvalho, por ter sido ele a primeira pessoa a acreditar na possibilidade deste trabalho. O professor Marcus Carvalho foi o primeiro a me incentivar a entrar em contato com a professora Isabel Guillen. Nessa caminhada, Marcus Carvalho tem sido mais que um professor, mas um amigo a quem tenho muito carinho.

Aos professores da banca de qualificação, pelos comentários preciosos para o desenrolar deste trabalho. O professor Carlos Sandroni, que, com um olhar aguçado, enxergou

problemas que eu não tinha como observar, e a professora Maria Ângela de Faria Grillo, que teceu comentários relevantes para os caminhos que essa dissertação deveria seguir, bem como sempre acreditou em mim, desde o período da elaboração do projeto de mestrado, eu só tenho a dizer: professora Ângela Grillo, muito obrigado!

Agradeço ao professor Leonardo Affonso de Miranda Pereira, por se deslocar do Rio de Janeiro até a cidade do Recife para vir participar da minha banca de defesa de mestrado. Em sua arguição vi brotar questões que não imaginava que estavam presentes na dissertação. Com sutileza e educação ímpares, teceu comentários dos mais preciosos para mim, os quais contribuíram não só para a qualidade do trabalho, mas também para o meu crescimento enquanto um historiador profissional. Professor Leonardo Pereira, meu muito obrigado!

Agradeço também aos meus amigos da turma de Mestrado do PPGH da UFPE que me possibilitaram um convívio bastante enriquecedor: Ricardo Leite, Rodrigo Peixoto, Karuna Sindhu, José Eudes, e em especial a Fátima Saionara e Carolina Nunes, duas pessoas especiais que aprendi a admirar, fazendo brotar uma amizade sincera em nossos corações.

A minha companheira de longa data, Déborah Callender, com quem compartilhei os mais variados momentos da vida acadêmica. Ao lado de Déborah Callender passei toda a graduação e, juntos, tentamos a seleção do mestrado, e obtivemos êxito. Durante esses anos uma amizade sincera foi constituída, que, com o passar dos anos, só se reinventa. Espero poder contar, por longos anos, com sua inteligência, sua sabedoria e seu companheirismo. Déborah Callender, muito obrigado por tudo.

Aos demais professores da graduação da Universidade Federal de Pernambuco, que em muito contribuíram para a minha formação, em especial minha gratidão a: Ana Maria Barros, Antônio Alves, Bartira Barbosa, Carlos Miranda, Christine Dabat, George Cabral, Luciano Cerqueira, Marc Hoffnagel, Michel Zaidan, Patrícia Pinheiro, Severino Vicente, Socorro Abreu, Socorro Ferraz, Suzana Cavani, Sylvana Brandão, Tânia Brandão e Virgínea Almoedo.

Aos meus amigos da graduação na UFPE, em especial Paulo Henrique Fontes Cadena, Elaine Cristina, José Vicente, Naymme Morais, Mônica Marinho, Valéria Silva, Lídia Rafaela, Isislândia Lins, Gênova Lima, Alexandra Sobral (essas três últimas, minhas eternas amigas 'ginas'), Simone (vulgo Pé de Bombo), e Jaqueline Morais, a quem chamo por apelido muito carinhoso, mas que ela não me permitiu citar.

A conclusão de um mestrado não é um feito que ocorre da noite para o dia, como venho tentando demonstrar. Inúmeras pessoas contribuíram para esse processo, não só na universidade, mas desde a mais tenra idade escolar. Assim, não poderia deixar de agradecer às

professoras Marselha Lira e Sônia Nascimento, que despertaram em mim o amor e a curiosidade sobre o campo da história.

Realizei um estágio de pesquisa no Rio de Janeiro, junto a Universidade Federal Fluminense, no período de julho de 2009 a fevereiro de 2010, e gostaria de agradecer pela forma como fui recebido nesse espaço pela professora Martha Campos Abreu que, além de ser uma grande historiadora, a mim possibilitou a oportunidade de conhecer uma pessoa incrível, de uma sensibilidade e alegria únicas. Em tudo que precisei na vida acadêmica, a professora Martha Abreu sempre se mostrou solícita. Ainda gostaria de agradecer às professoras do PPGH da UFF, Hebe Mattos, Magali Engel, Rachel Soihet e Laura Maciel que, com suas aulas e conversas extras, fissuraram algumas formas cristalizadas do meu pensamento e me possibilitaram outras reinvenções acadêmicas. Durante a estadia no Rio de Janeiro, laços de amizade foram tecidos, entre esses destaco o convívio com Rita de Cássia, Eric Brasil, Natália Guerellus, Vinícius Ferreira e Leandro Silveira.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, gostaria também de agradecer a atenção com que fui recebido pela professora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, que em muitos momentos apontou caminhos para minha inquietação e me possibilitou o convívio com ‘novos’ amigos, como os professores Nilton Santos e Ronald Clay.

Ao meu irmão Alberto Neves e a minha cunhada Camila Neves, pelo acolhimento em sua casa quando estive no Rio de Janeiro. Durante aqueles sete meses sempre fui tratado com muito carinho e afeto, que me fizeram, de fato, me sentir em casa. Nesse período conheci pessoas maravilhosas e que guardo em meu coração, como a Irmã Guia, Mônica, a irmã Leide, Maria, Juninho, João, irmão José, Gesse, pastor Roberto e tantos outros.

Gostaria também de agradecer em especial aos meus sobrinhos, Matheus, Danilo e Débora, que em muitos momentos difíceis da escrita deste trabalho quebraram a minha rotina e alegraram a minha vida com a esperança de um novo tempo, é a afirmação sobre nossa imortalidade, como bem destacou Mikhail Bakhtin.

Aos meus amigos irmãos, Alexandre Medeiros e Thiago Durval, por estarem ao meu lado nas mais diversas situações, e, como eu sempre digo a eles, ‘suportando as minhas constantes oscilações de humor’.

Ao meu amigo Leandro Augusto, que representa para mim a certeza que podemos ter nessa vida irmãos além daqueles de sangue. Meu amigo, meu irmão, nas mais diversas situações, sempre ao meu lado, acreditando em meu potencial para a conclusão deste trabalho.

A Andréia Oliveira, pelos mais singelos atos de uma amizade sincera e verdadeira, que, em muitos momentos, poderiam, para algumas pessoas, parecerem simples, mas que para mim foram de grande valia.

Ao meu amigo irmão Henrique Nelson, com quem partilho o amor pela história. Muito obrigado pela ajuda nas mais diversas situações, e também por sempre acreditar em meu potencial, e que este trabalho seria possível.

Aos meus amigos Thiago Nunes e Márcio Luna, que sempre abriram as portas de sua casa, tornando-a um ponto de parada para mim e muitos dos nossos amigos em comum, que encontram em vocês um porto seguro para as mais variadas situações da vida cotidiana. Nesse ínterim do mestrado, muitas amizades foram constituídas, outras desfeitas, mas poucas tão sinceras quanto a de vocês. Espero, se Deus permitir, que ela perdure.

Ao amigo Sandro Vasconcellos, que junto ao Museu da Cidade do Recife, com sua presteza e dedicação sagaz, sempre me ajudou naquilo que precisava, em especial com as imagens utilizadas aqui. Seja na casa dos meninos, Márcio e Thiago, ou mesmo na ‘longa’ volta para casa, em muitas de nossas conversas, vi brotar o senso crítico de um historiador audacioso e acima de tudo extremamente preocupado com a leveza da narrativa, o que, para mim, tornou-se uma aprendizagem constante.

A Grasiela Moraes e Rosely Tavares, pelo incentivo, pela presteza sempre que precisei e, acima de tudo, pela amizade sincera nos mais variados momentos. Os nossos encontros, sejam na vida acadêmica ou puramente sociais, sem a presença de vocês não teriam o mesmo significado.

A todos os meus amigos que alegraram os meus dias nessa longa caminhada de ‘aprendiz de historiador’, em especial Glauber, Gisele, André, Alex, Mariene, Oliene, Adelma, Alisson, Adilson, Jonathas, Jader, Marquinhos, Taylane, Iuéliton, Társis, Dário, Joel, Raquel, Rose, Cleide, Ednaldo, e tantos outros que sempre acreditaram em mim e me encorajaram quando eu pensava que não tinha condições, nem que era possível concluir este trabalho.

A Leanderson Dino, meu amigo, meu irmão na fé e na vida, que sempre me ajudou nas mais diversas situações e nunca colocou obstáculos quando precisei. Muito obrigado por tudo!

A Monique Vitorino, que fez a revisão textual deste trabalho, a qual em muito contribuiu para sua clareza e fluidez na leitura.

Às secretárias dos programas de pós graduação a que estive veiculado nesse período, na Universidade Federal Fluminense a simpática Silvana, que sempre me atendeu com

presteza e gentileza únicas, e no PPGH da Universidade Federal de Pernambuco, Sandra Regina, a quem gosto de chamar de ‘Sandrinha do meu coração’, que muito a ‘incomodei’, mas ela sempre com um sorriso no rosto procurou me acalmar e encontrar soluções para minhas inquietações. Gostaria de destacar também que, em muitos momentos fui alertado pelos ‘e-mails terroristas’ de Sandra, avisando “que os prazos estavam se findando e que precisávamos entregar relatórios, documentos”, mas que apresentavam-se muito divertidos, pois, poucos sabem, mas temos o privilégio de ter uma secretária que também é compositora!

À FACEPE, que me agraciou com um Auxílio a Mobilidade Discente e, assim, permitiu que eu pudesse desenvolver um estágio de pesquisa durante os sete meses que estive no Rio de Janeiro, junto à Universidade Federal Fluminense e à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ao CNPq, pelo financiamento que possibilitou a pesquisa e a escrita deste trabalho.

Enfim, a todos aqueles e aquelas que diretamente, ou mesmo indiretamente, contribuíram para a realização de uma empreitada do teor desta pesquisa. Meu muito obrigado!

“O sambista veio para somar dá mais brilhantismo ao carnaval de Pernambuco, mas ele não é entendido assim, ele é entendido como uma cultura alienígena” (Depoimento do senhor José Bonifácio, sambista do Recife).

RESUMO

SILVA, Augusto Neves. “Quem gosta de Samba, bom pernambucano não é?”. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

As escolas de samba estão presentes nos festejos momescos recifenses há muitos anos, provavelmente, datam da década de 1930. No entanto, durante o período de 1955 a 1972, foram consideradas práticas condenadas por parte dos intelectuais por estarem, segundo salientavam, associadas a um fenômeno pertencente ao Rio de Janeiro. Os sambistas, por sua vez, imersos numa complexa rede de poder, lutavam pelo direito de significar sua prática cultural. Nesse contexto, o presente trabalho se propõe a analisar e interpretar quais os motivos que levaram parcela significativa dos intelectuais atuantes na cidade do Recife a condenarem a presença das escolas de samba em seu carnaval entre os anos de 1955 a 1972, observando os começos dessas manifestações culturais na cidade e como os sambistas portavam-se diante desse cenário de condenação. Para tanto, elegi para esta pesquisa fontes como as matérias de jornais que circulavam na capital pernambucana e os relatos orais de memória. Os jornais da cidade, durante o carnaval, estavam repletos de notícias sobre os embates travados entre os ‘defensores’ do frevo como o ‘ritmo da terra’, e os sambistas, entendidos por alguns intelectuais como pertencentes a uma cultura ‘externa’, ‘alienígena’ e ‘deformante’ da ‘tradição carnavalesca local’. Já os relatos de memória de alguns sambistas permitiram-me compreender como estes indivíduos vivenciavam aquelas experiências e significavam sua prática. Sendo assim, analiso neste trabalho o posicionamento dos intelectuais sobre a participação das escolas de samba no carnaval da cidade e interpreto o movimento dos sambistas para garantir o acesso do público a sua prática cultural, bem como a defesa de sua música e história.

Palavras-chave: Carnaval em Recife; Escolas de Samba; Intelectuais.

ABSTRACT

The samba schools are present in carnival of Recife for many years, probably dating from the 1930s. However, during the period 1955-1972, was considered practices condemned by the being intellectuals, according it emphasized, associated with a phenomenon belonging to Rio de Janeiro. The samba musicians, in turn, immersed in a complex network of power, fought for the right to signify their cultural practice. In this context, this paper aims to analyze and interpret the reasons that led that a significant portion of the intellectuals active in the city of Recife to condemn the presence of the samba schools in their carnival between the years 1955 to 1972, observing the beginnings of these cultural manifestations in the city and how the samba musicians behaved face to this scenario of condemnation. For this, I have chosen for this research sources such as news stories which circulated in the capital of Pernambuco and the oral reports of memory. The newspapers of the city, during the carnival, were full of news about the battles fought between the 'defenders' of the frevo dance as the 'rhythm of the home', and the samba musicians, seen by some intellectuals as belonging to an culture 'external', 'alien' and 'deforming' of the 'carnavalesque tradition local'. Already the reports of memory of some samba musicians allowed me to understand how these individuals experienced those experiences and meant your practice. Therefore, this paper analyzes the positioning of intellectuals about the participation of the samba schools in the Carnival of the city and interprets the movement of samba musicians to ensure public access to their cultural practice, as well as the defense of their music and history.

Keywords: Carnival in Recife; Samba Schools; Intellectuals.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Escola de samba Almirante do Samba	Pág. 55
Imagem 02: Coroação da Rainha do Carnaval	Pág. 62
Imagem 03: Palanque na Praça do Diário	Pág. 83
Imagem 04: Arquibancada da Passarela	Pág. 83
Imagem 05: Corso	Pág. 86
Imagem 06: Corso Controlado	Pág. 87
Imagem 07: Mela Mela	Pág. 91
Imagem 08: Policiais reprimem brincadeira de carnaval	Pág. 92
Imagem 09: Apresentação de Escola de Samba palanque de pracinha	Pág. 180
Imagem 10: Desfile de Gigantes do Samba	Pág. 188
Imagem 11: Sambistas no centro do Recife	Pág. 192
Imagem 12: Desfile de Gigantes do Samba	Pág. 202
Imagem 13: Apresentação dos sambistas malabaristas	Pág. 206

LISTA DE ABREVIATURAS

ACCR – Associação dos Cronistas do Recife

APEJE – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano

COC – Comissão Organizadora do Carnaval

CPC – Comissão Promotora do Carnaval

DDC – Departamento de Documentação e Cultura

FCP – Federação Carnavalesca Pernambucana

FESAPE – Federação das Escolas de Samba de Pernambuco

FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco

LAHOI – Laboratório de História Oral e Imagem

MCR – Museu da Cidade do Recife

UESPE – União das Escolas de Samba de Pernambuco

UNESPE – União das Escolas de Samba de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Pág. 19
Capítulo I: AS METAMORFOSES DE MOMO: ecos de uma festa	Pág. 37
1.1 Os Sentidos do carnaval	Pág. 38
1.2 A festa carnavalesca em Recife e suas múltiplas práticas	Pág. 41
1.2.1 Rastreado sinais	Pág. 43
1.2.2 Ao som do frevo	Pág. 45
1.2.3 Sob os auspícios da Federação Carnavalesca Pernambucana	Pág. 49
1.3 O carnaval em Recife de 1955 a 1972: identidades e conflitos	Pág. 56
1.3.1 As metamorfoses do folião: as travestis invadem as ruas	Pág. 70
1.3.2 Os carnavais da saudade	Pág. 74
1.3.3 A hora e a vez da passarela	Pág. 77
1.3.4 As metamorfoses de uma festa	Pág. 85
Capítulo II: A TRADUÇÃO DA TRADIÇÃO: os intelectuais e a presença das escolas de samba no carnaval em Recife	Pág. 97
2.1 O território da Palavra	Pág. 98
2.2 Qual o mistério do samba em Recife?	Pág. 101
2.2.1 Com que samba eu vou para a folia que você me convidou?	Pág. 105
2.3 Práticas de carnaval em disputas	Pág. 110
2.3.1 Intelectuais e a oficialização dos dias de momo pela Prefeitura do Recife	Pág. 110
2.3.1.1 Aníbal Fernandes e o Regionalismo Pernambucano	Pág. 112
2.3.1.2 Mário Melo e o ‘Tradicionalismo histórico da festa carnavalesca recifense’	Pág. 116
2.3.1.3 Os arautos da tradição: outras vozes sobre a oficialização do carnaval	Pág. 120
2.3.2 Gilberto Freyre e a Pernambucanidade	Pág. 124
2.3.3 Capiba e Nelson Ferreira: os ícones do frevo e o debate sobre a presença do samba no carnaval recifense	Pág. 130
2.3.4 Os construtores do samba e os escritos de condenação dos intelectuais	Pág. 134
2.4 O campo intelectual em debate	Pág. 146

Capítulo 3: E O RECIFE SAMBOU	Pág. 152
3.1 Diálogos entre fronteiras: os começos das escolas de samba	Pág. 153
3.2 Na ginga do samba	Pág. 171
3.3 Um samba à pernambucana	Pág. 185
3.4 Estudantes de São José e Gigantes do Samba: a batalha da passarela	Pág. 198
3.4.1 Samba de morro: ‘Sou eu o velho gigantes’	Pág. 201
3.4.2 Estudantes de São José: os bambas da folia	Pág. 207
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Pág. 213
ANEXOS	Pág. 216
REFERÊNCIAS	Pág. 217

INTRODUÇÃO

Em tempos que o carnaval em Recife é comumente associado ao ritmo do frevo, dos maracatus e dos caboclinhos, algum leitor desavisado poderá perguntar: *e existe Escola de samba por lá?* Antes de começar algum protesto, convido-o a caminhar comigo e compreender as razões que me levaram a percorrer essas trilhas.

Desde minha adolescência sempre gostei muito de escolas de samba. Fico encantado com seus desfiles, seus sambas e as histórias dos sambistas. Entretanto, estranho o fato dessas práticas culturais participarem do carnaval em Recife há tantos anos, mas, mesmo assim, em torno dessa alegria barulhenta, existir uma espécie de silêncio intelectual que poucos têm se esforçado em romper¹, e sua história permaneceu invisualizada pela historiografia pernambucana, pois “de fato, a sociedade frequentemente impõe silêncios à história; e esses silêncios são tão história quanto a história”.²

Quais os motivos que levaram os intelectuais em Recife a não escreverem sobre a participação das escolas de samba no carnaval? O porquê desses silenciamentos? Inicialmente procurando entender essas questões é que me detive na pesquisa. E acreditando que “O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo”³, comecei a ir aos arquivos⁴ na busca por matérias nos jornais que pudessem me demonstrar esse ‘mundo do samba encoberto’ no carnaval da cidade. Realizei um levantamento cuidadoso nos principais periódicos: *Diário de Pernambuco; Jornal do Commercio; Diário da Noite; Correio do Povo; Última Hora; Diário*

¹ Sobre os silêncios da História, ver: FERRO, Marc. *A História Vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Realizei um trabalho sobre o silêncio dos intelectuais sobre as escolas de samba no carnaval em Recife: SILVA, Augusto Neves. *Debate Historiográfico sobre as escolas de samba em Recife (1955 – 1970)*. Monografia de Conclusão de Bacharelado em História. Recife: UFPE, 2009.

² FERRO, Marc. *A História Vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, p. 02, 1989.

³ REIS, José Carlos. *O desafio Historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, p. 97, 2010.

⁴ Os historiadores em sua grande maioria utilizam como principais fontes históricas, os diversos documentos situados em arquivos, sejam eles públicos ou privados. Os arquivos entendidos enquanto lugares que petrificam momentos ao acaso e na desordem, despertando naquele que lê, um efeito de certeza. A palavra dita, o objeto encontrado, o vestígio deixado tornam-se representações do real. Mas, o historiador não é um fabulista redigindo fábulas, e impõe-se a reflexão. As anedotas têm de ceder espaço ao discurso científico e à argumentação pautada por critérios de veracidade e plausibilidade. O trabalho com arquivo constitui, assim, um jogo de aproximações e oposições entre o acidental e o singular, o único e o coletivo, o sentido e a verdade, as formas de expressão popular e a linguagem do historiador. A tensão se organiza entre a paixão de recolher por inteiro o arquivo, de oferecê-lo integralmente à leitura, de jogar com seu lado espetacular e com seu conteúdo ilimitado, e a razão, que exige que ele seja habilmente questionado para adquirir sentido. É entre paixão e razão que se decide escrever história. Afinal, não existe história simples, nem mesmo história tranquila. E, se o arquivo serve realmente de observatório social, só o faz através da desordem de informações aos pedaços, do quebra cabeça imperfeitamente reconstruído de acontecimentos obscuros, forjando perguntas a partir de silêncios e de balbucios. FARGE, Arlette. *O Sabor do Arquivo*. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

da Manhã e Folha da Manhã, durante os anos de 1955 a 1972, lendo na íntegra os meses de janeiro a março, período em que o carnaval tinha suas práticas culturais mais comentadas nos jornais.

Aos poucos, na atividade de pesquisa observei como o carnaval modificava a vida das pessoas, do comércio e da própria cidade do Recife. Vi que os jornais noticiavam com certa frequência que os mais variados aspectos do cotidiano eram alterados em virtude dos festejos momescos. E também como a capital pernambucana colocava-se em disputa em meio às variadas práticas de carnaval que se abatiam sobre ela. Tenho consciência dos problemas apresentados pela documentação, principalmente porque a ‘verdade’ e a ‘evidência do real’ parecem dadas, apresentando-se como armadilhas de sentidos, e no trabalho com os jornais não é diferente, pois nestes “[...] os acontecimentos são diariamente costurados, descosturados, e formam diversos nós, em que o suceder temporal é apresentado ou representado como evidência real”⁵.

Os objetos e as marcas deixadas pelo passado não traziam em si mesmos seu sentido, o passado não era o documento, nem os vestígios deixados, mas a compreensão da trama histórica em que estavam envolvidos, só possível com um saber histórico e uma erudição previamente adquirida.⁶

Dessa forma, procurando romper com essa evidência da documentação, enveredei na busca dos fios que engendravam cada acontecimento⁷ e das redes que os instituía. Assim, cada detalhe, por mais ínfimo que fosse, podia tornar-se um novelo para novas descobertas e, com isso, me ajudar a compreender a documentação analisada. O conhecimento é como um porto em que nunca atracamos definitivamente, ele está sempre em construção. Na minha atividade enquanto historiador, apenas pisei nas suas ‘margens’, o que me obriga a um refazer

⁵ MONTENEGRO, Antônio Torres. Desassossego das Travessias, In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 5. Nº 58. Julho de 2010, p. 98.

⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, pp. 53-54, 2007.

⁷ Os acontecimentos foram assim definidos pela historiadora Arlette Farge: “os acontecimentos que sobrevivem é um momento, um fragmento de realidade percebida que não tem nenhuma outra unidade além do nome que se lhe dá. Sua chegada no tempo é imediatamente partilhada por aqueles que o recebem, o vêem, ouvem falar dele, o anunciam e depois o guardam na memória. Fabricante e fabricado, o acontecimento é inicialmente um pedaço de tempo e da ação posto em pedaços, em partilha como em discussão: é através dos farrapos de sua existência que o historiador trabalha se quiser dar conta dele. Em face do acontecimento encontrado, ou relatado, está diante de uma ausência de ordem. Com efeito, sua estrutura, percebida através dos textos, dos testemunhos ou das imagens, é já em si uma colocação em relação. [...] Assim, o acontecimento seria já da ordem da desordem, do arrebatamento das percepções e do sentido: o historiador se acha desde então não em face do homogêneo, mas do heterogêneo”. FARGE, Arlette. *Lugares para a História*. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 71.

incessante de verdades e certezas já que “a incompletude do conhecimento e a prática de um viver cercado de acasos e incertezas são outras lições do desassossego da história”⁸.

Entre um samba enredo e outro fui compondo a dissertação. Nesse diapasão, um samba em especial chamou a minha atenção quanto ao procedimento do historiador em relação ao trabalho com a documentação. Provavelmente os compositores desse samba não tiveram a intenção de debater concepções teórico-metodológicas do campo da história, mas, ao cantarem ‘*cuidado o que se vê pode não ser, será?*’⁹, a mim atentou para as armadilhas de sentido tão comuns na documentação, principalmente no trabalho com os jornais. Nem sempre aquilo que se vê, de fato corresponde à realidade.

As matérias dos jornais não representam o passado em si, mas vestígios dele. A documentação é repleta de sentidos e guarda as marcas daqueles que a produziram, que a colocaram em evidência. “Nenhum objeto tem movimento na sociedade humana exceto pela significação que os homens lhe atribuem, e são as questões que condicionam os objetos e não o oposto”¹⁰. Nesse sentido, o trabalho com a documentação comumente tem exigido dos historiadores uma disposição considerável para transitar entre as mais diferentes disciplinas e ‘abusar’ da imaginação histórica, para que assim possam lidar com os indícios que nem sempre estão presentes, seja na documentação escrita, seja nos relatos de memória, e, com isso, proporcionar a prática da história questões de fôlego mais amplo.

A utilização dos relatos de memória me possibilitou entrar em contato com os significados que os sambistas atribuíram a sua manifestação cultural e com as táticas e estratégias que criaram para ‘driblar’ a situação desfavorável que se lhes apresentava. E, com isso, pude adentrar o campo dos sentimentos, desejos e anseios dos sujeitos que mais diretamente participavam das escolas de samba na capital pernambucana.

Uma das mais relevantes contribuições da utilização dos relatos orais de memória está em viabilizar o estudo das formas que grupos e pessoas elaboravam e efetuavam as suas experiências, situações de aprendizado e decisões estratégicas.¹¹ Entretanto, há a necessidade de ter a consciência que a fonte oral não deve ser tratada como a reconstituição de um ‘elo perdido’ com a oralidade e que as histórias relatadas são antes de tudo, vidas ou acontecimentos lembrados.

⁸ MONTENEGRO, Antônio Torres. Desassossego das Travessias, In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 5. Nº 58. Julho de 2010, p. 98.

⁹ É Segredo, Samba Enredo da Unidos da Tijuca, 2010.

¹⁰ SCHUWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação, In: BLOCH, Marc. *Apologia da História: O Ofício do Historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. P. 08, 2001.

¹¹ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História, In: *Fontes Históricas*. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 165, 2008.

As recordações não são meras exposições da memória, mas um olhar que atravessa o tempo múltiplo, um olhar que reconstrói, decifra, revela e permite a passagem de um tempo a outro e, especialmente, trazem a possibilidade de atualizações do passado no presente.¹²

O recurso da História Oral possibilita ampliar o conhecimento sobre práticas e experiências desenvolvidas, e assim compreender que não há uma única história ou identidade regional, senão inúmeras histórias, identidades e memórias dentro de uma sociedade, pois “A História oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade”.¹³

A análise dessas experiências permite entender como os sambistas na cidade do Recife experimentavam esse passado, como esses indivíduos contrapuseram a dominação e a condenação, e, assim, permite o questionamento de determinadas visões e acontecimentos entendidos como naturais, únicos e verdadeiros, pois, frente à ampla possibilidade de construção da memória, “o historiador já não consegue ter a certeza de reconstituir e significar um único passado”¹⁴.

Concordo com a Historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto quando afirmou não ver a História Oral como “uma forma particular de História”, e que “é necessário reconhecer que a fonte oral não é o outro da fonte escrita”, ou seja, mas acredito ser pertinente a discussão das fontes orais na estrutura narrativa, “exibindo os traços das experiências históricas como resultado das práticas sociais”¹⁵.

A fonte oral, como todas as outras fontes, necessita de interpretação e análise. A entrevista publicada em si não é a ‘História’, não se pode esperar que uma entrevista, nem um grupo delas dê conta do que realmente aconteceu no passado. Os relatos orais devem ser submetidos a uma crítica da sua própria produção, das condições que foram produzidos, devem-se levar em consideração também o lugar social onde estão inseridos, e como eles se relacionam com as demais fontes do trabalho. Por maiores que sejam as contribuições e

¹² GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Artes da Memória, Fontes Oraís e a Escrita da História, In: *Cidades da Mineração: Memória e Práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EduFMT, p. 48, 2006.

¹³ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História, In: *Fontes Históricas*. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 164, 2008.

¹⁴ DIEHL, Astor Antônio. Memória e identidade: perspectivas para a História, In: *Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: EDUSC, p. 15, 2002.

¹⁵ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Artes da Memória, Fontes Oraís e a Escrita da História, In: *Cidades da Mineração: Memória e Práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EduFMT, pp. 45-47, 2006.

riquezas do testemunho individual, a sua grande validade está na articulação de suas informações com a memória coletiva.

Outra questão que merece ser ressaltada, em virtude da característica do testemunho oral enquanto forma de memória, é a descontinuidade temporal, já que o narrador elenca os fatos por ele entendidos como mais importantes ou mesmo significativos dentro do fluxo tempo/experiência. Dessa forma, o historiador, ao trabalhar com as fontes orais, deve incidir sua atenção sobre o particularismo do tempo da memória atentando para as artes de sua construção.

O testemunho deve ser situado dentro da constituição da trama histórica, fundamental na caracterização de sua especificidade. Desse modo, o historiador é obrigado a mergulhar nos relatos orais em seus múltiplos cenários, a “[...] armar as ligações necessárias com diferentes fontes, acontecimentos e práticas, confrontá-los com outras indagações, vestígios e possibilidades, a fim de dar inteligibilidade ao texto”¹⁶.

Além das matérias de jornais e dos relatos de memória, elegi para esse texto algumas fotografias. Procurei não situá-las apenas como ilustrativas, mas inseri-las na tessitura da narrativa. Já há algum tempo que a noção de fontes foi ampliada na construção da trama histórica. Os mais variados documentos são transformados a partir do olhar lançado sobre eles pelo historiador. Fontes das mais variadas são utilizadas. Assim, as fotografias são incorporadas ao fazer do profissional de história, pois, possibilitam um conhecimento a respeito de determinado fato por meio da imagem.

No uso das fontes visuais na construção da narrativa, o historiador, deve incidir sobre suas especificidades, sobre o que as tornou insubstituíveis. Por meio da imagem “seria possível obter informações que os textos de época não foram capazes de fornecer, ou não tiveram interesse, nem era sua função ou objetivo descrever”¹⁷. As fotografias devem ser utilizadas como um documento complementar e não meramente descritivo como alguns estudos o fazem.



¹⁶ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Artes da Memória, Fontes Orais e a Escrita da História, In: *Cidades da Mineração: Memória e Práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EduFMT, p. 46, 2006.

¹⁷ LIMA, Solange Ferraz de; & CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: Usos Sociais e Historiográficos, In: *O Historiador e suas fontes*. Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca (Orgs). São Paulo: Contexto, p. 37, 2009.

O carnaval é um tema que traz para o campo da história impasses teóricos centrais. Como afirmou a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, “faz repensar assertivas pouco questionadas sobre tradição ou semelhanças morfológicas e sobre o modo como se tecem o fio do tempo; questiona a crença nas qualidades particulares, inerentes a cada sociedade [...]”¹⁸. Assim, procuro pensar a festa momesca como “destituída da transcendência, da universalidade, de qualquer rótulo de ‘historicidade’ que a naturalize ou mesmo a torne equivalente umas às outras independentemente das fronteiras geográficas, culturais e sociais”¹⁹. Não entendo o carnaval como uma festa dotada de um sentido único para todos os foliões, mas como capaz de constituir ocasião de expressar identidades englobantes, como a nacionalidade, a originalidade brasileira, ou no (nosso) caso uma folia momesca regional.

A forma como penso o carnaval aqui em questão está atrelada às disputas do campo do poder de enunciação, onde umas memórias são encobertas em nome de outras. Por outro lado, a análise da folia carnavalesca pode demonstrar outras histórias sobre a centenária cidade do Recife. Dar certa visibilidade às práticas culturais dos sambistas na capital pernambucana é compreender também como os mecanismos de poder engendraram uma história que destituía os sambistas de sua própria condição de sujeitos da festa. Escrever, neste sentido, é colocar em questão a invisibilidade histórica e a exclusão social como objetos da história.

Folheando os jornais, aqui e acolá, as matérias iam aguçando minha curiosidade. E encontrei escolas de samba que o ‘grande público’ talvez não pudesse suspeitar que houvesse no carnaval recifense, espaço comumente associado como a ‘terra do frevo’. Assim, mergulhei na pesquisa com o objetivo de contrapor as evidências, de desmistificar aquilo que, de tão repetido, foi tomado como dado e natural, ou seja, de que a cidade do Recife é o ‘lugar do frevo’ e que o carnaval dessas plagas não teria escolas de samba.

Nos periódicos pesquisados apareciam constantemente reportagens que criticavam a presença das escolas de samba na folia de momo da cidade. O discurso elaborado pelos ideólogos de uma pretensa ‘cultura carnavalesca pernambucana’ do período (1955 – 1972) dizia que essas manifestações não correspondiam com o modelo de festa desejado. Tais manifestações eram entendidas como uma prática ‘externa’ pertencente ao Rio de Janeiro e não se enquadravam com a concepção da folia de momo defendida por parte da intelectualidade local.

¹⁸ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss da Folia: uma história social do carnaval carioca (1880 – 1920)*. São Paulo: Cia das Letras, p. 311, 2001.

¹⁹ CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e Outras Frestas. Ensaio de História Social da Cultura*. Apresentação. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, p. 14, 2002.

Na pesquisa que empreendi junto aos jornais que circulavam (circulam) na cidade do Recife, observei a frequência de palavras como ‘defesa da tradição’, ‘defender a cultura pernambucana’, ‘salvar a nossa cultura’, ‘descaracterização da cultura’. Indivíduos nomeados de intelectuais²⁰ colocavam-se como ‘defensores’ do que eles mesmos elegiam como cultura pernambucana, e como prática de carnaval a ser implantada e aceita, como se os sambistas, em sua maioria negros, fossem seres passivos e não conscientes dos seus direitos, da sua música e da sua própria história.

Para intelectuais como os jornalistas Mário Melo²¹ e Aníbal Fernandes²², além do sociólogo Gilberto Freyre²³ entre outros, o carnaval pernambucano deveria ser preservado em

²⁰ Certos indivíduos são ditos, entendidos e nomeados pela sociedade recifense da época com a qual trabalho como intelectuais. Intelectual para esse momento histórico eram aqueles sujeitos que escreviam nos jornais, ocupavam cargos em instituições públicas importantes, produziram escritos, memórias, crônicas sobre o Recife, os quais escreveram uma história sobre a cidade e o próprio Estado de Pernambuco. Ressalto que a categoria de intelectuais não é atemporal, nem homogênea, nem pode ser entendida como um “grupo” coeso, nem o “ser intelectual” representou a mesma coisa em todo o tempo. No entanto, não posso fugir a “essa categoria”, pois é dessa forma que esses indivíduos são entendidos e nomeados pela sociedade nos jornais. Entre os principais atores sociais com que trabalho e que representam a função de intelectuais são: Gilberto Freyre, Mário Melo, Aníbal Fernandes, Katarina Real, Roberto Câmara Benjamin, Bernardo Alves. Arthur Malheiros, entre outros. Sobre o papel e a função do Intelectual na sociedade, ver, entre outros: BOBBIO, Norberto. *Os Intelectuais e o Poder*. São Paulo: UNESP, 1997.

²¹ Mário Carneiro do Rego Melo nasceu a 05 de fevereiro de 1884, filho de Manoel do Rego Melo e de Maria da Conceição Carneiro da Cunha (Ciçone), no Sítio Barbalho, atual bairro de Iputinga, no Recife. Em 1907 graduou-se em Direito. Escreveu vários livros, entre eles: *A Maçonaria e a Revolução de 1817* em 1912. Mas sua grande paixão era o jornalismo. Trabalhou nos jornais Folha do Povo, Correio do Recife, Jornal Pequeno, A Província, Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio, dentre outros. Em 1948 foi eleito Deputado Estadual pela legenda do PSD. Participa da fundação da Universidade do Recife, como criador da Escola de Belas Artes e Faculdade do Comércio e Ciências Econômicas, das quais foi professor. Membro do IAGHPE, presidente da Federação Carnavalesca, dentre outras entidades públicas. Morreu em 24/05/1959. Sobre Mário Melo, ver: ROSTAND, Paraíso. *Cadê Mário Melo*. Recife: COMUNIGRAF, 1997.

²² Aníbal Gonçalves Fernandes nasceu em Nazaré da Mata, no dia 30 de dezembro de 1894, em Pernambuco. Filho do casal Albino Gonçalves Fernandes e Maria Luzia Lobo Guido Fernandes. Aníbal Fernandes fez seus estudos no Seminário de Olinda e na Faculdade de Direito do Recife, tendo concluído o curso superior em 1916. Foi professor do Ginásio Pernambucano, da Faculdade de Filosofia do Recife, diretor do Museu do Estado e da Inspetoria de Monumentos Artísticos. Entretanto, encontrou no Jornalismo sua plena e verdadeira vocação. Em 1912 passou a ser revisor do Jornal de Pernambuco. Em 1914, no dia 17 de julho se transferiu para o Diário de Pernambuco permanecendo até 1952 quando se aposentou, mas continuou escrevendo para o jornal. Faleceu em 12 de janeiro de 1962, com 68 anos de idade. Sobre Aníbal Fernandes ver: FERRAZ, Marilourdes. *Aníbal Fernandes: jornalista – Nos caminhos da liberdade*. Associação da Imprensa de Pernambuco. Recife: CEPE, 1996.

²³ Gilberto Freyre nasceu no Recife no dia 15/03/1900 “numa família de classe média alta relativamente empobrecida, que havia pertencido à aristocracia rural do estado de Pernambuco”. Filho do juiz e professor de economia política da Faculdade de Direito do Recife, Alfredo Freyre, e de Dona Francisca de Mello Freyre descendente de um dos mais eminentes donos de engenho da região, os Wanderleys de Serinhaém. Fez seus estudos iniciais no Colégio Batista Americano do Recife concluindo em 1917. Em 1918 segue para os Estados Unidos (Baylor) para matricular-se na Universidade Batista em Waco, Texas, conhecida como o ‘Vaticano Batista’. No ano de 1918 também inicia sua colaboração do Diário de Pernambuco com a série de cartas intitulada ‘Da Outra América’. Em 1921 vai para a Universidade de Columbia. Em 1928 torna-se professor de sociologia e antropologia na escola normal, em Recife e em 1931 professor visitante em Stanford. Segundo Maria Lúcia Pallares-Burke e Peter Burke “ele era ativo como sociólogo, historiador, jornalista, crítico cultural, deputado na Assembléia Brasileira, romancista, poeta e artista”. Foi professor de Sociologia na Universidade do Distrito Federal (1935-37), professor visitante em Michigan (1939), em 1946-50 tornou-se deputado pela Assembléia Constituinte. Escreveu inúmeros livros, um dos mais conhecidos é *Casa Grande e Senzala* (1933)

seu ‘tradicionalismo histórico’ do qual as escolas de samba não deveriam fazer parte. Essas manifestações culturais estavam associadas ao carnaval carioca e, numa disputa pelo título de ‘*melhor carnaval do mundo*’, Recife deveria competir com outras armas e defender seu símbolo máximo, o frevo. O que estava em debate para uma parcela da intelectualidade era a defesa de uma festa marcada pelo regionalismo.

O regionalismo é muito mais do que uma ideologia de classe dominante de uma dada região. Ele se apóia em práticas regionalistas, na produção de uma sensibilidade regionalista, numa cultura, que são levadas a efeito e incorporadas por várias camadas da população e surge como elemento dos discursos destes vários segmentos.²⁴

Mas, se para alguns o carnaval era a principal festa do calendário e o samba o ritmo musical por excelência²⁵, se eles possuíam uma dimensão nacional, se constituíam um signo diferencial do ‘ethos brasileiro’, ou mesmo, se estavam na ‘alma’ ou no ‘sangue’ do ‘ser brasileiro’ ou seja como for, por que o que era entendido como símbolos de identificação nacional não era aceito em terras pernambucanas, como é o caso do samba? A resposta é que, no caso aqui analisado, a folia recifense, para uma parcela dos intelectuais locais, deveria ter um perfil muito claramente regional e peculiar.

As escolas de samba foram agremiações que assumiram gradativamente um papel de destaque no cenário sócio-cultural nacional²⁶. No entanto, em terras recifenses eram vistas

onde realizou importantes interpretações sobre cultura e história do Brasil. O argumento central do livro é a relevância da miscigenação na história brasileira e a importância da contribuição indígena, e em especial, a africana na cultura brasileira. Publicou também: *Sobrados e Mucambos* (1936); *Nordeste* (1937); *Ordem e Progresso* (1959); *Assombrações do Recife Velho* (1987), entre outros. Morre no Recife em 1987. BURKE, Peter e PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Repensando os trópicos. Um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. Tradução de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Editora da UNESP, 2009, principalmente as páginas 23 a 46.

²⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 4. Ed. rev. São Paulo: Cortez, PP. 38-39, 2009.

²⁵ Quando ressalto essas construções do carnaval, como a festa, e do samba, como o ritmo, nacionais por excelência, estou me referindo ao fato desses símbolos, juntamente com o futebol, representarem, inegavelmente, relevante atratividade para o grande público. No entanto, diferentemente do que defenderam alguns estudos, não podem ser tomados como generalizantes, não se pode utilizar esses signos para mencionar ‘toda’ a sociedade brasileira. Sobre essas construções generalizantes no que tange ao carnaval ver: SEBE, José Carlos. *Carnaval, Carnavais*. Ed. Ática. São Paulo, 1986; PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992; ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de História*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000; DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis - Para uma Sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1987; COSTA, Haroldo. *100 anos do carnaval do Rio de Janeiro*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.

²⁶ *Sobre isso ver os trabalhos de:* CABRAL, Sergio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2. ed. Editora Lumiar, 1996, Rio de Janeiro. PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992. SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo Riso. Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. 2. ed. Rev. e ampl. Uberlândia: EDUFU, 2008. AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. *Num estudo sobre o desenvolvimento mais recente das escolas de samba ver:* CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O Rito e o Tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização

com condenação, e sua prática combatida. O samba já havia assumido o status de símbolo nacional por excelência. Mas, mesmo assim, no carnaval da capital pernambucana, segundo uma parcela consistente da intelectualidade local, não deveria haver espaço para o seu desenvolvimento. Os sambistas que construíram as escolas de samba na cidade não foram bem vistos por esses intelectuais, pois para esses indivíduos “*quem gostava de samba, bom pernambucano não era*”.

‘Ser pernambucano’ naquele momento era identificar-se com certo conjunto de práticas culturais, nas quais o samba não estava incluído. O ‘nascer’ em solo do Estado de Pernambuco não dava aos foliões sambistas o direito da ‘naturalidade’. Para isso deveriam abdicar do samba e aderir às manifestações culturais construídas e ‘inventadas’ como ‘da terra’, como o frevo, o maracatu e o caboclinho. O que estava em disputa para a intelectualidade era a defesa do regionalismo e das particularidades locais frente aos símbolos do nacionalismo.

Construções bastante comuns em alguns estudos²⁷ e também em matérias dos jornais que coletei, baseavam-se na noção de um sentido unívoco para a festa carnavalesca, dotado de um estilo universalizante, como se esse evento fosse vivido e significado por todos da mesma forma em todo o tempo. Essas análises, com o objetivo muitas vezes de despolitizar a festa, retiravam, excluía, a possibilidade de visualizar diferentes significados culturais e políticos daqueles que eram propriamente os sujeitos do acontecimento.

Será que os sambistas não sabiam o que estavam fazendo ao escolher a prática do samba durante os dias de folia em Recife? Será que eles próprios não podiam e não tinham consciência sobre suas próprias ações? Será que os sambistas estavam preocupados com a construção de uma identidade pernambucana pautada no carnaval? Esses construtores de samba não se comportavam de forma inerte diante desse processo. Eles atuavam, agiam e modificavam o cenário em que viviam. Procuravam inserir-se no debate sobre as práticas de carnaval da cidade, nos quais, por meio de suas *astucias*²⁸, defenderam sua música e sua história.

Brasileira, 1999. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro, e GONÇALVES, Renata (organizadoras). *Carnaval em Múltiplos Planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009. SANTOS, Nilton. *A arte do efêmero: carnavalescos e mediação cultural no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009. SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Mangueira e Império: a carnavalização do poder pelas escolas de samba, In: *Um século de Favela*. Organizadores: Marcos Alvito e Alba Zaluar. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

²⁷ Refiro-me aos estudos do Antropólogo Roberto Da Matta: *Carnavais, Malandros e Heróis - Para uma Sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1987; e da socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz: *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

²⁸ CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. 14 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: RJ, Vozes, 2008.

A forma como entendo o papel da história nesse trabalho remete para um campo onde se travam batalhas pelas disputas em torno do poder da enunciação. O resultado dessas lutas define o apagamento da memória de uns sujeitos sobre a ênfase de outros. Assim, a elite dominante em Recife, formada em sua maioria por intelectuais e políticos, procurava construir uma história oficial do carnaval da cidade onde os sambistas e suas escolas foram invisualizadas. Com o propósito de fazer emergir as memórias suprimidas desses construtores de samba é que me proponho a realizar esse trabalho. Atentando para as margens, as fronteiras, os limites, dessas vidas anônimas que se batiam contra o poder instituído. Pois, interpretar as tensões e os conflitos em torno do carnaval na capital pernambucana é compreender também uma cidade que se colocava em disputas.

A história construída sobre o carnaval em Recife pautou-se no sentido de exprimir simbolicamente a identidade pernambucana atrelada a certo conjunto de símbolos culturais como o frevo, o maracatu e o caboclinho. No entanto, me proponho a ouvir os ecos dessa história e ir à busca de outras sonoridades que podem nos ensinar muito sobre o passado e o presente dessa festa que possui uma imagem quase cristalizada e alicerçada sobre a égide do ritmo do frevo, “mas seus ruídos ainda podem ser percebidos à distância se conseguirmos afinar o ouvido, apurar o gosto e, enfim, entender os múltiplos significados que ela comporta sob a aparência do mesmo”²⁹.

Procuo pensar o carnaval como uma prática dotada de conflitos, de mudanças, de dominação e de movimento que são próprios da história; chegar perto das tensões, das metáforas de ordem e desordem, dos diálogos entre atores sociais que nem sempre estão reconciliados sob o reinado de momo, visto que esses “vivem a história como indeterminação, como incerteza, como necessidade cotidiana de intervir para tornar o real o devir que lhes interessa”³⁰.

O período escolhido, centrado entre 1955 a 1972, – embora recorra a exemplos anteriores e posteriores – é repleto de intenções: esse é um espaço de tempo em que frequentemente as escolas de samba estavam associadas nos jornais a práticas condenadas; neste ínterim ocorreu a oficialização dos festejos momescos da cidade (1955 / 56) onde intelectuais inseriram-se maçicamente nesse processo, estabelecendo um debate sobre a validade ou não da presença dessas manifestações culturais na lei que regulamentava e subsidiava a festa; durante esse marco temporal o carnaval no Recife foi palco de inúmeras

²⁹ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca (1880 – 1920)*. São Paulo: Cia das Letras, p. 15, 2001.

³⁰ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *A História Contada: Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 09, 1998.

mudanças, muitas delas, em virtude de leis municipais que procuravam re-organizar os festejos dedicados ao deus da galhofa na capital pernambucana.³¹

Início este trabalho no ano de 1955 quando foi oficializado pela Prefeitura Municipal o carnaval recifense. A partir dessa data os dias de momo na cidade contariam com uma verba dos cofres públicos para subsidiar a organização e promoção da festa. Nessa mesma lei, pela primeira vez a União das Escolas de Samba de Pernambuco (UESP) foi incluída como uma instituição responsável pela organização e promoção dos festejos de momo. Acredito ser esse um fator relevante dentro daquele cenário de condenação que os sambistas estavam envolvidos.

Termino a escrita no ano de 1972 com o advento da Lei municipal Nº. 10.537 / 72 que transferiu a organização do tríduo momesco da Comissão Organizadora do Carnaval (COC) para a Comissão Promotora do Carnaval (CPC), ligada à Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR), quando, a partir desses dias, a folia de momo passou a ser encarada pelas autoridades políticas municipais como uma prática com fins claramente turísticos³². Nos anos que se seguiram à organização dos festejos momescos pela Comissão Promotora do Carnaval (CPC), as escolas de samba adquiriram mais e mais visibilidade em função dos objetivos turísticos defendidos pela então Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR). Nesse momento, o carnaval recifense deveria atrair o maior número possível de foliões, principalmente advindos de outros Estados e países. E as escolas de samba locais em virtude do destaque já alcançado no carnaval da cidade, por sua estrutura de apresentação mais voltada à espetacularização, e provavelmente, também pelo sucesso na mídia nacional e internacional de suas congêneres cariocas, receberiam um tratamento destacado dentro das concepções do ‘carnaval espetáculo’ promovidas pela CPC.³³

³¹ Entre as Leis Municipais que procuraram reorganizar o carnaval na cidade do Recife no período temos a Lei nº. 3.346 / 55 que oficializou o carnaval na cidade do Recife; o Decreto-lei 1.332 / 56 que modificou a lei 3.346 / 55; e as Leis nº 9.355 / 64 e nº 10.537 / 72. Todas com o objetivo de adaptar os festejos às mudanças que a sociedade enfrentava.

³² Desde a sua criação em 1935 até 1955 ficou a cargo da Federação Carnavalesca a organização dos festejos momescos da cidade. No ano de 1955 o prefeito do Recife Djair Brindeiro transfere a coordenação do carnaval para o Departamento de Documentação e Cultura (DDC) permanecendo assim até 1964 quando é criada a Comissão Organizadora do Carnaval pela Lei nº 9355/64 sancionada por Augusto Lucena, então representante do poder executivo recifense. Segundo Leonardo Dantas Silva “esse foi um período em que a folia de momo em Recife vivenciou o ‘carnaval espetáculo’ em prejuízo do chamado ‘carnaval participação’ provocando uma verdadeira inflação das escolas de samba em detrimento dos clubes de frevo, blocos, troças, caboclinhos e maracatus”. (SILVA, Leonardo Dantas. Elementos para a História Social do Carnaval do Recife, In: *Antologia do Carnaval do Recife*. Mário Souto Maior e Leonardo Dantas Silva. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, p. LXXXIV, 1991).

³³ Durante a década de 1970, indivíduos que se colocavam como ‘defensores da cultura pernambucana’ e do ‘legítimo carnaval da cidade’ combateram o formato de ‘carnaval espetáculo’, que, segundo esses sujeitos, esta forma de se fazer a folia de momo local prejudicaria o tradicionalismo histórico da festa. Inúmeras matérias apareciam nos jornais questionando não só o formato de folia, como alguns dos seus elementos distintivos como a passarela, onde as escolas e outras agremiações apresentavam-se. Assim, em finais dos anos de 1970 o então Prefeito da cidade, Gustavo Krause, extinguiu a Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR), e suas



O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, deles intitulado ‘*As Metamorfoses de momo: ecos de uma festa*’, procurei demonstrar as principais mudanças que de a festa momesca em Recife fora palco. Diferentemente das representações comumente construídas para a folia recifense, nas quais aparecem foliões de sombrinhas nas mãos, dançando o ritmo do frevo, dos maracatus e caboclinhos, pude interpretar, pela pesquisa realizada, que ela é mais do que isso. Havia nesses anos inúmeras práticas carnavalescas disputando espaços, algumas louvadas por parte da intelectualidade, outras nem tanto.

Acredito ser importante, num trabalho que se propõe a analisar o discurso de crítica de parcela dos intelectuais locais à presença das escolas de samba na folia recifense, dedicar um capítulo à compreensão do próprio carnaval da cidade entre os anos de 1955 e 1972, observando como, diferentemente do que parte da historiografia sobre o tema evidenciou, ou seja, uma festa homogênea pautada no ritmo do frevo, existiam inúmeras identidades que se acotovelavam para serem legitimadas nos dias de momo. Além disso, procuro evidenciar que a construção do discurso de ‘terra do frevo’ foi alicerçada encobrendo-se outras memórias e outras práticas carnavalescas presentes na folia de momo da capital pernambucana.

O que estava em disputa naqueles dias de folia? Quais as relações estabelecidas com os poderes públicos (municipal e estadual) e como diferentes modos e práticas carnavalescas estavam em conflitos para serem aceitas ou mesmo criticadas? Parte da intelectualidade local escreveu nos jornais sobre o que via no carnaval da cidade, para esse grupo social, o que estava sendo vivenciado não era a ‘verdadeira’ folia de momo recifense, a ‘essência’ da festa havia ficado no passado. Acreditavam que as ‘novas’ práticas folionas deturpavam o ‘tradicionalismo histórico’ dos dias dedicados ao deus da galhofa.

atribuições junto ao carnaval foram transferidas para a recentemente criada Fundação de Cultura da Cidade do Recife que procurou reorganizar os festejos momescos da cidade. (SILVA, Leonardo Dantas. Elementos para a História Social do Carnaval do Recife, In: *Antologia do Carnaval do Recife*. Mário Souto Maior e Leonardo Dantas Silva. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, p. LXXXIV, 1991). Entre os anos de 1980 e 1983 ocorreu o processo de ‘despassarelização’, ou seja foi a retirada das passarelas do desfile das agremiações carnavalescas. Esta decisão atingiu diretamente as escolas de samba, pois sua estrutura exigia (exige), mais do que a de outras manifestações populares, espaço diferenciado para apresentação. Dito de outra forma: precisavam necessariamente da passarela. A ‘despassarelização’, ocorrida na administração do prefeito Gustavo Krause, fazia parte do projeto intitulado “Carnaval participação” – traduzido como carnaval de rua, sem competições ou espaços exclusivamente para desfiles, em que, teoricamente, não existiriam espectadores, e todos participam da festa – em oposição ao “carnaval espetáculo”, derivado do modelo de desfile carioca com suas passarelas e arqui-bancadas para contemplação.

Ainda no primeiro capítulo, procuro situar como o carnaval recifense foi utilizado, pelas elites dominantes, enquanto elemento da construção do discurso da identidade pernambucana. Visualizar como a festa foi controlada, dirigida e, em muitos momentos, como foi cerceado dos foliões até o direito de exercer determinada prática. Dentro desse cenário procurei destacar a atuação dos sujeitos que faziam a Federação Carnavalesca como órgão emblemático nesse processo, bem como também a atuação de outros intelectuais.

O que parcela da intelectualidade pensava sobre o carnaval da cidade do Recife? Porque seus escritos concebiam a festa momesca como fadada a desaparecer e a morrer? O estilo idealizado por esses intelectuais minguava com o passar dos anos, e em seu lugar outras formas de ‘brincar’ a folia, entre elas a presença das escolas de samba, tornavam-se crescentemente visíveis. O que estava em jogo para que esses sujeitos defendessem a permanência de determinada prática de carnaval? Essas e outras perguntas procurei responder nesse primeiro capítulo da dissertação.

Nos jornais pesquisados constatei uma defesa do ‘carnaval pernambucano’ que, segundo o que era noticiado, ‘estava fadado a desaparecer, estava morrendo e merecia ser salvo’. De acordo com parte dos intelectuais, a principal ‘ameaça’ enfrentada pelo carnaval, e consequentemente pelo frevo, era a presença das escolas de samba na festa momesca. No entanto, não eram apenas as escolas que preocupavam a intelectualidade, outras formas de se fazer a folia, que não se enquadravam dentro de um perfil predeterminado de ‘festa carnavalesca recifense’ também foram criticadas.

O que esses intelectuais estavam nomeando de ‘carnaval pernambucano’? O que englobaria o conjunto do ‘tradicionalismo histórico da festa momesca’? O ato de nomear é uma das primeiras formas que o homem desenvolveu para demarcar e tomar posse de algo, de colonizar, de dominar. Nomear é dar sentido e demarcar as fronteiras em relação àquilo que é vizinho³⁴. Assim, ao nomear certas práticas como dignas do que era entendido como ‘carnaval pernambucano’, a intelectualidade local estava marcando espaço e definindo a concepção de festa.

Como já ressaltai, não foram apenas as escolas de samba que ‘lutavam’ para permanecerem no carnaval da cidade. Pela pesquisa que empreendi, visualizei que inúmeras outras identidades estavam ‘clamando’ para serem aceitas, estavam em disputas, como era o caso do **mela-mela**; do **escape livre**, do **curso**, das **travestis** e da própria presença da **passarela** para a apresentação das agremiações nos dias dedicados ao deus da galhofa. Esta,

³⁴CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 12, 2002.

um dos principais fatores, que a intelectualidade condenava. A passarela era entendida pelos intelectuais como fator relevante dentro do processo de mudança que os dias momescos enfrentavam. Sobre o ‘processo de mudança’ entenda ‘descaracterizando’, ‘minguando’, ‘perdendo identidade’, era com essas palavras que os intelectuais nomeavam essas transformações.

Dentro desse cenário de transformações, duas ‘formas’ de se fazer os dias de momo, em especial, estavam em disputas. Eram os formatos do denominado carnaval espetáculo e o carnaval participação³⁵. As disputas entre esses formatos ocupavam veio relevante dentro do debate sobre uma prática de festa momesca para a cidade do Recife. Analisar o que englobava cada uma dessas terminologias, suas especificidades e porque eram entendidas como antagônicas acredito ser de suma importância para entender e conhecer mais dos múltiplos sentidos e significados que o carnaval comporta sobre a aparência de uma festa homogênea.

Já no segundo capítulo da dissertação, nomeado de “*A Tradução da Tradição: intelectuais e a presença das escolas de samba no carnaval em Recife*”, procuro compreender o que estava em jogo para que parcela dos intelectuais elaborassem um discurso de crítica à participação das escolas de samba no carnaval recifense. Como esses *homens de letras* olhavam a festa momesca? O que eles viram? O que eles acreditavam que merecia ser preservado, mudado ou mesmo restituído na folia? Essas são as principais questões que procurei responder nesse capítulo.

Não era de modo aleatório que parcela dos intelectuais atribuíam significados, sentidos e procuravam construir uma prática para o carnaval da cidade. Seus modos de ver e apropriar-se da festa estavam atrelados a certo momento da história. Era de uma festa localizada no tempo e no espaço que esses atores sociais retiravam seus escritos. Suas narrativas estavam presas a certa concepção que esses indivíduos tinham do carnaval, pois, ao representá-lo eles se auto-representam, visto que “o intelectual faz o que faz de acordo com uma idéia ou representação que tem de si mesmo fazendo essa coisa”³⁶.

Procurei também situar, nesse segundo capítulo, um dos momentos que acredito ser de suma relevância para o trabalho, ou seja, a oficialização dos dias de momo pela Prefeitura do Recife. Isto é, a partir daquela data (1955 / 1956) as agremiações participantes dos festejos receberiam uma cota dos cofres públicos para custear as despesas com a organização e

³⁵ O modelo do carnaval participação era defendido pela maioria dos intelectuais que escreveram nos jornais no período pesquisado (1955-1972). O carnaval participação pregava a não separação entre o público, ou seja, sem isolamento entre participantes ativos dos blocos de frevo, caboclinhos, maracatus e escolas de samba e os demais foliões que estavam participando dos festejos momescos pelas ruas do Recife.

³⁶ SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: as conferências de Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, p. 14, 2005.

preparação para os desfiles. Analisei o que estava em debate para que os atores sociais, entendidos como intelectuais, condenassem a presença das escolas de samba na Lei que oficializou o carnaval pela Prefeitura da cidade.

Por que em algumas localidades, como é o caso de Recife, as escolas de samba foram consideradas práticas culturais ‘alienígenas’, externas e sofreram uma condenação expressa? O que estava em debate para que isso ocorresse? Intelectuais e poder público municipal, em nome da construção de uma pretensa identidade local, na qual o samba não estava incluído, procuravam exterminar determinadas culturas em nome de outras consideradas sob esse ângulo como ‘autênticas’, ‘legítimas’ e genuinamente ‘tradicionalistas’.

Pretendo nesse segundo capítulo também empreender uma análise sobre o papel desempenhado pela tradição. O discurso da morte do carnaval em Recife era uma constante, seja em matérias ou mesmo em crônicas publicadas por intelectuais nos jornais da cidade. Nestes escritos pode-se interpretar a presença do saudosismo, da defesa de uma festa que se foi e que não volta mais. A tradição que os intelectuais estavam nomeando de legítima, que é acompanhada dessa nostalgia, aliada à recusa em reconhecer nos ‘novos’ modos de significar a folia de momo práticas passíveis de serem aceitas podendo, dessa forma, englobar o que era entendido como ‘carnaval recifense’ estava em disputa com outra tradição que era vivida e significada pelos sujeitos que faziam de fato a folia nos dias dedicados ao deus da galhofa.

No terceiro e último capítulo do trabalho que nomeei de ‘*E o Recife sambou*’, procurei dissertar a respeito dos inícios das escolas de samba na capital de Pernambuco, as táticas e as estratégias dos sambistas para garantirem a permanência de sua prática nos festejos carnavalescos recifenses. Analisei como os construtores de samba e os sujeitos nomeados de intelectuais elaboravam narrativas sobre a presença dessas manifestações culturais no carnaval da cidade. Busquei compreender o que estava em jogo nas disputas pela primazia do samba na capital pernambucana e qual a relevância de se estar ligado à ‘primeira’ escola de samba local para os sambistas. Não vejo importância em precisar qual a ‘primeira’ agremiação do samba, mas visualizar como ocorreu esse processo, as lutas em torno de, “o que se passa entre”, como afirmou Gilles Deleuze³⁷.

Busquei neste último capítulo analisar os desfiles das escolas de samba no carnaval da cidade. Tentei apresentar os indícios daquele cenário no qual estas práticas estavam envoltas e como os sambistas se comportavam diante das críticas e da condenação que enfrentavam. Neste sentido, visualizo esses construtores de samba não como vítimas de um destino cruel,

³⁷ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, p. 151, 1992 *apud*: MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, Metodologia, Memória*. São Paulo. Editora Contexto, p. 131, 2010.

mas interpreto como eles se postavam nesse debate político, compreendidos enquanto sujeitos que debatiam a respeito do lugar que a sua prática deveria ocupar nos festejos momescos na capital pernambucana, uma vez que, mesmo condenadas, era para as quadras das escolas de samba que a maioria dos foliões acorreram, lotando seus ensaios durante a preparação para os festejos e nas apresentações nos dias de carnaval.

Diferentemente do que estava defendendo uma parcela da intelectualidade recifense, uma porção significativa dos sujeitos que de fato fazia a festa momesca não estava muito interessada com a pretensa identidade cultural pernambucana que estava sendo gestada pelos intelectuais. Assim, ainda no terceiro e último capítulo da dissertação procurei mergulhar na análise de alguns desfiles das agremiações **Estudantes de São José** e **Gigantes do Samba** entre os anos de 1955 a 1972. Observei como os sambistas dessas escolas construía seus desfiles, como angariavam recursos para custear as despesas com as apresentações do carnaval, visto que, durante muito tempo as escolas de samba recebiam a menor porcentagem entre todas as agremiações desfilantes, do valor destinado pela prefeitura da cidade do Recife.

Dentro do processo que constitui o desfile das escolas de samba no carnaval em Recife, acredito ser importante analisar também como ocorriam as disputas em torno dessas agremiações, principalmente, entre a **Estudantes de São José** e a **Gigantes do Samba**, já que foi em volta dessas escolas que a maioria das matérias concentrava sua atenção no período dos festejos momescos. Isto é, a cada ano os jornais estavam repletos de matérias relatando o esperado confronto entre essas duas agremiações no carnaval da cidade, e assim davam sentido ao ritual no qual elas estavam imersas. Neste terceiro capítulo, além das matérias de jornais, pretendo utilizar também como fonte as entrevistas realizadas com os sambistas. Como esses construtores de samba contam suas histórias de vida, rememoram certos acontecimentos que estavam, de certa forma, relacionados à própria história das escolas de samba do Recife.

Importa aqui analisar o papel desempenhado pelo ritual, visto que a atenção às normas e aos valores pode proporcionar um aumento significativo do conhecimento histórico. Quando me proponho a compreender esse processo não estou defendendo-o como um 'ritual de inversão', elemento tão presente em alguns estudos sobre a festa carnavalesca e na escrita de parte da intelectualidade recifense do período, sendo este um dispositivo importante no sentido de despolitizar os significados da festa carnavalesca. Mas sim, o ritual deve ser interpretado em sua polissemia, discutidas muito mais as suas diferenças que as suas similaridades. É preciso reconhecer nos rituais as mudanças históricas, "não tomar os rituais como se fossem sempre os mesmos, cuidando para não estabelecer dessa forma um contínuo

temporal, cronológico”³⁸. Assim, partilho das colocações da historiadora Rachel Soihet quando afirmou que, “na análise do ritual, importa ultrapassar a forma e atentar para as relações reais que nele se expressam”³⁹. Deve-se atentar para o fato de que, independentemente da ‘origem’ ou mesmo do seu simbolismo, o ritual foi adaptado para um novo fim, muitas vezes com significados bem diferentes, dependendo do momento da história que está se discutindo.

O conceito de identidade é recorrente neste trabalho, no entanto, é também extremamente complexo. Para os historiadores, profissionais das passagens, acostumados às mudanças, às diferenças e à heterogeneidade, não é fácil lidar com um tema que é marcado, como as identidades, pelas essências profundas e pela homogeneidade. Para quem trabalha com a história, as identidades estão sempre em construção, sujeitas à crítica da documentação e ao exame do processo. Não são essenciais, mas nascem em lugares determinados e em temporalidades definidas⁴⁰. “As identidades, contudo, são representações do tempo e do espaço, cuja função primeira é apagar seus próprios rastros, para tornarem-se imemoriais e universais”⁴¹. Dessa forma, por esses e outros motivos não pretendo definir o que era a identidade, ou mesmo a identidade pernambucana para os sambistas em Recife. Além do que, defendo o ponto de vista de que os conceitos em história não podem ser passíveis de definição. Concordo com o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior quando afirmou que os conceitos na narrativa histórica “[...] servem para melhor configurar, tecer a urdidura

³⁸ GUILLEN, Isabel C. M. Rainhas Coroadas: história e ritual nos maracatus-nação do Recife, In: *Cultura Afro-descendente no Recife: maracatus, valentes e catimbós*. Ivaldo Marciano de França Lima e Isabel Cristina Martins Guillen. Recife, Bagaço, p. 182, 2007.

³⁹ SOIHET, Rachel. *Ensino de História. Conceitos, temáticas e metodologia*. Martha Campos Abreu e Rachel Soihet (orgs). Introdução. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 16, 2003.

⁴⁰ As identidades não são ‘coisas’ com as quais se nasce, não são parte da natureza essencial dos indivíduos, mas são construídas no interior de uma *representação*. Uma cultura nacional ou mesmo regional é um discurso, é um modo de construir sentido “que influencia e organiza tanto as ações quanto a concepção de nós mesmos”. (In: HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, p. 50, 2006). A constituição de uma identidade social é um ato de poder, marcada por relações de poder, em que a afirmação de uma está associada à negação de alguma outra, ou mais precisamente pelo que Stuart Hall denomina de “*différance*”. Pois, para este autor, as identidades só podem ser lidas a contrapelo, não como o algo que marca a diferença num ponto de origem, “mas como aquilo que é construído na “*différance*”, ou por meio dela, sendo constantemente desestabilizadas por aquilo que deixam de fora...”. Para Hall as identidades culturais se referem à tentativa de estabelecer um pertencimento cultural ou mesmo uma unidade homogênea e imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças. Dessa forma, entendendo as identidades como um processo que está em constante mudança e transformação, são fragmentadas e fraturadas, e nunca são singulares, “mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas, e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas”. (In: HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? In: *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall e Kathryn Woodward (Orgs). Petrópolis: Vozes, Pp. 108-110, 2000).

⁴¹ NEVES, Frederico de Castro, Prefácio, In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteiras: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, p. 12, 2008.

do passado, já que não se pode definir nem esquematizar a trama histórica, porque o conceito em história é apenas um conector de uma série de eventos”⁴².

Enfim, espero ter sido claro em minhas exposições sobre os motivos que me levaram a percorrer os rastros das memórias dos sambistas a respeito da presença das escolas de samba no carnaval em Recife, bem como, sobre a forma como penso a folia de momo na capital pernambucana e porque a elegi como objeto da história. Ao virar a próxima página, o leitor irá enveredar por trilhas marcadas por conflitos, disputas e tensões, mas que se mostram muito divertidas e saborosas. Ao final, desejo que ler esse trabalho seja tão bom quanto brincar carnaval, com a ressalva, como fala a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, “de não causar ressaca e outros efeitos colaterais”⁴³. Portanto, vamos, embarque comigo nesse bonde, afinal são dias de festa, é carnaval!

⁴² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 4. Ed. rev. São Paulo: Cortez, p. 43, 2009.

⁴³ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca (1880 – 1920)*. São Paulo: Cia das Letras, P. 15, 2001.

1- AS METAMORFOSES DE MOMO: ECOS DE UMA FESTA

Neste primeiro capítulo pretendo analisar as principais transformações que o carnaval na capital pernambucana vivenciou entre 1955 e 1972. Visualizar as inúmeras práticas culturais⁴⁴ que os foliões se utilizavam para ‘divertir-se’ nesses anos durante os dias de folia. Compreender o que para muitos não passava de uma festa homogênea e universalista, mas que se apresentava multifacetada, repleta de transformações, conflitos e identidades múltiplas. As inúmeras práticas festivas ‘acotovelavam-se’ por espaço nas ruas do Recife, ‘lutavam’ para serem legitimadas e buscavam espaço no jogo da tradição carnavalesca local.

Entendo que as formas de se fazer os dias de folia não partiram de uma evolução temporal, decorrendo as práticas festivas uma das outras, mas elas coexistiam. O molha-molha, o corso, os clubes de frevo, os bailes, as troças, as escolas de samba, entre outras conviviam nas ruas e nos recintos privados durante os dias de folia. Disputavam espaços, afirmavam suas diferenças e construía harmonias possíveis e transitórias. Era o carnaval e suas múltiplas metamorfoses, entendido como o lugar do conflito, das tensões, do movimento, e conseqüentemente, da história.

O que levava milhares de pessoas a saírem às ruas durante o carnaval? Porque os sujeitos escolhiam determinada agremiação em detrimento de outra? E mais porque parcela significativa dos foliões escolheu o samba para ‘brincar’ o carnaval nesses dias, quando havia um forte discurso intelectual de condenação a essa prática? O que levava os sujeitos em Recife a participar de práticas carnavalescas que destoavam do tradicionalismo histórico da festa defendido pelos intelectuais?⁴⁵ Qual o sentido de tradição que parte da intelectualidade estava defendendo nesses dias? Para responder essas e outras questões o convidado a caminhar

⁴⁴ As Práticas Culturais foram assim definidas por Michel de Certeau: “como uma combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluída, de elementos cotidianos concretos ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passado por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia-a-dia através dos comportamentos que traduzem, em uma visibilidade social, fragmentos desse dispositivo cultural. Tais ações são decisivas para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede de relações sociais inscritas no ambiente”. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, pp.39-40, 1996.

⁴⁵ O conceito de ‘tradicionalismo histórico da festa carnavalesca’ será uma constante neste trabalho. Pois para parcela significativa da intelectualidade local, sobretudo, os jornalistas Mário Melo, Aníbal Fernandes e o sociólogo Gilberto Freyre, o carnaval da cidade deveria enquadrar-se dentro de ‘certo modelo’ de festa. A concepção desse modelo era remontada, segundo os intelectuais, a um passado distante, e dessa forma ‘legitimamente tradicional’. Assim, todas as práticas que destoavam desse modelo pré concebido – que tinha como base os desfiles dos clubes de frevo, das troças, dos maracatus e dos caboclinhos – eram condenadas, combatidas e acusadas de não fazerem parte do ‘tradicionalismo histórico da festa’.

comigo por essas linhas e tentar compreender esses conflitos, pois, ‘os significados pertencem a seus respectivos tempos e sujeitos e só podem ser buscados na história’.⁴⁶

O motivo da palavra ‘ecos’ em destaque refere-se ao fato de inúmeras matérias nos jornais ‘clamarem’ por uma festa que não existia mais e a ela dava-lhe o status da ‘grande festa’. Assim, refiro-me aos ‘ecos’ como os sinais de uma festa que estava associada àqueles tempos que não sei quando foram, mas que para muitos, aqueles sim, foram os ‘verdadeiros carnavais’. Eram os ecos desse carnaval imemorial que provocavam um grande fascínio e se fazia presente nos carnavais dos anos de 1955 a 1972. E como diz a letra de um samba enredo ‘*O Rei mandou cair dentro da folia, e lá vou eu..., vem comigo!*’.⁴⁷

1.1 Os sentidos do carnaval

As representações comumente construídas sobre o Brasil o definem como o país do carnaval por excelência.⁴⁸ É inegável a força que a festa provoca em parte significativa da população brasileira. Os festejos modificam a vida das pessoas, do comércio e da própria cidade. A capital pernambucana tem um dos pólos mais importantes da manifestação da folia. Existe muita gente que espera o ano todo para se divertir alegremente nas ruas do Recife durante os dias dedicados ao deus da galhofa. Pouparam recursos, se privam de alguns convencionalismos sociais, mas a fantasia para ‘brincar’ o carnaval é adquirida. Para muitos o ano só começa quando o carnaval termina!

O carnaval é uma das poucas festas nacionais que possui o fascínio de despertar a atenção de milhares de brasileiros. Durante muito tempo julgou-se que esse fato era um fenômeno ‘típico’ da alma nacional. A folia carnavalesca foi entendida como a festa da confraternização universal que unia e igualava a todos, brancos e negros, pobres e ricos. Período em que os problemas sociais tão comuns a nação brasileira eram colocados de lado. O carnaval era o momento em que um ‘genérico povo brasileiro’ brincava unido nas ruas, sem a menor distinção social.

⁴⁶ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 314, 2001.

⁴⁷ Samba enredo Festa Profana, da União da Ilha do Governador, 1989.

⁴⁸ Para Roger Chartier “As Representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas”. E continua: “As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes”. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. Ed. Lisboa: Difel, p. 17, 2002.

O carnaval foi um tema que durante muitos anos ficou afastado dos estudos realizados pela academia. As primeiras análises da festa decorreram de antropólogos e sociólogos. Um dos primeiros acadêmicos a enveredar pelas trilhas carnavalescas foi Roberto da Matta. Esse autor em seu livro clássico *'Carnavais, malandros e heróis'* analisou a festa sobre o viés da universalidade, da liberdade e da igualdade. Para Da Matta há no carnaval um substrato comum que une e iguala a todos os brasileiros. Buscou imputar a folia um sentido único.⁴⁹

Da Matta realizou uma análise sobre o carnaval com o objetivo de entender o 'Dilema Brasileiro', em suas palavras de compreender 'o que faz o Brasil, Brasil'. Para o referido autor o carnaval reproduz o mundo. No entanto, segundo a historiadora Rachel Soihet, "essa reprodução não é nem direta, nem tampouco automática, mas é dialética".⁵⁰ Para Da Matta o carnaval é 'uma festa popular, um festival do povo, marcado por uma orientação universalista, e que dá ênfase as categorias mais abrangentes, como a vida em oposição à morte, a alegria em oposição à tristeza, os ricos em oposição aos pobres e etc'.

Analisou a festa carnavalesca como a dramatização do civismo brasileiro, em que um genérico povo brasileiro, sem face - embora Da Matta faça críticas as análises que interpretam o Brasil por meio de uma massa anônima, de um 'povo' sem rosto, ele cai nas armadilhas dos trabalhos que critica - substitui as autoridades como principal personagem e celebram a inversão dos valores e das regras do cotidiano, e assim, manifestam o caráter nacional. No entanto, discordo dessas associações generalizantes e universalistas que remontam a 'brasilidade' ao carnaval e que não levam em consideração nenhuma fronteira seja ela geográfica, cultural ou mesmo social, além do que o autor toma o Rio de Janeiro como modelo para explicar as demais festas pelo Brasil.

Outro estudo que posso apontar como clássico nas análises sobre o carnaval é o livro *'Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito'*, da socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz.⁵¹ Embora louve as críticas feitas pela autora aos estudos generalizantes da festa, que tentavam explicá-la por meio de uma 'essência' e a sua tentativa de buscar a historicidade da folia momesca, partilho das críticas feitas ao seu trabalho pelo historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira quando afirmou que ela caiu no vício de pensar o carnaval com uma festa de

⁴⁹ DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis - Para uma Sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1987.

⁵⁰ SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia – algumas abordagens, *In: Revista Tempo*. Rio de Janeiro, v. 07, p. 11, 1998.

⁵¹ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

‘essência’ única, marcada por sucessivas etapas.⁵² Pereira de Queiroz considera o carnaval como uma festa nacional que existe em todo o Brasil com poucas variações de forma e sentido. Atribui-lhe uma forma homogênea, pautada por sua transformação de festa burguesa em popular, determinadas pelas transformações estruturais decorrentes da própria sociedade brasileira.

Não difere muito, dessas análises universalizantes, os escritos de alguns intelectuais do período que pesquisei, como o jornalista e escritor Mário Melo. O jornalista citado, num discurso escrito e publicado no *Jornal do Commercio*, procurou enquadrar o carnaval como uma festa que possibilitava um baralhamento momentâneo das hierarquias constitutivas de determinado ordenamento social.⁵³ No entanto, entender o tríduo momesco como ritual de inversão é uma tentativa de despolitizar a festa. E como afirmou o historiador Sidney Chalhoub, no prefácio do *Carnaval das Letras*, ‘ao pensar o carnaval em termos do ritual de inversão, a produção acadêmica apenas incorpora um discurso da época e reifica em forma de teoria’.⁵⁴

Pude compreender também que parcela significativa dos intelectuais defendia uma prática de carnaval homogênea. Os foliões em Recife deveriam viver os dias de folia com um sentido único e totalizante. Entretanto, esse também era um dispositivo utilizado pelos intelectuais para despolitizar a festa, procuravam retirar dos foliões à possibilidade de construção dos múltiplos sentidos que eles próprios atribuíram aos dias momescos. No entanto, os indivíduos que saíam as ruas no período do carnaval “vivem a história como indeterminação, como incerteza, como necessidade cotidiana de intervir para tornar o real o devir que lhes interessa”.⁵⁵

Destarte, proponho afastar-me dessas visões universalistas e homogêneas sobre a festa carnavalesca, e buscar situá-la no leito dos conflitos, da mudança, do movimento que são próprios a história. Analisar as tensões, os conflitos e escutar diálogos de foliões que nem sempre estavam reconciliados sob o reinado de momo. Essas análises universalistas e evolutivas fizeram com que o carnaval assumisse uma aura de transcendência, e assim deixava de ser humanamente histórico e particular, para transforma-se num canal onde ‘as

⁵² PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras. Literatura e Folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ªed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 28, 2004.

⁵³ MELO, Mário. Fora com a passarela! *Jornal do Commercio*, 12 de fevereiro de 1957, p. 02.

⁵⁴ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras. Literatura e Folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ªed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 20, 2004.

⁵⁵ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *A História Contada: Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 09, 1998.

sociedades, em qualquer tempo e lugar, realizam rituais de inversão, deixam fluir suas tensões, reafirmam suas normas e exibem sua identidade coletiva'.⁵⁶

Dirigir-se ao carnaval e procurar nele um sentido em si mesmo, sem interpretar os seus signos,⁵⁷ analisar seus conflitos e suas tensões, bem como as redes que o instituíram é naturalizar a história. Pensar a festa momesca como uma prática homogênea e iludir-se com a falsa unidade do objeto, como se fosse portadora de verdades suficientes para explicar as formações históricas das quais participa. Assim, proponho trilhar um caminho que possibilite debruçar-se sobre as ínfimas histórias a respeito do carnaval recifense, e com isso conhecer um pouco mais das tramas construídas naqueles 'alegres' dias momescos.

1.2 A Festa Carnavalesca em Recife e suas múltiplas práticas

Assim que comecei a analisar a festa carnavalesca em Recife e percorri as primeiras linhas da historiografia produzida sobre o período, deparei-me com uma série de representações, que no passar dos anos, foram construídas para a festa momesca e que se apresentam como '*mitos fundadores*' produtores e articuladores de verdades inquestionáveis dessa história.⁵⁸ Continuar o caminho da pesquisa, para muitos, podia ser reiterar o já sabido.

⁵⁶ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 311, 2001.

⁵⁷ Utilizo a noção de signo inspirada em Deleuze: '[...] o que se poderia chamar de idéias são essas instâncias que se efetuam ora nas imagens, ora nos conceitos. O que efetua a idéia é o signo. DELEUZE, Gilles. *Dúvidas sobre o imaginário*. In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, p. 38, 1992.

⁵⁸ **Sobre uma concepção que naturaliza a história do carnaval em Recife ver, entre outros:** SILVA, Leonardo Dantas; TINHORÃO, José Ramos. *Carnaval do Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade, 2000; MAIOR, Mário Souto. *Carnaval, carnavais*, In: *Nordeste: a inventiva popular*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978; MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas (Org). *Antologia do Carnaval em Recife*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1991; LIMA, Cláudia. *Evoé: história do carnaval – das tradições mitológicas ao trio elétrico*. 2. Ed. Recife: raízes brasileiras, 2001. **Sobre os estudos antropológicos da festa ver:** REAL, Katarina. *O Folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. rev e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990; ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. *Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996. **A respeito do silêncio dos intelectuais a história das escolas de samba na capital pernambucana ver:** SILVA, Augusto Neves. *Debate Historiográfico em torno das escolas de samba em Recife (1955 – 1970)*. Monografia de Conclusão de Curso de História. Recife: UFPE, 2009. **Sobre a atuação da Federação Carnavalesca Pernambucana ver:** VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *A festa do Estado e o brinquedo para os populares: histórias da Federação Carnavalesca Pernambucana*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010. **E no que tange a atuação das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife ver:** SANTOS, Mário Ribeiro dos. *Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2010. **Já sobre a relação entre Estado e o Carnaval do Recife durante o regime militar ver:** MELO, Diogo Barreto. *Brincantes do Silêncio: A atuação do Estado Ditatorial no Carnaval do Recife (1968 – 1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2011. **E sobre as representações do carnaval ver:** SILVA, Lucas Victor. *O carnaval na cadência dos sentidos: uma história sobre as representações das folias do Recife entre 1910 e 1940*. Tese (Doutorado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

Porém, proponho romper com essa perspectiva e partir para uma análise que possibilite articular a diversidade e a multiplicidade das práticas culturais que foram vivenciadas pelos inúmeros foliões durante os dias gordos.

Nesse primeiro capítulo proponho focalizar algumas das práticas culturais que estavam presentes no carnaval em Recife, e que foram vivenciadas pelos foliões que saíram às ruas durante o período momesco. Por meio da análise dessas práticas é possível compreender estratégias e visualizar tensões e conflitos em torno do ‘simples ato de brincar’ durante os dias gordos. O combate ou a benevolência a determinada prática cultural não foi aleatória, havia condições históricas mínimas para uma ou outra situação.

Inúmeros artifícios foram criados com o objetivo de construir o discurso do carnaval como um elemento integrante do que comumente é denominado de cultura pernambucana. As *identidades comuns (regionais)* são construídas como um fenômeno natural do lugar e que se oferecem como contraponto a padrões que se apresentam como dominantes. É nesse sentido que muitos intelectuais procuravam ratificar o seu discurso de defesa do ‘tradicionalismo histórico da festa carnavalesca recifense’, baseado nos clubes de frevo, nos maracatu e nos caboclinhos, face outras práticas culturais que apareciam pelo carnaval em Recife.

O carnaval em Recife não deve ser entendido como uma prática festiva com formas de se ‘brincar’ pré determinadas. Durante os dias gordos, inúmeras formas de se fazer a festa estavam pelas ruas. Assim, ao se observar a folia momesca, mediante práticas que o constituíam como um importante momento as vida social, deve-se estar atento para as múltiplas experiências construídas pelos foliões. Aquilo que costumeiramente rotulou-se de ‘carnaval recifense’ com passistas de sombrinhas nas mãos a percorrer as ruas no ritmo do passo, do desfile de maracatus, de caboclinhos e de clubes de frevo, é muito mais do que isso!

A forma de se ‘viver e brincar’ os dias de momo não tinha uma via única, nem tampouco as práticas que o representavam partiram de uma evolução temporal. As investigações propostas nesse trabalho procuraram considerar procedimentos multiformes que se extravasam em uma pluralidade de práticas culturais e de sentidos, pois como afirmou Michel de Certeau ‘o cotidiano de se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*’.⁵⁹

⁵⁹ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: I Artes de Fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 38, 1994. Grifos do Autor.

1.2.1 Rastreamento sinais

E o carnaval em Recife quando ele começou? Quais os mecanismos que engendraram a esta festa a condição de símbolo da identidade cultural pernambucana? A fim de responder a essas e outras questões e de possibilitar um maior entendimento dos três dias que antecedem a quaresma, optei por realizar uma breve retrospectiva histórica dos festejos, indicando os principais momentos que instituíram a cidade do Recife como palco de um dos mais importantes carnavais no Brasil. No transcorrer do processo histórico a festa carnavalesca passou por inúmeras formas de organização e estrutura, agregou diferentes sujeitos sociais e promoveu diversos modos de convívio e apropriação aos dias dedicados ao deus da galhofa.

Na sucessão de um tempo fluido e contínuo, o historiador depara-se com o desafio de estabelecer referências sem escorregar no puro arbítrio. Sei que não podemos falar de qualquer objeto ou prática cultural em qualquer época, é necessário que existam condições históricas mínimas para que haja o discurso. E mais, as práticas culturais não tiveram o mesmo sentido durante todo o processo histórico, já que se parcela significativa dos foliões saíam às ruas para participar dos festejos carnavalescos, provavelmente, construía para ele significados radicalmente diferentes.

Entretanto, acho relevante questionar as práticas que se associam aos começos da festa carnavalesca no Brasil e em Pernambuco. E pelo que pude compreender é por meio das práticas do entrudo⁶⁰ que a maioria dos pesquisadores que se dedicaram a analisar os dias de momo pontuaram os começos desses festejos no Brasil.⁶¹ Em Pernambuco assim a pesquisadora Rita de Cássia Barbosa Araújo descreveu essa prática festiva:

⁶⁰O entrudo segundo a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz este era um folguedo peculiar dos três dias que antecediam a quaresma e consistia basicamente numa brincadeira do molha – molha, onde famílias invadiam a casa uma das outras e promoviam vigorosos combates com água. PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, p. 45, 1992. No entanto, de acordo com a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha aquilo que costumeiramente se rotulou de uma brincadeira que consistia, basicamente, no molha-molha generalizado é muito mais do que isso, incorporava uma série de folguedos de sentidos sociais muito definidos, dependendo da região, cidade ou grupo de indivíduos que o praticava. CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 17, 2001.

⁶¹Sobre isso ver os trabalhos de: ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. *Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996; CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; LAZARRI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870 – 1915)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP / Cecult, 2001; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras. Literatura e Folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ªed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004; PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

O divertimento – sentido de alegria e de êxtase para grande parte da população, embora desagradassem a alguns – consistia principalmente no jogo de atirar água uns aos outros. Para este intento, utilizavam quartinhas, jarras, vasilhas, seringas e qualquer tipo de recipiente que pudesse conter o *precioso líquido*. O banho d'água era complementado com farinha do reino, goma, tauá e pó. Por vezes, a brincadeira degenerava e materiais pouco recomendados entravam no combate corpo a corpo: urina, lama, frutas podres. Porém, o objeto mais apreciado e mais cobiçado, evocação mesma do brinquedo, eram as delicadas e perfumadas limas, laranjas e limões de cheiro. Também era prática usual dos jogos de Entrudo pregar peças entre amigos e exercitar a troca de pulhas, gracejos e facécias.⁶²

As práticas do entrudo tão peculiares no Brasil, a partir de meados do século XIX começaram a enfrentar críticas mais incisivas por parte de cronistas carnavalescos e intelectuais em diferentes cidades como foi o caso de Recife, Rio de Janeiro e Porto Alegre.⁶³ A reivindicação do fim da brincadeira das molhadelas era assunto obrigatório nos jornais, o 'carnaval' deveria ocupar o espaço do antiquado jogo do entrudo. Os dias de festa que antecedem a quaresma deveriam ser alinhados semelhantemente ao que era praticado em cidades européias como Nice e Veneza. O nascimento das sociedades carnavalescas no Brasil era saudado como o início de uma reforma de costumes que colocaria a cidade do Recife e as suas congêneres à altura das demais urbes civilizadas do mundo.

E segundo a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha foi a partir desse período – final do século XIX - que a palavra 'carnaval' passou a designar 'préstitos, bailes, batalhas de confete e outras práticas mais recentes, às quais se atribuía superioridade em face dos folguedos rudes e incultos do entrudo'.⁶⁴ Antes disso, tanto o carnaval como o entrudo estavam associados à mesma coisa, ou seja, ao período marcado por um conjunto de brincadeiras e folguedos realizados quarenta dias antes da páscoa.

Foi a partir da condenação das autoridades políticas e do combate de alguns cronistas carnavalescos a essa forma de se comemorar a 'festa da carne'⁶⁵ – entendida por esses como

⁶² ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. *Op. Cit.* p. 119. Grifos da autora.

⁶³ Sobre isso ver os trabalhos de: [Porto Alegre] LAZARRI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870 – 1915)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP / Cecult, 2001; [Rio de Janeiro] CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras. Literatura e Folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ªed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004; [Recife] ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. *Op. Cit.*

⁶⁴ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 25.

⁶⁵ Mesmo combatido pelas autoridades políticas em diversas cidades o entrudo permaneceu participando dos festejos carnavalescos, convivendo com outras práticas de se viver e fazer a folia de momo, como demonstra os trabalhos de: [Porto Alegre] LAZARRI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870 – 1915)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP / Cecult, 2001; [Rio de Janeiro] CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras. Literatura e Folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ªed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004; [Recife] ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. *Op. Cit.*

um jogo sujo e selvagem, que fomentava práticas e sentimentos indecentes, excessivos e próprios da loucura, e dessa forma, destoariam dos padrões de civilidade que o Brasil queria se enquadrar - é que pregou-se a distinção entre carnaval e entrudo. A partir desses dias o período que antecede a quaresma passou a ser denominado de carnaval, - com bailes, máscaras, confetes, serpentinas, desfiles das grandes sociedades, concursos de fantasia, mascarada... - e as práticas da molhadela, de entrudo.

Mas, no entanto, não podemos direcionar os (nossos) olhares para esses dias de momo e procurar neles uma festa marcada por uma sucessão temporal e evolutiva. O carnaval não é uma prática homogênea, nem os padrões determinados para se brincarem a festa foram executados rigorosamente, nem tampouco existe um substrato comum a todos os seus participantes. As práticas festivas momescas vividas pelos foliões, no transcorrer do processo histórico, receberam sentidos e significados ínfimos. E mesmo combatido as práticas do entrudo (molha-molha / mela-mela) permaneceram, como demonstrarei mais adiante quando analisar a folia recifense entre 1955 e 1972.

As identidades culturais elaboradas para os dias de momo em diferentes partes do país são questões historicamente datadas e construídas. E o pesquisador que se dispõe a analisar as práticas festivas carnavalescas deve atentar para esse fato e, procurar compreender as especificidades da festa de acordo com o lugar em que foi praticada, bem como interpretar os diferentes significados que foram construídos pelos diversos foliões que se divertiam alegremente nas ruas.

1.2.2 Ao som do frevo

‘Quem é de fato um bom pernambucano, espera um ano e se mete na brincadeira, esquece tudo quando cai no frevo [...]’⁶⁶.

Embalado pelas letras de Luíz Bandeira começo a narrar agora os principais acontecimentos que construíram, legitimaram o ritmo do frevo como ‘símbolo máximo’ do carnaval e da cultura pernambucana. Não foi ao acaso, nem aleatoriamente que isso ocorreu, as identidades culturais não são coisas com as quais se nascem, elas são datadas e construídas historicamente, formadas e transformadas no interior de uma representação.⁶⁷ Afirmo que

⁶⁶ É de Fazer Chorar, Luiz Bandeira, 1957.

⁶⁷ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, PP. 47-48, 2006.

quando analisa-se o carnaval em Recife é inegável identificar a força que o ritmo do frevo provocou, mesmo quando se propõe a interpretar a festa pelo viés de uma outra prática cultural, das escolas de samba, como é o caso do trabalho em destaque.

Segundo a pesquisadora Rita de Cássia Barbosa Araújo o fracasso do projeto de carnaval da elite, espelhado em Nice e Veneza,⁶⁸ a crise econômica do Estado de Pernambuco que se agravou a partir de 1900, a censura que a polícia vinha impondo as críticas das mascaradas, atrelado ao sucesso do carnaval popular⁶⁹ por volta do final do século XIX e início do XX são as questões principais para o aparecimento do ritmo do frevo, ‘às vésperas e nos dias de carnaval, os clubes carnavalescos pedestres⁷⁰ vinham às ruas, exibiam sua força em pleno centro da cidade e ocupavam os espaços que a elite idealizava para si’.⁷¹ Sobre os clubes pedestres Rita de Cássia Barbosa Araújo afirmou:

Os clubes pedestres faziam-se herdeiros de muitas tradições, mantenedores de costumes, elementos e formas de organização e de manifestação pública e coletiva de longa existência histórica. Conservou-se o uso de estandartes, insígnias e símbolos de inspiração religiosa e de uso entre as extintas corporações de ofícios. Das organizações militares, com as quais habituaram-se a conviver os habitantes da cidade, trouxeram a música e as manobras, transformadas e readaptadas ao contexto da festa; incorporaram a figura da balisa puxante; requintaram as marchas militares que, misturadas a outros gêneros musicais, deram origem a marcha carnavalesca pernambucana, mais tarde chamada frevo.⁷²

⁶⁸‘Nas últimas três décadas do século XIX ganha vulto um modelo de carnaval plasmado em experiências européias, exprimindo valores estéticos e morais que se chocavam com a tradicional brincadeira que consistia nos jogos de arremessar uns aos outros limas perfumadas, laranjas e limões de cheiro ou polvilho, barro e água suja – o Entrudo’. ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha Salvacionista de 1911*. Natal: EDUFRN, p. 131, 1998. Ainda sobre isso acrescenta Francisco Mateus Carvalho Vidal, que o carnaval baseado num modelo europeu foi introduzido no Brasil após meados do século XIX com o intuito de coibir a prática do entrudo – considerado selvagem e incivilizado pelas elites – ‘parecia ser o carnaval europeu o melhor modelo, para que a prática do entrudo fosse adaptada ao novo momento histórico, no qual a abolição da escravidão e o planejamento de um Estado Moderno não podiam mais dar espaço para uma festa marcada por agitações e banhos de água e pó’. VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *A Fresta do Estado e o brinquedo para os populares: histórias da federação carnavalesca pernambucana (1935 – 1949)*. Recife: Dissertação de Mestrado em História da UFPE, p. 20, 2010.

⁶⁹ Sobre a utilização do termo *popular* partilho das colocações da historiadora Martha Campos Abreu quando defendeu o conceito com o objetivo de colocar no centro da investigação as pessoas pobres, comuns, simples, negras, e que compartilhavam uma série de manifestações como festas, danças, gostos... ‘e por terem sido identificados conjuntamente pelas autoridades municipais que desejavam ‘civilizar’ os costumes da cidade’. Para saber mais sobre isso ver: ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999. Principalmente a Introdução do livro.

⁷⁰ Os clubes carnavalescos pedestres eram formados em sua maioria por pessoas das classes trabalhadora urbana e pobre. O sucesso desses clubes em Recife estava atrelado a ‘decadência’ do carnaval de elite, e a ascensão do carnaval popular por volta de 1880. Após a Abolição da Escravidão o número de clubes pedestres cresceu consideravelmente. Os clubes pedestres misturavam elementos das corporações militares, religiosas e civis, bem como também reuniam geralmente pessoas da mesma profissão. Para saber mais sobre isso ler, entre outros: ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *Op. Cit.* PP. 129 – 138. ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. *Op. Cit.*. Em especial o capítulo IV denominado ‘O mostro popular’.

⁷¹ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. *Op. Cit.* p. 302.

⁷² ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. *Op. Cit.* p. 340.

Assim, foi por meio da ascensão dos clubes pedestres que um dos ritmos mais peculiares do carnaval no Brasil, e que tem o seu desenvolvimento atrelado a própria festa carnavalesca pernambucana, o frevo, nasce. No embate entre um modelo de carnaval elitista-marcado pelos bailes de máscaras - e de uma (nova) forma 'popular' de se 'brincar' os dias de momo em Recife, o carnaval praticado nas ruas pelos clubes pedestres - marcado pelo ritmo do frevo que ano após anos ia cada vez mais ganhando o gosto dos foliões recifenses - era combatido e perseguido.

Mas, como afirmou o historiador Raimundo Arrais, o carnaval com o 'corpo coletivo público do trabalhador, [...] tomara conotação nitidamente popular'.⁷³ No entanto, acrescenta ainda que ressaltar o caráter popular do carnaval não significa afirmar que ele deixou de ser menos frequentado nos espaços privados dos clubes de distinção da época.⁷⁴

Saliento que ressaltar dois 'modelos' do carnaval praticado no Recife entre o final do século XIX e início do XX não significa dizer que não havia interação entre eles. Não posso compartilhar da idéia que não existia movimento, circularidade entre os foliões que 'brincavam' os 'modelos' de carnaval que coexistiam no período, creio que as práticas de um e de outro espaço poderiam até serem pré-determinadas, mas isso não implica dizer que eram rigorosamente definidas e definitivas, tal como explicita a pesquisadora:

A invasão das ruas pelo povo, pelo misero habitante dos mangues e das marés, era vista com apreensão pelos membros das camadas dominantes. Intimidava-os, amedrontava-os e levava-os a abandonarem os espaços públicos ou refugiarem-se no interior dos carros e automóveis, divertindo-se no curso, entre as famílias.⁷⁵

Entendo a cidade como um espaço passível de disputas, o lugar onde memórias foram construídas, e dessa forma, constitui-se também como o lugar da história. As ruas da cidade do Recife foram (são) campos onde, provavelmente, os foliões, durante o carnaval, lutavam pela demarcação de seus espaços. Lugar que os indivíduos se reconheciam e viviam experiências do cotidiano ou até mesmo situações excepcionais como indeterminação e incerteza. Espaços onde, durante os festejos carnavalescos, significados foram construídos ao som dos ritmos do frevo, do samba, da batida dos Zé Pereiras, dos bumba meu boi, dos caboclinhos que animavam e conduziam os dias momescos no Recife. E os significados

⁷³ ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *Op. Cit.* p. 134.

⁷⁴ ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *Op. Cit.* p. 131.

⁷⁵ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. *Op. Cit.* p. 302.

atribuídos pelos foliões ao carnaval e as suas práticas deve interessar ao trabalho do historiador que se propõe a analisar e historicizar a festa carnavalesca.

Quando saíam as ruas durante o carnaval os foliões atribuíam a festa muito mais do que o simples significado da inversão ou mesmo ‘válvula de escape’, como defenderam alguns estudiosos⁷⁶, mas construía crenças, valores e identidades, inseriam seus significados, dinamismos, e sobretudo, desenvolviam conflitos e tensões. Partilho da concepção da Martha Abreu que propõe ao profissional de história que analisa as práticas festivas ‘pensar os significados e mudanças da festa em sua própria historicidade, mas, sobretudo, compreender a dinâmica das festas com a experiência dos homens e mulheres que as tornaram, em qualquer época e local, autênticas e concorridas’.⁷⁷

O carnaval em Recife do início do século XX até meados dos anos de 1930 foi marcado por mudanças, conflitos e tensões na forma de se fazer a folia momesca. Segundo os pesquisadores que se dedicaram a analisar a festa carnavalesca recifense nesse ínterim, salientaram uma dicotomia estabelecida entre o denominado ‘carnaval da elite’ – dos clubes e corsos – que seu estilo minguava a cada ano, e o ‘carnaval popular’ - o carnaval de rua - marcado pela presença dos clubes pedestres, animados pelo ritmo do frevo, que crescia cada vez mais. Segundo o historiador Francisco Mateus Carvalho Vidal essa ‘nova’ forma de se brincar a folia de momo nas ruas do Recife – marcada pelos clubes pedestres- chegou a ser preconizado por cronistas carnavalescos como a morte do carnaval recifense.

Diversos fatores foram apontados, no período, como razão para o insucesso daquele modelo de carnaval, destacando-se: a não adesão dos comerciantes - verdadeiros mecenas do tríduo - à nova proposta e a perseguição policial ostensiva aos inimigos do regime republicano, cujas amarguras eram divulgadas através de práticas brincantes. Desta forma, o “fracasso” da proposta das elites pernambucanas foi notório, e o espaço destinado ao brinquedo da burguesia deu lugar ao “desorganizado” carnaval popular. Naquele momento, a desorganização esteve associada à forma como os clubes carnavalescos pedestres assaltaram as ruas e exibiam seu passo no meio da área destinada ao carnaval burguês. Ao passo que o carnaval tomou as ruas nos anos iniciais da república, intensificou-se a presença de trabalhadores nas cenas urbanas.⁷⁸

Os clubes pedestres com o passar dos anos iam cada vez mais atraindo os foliões que saíam de suas casas para se divertirem durante os festejos de momo, tomavam as ruas do Recife como uma força pujante ao som frenético do ritmo quente do frevo. Quando a ‘massa

⁷⁶ Sobre a construção do carnaval como um ritual de inversão ver o trabalho de: DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis - Para uma Sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1987. E sobre a concepção de ‘válvula de escape’ atribuída ao carnaval ver: BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁷⁷ ABREU, Martha. *Op. Cit.* p. 38.

⁷⁸ VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *Op. Cit.* PP. 21-22.

popular' tomava as calçadas, os bairros centrais da capital foliona de Pernambuco, deixava a mostra outra cidade constituída por pessoas oriundas dos morros, dos subúrbios, dos mais longínquos e ermos espaços que a elite dominante procurava encobrir.

Mas, no entanto, esses foliões mostravam sua força, seus gestos, sua cultura, animados ao som do frevo e no ritmo do passo, com a sobrinha na mão e entre um e outro requebro de braços e pernas, eles atuavam, modificavam, transformavam o cenário em que viviam. Analisar o carnaval desses dias é compreender, é dar visibilidade a uma cidade que se colocava em disputa e que foi cenário importante na construção da memória coletiva sobre a própria história da capital pernambucana.

1.2.3 Sob os auspícios da Federação Carnavalesca Pernambucana

'Evoé, Evoé, O carnaval de Pernambuco, É vibração, é gozo, é o suco Graças ao frevo e à Federação [...]' ⁷⁹.

As elites dominantes em Recife não estavam muito satisfeitas com os rumos que os dias momescos estavam tomando, sendo naquele momento marcado pela forte presença popular. Defendiam a concepção que o carnaval deveria ser controlado, onde a violência das ruas fosse coibida, as famílias novamente pudessem participar dos festejos e o 'tradicionalismo histórico da festa carnavalesca' fosse preservado. Sobre o carnaval desses anos de 1930, Francisco Mateus Carvalho Vidal discorreu:

As discussões acerca de como deveria ser arregimentado o carnaval recifense, no curso da década de 30, giraram em torno da desorganização do evento, do financiamento de uns poucos clubes em detrimento de outros, e do possível caos social que era fomentado pelo excesso de libertinagem. Esse cenário fez com que as autoridades aumentassem a vigilância do Estado sobre o carnaval, tanto para explorar o viés turístico do empreendimento momesco, como para controlar as manifestações populares e evitar sublevações de ordem.⁸⁰

Ao som do ritmo quente do frevo e com as graças de momo os anos de 1935 se iniciavam com a criação de uma instituição carnavalesca com personalidade jurídica, tratava-se da Federação Carnavalesca Pernambucana.⁸¹ Idealizada por um grupo de intelectuais,

⁷⁹ 'Evoé, Evoé' Frevo Canção de Marambá e Aníbal Portela. Grifo meu.

⁸⁰ VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *Op. Cit.* pp. 38-39.

⁸¹ 'Em 26 de Dezembro de 1934, um grupo de empresários pernambucanos, reunidos sob a sugestão de Mário Melo, tratou de discutir acerca da criação de uma sociedade civil que reunisse as diversas facções de carnaval. Na ocasião compareceram J. Pinheiro, da Pernambuco Tramways - cujo escritório sediou o encontro; Arlindo

políticos e renomados empresários, com os objetivos de reunir as agremiações que participavam do carnaval, de moldar os dias em homenagem ao deus da galhofa ao que denominavam de ‘tradicionalismo histórico da festa’ – marcado pela presença do frevo -, e de promover o carnaval do Estado por meio de propagandas, que visassem o desenvolvimento do turismo estadual. A criação de um órgão que coordenasse, ditasse as regras e interviesse no carnaval pode ser considerado como um movimento das autoridades estaduais visando o controle das massas.⁸²

Na estrutura montada pela Federação Carnavalesca Pernambucana havia desde espaços pré-determinados na cidade para apresentação desta ou daquela prática cultural, onde os clubes, os blocos, as troças e as demais agremiações carnavalescas teriam locais específicos para desfilarem, bem como também era os próprios sujeitos que faziam a Federação que escolhiam o tema a ser homenageado nos dias de momo, na maioria das vezes, essa escolha tinha como base a temática da história de Pernambuco.

De acordo com a historiadora Rachel Soihet os grupos que ascenderam ao poder em 1930 no Brasil estavam munidos de um novo projeto, que entre as suas principais bases estava a de retornar a construção da nacionalidade brasileira. Era necessário voltar-se para o povo em suas mais genuínas e espontâneas manifestações e aspirações, fonte das tradições mais ‘puras’ do Brasil, base da nação que procurava-se construir. A referida historiadora afirmou ainda que o carnaval, a maior das festas populares nacional, tornava-se o foco das inúmeras atenções do governo Getulista.⁸³

A criação da Federação Carnavalesca Pernambucana em 1935 veio atender aos objetivos de grupos de empresários e políticos, e procurou corresponder aos mais variados anseios dos mais diversos setores dominantes da sociedade, para os mais abastados o fim das brigas nas ruas, da excessiva violência nos dias de folia; para a classe média a possibilidade de se retomar o espaço público da cidade no período do carnaval; para os comerciantes o

Luz, da Great Western; Camucé Granja; e o jornalista Mário Melo. Do encontro, resultou uma circular, que foi endereçada aos principais grupos de carnaval da cidade, na qual se justificou a possível criação de uma instituição centralizadora dos festejos carnavalescos. No fim da carta, redigida pelo futuro Secretário Geral da FCP, marcou-se uma reunião para o dia 03 de Janeiro de 1935 às 20 horas, na sede da Federação Carnavalesca de Desportos, à época localizada à Rua da Aurora, número 237’ [...] onde compareceram a maioria das agremiações convidadas, votou-se o estatuto, e assim foi criada a Federação Carnavalesca Pernambucana. Os principais jornais da cidade noticiaram o fato e em 19 de janeiro de 1935 a entidade adquiriu personalidade jurídica. VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *Op. Cit.* pp. 39-42.

⁸² Sobre isso vale salientar que no início a criação da Federação Carnavalesca Pernambucana esteve atrelada, principalmente, ao desejo de grupos de comerciantes de aumentarem seus lucros com a promoção do festejo do que propriamente de atender as expectativas controladoras do Estado. E somente aos poucos os desejos do Estado de controlar as massas foram se coadunando com os da FCP.

⁸³ SOIHET, Rachel. *A Subversão Pelo Riso: estudos sobre a Belle Époque ao tempo de Vargas*. 2. Ed. rev. e ampl. Uberlândia: EDUFU, 2008, pp. 189 – 190.

aumento dos seus rendimentos; e para os populares o término da desorganização do evento carnavalesco, onde uns clubes eram financiados em detrimento de outros.⁸⁴

Além dessas funções os sujeitos que dirigiam a Federação Carnavalesca Pernambucana tomavam para si a tarefa de organizar, reelaborar e difundir um novo significado para os dias de folia, sendo eles os responsáveis ‘pelo reconhecimento oficial do carnaval e do frevo como símbolos de identidade cultural para Pernambuco’.⁸⁵ Muito mais do que ‘moldar’ os festejos ao tradicionalismo histórico da festa carnavalesca e de promover e divulgar os dias de momo em Recife, as ‘reais’ intenções das pessoas que dirigiam a FCP foram assim sintetizadas por Rita de Cássia Barbosa Araújo:

Centralizadora e elitista, a estrutura administrativa da Federação fora montada de modo a esvaziar, a retirar das mãos dos vários grupos sociais oriundos dos segmentos populares o poder de decidirem não apenas sobre a vida interna dos clubes a que pertenciam, mas também influírem sobre os destinos da festa em geral.⁸⁶

A criação da Federação Carnavalesca Pernambucana entre outras questões teve papel preponderante na construção do discurso do carnaval pernambucano como o ‘lugar’ do frevo por excelência, bem como também na elevação desses elementos – frevo e carnaval - a categoria de símbolos de identidade cultural de Pernambuco. Concordo com o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior quando afirmou que “[...] nada pode ser visto como natural, justo verdadeiro, belo, desde sempre. As formas que os objetos históricos adquirem só podem ser explicadas pela própria história”.⁸⁷ Com a Federação os dias de momo em Recife passaram a ser dirigidos, controlados, os sujeitos que a conduziam passaram a interpretar que a festa momesca era um produto vendável. Sobre isso Francisco Mateus Carvalho Vidal sinalizou:

O carnaval passou a ser visto como um excelente negócio para os cofres públicos, além de representar um dos elementos através dos quais os grupos políticos e sociais no poder puderam criar sentimentos de identificação com a população, dando-lhes a

⁸⁴ VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *Op. Cit.* pp. 38-41.

⁸⁵ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. DIP DOPS no Frevo. Carnaval, política e identidade cultural em Pernambuco (1930 – 1945). In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins (Org.). *Tradições & Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco*. Recife: Editora Universitária da UFPE, p. 93, 2008.

⁸⁶ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. DIP DOPS no Frevo. Carnaval, política e identidade cultural em Pernambuco (1930 – 1945). In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins (Org.). *Tradições & Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco*. Recife: Editora Universitária da UFPE, p. 99, 2008.

⁸⁷ JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História*. Bauru, SP: Edusc, p. 151, 2007.

idéia de pertencimento dos sujeitos ao todo, a fim conformar as posições sociais de cada um a seu grupo.⁸⁸

Uma das propostas da Federação Carnavalesca Pernambucana foi de construir uma relação entre o carnaval e a identidade cultural do Estado. Os foliões deveriam participar dos festejos momescos de forma incisiva, porque assim eles estariam realizando algo que estava associado às peculiaridades local. Era a construção do carnaval como símbolo da pernambucanidade. Então, quando os foliões saíam nas ruas não era só para ‘brincarem’ o carnaval, mas para representarem e mostrarem ao mundo a sua identidade cultural, a sua pernambucanidade.

Aos poucos, com o passar dos anos, a forma que os sujeitos que representavam a Federação Carnavalesca Pernambucana conduziam o carnaval da cidade ganhou mais e mais adeptos. Os foliões cada vez mais deixavam de organizar os festejos de forma independente para solicitarem ajuda a FCP, bem como crescia o número de agremiações filiadas à entidade. No entanto, essa forma de carnaval dirigido enfrentou críticas de várias personalidades entre elas, o sociólogo Gilberto Freyre, que acusavam o carnaval promovido pela Federação Carnavalesca Pernambucana de cercear a liberdade e espontaneidade popular.⁸⁹

Este ano quiseram fazer dele uma paródia da história, o ano que vem talvez a Federação pretenda transformá-lo numa lição de gramática. E reduzido a festa intencional o carnaval do Recife perde toda a sua força. Perde o seu melhor encanto. O seu melhor encanto está na independência, na espontaneidade, no gosto do seu espírito popular sem temperos acadêmicos ou eruditos. Está nas suas marchas e nos seus cantos de maracatus, cheio de erros de português, e numa num hino gramática que lhe querem dar: um canto horrível que dá vontade vomitar aos ouvidos. Está nos seus reis e rainhas de maracatus fantasiados segundo a imaginação do povo e não conforme figurinos eruditos. Está em ser o carnaval de que diria Manuel Bandeira: carnaval sem história e sem literatura... Carnaval sem Maurício de Nassau e Henrique Dias... Carnaval sem mais nada.⁹⁰

Intelectuais, como Gilberto Freyre, posicionavam-se nos jornais contra o gerenciamento da Federação Carnavalesca Pernambucana na forma de se ‘brincar’ a festa pelos foliões. Freyre era contrário ao controle do roteiro das agremiações carnavalescas pelas ruas do Recife nos dias de momo. Essa rigorosidade no itinerário dos grupos que se apresentavam nos dias de folia tinha o propósito, segundo a FCP, de evitar que os conjuntos carnavalescos rivais se encontrassem. Era comum nesses dias, quando do encontro de

⁸⁸ VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *Op. Cit.* P. 41.

⁸⁹ Sobre isso ver a discussão realizada por: VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *Op. Cit.* Pp. 49 - 51.

⁹⁰ FREYRE, Gilberto. Carnaval sem mais nada. *Diário de Pernambuco*, 11 de fevereiro de 1937, *apud*: VIDAL, Francisco Mateus Carvalho, *Op. Cit.* P. 125.

agregiações adversárias, ocorrerem uma espécie de ‘guerra campal’, mas que para Gilberto Freyre já faziam parte da tradição carnavalesca recifense.⁹¹

As colocações de Gilberto Freyre provocaram um debate nos jornais, onde seu primo Mário Melo, que era secretário, fundador e um dos maiores defensores do posicionamento da Federação Carnavalesca Pernambucana, respondeu as suas críticas. Melo justificava que com as medidas tomadas pela FCP as famílias podiam ‘brincar’ o carnaval sem serem surpreendidas pelas lutas entre agregiações. Os objetivos da FCP de harmonizar os grupos estavam sendo feito e a sociedade devia estar satisfeita.

Gilberto Freyre criticou a atuação da Federação domesticando o carnaval, queria um carnaval em que trabalhassem o cacete, a faca de ponta, quando os clubes se encontrassem, para ele a federação quis guiar o povo. Quem visse, como eu vi, Gilberto esbandalhando-se atrás de maracatus, acolitado pelo Cícero Dias não poderia julgar eu estivesse contrafeito. Aumentar a ausência de desordem, do sangue, do chanfalho (sic) da polícia.⁹²

A atuação e a força da Federação Carnavalesca Pernambucana começavam a dar sinais de fraqueza e a enfrentar uma contestação mais enfática em meados da década de 1940. Ao passo que a democracia dava sinais de reaparecimento no Estado Brasileiro, a FCP encurtava cada vez mais a sua influência e atuação sobre as decisões do alinhamento que os dias de momo deveriam seguir.

Neste cenário, o carnaval de Pernambuco e a FCP, que antes contava com todo o apoio do Estado, precisou reorganizar-se. A Federação estava ciente de que, com o fim do Estado Novo, a instituição precisava tornar-se autônoma na aprovação popular, tentando desvincular-se ao máximo da imagem do modelo político anterior. Para tanto, a Federação divulgou representações, que tentavam associar a instituição aos novos parâmetros de organização política, qual seja – o regime democrático.⁹³

Um dos principais acontecimentos desse período que veio abalar as relações de poder estabelecidas pela FCP foi a saída de Vargas do Poder em 1945, e conseqüentemente, o fim do Estado Novo e das suas diretrizes políticas. Foi a partir desses fatos que novos grupos passaram a contestar a atuação da FCP no carnaval. Como exemplo disso posso citar a criação da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife – ACCR – ‘cujas propostas para o carnaval trouxeram para o Estado a ‘expectativa de suprimir definitivamente a influência do

⁹¹ TELES, José. *Frevo rumo à modernidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, pp. 28-29, 2008.

⁹² MELO, Mário. *Jornal Pequeno*, 4 de fevereiro de 1937, *apud*: TELES, José. *Frevo rumo à modernidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, pp. 30-31, 2008.

⁹³ VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *Op. Cit.* P. 168.

Estado sobre o carnaval de rua’, através de representações de que o carnaval era uma festa democrática’.⁹⁴

A Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife pregava que as agremiações e os foliões se unissem em torno e em nome da festa e não da instituição, postura contrária a defendida pela FCP para os festejos momescos. A ACCR crescia com o lema da liberdade para o carnaval da cidade. A nova entidade passou a organizar a semana pré-carnavalesca recifense, onde diversos grupos aderiram, bem como também contavam com o apoio do poder público. Outras medidas tomadas pela ACCR foi a defesa do uso da máscara no carnaval – que tinha então sido proibida como uma medida defendida pela FCP – e a divulgação e promoção da ‘noite do samba’ em Recife com a participação das escolas de samba local.

Com o fim do Estado Novo, o General Demerval Peixoto assumiu a direção política de Pernambuco, como interventor, por indicação do Presidente da República Eurico Gaspar Dutra. O novo interventor, diferentemente do que se esperava, dava sinais de combate aos elementos associados ao Estado Novo e começou uma campanha silenciosa contra o carnaval dirigido e a própria Federação Carnavalesca Pernambucana. E em 1947 foram diminuídos, consideravelmente, os valores destinados a FCP para a promoção dos festejos momescos.

Diante do ‘insuficiente’ auxílio do poder público para promover o carnaval a Federação Carnavalesca Pernambucana, decidiu não aceitar a verba. Essa atitude foi apoiada pela maioria das agremiações filiadas que se recusavam a desfilarem, caso não fosse liberado uma verba suficiente para custear suas apresentações durante os dias de momo. Iniciou-se assim, a primeira greve dos grupos carnavalescos de recifenses, liderados pela FCP. Entretanto, em meio a esse embate entre o governo do Estado e a Federação Carnavalesca Pernambucana, as escolas de samba ganhavam cada vez mais destaque na cidade, apoiadas pela Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife – ACCR.

De acordo com Francisco Mateus Carvalho Vidal uma maior visibilidade e o crescimento do samba no Recife foi o ‘golpe de misericórdia’ dado aos carnavais ‘tipicamente pernambucanos’ organizados pela Federação Carnavalesca.⁹⁵ Para que se tenha uma idéia do crescimento das escolas de samba na capital pernambucana, no carnaval de 1948, de acordo com os jornais da cidade, havia 16 delas que se apresentariam em frente ao palanque da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, ‘*Duvidosas do Samba*’, ‘*Não sei se vá ou se fique*’, ‘*Amigos do Ritmo*’, ‘*Santos Dumont*’, ‘*Marca olho*’, ‘*Milionários do Ritmo*’, entre

⁹⁴ VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *Op. Cit.* P. 186.

⁹⁵ VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *Op. Cit.* P. 190.

outras.⁹⁶ Além dessas, havia as que apenas desfilariam pelas ruas dos bairros onde estavam localizadas.



Imagem 01: Carnaval de 1955. Escola Almirante do samba, na Rua da Concórdia. Acervo do Museu da cidade do Recife – MCR. Localização: 02580. Fotógrafo: Romildo Carvalho.

Por meio da análise da imagem acima é possível visualizar o desfile da escola Almirantes do Samba na Rua da Concórdia, centro do Recife. O desfile dessa agremiação pode ser interpretado como um processo bem diferente daquele que suas congêneres realizavam na década de 1960. De acordo com a fotografia não localizei alegorias, nem fantasias luxuosas, elementos tão marcantes nas apresentações das escolas de samba, tanto as de Recife, como as cariocas.

Quando realizei uma entrevista com o sambista José Bonifácio Dias dos Santos, esse me relatou que as alegorias nas escolas de samba só foram introduzidas nos desfiles dessas agremiações por volta da década de 1970.⁹⁷ Acredito que, provavelmente, após a transferência

⁹⁶ Carnaval. *Diário de Pernambuco*, 03 de fevereiro de 1948, p. 02; Carnaval. *Diário de Pernambuco*, 30 de Janeiro de 1949, p. 03; Carnaval. *Diário de Pernambuco*, 18 de fevereiro de 1948, p. 05; Escola de Samba Santos Dumont. *Diário da Manhã*, 06 de fevereiro de 1947, p.02. Escola de Samba Duvidosas. *Diário da Manhã*, 13 de fevereiro de 1947, p.06. Escola de samba Santos Dumont, realizou ontem seu penúltimo ensaio. *Diário da Manhã*, 16 de fevereiro de 1947, p. 08. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

⁹⁷Entrevista realizada por mim em 22 de abril de 2010, com o sambista José Bonifácio Dias dos Santos, conhecido como Deca. Nascido em 1938. Seu Deca é um sambista antigo da cidade do Recife durante muitos anos foi ligado a várias agremiações como a escola de samba Vai-Vai, com sede no bairro do Pina, no Recife. Segundo ele mesmo me relatou iniciou sua vida no samba em 1954 desfilando pela Escola Almirantes do Samba.

da apresentação desses grupos da Praça do Diário (onde apresentavam-se em cima de um palanque) para a Avenida Conde da Boa Vista.

É importante destacar que o crescimento da atratividade que as escolas de samba começaram a provocar nos súditos de momo em Recife, durante os anos de 1950 e 1960, marcavam de forma incisiva as transformações que a festa vivenciou. Seja por meio de medidas políticas (Leis foram criadas para conter esse avanço) ou mesmo, das críticas, de parcela da intelectualidade, publicadas nos maiores jornais em circulação na cidade.

1.3 O carnaval em Recife de 1955 a 1972: identidades e conflitos

Os festejos carnavalescos ocorridos na cidade do Recife nesses anos, 1955 a 1972, dificilmente poderiam ser narrados em sua pujança e meandros. Quando muito, ganham visibilidade por meio das matérias dos jornais, das entrevistas realizadas, ou mesmo de algum outro fragmento recolhido aqui e acolá em livros, poemas, músicas, imagens..., mas, que servem muito para dar noção de como foram esses dias de folia na capital pernambucana. ‘A narrativa histórica, mesmo apoiada em sólida pesquisa, ao lidar com rastros e provas, apresenta uma versão do supostamente acontecido’.⁹⁸

Assim sendo, é por meio da análise desses elementos que posso interpretar as relações envoltas em muitos discursos dos intelectuais e compreender o sentido de algumas ‘fantasias’ usadas pelos sambistas e demais foliões para driblarem o jogo da tradição carnavalesca local, da qual eram excluídos. E com isso conhecer um pouco mais das tramas construídas pelos sujeitos que durante esses anos saíam às ruas, atraídos pelo som do samba, do frevo ou mesmo do batuque de um maracatu para dar sentido aos dias de folia na capital pernambucana. ‘Historiadores constroem tramas possíveis, visando atingir a maior proximidade possível com aquilo que, um dia, teria se dado’.⁹⁹

Nesse tópico irei analisar algumas das principais transformações que o carnaval em Recife, durante o recorte temporal de 1955 a 1972, fora palco. Proponho-me a realizar ensaios sobre essas questões, uma vez que o objetivo do trabalho em destaque é a análise da presença das escolas de samba nos dias de folia da capital pernambucana e o discurso dos intelectuais a

Em 1984 é criada a FESAPE (Federação das escolas de samba em Pernambuco), em 1985 seu Deca chega para trabalhar na diretoria dessa instituição onde permanece até os dias atuais.

⁹⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. In: *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Sandra Jatahy Pesavento, Nádia Maria Weber Santos, Miriam de Souza Rossini (Org.). Porto Alegre, RS: Asterisco, p. 110, 2008.

⁹⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Op. Cit.* p. 110, 2008.

respeito da condenação ao samba. Entretanto, muitos dos acontecimentos que irei narrar a seguir relacionam-se com o tema central da pesquisa.

Ao som dos clarins de momo o carnaval em Recife durante esses anos trocou o uniforme da Federação Carnavalesca e vestiu a fantasia da Prefeitura do Recife. O carnaval foi institucionalizado pelo poder público municipal. Entrava em cena o ‘bloco’ do Departamento de Documentação e Cultura, que conjuntamente com a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife e da Federação Carnavalesca Pernambucana, seriam os responsáveis pela organização do carnaval entre os anos de 1955 e 1960. O Departamento de Documentação e Cultura era incumbido da punição aos grupos que não se apresentassem perante o palanque da comissão julgadora do carnaval, bem como era o responsável também pela organização dos concursos no qual tomavam parte as diferentes modalidades existentes no festejo recifense.

No ano de 1955 ficou determinado por meio da Lei Nº 3.346¹⁰⁰ que as agremiações que desfilavam em homenagem ao deus da galhofa seriam agora subsidiadas pelo poder público municipal. A cidade do Recife nesses anos era palco de mudanças não só nas formas de se fazer a folia de momo, bem como era cenário de ‘turbulentas’ transformações em seu proscênio político.¹⁰¹

Em meio às transformações políticas que a sociedade recifense enfrentava, uma nova forma de se fazer os dias momescos ganhava força. A partir daquela data o carnaval realizado na capital pernambucana teria direito a uma verba dos cofres públicos para ajudarem as agremiações no preparo e organização de seus desfiles, bem como custear as despesas com a

¹⁰⁰ Essa e outras Leis e Decretos-Leis da capital pernambucana (1955-1972), estão disponíveis na Biblioteca Setorial do Departamento Jurídico da Prefeitura do Recife, 3º andar, do edifício sede, no Bairro do Recife.

¹⁰¹ Sobre as eleições de 1955 o historiador Antônio Paulo Rezende discorreu: ‘No ano de 1955 ocorreu eleições para a Prefeitura do Recife que levou Pelópidas Silveira ao cargo. A eleição de Pelópidas Silveira se deu num contexto de esperanças. Pelópidas era do Partido Socialista Brasileiro, obtendo uma votação expressiva: 66,87% dos votos, ganhando de longe do segundo lugar Antônio Alves Pereira, que teve apenas 19,17% dos votos’. REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. (Org) Magdalena Almeida. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, p. 130, 2000. No ano de 1955 ocorreu também a formação da Frente Liberal do Recife, e sobre esse acontecimento Taciana Santos Mendonça disserta: ‘Em 1955, o PCB, o PSB e o PTB formaram uma aliança política com o intuito de concorrer as eleições municipais que ocorreriam naquele ano. Forma-se então a Frente do Recife, união na qual cada um dos partidos integrantes buscou condições para superar suas próprias dificuldades. [...] Assim, com o objetivo de vencer um adversário comum, comunistas, trabalhistas e socialistas passaram a lutar conjuntamente pelos votos dos eleitores de Pernambuco e a combater as práticas políticas instituídas pelo PSD no Estado. No decorrer das campanhas ocorridas entre 1955 e 1963, a Frente do Recife se apresentaria sob formas diversas, se articulando com partidos e interesses aparentemente bastante antagônicos. Ao longo de sua trajetória, a exceção da derrota sofrida ao cargo de vice-prefeito nas eleições de 1963, a Frente do Recife conquistaria todos os cargos executivos que viria a disputar’. In: SANTOS, Taciana Mendonça. *Alianças Políticas em Pernambuco: a(s) frente(s) do Recife (1955 – 1964)*. Recife: UFPE: Dissertação de Mestrado em História, 2009, PP. 02-03.

decoreção da cidade para os festejos carnavalescos.¹⁰² A oficialização dos dias de momo pela prefeitura da cidade em 1955, já no ano seguinte ganharia outro capítulo.

Assim que chegou ao poder em 1956 o senhor Pelópidas Silveira¹⁰³ convoca os vereadores para que modificassem a Lei anteriormente aprovada que ditava sobre os festejos carnavalescos. Esta determinava que as agremiações participantes do carnaval da cidade deveriam ser contempladas com uma verba dos cofres públicos. No entanto, segundo o novo prefeito, cometia-se o erro de não fazer distinção entre as mesmas, ou seja, colocava no mesmo patamar as agremiações entendidas pelas autoridades como tradicionais – clubes de frevo, maracatus e caboclinhos – e as definidas de alienígenas – escolas de samba -.¹⁰⁴

Nesses anos havia um forte discurso defendido por diversos intelectuais que no carnaval recifense não deveria haver escolas de samba. Segundo as inúmeras matérias que foram publicadas nos jornais da época, parte da intelectualidade local salientava que a manifestação do samba era uma prática associada ao Rio de Janeiro, e dessa forma para que se preservasse o ‘tradicionalismo histórico da festa carnavalesca’ e a particularidade regional do carnaval recifense, não deveria existir escola de samba.¹⁰⁵

Em virtude da pressão do prefeito eleito em 1956, Pelópidas Silveira,¹⁰⁶ a Lei Nº 3.346/55 foi revista e o Decreto Lei Nº 1.351 foi sancionado em 23 de janeiro de 1956, e

¹⁰² O então prefeito do Recife, Djair Brindeiro, em 07 de junho de 1955 sancionava a lei Nº 3.346 que tinha por meta ‘organizar, patrocinar e promover os festejos carnavalescos do município, a partir do ano de 1956, dentro dos moldes folclóricos, preservando, sobretudo, os clubes de frevo; os maracatus, em sua forma primitiva e os clubes de caboclinhos. Deverá também o departamento de Documentação e Cultura da Municipalidade, ajudar técnica e financeiramente, todos os blocos, troças, escolas de samba e demais agremiações carnavalescas que contribuírem para animação e grandeza do carnaval do Recife’.

¹⁰³ O historiador Antônio Paulo Rezende afirma que por meio da eleição de Pelópidas Silveira o Recife conseguia que fosse restabelecida sua autonomia política. REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. (Org.) Magdalena Almeida. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002, p. 125.

¹⁰⁴ Utilizo as expressões ‘tradicionais’ e ‘alienígenas’ porque é dessa forma que elas aparecem nos jornais quando mencionam o debate provocado pela presença das escolas de samba na Lei que oficializa os festejos carnavalescos da cidade pela prefeitura do Recife. Saliento ainda que no capítulo II deste trabalho esse debate será melhor discutido.

¹⁰⁵ O capítulo II deste trabalho será dedicado inteiramente a interpretação das relações entre os intelectuais e os sambistas no carnaval em Recife.

¹⁰⁶ A administração de Pelópidas Silveira a frente da Prefeitura do Recife foi assim sintetizada pelo historiador Antônio Paulo Rezende: ‘foram feitos concursos públicos, reestruturação de cargos e salários, mudanças no sistema dos tributos, disciplinamento no uso do solo e programa de atendimento às populações carentes, atingindo a alimentação, educação, cultura e habitação. Tudo isso revelava uma forte intervenção do poder público na vida da cidade; ao mesmo tempo ampliava-se a participação popular, com crescimento das associações de bairro e de moradores. [...] Além das reformas políticas e administrativas, a cidade modificava-se no seu desenho urbano. Foram pavimentadas 57 vias, com a preocupação de facilitar o acesso aos subúrbios, melhorando o tráfego de veículos. [...] Modificou-se a política com relação aos mocambos. Permitiram-se reformas na sua estrutura e se procuraram soluções para o problema da habitação popular, com a compra de terrenos para serem loteados e vendidos à população mais carente, em prazos longos. Com relação ao transporte coletivo, implantou-se com dificuldades, o sistema de ônibus elétricos, através da criação da Companhia de Transportes Urbanos’. REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. (Org.) Magdalena Almeida. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002, pp. 131-133.

preconizava que a partir daquela data as agremiações carnavalescas que participavam dos festejos momescos receberiam uma verba dos cofres públicos municipal. Entretanto, deveriam obedecer a uma classificação hierárquica, onde as escolas de samba figurariam na última posição, e receberiam apenas 5% do valor destinado.¹⁰⁷

Os anos de 1960 se iniciam com novas mudanças implantadas a organização da festa carnavalesca recifense. Os dias de folia, mediante novo decreto, seriam regidos pela Comissão Permanente do Carnaval, com um novo formato e composta de vários segmentos da sociedade pernambucana. Sobre isso o memorialista Leonardo Dantas Silva discorreu:

[...] Pelo novo decreto, o carnaval do Recife passa a ser supervisionado por uma comissão formada por três vereadores, um representante da Federação Carnavalesca Pernambucana, um representante da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife e dois membros de livre escolha do prefeito do município, sob a presidência do diretor do Departamento de Documentação e Cultura. A Federação, antes mentora suprema do carnaval, passou a exercer o papel de fiscal e colaboradora. Assim passou a existir a Comissão Permanente do Carnaval que, pela lei número 9355,¹⁰⁸ sancionada pelo prefeito Augusto Lucena em 14 de dezembro de 1964, foi transformada em Comissão Organizadora do Carnaval (COC), presidida pelo Secretário de Educação e Cultura, tendo como membros cinco vereadores, quatro pessoas de livre escolha do prefeito, um representante da Federação Carnavalesca Pernambucana, um representante da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, um representante da Federação das Indústrias de Pernambuco e um representante do Governo do Estado.¹⁰⁹

Intelectuais, entre eles Gilberto Freyre, se posicionaram contra os resultados da oficialização de momo. Acreditavam que esse acontecimento retirava a espontaneidade e a liberdade tão comum aos diversos foliões que saíam as ruas durante os dias gordos. E com isso a festa ia cada vez mais perdendo suas ‘características próprias’, e com o tempo estava fadada a desaparecer. Os indivíduos que representavam os grupos carnavalescos, antes da oficialização de momo, andavam pelos bairros recolhendo donativos, angariando recursos, principalmente junto aos comerciantes, para suprir os gastos com a apresentação das agremiações durante o carnaval.

¹⁰⁷ A verba orçamentária destinada ao carnaval recifense deveria ser utilizada da seguinte maneira: 40% para atender a organização, iluminação, propaganda e animação dos festejos. E 60% para os prêmios em dinheiro e aquisição das taças referentes aos concursos previstos no artigo anterior e seus parágrafos e para a distribuição às agremiações com existência legal, observando-se, nessa distribuição, as seguintes porcentagens: Clubes 35%; Blocos 20%; Maracatus 15%; Caboclinhos 15%; Troças e Ursos 10% e Escolas de Samba 5%.

¹⁰⁸ Essa Lei encontra-se disponível na Biblioteca Setorial do Departamento Jurídico da Prefeitura do Recife, 3º andar, do edifício sede, no Bairro do Recife.

¹⁰⁹ SILVA, Leonardo Dantas. Elementos para a História Social do Carnaval do Recife. In: *Antologia do Carnaval do Recife*. Mário Souto Maior e Leonardo Dantas Silva. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, p. LXXXIII-LXXXIV, 1991.

Os pobres clubes pedestres, que não tem voz ativa em nada, agora são os culpados. Culpados porque, com a oficialização, perderam a contribuição financeira do Comércio, indústria e dos próprios moradores do bairro. Empobrecidos, não puderam renovar os seus quadros dirigentes. Deve-se aos velhos foliões dos clubes ainda existir como agremiações carnavalescas.¹¹⁰

No entanto, após a oficialização ficaram proibidos desse feito. Caberia aos organizadores do carnaval receber as contribuições do comércio, empresários, bem como da prefeitura da cidade, e depois repassá-la aos grupos. Entretanto, para receber a ‘ajuda’ as agremiações deveriam enquadrar-se em determinados critérios estabelecidos pela organização do festejo. E como alguns grupos não se enquadravam deixavam de receber as verbas, e assim ficavam impossibilitados de apresentar-se.

Os carnavais desses anos foram marcados pelos signos das transformações. Segundo pude depreender da análise das matérias dos jornais o título de ‘maior carnaval do mundo’ dos dias momescos pernambucanos parecia estar ameaçado. E para ‘defender’ a peculiaridade da ‘alma’ foliona da cidade do Recife, os indivíduos que dirigiam a festa, principalmente, os membros da ACCR procuravam ampliar a divulgação e organização da semana pré-carnavalesca, bem como instituía na urbe dois novos concursos o de ‘Rei Momo’ e o da ‘Rainha do Carnaval’.¹¹¹

Durante o período da pesquisa pude observar pela leitura dos jornais que em alguns anos o evento da Semana Pré Carnavalesca foi reconhecido pelos periódicos como um ‘verdadeiro sucesso’, já em outros um ‘fracasso’. Inúmeros fatores eram apresentados para um ou outro aspecto que iam desde as atrações selecionadas para a apresentação durante o acontecimento, ou até mesmo a localização do palco onde ocorria o evento.¹¹² Chegando

¹¹⁰ GONÇALVES, Stélio. Carnaval Fracassa com Oficialização. *Jornal do Commercio*, 18 de janeiro de 1968, p. 10. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹¹¹ Rei Momo primeiro e único. *Correio do Povo*, 07 de fevereiro de 1957, p. 01. Também será eleita a rainha do carnaval. *Correio do Povo*, 08 de fevereiro de 1957, p. 02. Os cronistas vão eleger a Rainha do carnaval. *Diário de Pernambuco*, 07 de janeiro de 1958, p. 14/20. No dia 09 de fevereiro a coroação da Rainha do Carnaval de 1958. *Diário de Pernambuco*, 10 de janeiro de 1958, p. 14. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹¹² Rei Momo às portas da cidade em plena semana Pré Carnavalesca. *Folha da Manhã*, 15 de fevereiro de 1955, p. 11. Semana Pré Carnavalesca no clube universitário. *Folha da Manhã*, 17 de fevereiro de 1955, p. 11. Semana Pré Carnavalesca da ACCR. *Folha da Manhã*, 09 de fevereiro de 1955, p. 11. Semana pré carnavalesca já foi iniciada: animação nas ruas. *Diário de Pernambuco*, 07 de fevereiro de 1961, p. 03. Encerramento da semana pré carnavalesca. *Diário de Pernambuco*, 02 de março de 1962, p. 06. Semana pré carnavalesca batendo o recorde de animação nas ruas centrais. *Diário de Pernambuco*, 24 de fevereiro de 1965, 1º caderno, p. 03. Semana pré carnavalesca começa domingo. *Diário de Pernambuco*, 26 de janeiro de 1967, 1º caderno, p. 06. Prepara-se a semana Pré Carnavalesca. *Diário de Pernambuco*, 13 de janeiro de 1967, 2º caderno, p.08. Semana Pré Carnavalesca é fracasso total no Recife. *Diário de Pernambuco*, 09 de fevereiro de 1972, 1º caderno, p. 03. Cronistas promoverão a Semana Pré Carnavalesca e vão escolher a Rainha. *Diário de Pernambuco*, 10 de fevereiro de 1962, p. 11. ACCR programou Semana Pré Carnavalesca e desfile da Rainha do Carnaval. *Diário de Pernambuco*, 11 de fevereiro de 1962, 2º caderno, p. 03. Governo do Estado contribuiu com 500 mil cruzeiros para a ‘Semana Pré Carnavalesca. *Diário de Pernambuco*, 23 de fevereiro de 1962, p. 05. 36 clubes desfilarão na

inclusive no início dos anos de 1970 a ser questionada a permanência ou não da semana Pré Carnavalesca. Alegava os organizadores da festa que o acontecimento ‘acabava com o carnaval, pois cansava o folião’.¹¹³

E a respeito dos concursos de Rei Momo e Rainha do Carnaval, um dos objetivos era divulgar a festa e promover uma maior interação dos foliões com o festejo carnavalesco. O candidato vencedor do concurso de ‘Rei Momo’, - exigia-se que fosse gordo - comandaria o reinado da folia montado em um ‘jipão’ e deveria percorrer os principais clubes sociais da cidade, bem como interagiria com as agremiações carnavalescas – troças, clubes, escolas de samba - que alegremente desfilavam pelas ruas do Recife.

Este ano, o carnaval pernambucano, pela primeira vez, terá no trono, a figura personificada de Rei Momo. O folião José Bezerra Cavalcanti, com seus 182 quilos de gordura, comandará o Reinado da Folia, montado num jipão, ora percorrendo clubes ora, tomando parte, também nos folguedos de rua.¹¹⁴

O Rei Momo tão comum nos carnavais do Brasil são costumeiramente representadas por um sujeito gordo, risonho e com uma coroa na cabeça. A essa figura eram entregues, simbolicamente, as chaves da cidade pelas mãos do prefeito e com isso estava aberto o ‘reinado da folia’, onde Momo reinaria ‘absoluto’, até a quarta feira de cinzas, em todas as esferas da sociedade, já que ele próprio era a personificação do Estado.

Já no concurso de ‘Rainha do Carnaval’ belas moças deveriam candidatar-se ao cargo, sejam elas atrizes, vedetes, artistas ou mesmo representantes das agremiações carnavalescas da cidade. A coroação da candidata vencedora deveria ocorrer oito dias antes da data programada para o início oficial dos festejos momescos. Para o ato de coroação era organizado um desfile pelas principais ruas do Recife com representantes dos grupos carnavalescos que iriam desfilar naquele ano em homenagem a momo.

festa de abertura da semana Pré Carnavalesca. *Diário de Pernambuco*, 24 de fevereiro de 1962, p. 05. Semana Pré Carnavalesca. *Jornal do Commercio*, 22 de fevereiro de 1957, p. 10. Começou fervendo a Pré Carnavalesca do Folião do Recife. *Diário da Noite*, 12 de fevereiro de 1958, p. 07/08. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹¹³ Pré Carnavalesca poderá acabar por cansar folião. *Jornal do Commercio*, 11 de janeiro de 1972, capa. COC decidirá sobre a permanência da semana pré-carnavalesca. *Jornal do Commercio*, 12 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 12. Semana Pré Carnavalesca só depende de folião. *Jornal do Commercio*, 13 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 04. Semana Pré Carnavalesca não acabou. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 12. Folião poderá brincar a semana Pré Carnavalesca. *Jornal do Commercio*, 01 de fevereiro de 1972, 1º caderno, p. 12. COC dará apoio a semana Pré Carnavalesca. *Diário de Pernambuco*, 03 de fevereiro de 1971, p. 03. COC apaga a luz e acaba a semana Pré Carnavalesca. *Diário de Pernambuco*, 26 de fevereiro de 1972, 1º caderno, p. 03. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹¹⁴ Rei Momo primeiro e único. *Correio do Povo*, 07 de fevereiro de 1957, p. 01. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

O concurso de ‘Rainha do Carnaval’ provocava um enorme fascínio entre as agremiações carnavalescas que queriam ver o seu nome sendo representado pela vencedora do certame.¹¹⁵ A coqueluche do evento era tanto que o jornal *Diário da Noite* começou a promover algo semelhante ‘Rainha morena para o carnaval’. Acontecimento que recebeu críticas de jornalistas de outros periódicos, que alegavam já haver um concurso semelhante na cidade. No entanto, sobre isso o jornalista Paulo Viana¹¹⁶ salientou ‘pelo natal aparecem dezenas de papai Noel e no carnaval o número de rei momo também some as dezenas. Por que não podemos ter mais de uma rainha...’¹¹⁷



Imagem 02: milhares de pessoas assistiram ontem ao desfile de abertura do carnaval recifense. *Diário de Pernambuco*, 11 de fevereiro de 1961, I caderno, p. 03.

O rádio teve papel importante na divulgação das ‘novas’ medidas implantadas pelos responsáveis da administração do carnaval. Os principais grupos carnavalescos eram visitados pelo pessoal das rádios que os procuravam para saber dos preparativos para os desfiles. Para os foliões era importante ouvir o nome da sua agremiação sendo divulgado pelas rádios. Pelo contato com os jornais da época verifiquei que as rádios criavam programas, durante o reinado de momo, para promoverem as músicas carnavalescas.

Entretanto, nesses anos foi a introdução da televisão na transmissão dos desfiles que causou os maiores impactos. Foi durante os anos de 1960 que a televisão começou a

¹¹⁵Milhares de pessoas assistiram ontem ao desfile de abertura do carnaval recifense. *Diário de Pernambuco*, 11 de fevereiro de 1961, 1º caderno, p. 03. Coroação da rainha de carnaval atraiu multidão iniciando em grande estilo o carnaval de 1964. *Diário de Pernambuco*, 02 de fevereiro de 1964, 1º caderno, p. 04. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹¹⁶ Paulo Viana foi um jornalista pernambucano, com ligações com a cultura negra e com o carnaval. Foi um dos incentivadores do samba no Recife, tendo sido ele secretário quando da fundação da União das Escolas de Samba de Pernambuco. Entretanto, Paulo Viana teve o seu nome ligado ao evento da Noite dos Tambores Silenciosos, que, segundo ele, procurava resgatar a tradição africana na cidade.

¹¹⁷ VIANA, Paulo. Carnaval à vista. *Diário da Noite*, 02 de fevereiro de 1965, p. 08. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

transmitir o desfile das agremiações carnavalescas. E segundo Katarina Real foi esse acontecimento um dos maiores responsáveis pela mudança na forma dos grupos carnavalescos se apresentarem.¹¹⁸ A transmissão dos desfiles pela televisão fez parte de um processo de mudanças que os dias de momo em Recife estavam passando. As modificações que a folia momesca vivenciou nesses anos fizeram parte da implantação de um modelo de festa pautado na concepção do denominado ‘carnaval espetáculo’.¹¹⁹

Ao consultar os jornais da época verifiquei que outra relevante preocupação dos sujeitos que organizavam o carnaval em Recife no final dos anos de 1950, principalmente os membros da ACCR,¹²⁰ era com a descentralização da festa momesca.¹²¹ Esses indivíduos julgavam necessário que fosse descentralizado da Praça do Diário – Quartel General do Frevo - a concentração dos foliões durante os festejos. E para realizar tal mudança tinham que modificar o horário, o tempo e o trajeto de apresentação das agremiações carnavalescas. No entanto, quando os membros da ACCR pensavam em fazer essas alterações esbarravam nos tradicionalistas.¹²²

Pelo que pude interpretar desses embates travados nos jornais no final dos anos de 1950 deduzi que havia dois grupos distintos. Um desses tinha no jornalista Mário Melo seu grande representante e apresentava-se como os ‘tradicionalistas, os ‘defensores’ de uma prática de festa carnavalesca onde as mudanças que se procurava imputar não eram bem vistas. Para estes o carnaval no Recife deveria continuar como ‘sempre’ foi com suas marcas e práticas tradicionais. E já o outro grupo representado, em sua maioria, pelos jornalistas ligados a ACCR desejavam dar uma nova feição aos festejos em homenagem a momo no Recife.

Com o intuito de descentralizar o carnaval recifense, dando maior amplitude ao local dos festejos, resolveram as entidades encarregadas de sua organização e propaganda que os palanques respectivos sejam armados em locais diferentes. Na praça da Independência será armado o pavilhão da Comissão Organizadora do Carnaval. Na Avenida Guararapes, em frente ao edifício dos Correios e Telégrafos, se erguerá o palanque da Associação dos Cronistas Carnavalescos. O bairro da Boa Vista, este ano

¹¹⁸ REAL, Katarina. *O Folclore no Carnaval do Recife*. 2. Ed. rev. e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, p. 50, 1990.

¹¹⁹ Sobre a idéia de espetáculo, ver: DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os Sentidos do Espetáculo. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, 2002, v. 45, Nº 1.

¹²⁰ A Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife (ACCR) era em sua maioria formada por jornalistas dos principais jornais do Recife e da Rádio Clube.

¹²¹ A Descentralização do carnaval é um absurdo. *Jornal do Commercio*, 03 de fevereiro de 1957, p. 03. Reagem os foliões pernambucanos contra o cerceamento do carnaval. *Folha da Manhã*, 11 de fevereiro de 1955, p. 09. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹²² Descentralização do Carnaval. Seção: Carnaval, festa do povo. *Folha da Manhã*, 13 de fevereiro de 1958, p. 03. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

também será ponto de concentração dos foliões, revivendo-se, assim, os animados carnavais da Rua da Imperatriz, de vinte anos passados. Ao que tudo indica, o palanque da Federação Carnavalesca será armado na Praça Maciel Pinheiro.¹²³

Nesses anos os jornais estavam repletos de notícias que mencionavam ‘os problemas’ que as mudanças implantadas ao carnaval provocavam. A matéria abaixo demonstra como deve ter sido difícil para os indivíduos que administravam os dias de folia em Recife dar conta de uma festa que crescia e não podia mais ser feita como no passado. Mas, para os tradicionalistas as mudanças eram encaradas como um processo prejudicial à folia momesca e que a levaria a morte.

Do Sr. Arnaldo de Barros Correia, residente no bairro da Boa Vista, recebemos pelo correio esta carta: “Está todo mundo louco: querem as autoridades mudar o curso, a passagem, o desfile dos clubes, maracatus e escolas de samba, para a Avenida Caxangá, relegando a segundo plano o centro da Cidade, a Avenida Guararapes, a Pracinha. O QG do frevo e ruas adjacentes, aonde todos os recifenses vem divertir-se. Desde muito tempo se encontra o carnaval recifense descentralizado, Cada bairro, cada subúrbio, estão cuidando de seu próprio carnaval, independentemente da interferência oficial, da Prefeitura ou de qualquer outra repartição pública. Existem ruas cujos moradores se cotizam a fim de determinados clubes transitarem por lá, proporcionando-lhe assim momentos de alegria. Tudo isso está certíssimo. Entre isso e mudar definitivamente, com armas e bagagens, locais tradicionais de passagem dos préstitos carnavalescos a distância, a lógica, o bom senso, estão muito longe. O carnaval grosso, grande, o grande carnaval, da Pracinha, deve ficar mesmo onde sempre esteve: no centro, na Avenida Guararapes, com os seus palanques, palanques da Associação dos Cronistas Carnavalescos, palanque da Federação Carnavalesca. O povo deve unir-se contra esse golpe definitivo, de misericórdia, contra o carnaval pernambucano. Velhos foliões, compositores, gente de todos os níveis, devem unir-se contra essa repartição oficial. O carnaval deve ficar onde estar.”¹²⁴

Foi nos anos de 1960 também que por iniciativa de um jornalista negro e de relevante atuação no Diário da Noite, Paulo Viana,¹²⁵ foi organizada a Noite dos Tambores Silenciosos. Segundo o historiador Ivaldo Marciano esse acontecimento significou ‘referência cultural

¹²³ Descentralização do carnaval Recifense. Seção: Carnaval. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1958, p. 13. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹²⁴ Carnaval no Centro. *Diário da Noite*, 16 de janeiro de 1967, p. 04. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹²⁵ O jornalista Paulo Viana nasceu em 1922. Era um homem de cor negra e dedicado ao “mundo das agremiações carnavalescas”. Graduiu-se em sociologia pela UFPE, mas dedicou parte de sua vida ao exercício do jornalismo. Trabalhou em diversos jornais pernambucanos, a exemplo do Diário da Noite, *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco*. Através da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife integrou por várias vezes a COC (Comissão Organizadora do Carnaval), órgão responsável pela organização e controle do carnaval recifense até os primeiros anos da década de 1970. Faleceu no dia 30 de novembro de 1987, In: Tambores silenciam: morre o folclorista Paulo Viana. *Diário de Pernambuco*, 01 de dezembro de 1987, p. A11, *apud*: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, p. 291, 2010.

para os maracatuzeiros e maracatuzeiras, além do povo de terreiro das religiões de divindade e de entidades existentes no grande Recife'.¹²⁶

Paulo Viana promoveu uma série de eventos no Pátio do Terço ao longo dos anos de 1960, que concomitantemente dariam os contornos da Noite dos Tambores Silenciosos. A iniciativa do jornalista procurou positivar a cultura dos negros em Recife, dando a ela sentidos que a aproximassem da africanidade. Aludia, a uma África Ancestral. Viana afirmava acreditar mais na tradição oral das comunidades de afro descendentes do que no saber dos intelectuais.¹²⁷ Baseado nesse propósito organizou a Noite dos Tambores Silenciosos.¹²⁸

Em dezembro de 1964 o prefeito do Recife, Augusto Lucena¹²⁹, por meio da Lei Nº 9.355¹³⁰ transforma a Comissão Permanente do Carnaval em Comissão Organizado do Carnaval (COC), que foi a responsável pelos festejos carnavalescos recifenses entre 1964 e 1972 quando foi substituída novamente por outra Comissão Permanente do Carnaval (CPC) através da Lei Nº 10.537 de 14 de março de 1972. E nesses anos foram estabelecidos os alicerces para o denominado 'carnaval espetáculo'.

Durante os anos de 1970 os jornais da capital pernambucana estavam repletos de matérias que destacavam o embate travado entre os defensores de um 'carnaval participação' onde não deveria existir divisão entre os foliões. No modelo de 'carnaval participação' o público participava ativamente junto com a agremiação desfilante, todos juntos no ritmo do passo e guiados pela 'loucura dos dias de momo'.

Já o modelo de 'carnaval espetáculo' necessitava de um público espectador, que contemplasse, admirasse as apresentações das agremiações. Não só isso, mas de toda uma estrutura com passarela e arquibancadas que durante os anos de 1960 foram sendo introduzidos no carnaval da capital pernambucana. E é em meio a esse debate que as escolas

¹²⁶ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, p. 209, 2010.

¹²⁷ LIMA, Ivaldo Marciano de França; GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Os Maracatus Nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 1990). In: *Cultura Afro descendente no Recife: maracatus, valeses e catimbós*. Recife: Bagaço, p. 43, 2007.

¹²⁸ Noite dos Tambores Silenciosos – Festa mística dentro do carnaval. *Correio do Povo*, 11 de fevereiro de 1961, p. 04. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹²⁹ Para saber mais a respeito das ações do Governo de Augusto Lucena no Recife, ver entre outros: BERNARDES, Denis. *Recife, o caranguejo e o viaduto*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.

¹³⁰ A Comissão Permanente do Carnaval foi transformada em Comissão Organizadora do Carnaval pela Lei Nº 9.355, sancionada pelo prefeito Augusto Lucena em 14 de dezembro de 1964. Era presidida pelo Secretário de Educação e Cultura, tendo como membros cinco vereadores, quatro pessoas de livre escolha do prefeito, um representante da Federação Carnavalesca Pernambucana, um representante da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, um representante da Federação das Indústrias de Pernambuco e um representante do Governo do Estado. Essa e outras Leis sobre o carnaval encontram-se disponível na Biblioteca Setorial do Departamento Jurídico da Prefeitura do Recife, 3º andar, do edifício sede, no Bairro do Recife.

de samba ganhavam força, pois, para esses grupos o melhor cenário é realmente a ‘concepção de espetáculo’.

As escolas de samba precisam de platéia, devem ser contempladas de longe. Os indivíduos que participam ativamente de seu desfile precisam estar devidamente fantasiados e inseridos dentro do enredo, para que assim o público presente, nas arquibancadas, possa entender a história ali narrada. Nos anos de 1970 as escolas de samba e a prática de ‘carnaval espetáculo’ se consolidaram como modelo de festa carnavalesca na capital pernambucana.

Uma das principais críticas que o ‘modelo’ de carnaval espetáculo, e consequentemente as escolas de samba, enfrentavam era de serem acusados de cercar aos foliões o direito da participação direta na folia, segundo os críticos o que restava aos súditos de momo era a contemplação da festa. No entanto, o sambista Belo-X ao recordar as memórias de seu pai, relata que os desfiles das escolas de samba do final dos anos de 1940 e início da década de 1950, atraíam inúmeros foliões em seus cortejos que eram somados com o passar das agremiações pelos diferentes bairros até chegar ao centro do Recife.¹³¹

As escolas de samba saíam direto da cidade não, saía dos bairros, a pé, cantando, passando pelos bairros até chegar ao centro. Dizem que muitas vezes saía só a bateria, porta bandeira e quatro baianas, numa média de 15 pessoas e quando chegava no centro da cidade, chegava com quase mil pessoas. Porque ela saía nos bairros e arrastava. Os componentes que gostavam de Gigantes, por exemplo, ela saía de Água Fria, tinha gente que ficava esperando Gigantes passar na Encruzilhada, aí pegava aquele cortejo, passava em Santo Amaro, aí vinha embora. Dizem que as baianas cantavam pra caramba, não tinha esse negócio de enredo, nem samba enredo. E cada um colocava sua fantasia, botava fantasia na porta bandeira e no mestre sala, dizem que faziam aquela cabeleira de algodão de Luiz XV, quase todo mundo usava aquele cabeleira. E aí o povo saía cantando e a saía juntando. [...] E saíam assim as escolas de samba, saía família, saía filho e saía todo mundo. E faziam uma corda de isolamento, porque saíam todo mundo dentro da corda. Era uma corda que o cara amarrava lá, e ia enchendo, ia enchendo, e nego brincava dentro e fora da corda. (Depoimento do sambista Antônio José de Santana, conhecido como Belo-X)

Assim, diferente do que apontavam os críticos do modelo de carnaval espetáculo, que tinha nas escolas de samba sua principal representação, de acordo com o depoimento havia sim participação dos foliões nesse formato de festa. Mesmo os súditos de momo que não participavam ativamente do desfile, de certa forma, também interagiam com a agremiação.

Com o destaque dado as escolas de samba por parcela significativa dos foliões pernambucanos, essas agremiações enfrentaram violentas críticas por parte da intelectualidade

¹³¹ Entrevista realizada por mim com o sambista Antônio José de Santana, mais conhecido como Belo-X, em 26 de novembro de 2010. Belo-X, segundo relatou-me, iniciou no samba na escola Estudantes de São José, teve passagem por algumas escolas de samba no Rio de Janeiro, e atualmente é compositor e intérprete da Gigantes do Samba.

local que afirmavam estarem defendendo o ‘tradicionalismo histórico da festa carnavalesca recifense’, de onde as escolas de samba eram excluídas. Entretanto, mesmo em meio àquele cenário de condenação os sambistas resistiram, modificaram e transformavam a realidade em que viviam.

Um tema ligado ao carnaval que posso afirmar circundou quase todos os anos as páginas dos jornais foi a questão das verbas¹³² destinadas a organização do evento, bem como

¹³² Ajuda do poder público aos clubes pedestres. *Folha da Manhã*, 09 de fevereiro de 1955, p. 11. Ajuda financeira às agremiações. *Folha da Manhã*, 19 de fevereiro de 1955, p. 09. Inscrições para concessão de auxílios a entidades carnavalescas. *Folha da Manhã*, 31 de janeiro de 1956, p. 09. Auxílio as entidades carnavalescas. *Folha da Manhã*, 17 de janeiro de 1957, p. 08. Verbas para os clubes. *Folha da Manhã*, 04 de fevereiro de 1958, p. 05. Nada decidido quanto às subvenções carnavalescas. *Correio do Povo*, 21 de janeiro de 1956, p. 03. Estabelecidas as porcentagens para a verba destinada ao carnaval de Rua. *Correio do Povo*, 25 de janeiro de 1956, p. 02. Aumento da verba carnavalesca. *Correio do Povo*, 24 de fevereiro de 1957, p. 06. Deve ser centralizada a ajuda do governo municipal aos clubes. *Diário de Pernambuco*, 10 de janeiro de 1956, p. 16. Já aberta as inscrições para auxílio financeiro as entidades carnavalescas. *Diário de Pernambuco*, 16 de janeiro de 1957, p. 12. Auxílio as entidades carnavalescas por intermédio da prefeitura. *Diário de Pernambuco*, 19 de janeiro de 1957, p. 03. Encerra-se dia 11 o prazo para auxílio as entidades carnavalescas. *Diário de Pernambuco*, 08 de fevereiro de 1957, p. 03. Auxílio Financeiro. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1957, p. 06. Carnaval ameaçado com falta de verbas. *Diário de Pernambuco*, 09 de janeiro de 1968, 1º caderno, p. 03. Agremiações carnavalescas vão receber subvenções do Estado. *Diário de Pernambuco*, 11 de janeiro de 1968, 1º caderno, p. 08. Empetur não tem responsabilidade na distribuição dos recursos as agremiações. *Diário de Pernambuco*, 16 de janeiro de 1968, 1º caderno, p. 08. Recebem as verbas. *Diário de Pernambuco*, 19 de janeiro de 1968, 1º caderno, p. 08. Empetur não distribui verbas, só faz orientar, afirma presidente. *Diário de Pernambuco*, 20 de janeiro de 1968, 1º caderno, p. 06. COC e Federação ainda não sabem se Prefeitura vai liberar NCr\$ 60 mil para ajudar o carnaval de rua. *Diário de Pernambuco*, 12 de janeiro de 1969, 1º caderno, p. 21. Empetur chama as agremiações para o recebimento da verba de ajuda ao desfile. *Diário de Pernambuco*, 23 de janeiro de 1969, 1º caderno, p. 06. Prefeitura liberou NCr\$ 18 mil como 1ª parte da ajuda aos clubes carnavalescos. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1969, 2º caderno, p. 07. Prefeitura pagou primeira quota para ajudar o carnaval. *Diário de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1969, 1º caderno, p. 06. Verbas não saíram. *Diário de Pernambuco*, 10 de janeiro de 1970, 2º caderno, p. 09. Pagamento. *Diário de Pernambuco*, 17 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 03. COC libera verbas para os clubes recifenses. *Diário de Pernambuco*, 02 de fevereiro de 1971, 2º caderno, p. 01. Agremiações recebem verba na prefeitura. *Diário de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1971, 1º caderno, p. 07. Governo está ajudando os clubes carnavalescos. *Diário de Pernambuco*, 1º caderno, p. 12. Agremiações carnavalescas recebem recursos da EMETUR. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1972, 1º caderno, p. 12. Conselho de turismo pede verbas para agremiações. *Diário de Pernambuco*, 13 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 03. Governo paga subvenções as agremiações carnavalescas. *Diário de Pernambuco*, 19 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 07. Verbas para as festas de momo será liberada. *Jornal do Commercio*, 04 de janeiro de 1964, p. 08. Prefeitura já deu 12 milhões para o carnaval. *Jornal do Commercio*, 05 de fevereiro de 1964, p. 11. Estado vê como pode ajudar o carnaval do Recife. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1965, p. 08. Federação discute distribuição de quotas a clubes. *Jornal do Commercio*, 14 de janeiro de 1965, p. 10. Prefeitura libera verba de 15 milhões para COC gastar no carnaval. *Jornal do Commercio*, 14 de janeiro de 1965, p.10. Ajuda do Governo ao carnaval do Recife foi apenas um milhão. *Jornal do Commercio*, 27 de fevereiro de 1965, p. 10. CR\$ 35 milhões para o carnaval do Recife. *Jornal do Commercio*, 03 de fevereiro de 1966, p. 12. Pouca verba para o carnaval. *Jornal do Commercio*, 09 de fevereiro de 1966, p. 08. Carnaval este ano tem NCr\$ 60 mil de verbas. *Jornal do Commercio*, 12 de janeiro de 1969, 1º caderno, p. 03. Clubes não recebem verba. *Jornal do Commercio*, 18 de janeiro de 1969, 1º caderno, p. 09. Primeiras verbas saem para os clubes de rua. *Jornal do Commercio*, 29 de janeiro de 1969, 1º caderno, p. 10. Governo paga hoje as quota de agremiações. *Jornal do Commercio*, 30 de janeiro de 1969, 1º caderno, p. 10. Agremiações receberão hoje verba para o carnaval. *Jornal do Commercio*, 16 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 12. Prefeitura entregou ontem a 73 agremiações parcela da verba para o carnaval. *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 03. Cronistas vão a justiça cobrar verba ao prefeito. *Jornal do Commercio*, 04 de fevereiro de 1970, 1º caderno, p. 12. COC pede adiantamento de verba ao governo. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 12. Secretário garante que clubes receberão verba amanhã. *Jornal do Commercio*, 18 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 12. Governo entrega verbas às agremiações carnavalescas. *Jornal do Commercio*, 19 de janeiro de 1972, 1º caderno,

também as agremiações. Com os dias gordos oficializados, os grupos carnavalescos teriam direito a uma ‘ajuda’ dos cofres públicos para custear parte das despesas com a apresentação durante o período momesco. Entretanto, ou essa verba demorava muito para ser entregue, chegando inclusive a ser recebida apenas no carnaval posterior, ou em alguns anos não eram nem se quer entregues.

A não entrega das verbas em um tempo hábil para a preparação do carnaval ocasionou que inúmeros grupos carnavalescos, considerados pelas páginas dos jornais como ‘tradicionais’, deixavam de se exhibir. E o motivo alegado era a falta de dinheiro para custear as despesas com a apresentação para os festejos de momo.¹³³ O que provocava uma reação dos ‘defensores da tradição carnavalesca’ que escreviam nos periódicos acusando os administradores dos dias gordos de descaso para com a festa.

p. 12. Subvenções. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 12. Prefeitura despense Cr\$ 400 mil com momo. *Jornal do Commercio*, 05 de fevereiro de 1972, 1º caderno, p. 12. FCP vai pedir ao Estado verba de 5 milhões que é destinada ao carnaval. *Diário da Noite*, 08 de janeiro de 1965, p. 02. Ajuda aos clubes. *Diário da Noite*, 12 de janeiro de 1965, p. 02. Verbas para o carnaval é assunto muito difícil. *Diário da Noite*, 26 de janeiro de 1966, p. 02. Federação Carnavalesca recebe ajuda do Governo. *Diário da Noite*, 05 de fevereiro de 1966, p.04. Federação já tem até agora NCr\$ 10 mil para o carnaval. *Diário da Noite*, 05 de janeiro de 1968, p. 03. Clubes pessimistas: falta verba. *Diário da Noite*, 08 de janeiro de 1968, p. 02. Clubes apelam para bingo porque falta de verba ameaça afastá-los do carnaval. *Diário da Noite*, 12 de janeiro de 1968, p. 02. EMPETUR: cotas para clubes tiveram influência política. *Diário da Noite*, 16 de janeiro de 1968, p. 03. Clubes carnavalescos tem mais NCr\$10 mil. *Diário da Noite*, 24 de janeiro de 1968, p. 02. Empetur tem 32 milhões para o carnaval. *Diário da Noite*, 30 de janeiro de 1968, p. 10. Verba para clubes sai hoje. *Diário da Noite*, 07 de fevereiro de 1968, p. 10. Fazenda ainda não pagou verba à FC. *Diário da Noite*, 10 de fevereiro de 1968, p. 10. Agremiações vão receber segunda cota de carnaval. *Diário da Noite*, 29 de fevereiro de 1968, p. 03. Sem dinheiro, clubes ameaçam decretar o ‘impeachment’ de momo. *Diário da Noite*, 06 de fevereiro de 1969, 1º caderno, p. 03. Prefeito promete apoio aos clubes carnavalescos. *Diário da Noite*, 13 de janeiro de 1970, 2º caderno, p. 01. Luta é pela verba toda. *Diário da Noite*, 13 de janeiro de 1970, 2º caderno, p. 01. Momo com, ou sem dinheiro. *Diário da Noite*, 14 de fevereiro de 1970, 2º caderno, p. 01. Prefeitura ainda tem débito com o carnaval de 1969. *Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Clubes sem dinheiro, receiam a passarela. *Diário da Noite*, 17 de janeiro de 1970, capa. Problema maior é o dinheiro. *Diário da Noite*, 17 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Todo mundo insatisfeito. *Diário da Noite*, 17 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Clube recebe ajuda para o carnaval na medida do seu prestígio político. *Diário da Noite*, 19 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 07. Prefeito libera mais NCr\$ 48 mil. *Diário da Noite*, 22 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Ainda não saiu o reforço financeiro da COC. *Diário da Noite*, 23 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Clubes que não desfilar devolve dinheiro. *Diário da Noite*, 26 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Mais NCr\$ 50 mil para os clubes. *Diário da Noite*, 27 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Oito clubes sem receber a 1ª cota. *Diário da Noite*, 28 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Dinheiro do Frevo é só NCr\$ 160 mil. *Diário da Noite*, 30 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹³³ Falta de verba, motivo único da ausência do vassourinhas. *Diário de Pernambuco*, 24 de fevereiro de 1965, 2º caderno, p.02. Batutas de São José foi esquecido no auxílio concedido pelo Estado. *Diário de Pernambuco*, 13 de janeiro de 1968, 1º caderno, p. 06. Vassourinhas completa 80 anos, porém ainda não sabe se desfilará este ano. *Diário de Pernambuco*, 05 de janeiro de 1969, 1º caderno, p. 06. Vassourinhas talvez não tenha dinheiro para sair. *Jornal do Commercio*, 15 de janeiro de 1965, p. 08. Batutas de São José sem dinheiro sem dinheiro não sai este ano. *Jornal do Commercio*, 23 de janeiro de 1965, p. 08. Vassourinhas continua ameaçado de não desfilar. *Jornal do Commercio*, 27 de fevereiro de 1965, p. 10. Falta de verba prejudica o clube vassourinhas. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 12. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

Em diversos momentos da pesquisa pude visualizar nos jornais um debate, entre parte da intelectualidade local, sobre a validade ou não da subvenção do poder público ao carnaval. Entre os contrários a subvenção estava o jornalista Samir Abou Hana.¹³⁴ De acordo com ele os clubes carnavalescos não deveriam ‘viver’ ‘apenas’ do pecúlio dos cofres municipais e estaduais para organizarem sua apresentação nos dias de momo, deveriam realizar mais festas em suas sedes ou mesmo em outros espaços da cidade. Que essas agremiações voltassem a criar ‘novas’ estratégias de sobrevivência, em vez de ficarem somente a mercê da boa vontade dos organizadores da festa.

Durante todo o ano, grande parte das agremiações carnavalescas promovem recreios dançantes, geralmente duas ou três vezes por semana, com o objetivo de angariar recursos para custear suas despesas. Por sinal, os gastos são grandes e permanentes. O próprio pagamento das orquestras que animam os bailes e vesperais é motivo para dor de cabeça nos organizadores dos festejos. Há bailes em que a renda da portaria, arrecada pela cobrança de taxa a cada ‘cavalheiro’ eu ingressa no recinto do clube, não dá nem para pagar os músicos. O ‘pendura’ fica para outra festança, na esperança de que haja maior influencia e o ‘tutu’ corra mais fácil. Em certa época alguns ‘inovadores’ que se elegeram presidentes de agremiações carnavalescas do Recife, resolveram abolir os recreios semanais. Promoviam, apenas, um baile aos sábados ou uma manhã de sol aos domingos. O resultado foi a debacle financeira e social dos clubes. Isso porque, nas promoções festivas realizadas no correr de cada semana, não visa a entidade simplesmente a arrecadar dinheiro. É preciso ‘fazer movimento’ para manter seus ‘habitués’ sempre presentes aos ‘arrasta pés’. [...] o desaparecimento de agremiações e a péssima situação financeira em que se encontram as atuais se deve, sobretudo, à maléfica interferência da política entre os diretores. Formaram-se grupos e sub grupos, resultando no enfraquecimento das entidades quando, o objetivo principal deveria ser o de trabalhar para soerguer o clube e cuidar de carnaval, meta precípua de cada um. Certo está o secretário Alfredo de Oliveira, presidente da COC, quando afirma que a política paternalista deve acabar. Nada do governo andar subvencionando agremiações sob condicionamento de suas apresentações nos desfiles. Cada qual que cuide de si como organização privada. Cada um que procure angariar meios para sobrepujar o outro. Condicionar suas saídas a rua à verba governamental é um vício alimentado pelos políticos que, nos clubes, armam seus cabides eleitorais. Ajudar é uma coisa. Fazer com que eles dependam exclusivamente do governo é outra. É esse erro que tem colaborado para que as agremiações não se organizem a ponto de viver independente.¹³⁵

Os anos de 1960 também foram marcados pelo desejo dos administradores do carnaval de ‘vender’ a festa. Com o objetivo de divulgar os festejos momescos recifenses em outras cidades, os organizadores do carnaval criavam o ‘Voo do Frevo’.¹³⁶ Esse evento consistia

¹³⁴ Samir Abou Hana é um jornalista de relevante atuação no Estado de Pernambuco. Até hoje comanda programas em rádios e TVs do Estado.

¹³⁵ HANA, Samir Abou. Clubes carnavalescos não só devem viver de subvenções. *Diário de Pernambuco*, 05 de janeiro de 1969, 1º caderno, p. 07. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹³⁶ Frevo irá até o maracanãzinho. *Diário de Pernambuco*, 12 de janeiro de 1968, 2º caderno, p. 02. Vôo do frevo mostrará ao carioca o autêntico carnaval pernambucano. *Diário de Pernambuco*, 11 de janeiro de 1968, 1º caderno, p.03. Lucena intercede por vôo do frevo. *Diário de Pernambuco*, 16 de janeiro de 1968, 1º caderno, p. 08. Internacional e prefeitura vão levar frevo a Guanabara. *Diário de Pernambuco*, 18 de janeiro de 1968, 1º caderno, p. 04. COC já contratou as orquestras que tocam no Baile Municipal: Vôo do frevo no dia 16. *Diário*

numa espécie de intercâmbio entre os principais carnavais do Brasil. Saíam em um avião do Recife integrantes das agremiações carnavalescas que se apresentavam durante os dias de momo na capital pernambucana, juntamente com autoridades políticas para outras cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo e Manaus para divulgar os símbolos do carnaval recifense.¹³⁷ Dentro desse cenário, Recife também recebeu o ‘Voo do Samba’ com o objetivo de divulgar a folia carioca.¹³⁸

O ‘Voo do frevo’ inseriu-se dentro de um processo maior de transformações que os dias de momo na capital pernambucana vivenciou. Com a criação da EMETUR (Empresa Metropolitana de Turismo) começou a existir uma preocupação maior em divulgar e promover os símbolos da cultura pernambucana. E um dos principais vetores desse processo foi o carnaval. Os festejos momescos deveriam ser divulgados e com isso atrair mais turistas para o Estado. Eram as políticas públicas que visavam valorizar os dias gordos em Recife que disputavam com o Rio de Janeiro o título de ‘melhor carnaval do mundo’.

1.3.1 As metamorfoses do folião: as travestis invadem as ruas

Um debate que considero relevante no recorte temporal da pesquisa versa sobre a presença das travestis¹³⁹ no reinado de momo. Pela leitura dos jornais pude compreender que desde o final dos anos de 1960 até princípios da década de 1970 foram constantes as matérias que questionavam a validade ou não da participação dessa categoria social nas agremiações. E pelo que interpretei o debate circundava o campo da moral e ‘bons costumes’. Entretanto, mesmo antes do período supracitado, o jornalista Mário Melo questionava a participação de

de Pernambuco, 20 de janeiro de 1968, 1º caderno, p. 06. Vôo do frevo parte na quinta feira para o Rio levando autoridades e duas orquestras. *Diário de Pernambuco*, 21 de janeiro de 1968, 1º caderno, p. 10. Já vitorioso o 1º vôo do frevo. *Diário de Pernambuco*, 23 de janeiro de 1968, 2º caderno, p. 02. Vôo do frevo. *Diário de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1968, capa. Noite do frevo dominou o Rio. *Diário de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1968, 2º caderno, p. 02. Frevos do Recife obtém sucesso na Guanabara. *Diário de Pernambuco*, 01 de fevereiro de 1970, 1º caderno, p. 09. Manaus terá três dias de carnaval pernambucano. *Diário de Pernambuco*, 19 de janeiro de 1971, 2º caderno, p. 01. Vôo do frevo vai despertar foliões cariocas. *Jornal do Commercio*, 04 de janeiro de 1970, II caderno, p. 08. Rio um momento de frevo. *Jornal do Commercio*, 27 de janeiro de 1970, II caderno, p. 03, coluna do Alex. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹³⁷ Nilo irá novo o do frevo. *Diário de Pernambuco*, 21 de janeiro de 1968, 2º caderno, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹³⁸ Vôo do samba em maio no Recife. *Diário de Pernambuco*, 28 de janeiro de 1968, 2º caderno, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹³⁹ O motivo do termo ‘as travestis’, no feminino e não no masculino refere-se ao fato de ser dessa forma que ‘elas’ gostam de ser nomeadas. E mais, ‘as travestis’ é a invenção do feminino, não como inversão, mas semelhante à idéia de ‘reconstrução do feminino’. Para saber mais, ver entre outros: PATRÍCIO, M. C. *No truque: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras*. Recife: Tese de Doutorado em Antropologia da UFPE, 2008.

homens transvestidos de mulheres no carnaval, como demonstra a matéria abaixo que foi publicada no *Jornal do Commercio* em 1956:

Teremos um carnaval amorfo, píffio, descaracterizado, como foi imposto pelo interventor Demerval Peixoto, que pretendeu também sobrepor-se a nosso tradicionalismo um carnaval contrário às tradições de masculinidade pernambucanas, com desajustados sexuais em vestes femininas, rebique na cara, beladona nos olhos, seios supostos, anquinhas, voz de falsete, ademanos suspeitos, o que é comum noutros lugares, mas horripilam homens e mulheres normais.¹⁴⁰

Pela leitura da matéria citada é possível visualizar como o jornalista Mário Melo construiu uma relação onde associa as travestis a pessoas ‘anormais’. Não só Melo bem como inúmeros outros sujeitos que posicionaram-se a respeito do fato realizaram essa leitura. Dito de outra forma, as travestis eram entendidas como indivíduos anormais que se contrapunham aos demais membros da sociedade, as pessoas ditas normais. Ou seja, eram uma anomalia e dessa forma não deveriam participar dos festejos de momo.

As matérias dos jornais mencionavam que algumas agremiações eram a favor da presença das travestis já outras não.¹⁴¹ Entre as que eram ostensivamente contra estavam o clube Batutas de São José e o Maracatu Indiano.¹⁴² Parcela dos representantes desses grupos alegavam que caso permitissem a participação das travestis estariam corroendo a ‘autêntica tradição carnavalesca’ recifense.¹⁴³ Alguns membros do clube Lenhadores em certo momento colocou-se a favor da participação das travestis em seu cortejo, em outro contra.¹⁴⁴

O problema da participação dos travestis, biquínis e saiotos nos desfiles de clubes e troças, voltou a ser abordado ontem, durante a reunião da COC, quando o vereador Valério Rodrigues levantou a questão de ordem para protestar houvesse a Comissão Organizadora do Carnaval se pronunciando a respeito, quando a sua missão é programar os festejos e não causar polêmicas entre agremiações, a quem cabe decidir sobre a presença ou não desses figurantes nos seus cordões e salões.¹⁴⁵

Já o presidente do clube Amantes das Flores pronunciou-se nos jornais a favor da participação das travestis, afirmava que sem ‘elas’ o grupo não sairia, ‘em meu clube os

¹⁴⁰MELO, Mário. Crônica da Cidade: o presente de grego dos marmeladeiros. *Jornal do Commercio*, 19 de janeiro de 1956, p. 02. Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ.

¹⁴¹ Vereador vê nos travestis a ornamentação para o carnaval. *Jornal do Commercio*, 29 de janeiro de 1970, I caderno, p. 12. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁴² COC pede a clubes que evitem travestis. *Jornal do Commercio*, 11 de janeiro de 1968, p. 10. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁴³ Lenhadores e Batutas lideram guerra contra travestis no carnaval. *Jornal do Commercio*, 10 de janeiro de 1968, p.10. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁴⁴Lenhadores é pelo travesti. *Jornal do Commercio*, 13 de janeiro de 1968, p. 7. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁴⁵ Travestis, biquínis e saiotos. *Diário de Pernambuco*, 18 de janeiro de 1968, I Caderno, p. 06. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

travestis¹⁴⁶ são os que mais trabalham e são eles próprios que compram suas fantasias, e alguns até chegam a colaborar financeiramente com a agremiação'.¹⁴⁷ O maracatuzeiro Luiz de França, presidente do Maracatu Leão Coroado, salientou que 'são essas pessoas as que mais trabalham e que também são as que gastam nas fantasias, contribuindo assim, para o êxito das associações'.¹⁴⁸ Outro a colocar-se a favor das travestis foi o presidente a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, que ressaltou:

Aristeu Plácido, presidente da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, afirma que a presença dos travestis não descaracterizam o tradicional carnaval pernambucano, pois desde muitos anos eles se apresentam à frente de seus clubes e são na verdade, aqueles que mais trabalham pela boa apresentação das agremiações.
¹⁴⁹

As discussões sobre a participação ou não das travestis no carnaval enveredou para o campo das disputas em torno das próprias agremiações. Segundo matéria publicada no Jornal do Commercio, para o presidente do Bloco Inocentes de Rosarinho as críticas que as travestis enfrentaram no carnaval por parte dos integrantes do Batutas de São José e Madeiras do Rosarinho, 'não passam de inveja por não poderem contratá-los'. E continuou 'os travestis já fazem parte do carnaval recifense e a campanha que movem contra eles não tem mais sentido. As grandes agremiações carnavalescas estão unidas na defesa da plena liberdade de apresentação nos desfiles'.¹⁵⁰

A campanha promovida por alguns grupos carnavalescos e por parcela dos administradores do carnaval contra a participação das travestis chegou em 1970 a proibi-las nos festejos de momo, 'o departamento de polícia federal decidiu ontem não permitir qualquer manifestação deles nos bailes, cordões, blocos ou mesmo em ajuntamento próprios do reinado de momo, para que não atentem contra a moral e os bons costumes da sociedade'.¹⁵¹ Entretanto, de acordo com matéria publicada no Diário da Noite, sua participação nos desfiles

¹⁴⁶ Utilizo em alguns momentos a expressão 'os travestis', no masculino, porque era dessa forma que 'elas' eram tratadas pela documentação do período.

¹⁴⁷ Sem travestis amantes das flores não vai desfilas. *Jornal do Commercio*, 12 de janeiro de 1968, p. 10. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁴⁸ COC pede a clubes que evitem travestis. *Jornal do Commercio*, 11 de janeiro de 1968, p. 10. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁴⁹ Sem travestis amantes das flores não vai desfilas. *Jornal do Commercio*, 12 de janeiro de 1968, p. 10. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁵⁰ Inocentes atava madeiras na defesa dos travestis. *Jornal do Commercio*, 13 de janeiro de 1968, p. 7. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁵¹ Travestis estão proibidos de brincar o carnaval. *Diário de Pernambuco*, 28 de janeiro de 1970, I caderno, p. 03. Federais: travestis não vai acontecer. *Diário da Noite*, 28 de janeiro de 1970, I caderno, p. 12. Polícia Federal proíbe os travestis no carnaval. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1970, I caderno, p. 12. Polícia fiscalizará exibição de travesti. *Diário de Pernambuco*, 02 de fevereiro de 1971, II caderno, capa. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

foi permitida nesse mesmo ano.¹⁵² E mesmo combatidas, as travestis continuavam a participar do desfile das agremiações carnavalescas do Recife.¹⁵³

Quase todas as agremiações apresentaram em seus cordões, os combatidos travestis. Eles foram sem dúvida alguma, atração a parte. Desfilando com garbo, charme e requebrando ao som das músicas, os travestis arrancaram aplausos e elogios dos presentes.¹⁵⁴

Na leitura dos jornais pude compreender que as travestis tiveram sua atuação no carnaval cerceada.¹⁵⁵ Mesmo quando participavam dos festejos eram fiscalizadas ‘a polícia vai exercer rigorosa fiscalização contra os homossexuais e homens normais que durante as festividades carnavalescas se pintam ou se fantasiam com indumentárias femininas’.¹⁵⁶ Creio que a proibição de ‘brincarem’ alegremente pelas ruas do Recife foi um dos relevantes motivos que levou as travestis a criarem o ‘baile dos incertos’, pois, talvez, assim tivessem condições de se divertir sem o rigoroso controle da polícia.

A exemplo de seus colegas da Guanabara, os ‘incertinhos’ do Recife também realizaram sua festa de carnaval, sob intensa curiosidade, principalmente dos repórteres de jornais e revistas sulinas. E o sucesso, segundo opinião geral, nada ficou a dever ao famoso baile do João Caetano, estando, assim, a reportar como um motivo de atração para os turistas que futuramente vieram à capital do frevo. O local da festa foi certo e sabido: a Sociedade Folclórica, em Apipucos, presidida pelo Sr. Bebinho Salgado, cujos salões foram pequenos para comportar tantos ‘travestis’ que lá compareceram, sábado à noite. Todos estavam fantasiados e sempre com muito luxo, alguns apresentando criações de bons figurinistas pernambucanos. A perfeição com que se esmeraram nos trajes, na maquiagem e nos trejeitos era tal que chegou a ser difícil distinguir-lhes o sexo, o que provocou, inclusive, alguma confusão. A alegria foi contagiante. Os travestis pularam e dançaram a noite inteira, num carnaval desinibido, sem lenço e sem documentos... E preferindo segregar-se, eles não foram vistos nos grandes pequenos clubes sociais da cidade.¹⁵⁷

¹⁵² Travestis desfilam, mas não faz baile. *Diário da Noite*, 30 de janeiro de 1970, I caderno, p. 02. Disciplinando o travesti no carnaval. *Jornal do Commercio*, 30 de janeiro de 1970, I caderno, p. 08. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁵³ Travestis jamais deixarão de brilhar no carnaval de rua. *Diário da Noite*, 19 de janeiro de 1970, I caderno, p. 07. Travestis (mesmo tristes) não param fantasias. *Diário da Noite*, 31 de janeiro de 1970, I caderno, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁵⁴ Travestis imperam. *Diário de Pernambuco*, 29 de fevereiro de 1968, I caderno, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁵⁵ Madeira só é contra homem vestido de mulher. *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1968, p. 10. Dona Flor não admite desfile dos travestis. *Jornal do Commercio*, 03 de fevereiro de 1968, p. 12. Maracatu Indiano contra travestis. *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, 2ª. Ed., p. 03. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁵⁶ Polícia fiscalizará exibição de travestis. *Diário de Pernambuco*, 02 de fevereiro de 1971, II caderno, capa. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁵⁷ O Recife também teve seu baile dos ‘incertos’: sucesso absoluto no Clube de Bebinho Salgado. *Diário de Pernambuco*, 01 de março de 1968, II caderno, p.10. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

Uma vez que as travestis eram tratadas com hostilidade, por parte das autoridades e dos administradores do carnaval, a alternativa seria organizar um baile exclusivo onde pudessem ‘brincar’ sem tantos problemas. No período em tela, a imprensa divulgou os pedidos, apelos e reivindicações para que as autoridades policiais permitissem o chamado ‘baile dos incertos’. Talvez o desejo das travestis era que fosse permitida uma alternativa momesca capaz de abrandar a perseguição sofrida.

1.3.2 Os carnavais da Saudade

‘Ô Ô saudade /Saudade tão grande / Saudade que eu sinto /Do Clube das Pás, do Vassouras /Passistas traçando tesouras /nas ruas repletas de lá [...] Que adianta se o Recife está longe /E a saudade é tão grande [...]Que eu até me embaraço / Recife está dentro de mim. ’
Frevo Nº 1, Antônio Maria, 1951

Ai que saudade vem do meu Recife, / Da minha gente que ficou por lá / Quando eu pensava, chorava, falava / Dizia bobagem, marcava viagem, / Mas nem resolvia se ia...
Frevo Nº 2, Antônio Maria, 1958

Voltei, Recife, / Foi a saudade que me trouxe pelo braço, / Quero ver novamente, / Vassoura na rua abafando / Tomar umas e outras e cair no passo[...].
Voltei Recife, Luiz Bandeira, 1959.

Nesses anos poucos temas pareceu-me tão recorrente quanto o tema da saudade. Inúmeras matérias nos jornais ‘clamavam’ por uma festa que não existia mais, por aqueles tempos que não sei exatamente quando foram, mas que se faziam presentes entre os carnavais de 1955 e 1972, como os ‘ecos’ de uma festa imemorial. No período do recorte temporal pude compreender que havia um discurso nos jornais que o carnaval não era mais o mesmo e passava por transformações que o levariam a morte. E dentro desse cenário de mudanças que a festa passava, os poucos anos que os carnavais foram louvados, a crônica especializada, assemelhava-os aos felizes dias de momo de outrora.

O ‘bom carnaval’ era o carnaval do passado. Pelo que pude compreender na leitura dos jornais que circulavam na época, muitos foliões, sejam eles anônimos ou mesmo personalidades ilustres, tinham certa dificuldade em aceitar as mudanças que a festa momesca era palco. As transformações dos dias de momo eram, na maioria das vezes, vista como a sua morte.¹⁵⁸ Entretanto, se evidentemente ‘novas’ práticas de se fazer a folia estavam sendo

¹⁵⁸ Nelson Ferreira: vamos colocar o carnaval do Recife em seu lugar de destaque. *Diário da Noite*, 13 de janeiro de 1971, 1º caderno, p. 03. Carnaval entre a COC e a EMETUR: onde está a salvação. *Diário da Noite*, 16 de janeiro de 1971, 1º caderno, p. 03. Capiba: nosso carnaval não está morrendo, mas sofrendo as transformações do tempo. *Diário da Noite*, 26 de janeiro de 1971, 1º caderno, p. 03. O frevo não está morrendo, mas vai muito mal. *Diário da Noite*, 16 de fevereiro de 1971, 1º caderno, p. 02. Carnaval do Recife ameaçado de fracasso total.

gestadas, bem como as ruas estavam repletas de ‘novos’ e diferentes foliões, que atribuíam os mais diferentes significados para o festejo, possivelmente, outra festa estava sendo construída. E o ‘velho’ carnaval saudado por muitos nos jornais, de fato, estava se transformando.

O tema da saudade foi (é) um tema recorrente não só nas memórias sobre o carnaval, bem como a respeito da própria história do Recife. O historiador Raimundo Arrais demonstra em seus estudos como os escritos de inúmeros intelectuais procuravam associar a capital pernambucana às glórias do pretérito.¹⁵⁹ Havia uma clara intenção nessas narrativas de associar a cidade a acontecimentos históricos importantes do passado e pelo qual gostariam que a urbe fosse lembrada. E essas questões, possivelmente, também tiveram uma associação com o carnaval, como exemplo, os inúmeros frevos que foram compostos tendo como inspiração o tema da saudade.

A imagem de um carnaval carregado de passado tão presente em muitas matérias nos jornais não era aleatória. Os cronistas quando produziam seus escritos atribuíam sentidos ao carnaval. Suas percepções estavam presas a algumas circunstâncias do pretérito, seus modos de verem e apreciarem os festejos carnavalescos foram gerados num momento específico da história do Recife. E muitas de suas memórias sobre a folia foram frutos da apropriação de lembranças que, talvez, nem eram suas, mas foram incorporadas, somadas ao processo de construção de uma memória coletiva sobre os festejos na cidade.

As palavras ‘saudade’ e ‘saudosismo’ tão recorrentes nos jornais, costumeiramente, apareciam atrelado a elas o tema da morte de momo. Provavelmente, essa morte que alguns jornalistas percebiam na festa, estava associada às próprias mudanças que os dias de folia na capital pernambucana passavam.¹⁶⁰ E entre essas, provavelmente, tinha-se o destaque dado

Diário da Noite, 04 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 03. Porque estão boicotando o nosso frevo? *Diário da Noite*, 15 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 06. Mudou a folia ou mudaram os homens? *Diário da Noite*, 22 de janeiro de 1972, 1º caderno, p.06. Comércio se ressentido também com decadência do carnaval. *Diário da Noite*, 01 de fevereiro de 1972, 1º caderno, p. 03. Prefeito forma comissão para salvar carnaval pernambucano. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, 1º caderno, p. 03. Fracasso do frevo: a culpa é mesmo da COC? *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, p. 01, 2ª edição. O fim do carnaval. *Diário da Noite*, 17 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 04. Quem é o culpado da morte do carnaval pernambucano? *Diário da Noite*, 22 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 06. Ex rei momo: antigamente era melhor. *Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1969, 1º caderno, p. 06. Velho saudosista diz que bom era carnaval antigo. *Diário de Pernambuco*, 28 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 06. Relembrando velhos carnavais. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1972, p. 05, suplemento cultural. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁵⁹ Sobre isso ver: ARRAIS, Raimundo. *O Pântano e o Riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2004; ARRAIS, Raimundo. *A capital da Saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife: Ed. Bagaço, 2006.

¹⁶⁰ Prefeito forma comissão para salvar carnaval pernambucano. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, I caderno, p. 03. O fim do carnaval. *Diário da Noite*, 17 de janeiro de 1972, I caderno, p. 04. Quem é o culpado da morte do carnaval pernambucano? *Diário da Noite*, 22 de janeiro de 1972, I caderno, p. 06. Carnaval: ontem e hoje. *Jornal do Commercio*, 20 de fevereiro de 1966, p. 04. Carnaval a vista. *Jornal do Commercio*, 21 de janeiro de 1970, I caderno, p. 04. Carnaval de antigamente. *Diário da Noite*, 10 de fevereiro de 1965, p. 07. Folia no passo da decadência. *Jornal do Commercio*, 22 de janeiro de 1969, 2º caderno, p. 01. Carnaval é diversão do

pelos foliões ao desfile das escolas de samba, ao corso, ao molha-molha, ao escape livre, e a diversas outras práticas carnavalescas que destoavam, segundo parcela dos intelectuais, do ‘tradicionalismo histórico dos festejos de momo’ em Recife.

Muitos desses intelectuais quando observavam os carnavais no Recife, entre 1955 e 1972, possivelmente, não viam mais a folia que aprenderam a gostar, nem a que ‘brincaram’ alegremente em sua infância, e provavelmente, isso lhes causava estranheza o que os levava a escreverem condenando a festa que estava sendo praticada.¹⁶¹ Eles não se viam mais naquele carnaval e nem o reconheciam como os festejos que aprenderam a gostar, e tão pouco o que levou a cidade do Recife a ter uma das principais folias do Brasil.

O carnaval agoniza no grande Recife. Se os modestos clubes ainda ensaiam um débil esforço no sentido de reconstruir a alegria do passado, nas ruas a folia morre paulatinamente. Apenas os velhos moradores têm algo a contar, lembrando-se dos festejos de outrora consagravam o império de momo. Os jovens têm a atenção voltada para o carnaval do Recife, e a animação dos bailes carnavalescos de suas cidades já não conseguem entusiasmar como há três anos atrás. Vários fatores têm sido apontados como causas dessa decadência: o desinteresse dos administradores municipais; a falta de recursos econômicos; o melhoramento das rodovias, ligando ainda mais os pequenos centros à capital; e até mesmo o desgaste progressivo que estaria minando o carnaval em Pernambuco.¹⁶²

Segundo pude depreender da análise das matérias dos jornais, o principal acontecimento que os cronistas apontavam como a ‘causa’ da morte de momo foi a ‘decadência’ do carnaval de rua. Na visão de muitos intelectuais a força e a alegria da folia nas ruas do Recife estavam a cada ano minguando mais e mais. E o desfile das agremiações na passarela, bem como o carnaval dos clubes era destacado, por parcela da intelectualidade, como as principais causas do fracasso da festa.

RECORDANDO O CARNAVAL

No carnaval de hoje não se vê mais o Entrudo que se constituía uma herança de velhos Carnavais, em sua forma original, importado da Europa, muito violento, com característica daquele velho Carnaval de Portugal, mas, ainda assim, menos violento que nas origens. Desapareceu, também as limas de cheiro, como as bisnagas de estanho. Já o papel picado cedeu lugar ao confeti e as mascaradas que se apresentavam em enormes grupos, diminuíram de intensidade. Atualmente, somente no domingo de carnaval é que observamos os dominós, os pierrôs e arlequins, bem como, os palhaços. São figuras destituídas de maiores atrações saídas de algum livro de história, já que não ostentam o luxo de antigamente, quando se vestiram de veludos e sedas, apesar de se constituírem as mesmas figuras de todos os tempos, mas em menor

povo. *Jornal do Commercio*, 03 de fevereiro de 1966, p. 09. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁶¹ Saudosos Carnavais. *Diário de Pernambuco*, 24 de fevereiro de 1963, 1º caderno, p. 09. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁶² Folia no passo da decadência. *Jornal do Commercio*, 22 de janeiro de 1969, 2º caderno, p. 01. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

número, é verdade. As grandes sociedades de alegorias vêm aos poucos desaparecendo, restando apenas alguns que se apresentam cada ano espetacularmente.¹⁶³

O carnaval em Recife nesses anos passava por mudanças. Eram as metamorfoses de momo. E parcela da sociedade pernambucana da época não aceitava essas transformações. Eram os conflitos de gerações. Muitos dos foliões que saíam as ruas naqueles anos não viam mais sentido nas ‘velhas’ formas de se fazer os dias em homenagem ao deus da galhofa. Outros, talvez, dessem as ‘antigas’ práticas novos significados, que eram, muitas vezes, vistas como deturpação ou descaracterização do carnaval.

1.3.3 A Hora e a vez da Passarela

Provavelmente, dentro do processo de implantação e consolidação do modelo de ‘carnaval espetáculo’, a introdução de uma passarela para a apresentação das agremiações carnavalescas tenha sido uma das mais relevantes.¹⁶⁴ Os representantes da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife justificavam a presença desse elemento, pois, acreditavam que assim os jornalistas, os jurados e o público presente em geral poderiam ter uma visão melhor da apresentação dos grupos.¹⁶⁵ No entanto, alguns ‘defensores’ do ‘tradicionalismo histórico da festa carnavalesca’ viam na instituição da passarela um perigo de morte para a folia. Pois afirmavam, se o carnaval em Recife nunca teve separação entre público e agremiações, e caso acontecesse à institucionalização da passarela estaria ‘descaracterizando’ o festejo, criava-se outro, e não haveria mais o ‘legítimo carnaval recifense’.¹⁶⁶

A institucionalização da passarela nos festejos carnavalescos em Recife desdobrou um debate relevante nos jornais entre os defensores e os críticos de sua permanência. Os

¹⁶³ Carnaval é a diversão do povo. *Diário da Noite*, 03 de fevereiro de 1966, p. 09. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁶⁴ De acordo com as informações dos jornais a passarela foi instituída no carnaval recifense em 1953, por iniciativa de Aristóфанes da Trindade, ex-presidente da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife. A História da Passarela. *Folha da Manhã*, 13 de janeiro de 1958, p. 02/07. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁶⁵ A Passarela. *Folha da Manhã*, 08 de janeiro de 1958, p. 05. Foi tudo mentira a ‘passarela’ está perfeita. *Folha da Manhã*, 13 de janeiro de 1958, p. 07. Duas Atitudes. *Folha da Manhã*, 17 de Janeiro de 1958, p. 05. Crise em função da Passarela. *Folha da Manhã*, 18 de janeiro de 1958, p. 05. Problemas da C.D.C. *Folha da Manhã*, 22 de Janeiro de 1958, p. 05. Passarela um problema. *Diário da Noite*, 12 de março de 1962, p.05. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁶⁶ Fora com a Passarela! *Jornal do Commercio*, 12 de fevereiro de 1957, p. 02. Medida infeliz, ilegal e pernicioso. *Jornal do Commercio*, 14 de fevereiro de 1957, p. 02. Problema da Passarela. *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1958, p. 12. Folclorista é contra desfile na passarela. *Diário da Noite*, 13 de janeiro de 1972, 1º caderno, p.03. Carnaval: não será mais construída a passarela. *Diário de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1958, p. 03. A Passarela, este ano, no Quartel General do Frevo. *Diário de Pernambuco*, 17 de fevereiro de 1960, p. 04. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

cronistas, defensores da passarela, alegavam que as críticas que ela recebia decorriam de sujeitos presos ao passado e que não conseguiam perceber com clareza as mudanças do carnaval e que a festa precisava se adaptar as necessidades da ‘nova forma nascente’ de se brincar os dias de momo. Salientavam ainda que a criação da passarela nos festejos carnavalescos recifenses foi uma ação tão importante que os carnavais de outras cidades, como o Rio de Janeiro que começou a ‘copiar’ o da capital pernambucana, instituído a passarela por lá também.¹⁶⁷

No entanto, os sujeitos que se apresentavam nos jornais como os ‘defensores’ do ‘tradicionalismo histórico da festa carnavalesca recifense’, alegavam que a institucionalização de uma passarela nos dias de momo rompia com a tradição dos festejos na cidade, bem como com a forma das agremiações apresentarem-se. Visto que o carnaval em Recife durante sua história decorreu de uma liberdade e de uma igualdade, sem distinção entre desfilantes e brincantes, ‘unindo ricos e pobres, o bem vestido com o maltrapilho, o sisudo com o folgazão’.¹⁶⁸ E com a passarela estaria se instituindo uma divisão dos foliões, entre brincantes e espectadores. Um dos críticos da presença da passarela nos dias de momo em Recife foi o jornalista, da *Folha da Manhã* e do *Jornal do Commercio*, Mário Melo e sobre o caso discorreu:

‘é preciso proscrevê-la definitivamente. Essa passarela é o que há de mais descaracterizante do carnaval recifense. [...] a passarela estabelece uma espécie de aristocracia, separa o povo do clube, permitindo que este suba para o tablado, deixando aquele no calcamento e até impedindo-lhe a visão em consequência da sua altitude, para que somente o aprecie, de palanque, aquele que no palanque estiver. E estimula os clubes a romperem com sua tradição e apresentar-se como a corte de algum rei da antiguidade [...] precisamos de fazer o carnaval retroagir ao que era: os clubes simplesmente com seu estandarte e seu cordão, sem aqueles indumentos exóticos, em contato direto com as suas caudas, o que a passarela impede. Portanto, o grito uníssono do povo deve ser: nada de privilégios; fora com a passarela! E se não for atendido, se insistirem na armação da caranguejola, tomarem os clubes o propósito de passar por fora dela, de mistura com seus acompanhantes. O clube é o povo e para o povo e não para privilegiados.’¹⁶⁹

¹⁶⁷ A História da Passarela. *Folha da Manhã*, 13 de janeiro de 1958, p. 02/07. O caso da Passarela está no judiciário. *Folha da Manhã*, 06 de fevereiro de 1958, p. 05. Justiça autorizou a armação da ‘passarela’. *Folha da Manhã*, 07 de fevereiro de 1958, p. 05. Folclorista é contra desfile na passarela. *Diário da Noite*, 13 de janeiro de 1972, I caderno, p. 03. Fora da Passarela. *Diário da Noite*, 16 de fevereiro de 1972, I caderno, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁶⁸ MELO, Mário. Fora com a Passarela! *Jornal do Commercio*, 12 de fevereiro de 1957, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁶⁹ MELO, Mário. Fora com a Passarela! *Jornal do Commercio*, 12 de fevereiro de 1957, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

O debate provocado pela presença da passarela nos jornais ia além da sua existência ou não nos festejos carnavalescos. Onde ela seria instalada? Como seria montado o palanque? Quantos lugares? Destes quantos seriam reservados as autoridades estaduais e municipais?¹⁷⁰ As mudanças ocasionadas com o local da montagem da passarela ultrapassavam o campo de uma mera escolha. O que estava em debate naqueles anos era mais uma vez o jogo da tradição carnavalesca local. Caso a passarela – que já era uma ofensa para alguns - não fosse instalada na Pracinha do Diário, para os ‘defensores do tradicionalismo histórico da festa’, era uma tentativa de descaracterização, um desrespeito com o carnaval da cidade.

A passarela foi institucionalizada no carnaval em Recife e com ela vieram algumas mudanças significativas para a festa. A primeira foi a forma como o espaço público era organizado para os dias de folia. As agremiações teriam que percorrer determinado percurso pelas ruas da capital pernambucana e apresentar-se diante de uma comissão julgadora localizada em frente à passarela.

Durante os anos de 1955 e 1972 a passarela foi montada em diversos lugares e também modificada. Inicialmente era na Praça do Diário, uma espécie de ‘alambrado’, *elevado* como alguns indivíduos a definiam, os foliões comprimidos nas ruas observavam a apresentação da agremiação em cima do palco e o desfile era por ordem de chegada. Como o espaço, na Praça do Diário, era muito apertado, os organizadores do carnaval decidiram modificar o lugar onde estava localizada a passarela, bem como a sua estrutura armando arquibancadas paralelas ao seu percurso, e a rua tornou-se o espaço reservado para o desfile dos grupos carnavalescos. Da Praça do Diário foi transferida para as Avenidas Conde da Boa Vista, Guararapes e Dantas Barreto, respectivamente, todos esses locais no centro da cidade do Recife.

Outra novidade proporcionada pela inclusão da passarela como elemento dos festejos carnavalescos na capital pernambucana foi a introdução de um tempo máximo para a apresentação das agremiações. Os grupos carnavalescos teriam 30 minutos para exhibir-se diante da comissão julgadora.¹⁷¹ Antes, os grupos não tinham tempo limite para desfilarem. Houve quem acredita-se que essa medida estaria associada a uma campanha, de parte dos organizadores dos festejos, contra o samba em Recife.¹⁷² Pois, segundo os jornais noticiavam, as escolas de samba eram as agremiações que mais demoravam em suas apresentações, bem

¹⁷⁰ Passarela no chão. *Jornal do Commercio*, 11 de fevereiro de 1967, p. 05. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁷¹ Agremiações terão apenas 30 minutos para a exibição. *Jornal do Commercio*, 16 de fevereiro de 1966, p. 03. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE

¹⁷² Agremiações terão apenas 30 minutos para exibição. *Jornal do Commercio*, 16 de fevereiro de 1966, p. 03. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE

como eram as que atraíam os maiores olhares do público e com isso provocavam ciúmes em outros grupos carnavalescos.¹⁷³

Inicialmente a passarela, idealizada pelos membros da ACCR, foi construída com recursos dessa entidade e guardada no almoxarifado da Prefeitura Municipal. Em anos posteriores, com a criação da COC (Comissão Organizadora do Carnaval) em 1964 ganhou cada vez mais destaque dentro da ‘nova filosofia’ para os dias de folia em Recife. E com a importância dada aos desfiles na passarela nesses anos provocou, para os intelectuais defensores do ‘tradicionalismo histórico da festa carnavalesca’, a ‘decadência’ do carnaval de rua. Os foliões passaram a concentrar-se nas arquibancadas armadas em torno da passarela, bem como nos clubes que realizavam atrativas festas durante os dias de momo.

A Passarela foi acusada pelos tradicionalistas de transformar os foliões recifenses em meros espectadores dos festejos, ao passo que desprestigiava as agremiações locais em nome de outras alienígenas, ou seja, as escolas de samba. Durante os anos de 1960 o modelo festa com a construção das arquibancadas paralelas a passarela foi se consolidando, ao passo que foi violentamente combatido nos jornais, pelos intelectuais ‘puristas’. As arquibancadas e a passarela ganhavam destaque dentro da disputa entre os modelos de carnaval ‘espetáculo’ e participação.¹⁷⁴ Sobre os conflitos em torno das duas práticas de festa para os Dias Gordos, Waldemar de Oliveira¹⁷⁵ salientou:

¹⁷³ O samba venceu nos Guararapes, *Diário da Noite*, 28 de fevereiro 1962, p. 01; Um show de samba na terra do frevo, *Diário da Noite*, 07 de março de 1962, p. 08; Estudantes deu uma aula de samba na terra do frevo, *Diário da Noite*, 03 de março de 1965, p. 01; Samba está crescendo na capital quente do frevo. *Diário da Noite*, 03 de março de 1965, p. 11; Multidões de Foliões prestigiou “O samba no Pátio do Terço”. *Diário da Noite*, 20 de fevereiro de 1966, p. 02; Samba Ganhou mais pontos. *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 16, II edição; Escolas dominaram na segunda. *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, p. 02, I caderno; Escolas de samba mais fortes. *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, p. 08, II caderno; Samba desce do morro e invade Boa Viagem. *Diário da Noite*, 05 de fevereiro de 1972, p. 03, I Caderno; Frevo perde de novo na passarela. *Diário da Noite*, 16 de fevereiro de 1972, p. 03, I Caderno; Frevo perde mais uma vez: só deu samba na passarela. *Diário da Noite*, 16 de fevereiro de 1972, p. 03, I caderno; Municipal e desfile das escolas de samba foram ponto alto do carnaval. *Diário da Noite*, 17 de fevereiro de 1972, p. 02, II caderno; A elevação do samba, *Última Hora*, 29 de fevereiro de 1964, p. 08; Em ritmo de samba, *Última Hora*, 11 de março de 1964, p. 09; Exaltação ao Samba – festa que marcará época. *Correio do Povo*, 23 de janeiro de 1961, p. 04; Samba na avenida. *Diário de Pernambuco*, 21 de fevereiro de 1971, p.08, I caderno; Sambistas descem do morro para a avenida. *Diário de Pernambuco*, 25 de fevereiro de 1971, p. 04, II caderno; Nelson Ferreira não entende porque tanto samba em Pernambuco. *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1964, p. 06; Samba pede passagem. *Jornal do Commercio*, 24 de fevereiro de 1966, p. 18; Gigante quer mostrar que samba tem a sua vez. *Jornal do Commercio*, 04 de fevereiro de 1967, p. 22. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE

¹⁷⁴ Prefeitura começou a construção de arquibancadas. *Jornal do Commercio*, 05 de janeiro de 1964, p. 13. Arquibancadas ainda é problema para a COC. *Diário da Noite*, 11 de fevereiro de 1971, 1º caderno, p. 03. Prefeitura fará arquibancadas. *Diário da Noite*, 14 de janeiro de 1970, 2º caderno, p. 01. Arquibancada para o público ainda é problema difícil. *Diário da Noite*, 15 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Prefeitura resolveu armar arquibancadas. *Diário da Noite*, 19 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 07. Confusa a questão das arquibancadas. *Diário da Noite*, 20 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Arquibancadas problemas ainda sem solução. *Diário da Noite*, 21 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Lucilo garante: haverá arquibancadas. *Diário da Noite*, 23 de janeiro de 1970, 1º caderno, p.02. Empetur cede arquibancadas: 800 lugares. *Diário da Noite*, 28 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Arquibancadas terão lugar para 4.300. *Diário da Noite*, 29 de janeiro de

Já que estamos em pleno carnaval, seja, o assunto carnaval. É só escolher. Por exemplo: o Secretário Lucilo Ávila Pessoa, em cuja pele não gostaria de estar nessa época difícil, perguntou-me, numa das últimas sessões do Conselho Municipal de Turismo: que critério deve predominar, para o carnaval de rua do Recife? Espetáculo ou participação? Em miúdos: deve o carnaval destinar-se à pura visão e deleite do povo ou ser estimulado para que o povo participe dele? Pegado de surpresa, minha primeira idéia foi que o melhor seria organizá-lo como participação durante o dia e como espetáculo a noite. Está visto que foi uma idéia sem maior consistência, pelos muitos inconvenientes que trás, talvez mesmo pela sua quase inexecutabilidade. Considerei, depois, que se o carnaval está evoluindo, deixemo-lo evoluir, o sabor das próprias tendências do povo, restando-nos, apenas, assegurar, tanto quanto possível, a continuidade de suas melhores tradições. O que porém me parece certo, indiscutivelmente certo, agora que matuto melhor o assunto, é intervir para que os desfiles dos nossos clubes pedestres visem a maior participação do povo (organizem-se, com antecedência, concursos de passo), convencendo-se, as suas diretorias, de que espetaculosidade de guarda roupa nada adiantam. Salvem-se o balisa, o porta estandarte (e o próprio estandarte), o cordão e, se querem, a chamada comissão de frente. Na verdade, de um clube pedestre o que se quer ver, além dos pontos em que já toquei, é a fanfarra e é a onda, sinal da excelência do excitante música e da preferência clubística. Tudo o mais cai a pano secundário, inclusive as famosas taças de metal. Outras agremiações carnavalescas, ao contrário, concorrem para ser vistas, admiradas, louvadas, pelo guarda roupa da dança, pelo esquema geral da organização. Estão no caso o maracatu, com pouca 'participação', os caboclinhos (com nenhuma), os blocos e as escolas de samba, que é especificamente de 'espetáculo'. Posso ir a rua para ver o desfile de uma escola de samba, de um caboclinho, de um maracatu, de um bloco (que deve também deixar-se de 'fantasias'), porque todos são espetáculo. O clube pedestre, não: não deve tender a outra coisa que não seja provocar a 'participação' do povo. Assim, estaria bem dividido o carnaval recifense.¹⁷⁶

Esse debate em torno de um 'modelo' de carnaval para a cidade do Recife se prolongará pelas décadas de 1970 e 1980. Período em que o 'carnaval espetáculo', e as escolas de samba ganharam força. E os intelectuais 'tradicionalistas' combatiam violentamente esse cenário, acusando os organizadores do carnaval da capital pernambucana

1970, 1º caderno, p. 02. Arquibancadas serão armadas na 3ª feira. *Diário da Noite*, 30 de janeiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Arquibancadas já estão sendo vendidas. *Diário da Noite*, 04 de fevereiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Arquibancadas também na Guararapes. *Diário da Noite*, 05 de fevereiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Povo reclama de desconforto das arquibancadas. *Diário da Noite*, 07 de fevereiro de 1970, 1º caderno, p. 02. Prefeitura monta arquibancadas para 6 mil pessoas. *Jornal do Commercio*, 08 de fevereiro de 1972, 1º caderno, p. 12. Arquibancadas terão lugar para acomodar sete mil espectadores. *Diário de Pernambuco*, 04 de fevereiro de 1972, 1º caderno, p. 03. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE

¹⁷⁵Waldemar de Oliveira nasceu no dia 02 de maio de 1900, na cidade do Recife-PE. Em 1918 foi estudar medicina em Salvador, onde se formou em 1923, defendendo um trabalho sobre musicoterapia. Regressando ao Recife, passou a escrever no *Jornal do Commercio* e a partir de 1935, manteve a coluna, 'A Propósito', dedicada a música e ao teatro. Foi médico, professor, jornalista, teatrólogo, compositor, escritor, crítico de arte, foi membro da Academia Pernambucana de Letras, da Academia Pernambucana de Médicos, da Academia Pernambucana de Música, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico. Foi diretor do Teatro Santa Isabel, membro da Comissão Pernambucana de Folclore. Escreveu vários livros, na área do folclore destaque para *A Recriação Popular* (1966); e *Frevo, Capoeira e Passo* (1971), entre outros. Morreu em 18 de abril de 1977, na cidade do Recife, In: MAIOR, Mário Souto. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, p. 178-179, 1999.

¹⁷⁶ OLIVEIRA, Waldemar. Crônica da cidade: espetáculo ou participação. *Jornal do Commercio*, 08 de fevereiro de 1970, 1º caderno, p. 04. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

de ‘descaracterizarem’ o festejo.¹⁷⁷ Para esses intelectuais, os dias em homenagem a momo no Recife deveriam preservar a sua tradição pautada na espontaneidade dos foliões, sem a sua divisão entre espectadores e participantes, ou seja, sem o modelo de carnaval ‘espetáculo’. Sobre o formato de ‘festa espetáculo’ um folião expôs:

O carnaval deve ser festa do povo e não espetáculo para o povo na opinião do velho folião e caricaturista Felix. Fundador do Clube Toureiros e da Troça ‘linguardos’ o antigo jornalista do Recife Velho e que tantos carnavais participou, Felix, hoje afastado da folia dedicando-se exclusivamente a rabiscar caricaturas de amigos no ‘Buraco do Pontes’ e a torcer pelo América, não deia esconder a sua revolta diante da situação a que levaram o nosso carnaval e rua, com a transformação dos clubes, blocos e troças em grupos de exibição e seus modestos integrantes em ‘artistas anônimos’.

POVO NÃO PARTICIPA

O caricaturista Felix – como velho folião e dirigente de agremiações – lamenta que o povo não possa, presentemente, participar da ‘onda do frevo, acompanhar os seus cordões prediletos e fazer o passo à vontade ao som de suas orquestras. Hoje, o que se verifica – prossegue – é o povo apático, de braços cruzados, estendido pelas avenidas, mantido a distancia das agremiações por cordas de isolamento, com direito apenas a apreciar o desfile das fantasias. Até as orquestras – diz o velho protagonistas de vários carnavais – não parecem mais aquelas do passado. O que tenho observado ultimamente é a apresentação de duas ou três agremiações, perante o palanque das autoridades, tocando o mesmo frevo, como se cada clube, cada troça, não possuísse o seu repertório musical próprio. Antigamente eram as orquestras de trombonadas e muito metal que assinalavam o ponto alto do nosso carnaval de rua. Outrora, as agremiações não davam muita bola para as fantasias. A calça branca, o sapato de tênis e a camisa de meia compunham a fantasia ideal. Toda a força era dedicada as fanfarras e clube nenhum tocava musica de outro nem marcha de concurso. Somente o hino da federação’ era comum a todas.¹⁷⁸

A introdução da passarela modificou a estrutura organizacional do carnaval em Recife. Contribuiu de forma significativa para as mudanças na forma de muitas agremiações apresentarem-se. Entretanto, sua presença foi veementemente combatida, por ‘descaracterizar os festejos’, como afirmavam alguns intelectuais tradicionalistas. Durante esses anos, pela leitura dos jornais pude visualizar que a passarela foi inúmeras vezes, invadida pelos foliões em pleno momento da apresentação dos grupos carnavalescos. E isso foi mais um motivo para sua presença ser criticada por quem era contrário a sua presença.

¹⁷⁷ Carnaval deve ser do povo. *Diário da Noite*, 24 de janeiro de 1972, 2º caderno, p.02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁷⁸ Félix: carnaval agora é ‘para’ e não ‘do’ povo. *Diário da Noite*, 23 de janeiro de 1968, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.



Imagem 03: Carnaval do Passista. Pracinha do Diário em 1958. Acervo do Museu da cidade do Recife – MCR. Localização: 02153. Fotógrafo: Mário de Carvalho.



Imagem 04: Palanque montado ao longo da passarela, carnaval de 1957. Acervo do Museu da Cidade do Recife – MCR. Localização: 03185. Fotógrafo: Severino Fragoso.

Quando montavam a passarela, os organizadores do carnaval também construíam as arquibancadas, onde os lugares eram vendidos ao público em geral. No entanto, no dia dos desfiles das agremiações, a organização dos festejos não conseguia conter os foliões que

invadiam o espaço destinado a quem tinha comprado os ingressos, bem como a extensão reservada para a apresentação dos grupos.¹⁷⁹

E por que o povo se comportava assim, tão maleducadamente, invadindo domínios que não eram seus, em lugar de limitar-se à multidão. A explicação é fácil: acabaram com a passarela da pracinha. A passarela era alta e permitia que o povo, acotovelado em baixo, visse tudo. A pracinha se enchia e os desfiles eram visíveis até para os caminhões que se enfileiravam a porto do 'Diário'. Acabaram com a passarela. E o que fizeram? Resolveram que o desfile fosse no chão, muito bem. E marcaram lugar especial para que as agremiações pudessem mostrar-se em todo o seu esplendor, e diante desse pedaço, ergueram palanque para a comissão Julgadora, e outros para autoridades, e outros para quem tivesse dinheiro para pagar, toda uma malta de privilegiados. Ora, o desfile antes emergente, submergia para o chão liso, o povinho de onde é que podia ver os conjuntos 'se mostrarem'. Resultado: invadiu a 'pista gigante', foi posto para fora, a coisa melhorou, depois piorou e foi aquele estrupício todo [...]. Tudo por causa da implicância do povo, que queria ver, no chão, o que outrora via no alto da passarela da Pracinha. Como se o espetáculo fosse para ele e não para os felizes dos palanques.¹⁸⁰

A passarela foi se consolidando dentro de um formato de festa, denominado nos jornais de 'carnaval espetáculo', que aos poucos ia afirmando o desfile das escolas de samba como as grandes atrações dos festejos momescos. E com isso os 'intelectuais tradicionalistas' lançavam nos periódicos, cada vez mais críticas sobre a concepção de carnaval espetáculo e conseqüentemente, sobre o samba. No entanto, essas questões não ficavam no campo do mero debate, refletiam em ações políticas como o incidente da retirada das passarelas e a proibição das arquibancadas em 1980.¹⁸¹

¹⁷⁹ Povo teve dificuldade para ver o desfile. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, 2ª edição, 2º caderno, p. 01. Comissão Julgadora, a confusão na passarela. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, 2ª edição, 2º caderno, p. 01. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁸⁰ OLIVEIRA, Waldemar. Crônica da cidade: passarela no chão. *Jornal do Commercio*, 11 de fevereiro de 1967, p. 05. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁸¹ Em finais dos anos de 1970 o então Prefeito da cidade, Gustavo Krause, extinguiu a Empresa Metropolitana de Turismo (EMETUR) e suas atribuições junto ao carnaval foram transferidas para a recentemente criada Fundação de Cultura da Cidade do Recife que procurou reorganizar os festejos momescos. Entre 1980 e 1983 a Fundação de Cultura da Cidade do Recife, sob a direção de Leonardo Dantas Silva, autorizou a retirada das passarelas para a apresentação das agremiações nos dias de momo – processo nomeado nos jornais de 'despasserelização' - e espalhou a comissão julgadora em diversos pontos divididos pelas ruas da capital pernambucana. SILVA, Leonardo Dantas. Elementos para a História Social do Carnaval do Recife, In: *Antologia do Carnaval do Recife*. Mário Souto Maior e Leonardo Dantas Silva (Orgs.). Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, p. LXXXIV, 1991.

1.3.4As metamorfoses de uma festa

Vou jogar água que é de cheiro,
Confete e serpentina,
Vou lançar perfume no
Cangote da menina!¹⁸²

Durante o recorte temporal, na análise das matérias dos jornais pude interpretar que diversas práticas carnavalescas estavam sendo ressignificadas pelos foliões. No decorrer dos anos de 1955 a 1972, formas de se ‘brincar’ os dias de momo como, o corso, o mela-mela, o escape-livre e o lança-perfume, tiveram suas práticas combatidas por destoarem de um modelo de festa idealizado por parte da intelectualidade e pelo poder público municipal.

De acordo com o que pude identificar, inúmeros intelectuais escreviam nos jornais criticando as mudanças que as formas de se fazer os dias gordos estavam passando. Para esses sujeitos tanto o corso, como o mela-mela e o lança-perfume já não tinham mais a mesma atratividade do passado, pois haviam se transformado em práticas ‘selvagens’, e com isso destoavam de um carnaval alegre, contagiante e que atraía milhares de pessoas todos os anos às ruas, como era o de Recife.

Uma das principais práticas carnavalescas que recebiam críticas nesses anos era o corso, uma brincadeira de estilo europeu que consistia basicamente num desfile de carros ornamentados, geralmente de capotas arriadas, que se deslocavam pelas principais vias do centro da capital pernambucana transportando foliões fantasiados, que travavam batalhas de confetes e serpentinas.

Segundo parte da historiografia o corso foi importado do carnaval carioca para o Recife por Ramos de Freitas¹⁸³ nas primeiras décadas do século XX, com o intuito de tentar criar meios para que os grupos sociais mais abastados pudessem brincar o carnaval nos espaços públicos, sem se sentirem ameaçados pelo grosso da população.¹⁸⁴

¹⁸² Festa profana, samba enredo da União da Ilha do Governador, 1989.

¹⁸³ Ramos de Freitas foi escolhido para inspetor de Polícia do Recife entre os anos de 1920 e foi apelidado de Beijola, devido a seus lábios salientes. Ramos de Freitas era motivo de muitas críticas, piadas e até marchinhas carnavalescas. Era conhecido na cidade pela fama de autoritária e rigorosa quando o assunto em pauta eram manifestações de rua, passeatas, greves e alguns hábitos e tradições das camadas populares considerados impróprios pelos grupos de elite, In: COUCEIRO, Sylvia Costa. *Artes de Viver a Cidade: Conflitos e Convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos de 1920*. Recife: Tese de Doutorado em História da UFPE, PP. 255 – 257, 2003.

¹⁸⁴ Sobre isso ver os trabalhos de: SANTOS, Mário Ribeiro dos. *Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930 – 1940)*. Recife: Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura Regional, UFRPE, p. 71, 2010; VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *Op. Cit.* PP. 113 – 114.



Imagem 05: Corso. Carnaval de 1957 na Rua Nova. Museu da Cidade do Recife – MCR.Localização:07354. Fotógrafo não identificado.

Durante esses anos a prática do corso recebeu inúmeras críticas nos jornais. Alguns intelectuais, como o Mário Melo, combatiam veementemente sua presença no carnaval desde os anos de 1920, “Quem conheceu o carnaval do Recife, típico, único no seu gênero e viu o que se está desenrolando, poderá dizer que houve um corso de automóveis, [...], mas conscientemente não dirá que houve carnaval”.¹⁸⁵ Para parte da intelectualidade o corso, semelhantemente as escolas de samba, era entendido como uma manifestação carioca, e não deveria habitar por terras pernambucanas. Entretanto, segundo os jornais durante os anos de 1950 e 1960, o corso era uma das maiores atrações do carnaval recifense.¹⁸⁶

¹⁸⁵MELO, Mário. Mais uma tradição que morre. *Diário de Pernambuco*, Recife, 12 Fev. 1929, p. 01. Apud. ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. DIP DOPS no frevo. Carnaval, política e identidade cultural em Pernambuco: 1930-1945. p. 91. In: GUINLLEN, Isabel Cristina Martins. *Tradições & Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

¹⁸⁶ Protestos na COC contra o corso divorciado da folia. *Jornal do Commercio*, 18 de janeiro de 1968, I caderno, p. 10. O corso, a salvação. *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 12. , sem excessos de pós e água. *Diário da Noite*, 25 de fevereiro de 1965, capa. COC vai decidir se corso será pago. *Diário da Noite*, 20 de janeiro de 1970, I caderno, p. 02. Taxa de corso é ilegal. *Diário da Noite*, 21 de janeiro de 1970, I caderno, p. 02. Novo itinerário do corso só amanhã. *Diário da Noite*, 27 de janeiro de 1970, I caderno, p. 02. Reboque do corso custo caro: NCr\$ 32, 00. *Diário da Noite*, 04 de fevereiro de 1970, I caderno, p. 02. Taxa de corso. *Jornal do Commercio*, 19 de janeiro de 1965, p. 15. Carnaval já tem definido itinerário de clubes e corso será definido hoje. *Jornal do Commercio*, 09 de janeiro de 1970, I caderno, p. 03. COC, CTU e DETRAN debatem o corso hoje. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1970, I Caderno, p. 12. Corso faz CTU desligar os ônibus elétricos antes da hora. *Jornal do Commercio*, 29 de janeiro de 1970, I caderno, p. 12. Itinerário do corso vai ser o mesmo do ano passado. *Jornal do Commercio*, 12 de janeiro de 1972, I caderno, p. 12. Itinerário do corso não será modificado. *Jornal do Commercio*, 15 de janeiro de 1972, I caderno, p.12. Corso mais amplo. *Diário de Pernambuco*, 09 de janeiro de 1968, I caderno, p. 03. Novo plano para o corso será elaborado e submetido à aprovação da COC, 4ª feira. *Diário de Pernambuco*, 13 de janeiro de 1968, I caderno, p. 06. COC volta a debater itinerário do corso, mas nenhuma decisão tomou: protesto. *Diário de Pernambuco*, 18 de janeiro de 1968, I caderno, p. 06. COC disposta a separar corso dos desfiles das agremiações. *Diário de Pernambuco*, 21 de janeiro de 1968, II caderno, p. 05. Lucilo quer ser ‘secretário do carnaval’: COC resolve corso na próxima semana.

O debate em torno da prática do corso nos jornais permeava os mais variados temas. Iam desde o local onde os carros desfilariam, passando pelos excessos cometidos pelos foliões que participavam do desfile durante os dias gordos. Os participantes do corso, ainda nas semanas que antecediam a festa de momo, aprontavam seus carros, incrementando-os com confetes e serpentinas, fazendo desenhos, removiam o cano de escapamento para que pudesse fazer mais barulho (escape-livre) e tiravam os tetos solares.

No entanto, o problema do corso para os organizadores do carnaval, bem como para a polícia eram os foliões mais exagerados, que chegavam a subir nos para-lamas e se debruçavam nos carros, o que ocasionava o risco de caírem sobre o público presente que ficava nas calçadas participando da festa momesca. Outra crítica que a prática do corso enfrentou foi pelo fato de muitos foliões usarem substâncias consideradas proibidas por causar males à saúde, como o talco e o lança-perfume. Embora muitos foliões alegassem que sua intenção em usar esses materiais fosse apenas para a diversão e não para prejudicarem os demais participantes da ‘brincadeira’. E segundo o historiador Diogo Barreto Melo esse conjunto de motivos fez com que a polícia olhasse com mais cuidado para os foliões que participavam do corso.¹⁸⁷



Imagem 06: Corso animado, sem excessos de pós e água. *Diário da Noite*, 25 de fevereiro de 1965, capa. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

Diário de Pernambuco, 05 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 06. Mais uma vez COC juntou desfile de clubes ao corso. *Diário de Pernambuco*, 09 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 16. Proibição do ‘mela-mela’ e o rigoroso policiamento enfraquecem corso do Recife. *Jornal do Commercio*, 17 de fevereiro de 1972, I caderno, p. 03. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁸⁷MELO, Diogo Barreto. *Brincantes do Silêncio: a atuação do Estado Ditatorial no Carnaval do Recife (1968 – 1975)*. Recife: Dissertação de Mestrado em História da UFRPE, p. 180, 2011.

Com o passar dos anos a prática do curso havia se modificado daquela inicialmente estabelecida nos anos de 1920 na capital pernambucana. Os foliões que participavam do carnaval em Recife durante a década de 1960 lhes atribuíram diferentes significados, o que para as autoridades estava transformando o curso numa prática ‘selvagem’ e destoava dos padrões de civilidade almejados para o período. Durante a passagem do curso alguns foliões atiravam no público presente talco, farinha de trigo e saíam pelas ruas com as mãos meladas de batom para passarem uns nos outros. E segundo as matérias dos jornais, essas ações passaram a causar receio em parte da população de participar da ‘brincadeira’.

Outra prática que atraía a participação de parcela significativa da população era o escape-livre. Durante os dias de momo, diversos foliões retiravam o cano de escape de seus automóveis, o que ocasionava um ‘barulho’ ensurdecador, e desfilavam pelas principais ruas da capital pernambucana.¹⁸⁸ Apareciam matérias nos jornais criticando os distúrbios sonoros causados pela presença da prática do escape-livre durante o carnaval. O jornalista Mário Melo foi um dos que mais combateu a prática e a definiu como um ‘mal ao carnaval recifense’.¹⁸⁹

As críticas do Mário Melo ao uso do escape-livre no carnaval da capital pernambucana remontavam aos anos de 1930. Os jornais da época estavam repletos de crônicas do jornalista citado, mencionando sua opinião contrária a prática, bem como aos males trazidos por sua presença aos festejos de momo na cidade. Para Melo, o carnaval muitas vezes era um insucesso devido ao escape-livre, salientava que seu uso, ‘calava o grito harmonioso da voz do povo ao cantar as principais músicas do carnaval’.¹⁹⁰

Oh jogar água, amor,
Limão de cera,
Oh vale tudo nessa brincadeira!¹⁹¹

Outra prática carnavalesca que movimentou os dias de momo em Recife foi o lança-perfume. Os foliões saíam de suas casas munidos dos tubos do produto para as ‘batalhas de

¹⁸⁸ Ameaçado o povo de brincar o carnaval sem o escape-livre. *Correio do Povo*, 08 de fevereiro de 1956, p. 02. Apoio unânime da comissão organizadora ao uso do escape-livre. *Correio do Povo*, 30 de janeiro de 1957, p. 06. Com água, escape-livre e ‘qual é o pó’, Recife viveu o melhor carnaval do mundo. *Correio do Povo*, 12 de fevereiro de 1959, p. 06. Com escape-livre, lança-perfume e ordem, o Recife entregue aos festejos carnavalescos. *Folha da Manhã*, 20 de fevereiro de 1955, capa. Contra o escape-livre. *Folha da Manhã*, 24 de janeiro de 1956, p. 09. Aristófares da Trindade vai aposentar-se do carnaval e é a favor do escape-livre. *Diário da Noite*, 06 de fevereiro de 1959, p. 02. Será permitido este ano o uso do escape-livre. *Jornal do Commercio*, 09 de fevereiro de 1957, p. 03. Foi oficializado o escape-livre. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1958, p. 09. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁸⁹ Fora com a Passarela! *Jornal do Commercio*, 12 de fevereiro de 1957, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁹⁰ PARAÍSO, Rostand. Cadê Mário Melo? Recife: Comunigraf, 1997.

¹⁹¹ Samba Enredo da Escola de Samba do Rio de Janeiro, Imperatriz Leopoldinense. *Marquês que é Marquês do Sassarico é freguês*, 1993.

cheiro' que era uma das maiores atrações da folia. Os rapazes costumavam 'flertar' com as garotas borrifando o líquido em seus pescoços. Em virtude da atratividade que provocou, as propagandas sobre o lança-perfume foram uma constante nos jornais da cidade.

No entanto, desde o ano de 1941 estava proibido o uso do lança-perfume no carnaval recifense.¹⁹² Os organizadores do carnaval acreditavam que o fato de alguns foliões aspirarem éter durante os dias momescos e assim, cometerem atos indevidos, bem como o mau uso do recipiente do produto poderia prejudicar a imagem do carnaval pernambucano de 'melhor do mundo'. Entretanto, mesmo após a proibição o lança-perfume continuou sendo usado nos dias momescos.¹⁹³

Mas, pelo que pude interpretar da análise das matérias dos jornais, a 'coqueluche' dos dias de folia durante os anos de 1955 e 1972 foi a prática do mela-mela. Em tempos outrora as brincadeiras da molhadela estavam associadas ao entrudo, que foi violentamente combatido pelas autoridades por destoarem dos padrões de civilidade defendidos pelas elites para o Brasil. No entanto, mesmo cerceado as práticas do molha-molha conviviam com outras formas de se fazer os dias de momo na capital pernambucana durante os anos da pesquisa.

As ruas do Recife ficavam repletas de foliões que atiravam uns nos outros jatos d'águas por meio das bisnagas, bem como também talco e farinha de trigo, o importante era deixar o outro 'todo melado' ou mesmo molhado. Muitas vezes, o líquido precioso passava da água limpa para a suja, ou até mesmo urina, lama ou gasolina. Alguns jornalistas não viram com satisfação a prática da molhadela, a julgavam incivilizada e pregavam que mesmo em dias de folia deveria ser respeitado a liberdade e o direito dos cidadãos caminharem pelas ruas.

Estamos em pleno reinado da folia, o pernambucano que se orgulha de brincar o melhor carnaval do mundo, alias por muitas razoes, a esta hora deve estar se esbaldando nas ruas da terceira cidade do país, ao ritmo contagiante do frevo. Tudo começou propriamente ontem, com tradicional entrudo da rua Nova, onde as mocinhas não podiam passar sem que fossem pintadas depois de um bom banho de talco. Até os japoneses que estão de passagem pelo nosso porto não foram poupados pelos foliões, que os fizeram sair do comércio, onde realizavam algumas compras, completamente sujos de batom e farinha de trigo e outros até mesmo molhados dos

¹⁹² VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *A fresta do Estado e o brinquedo para os populares: histórias da Federação Carnavalesca Pernambucana*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, p. 102, 2010.

¹⁹³ Séria ameaça ao carnaval a proibição do lança-perfume. *Correio do Povo*, 06 de fevereiro de 1955, p. 02. Decisão do uso de lança-perfume. *Correio do Povo*, 17 de janeiro de 1956, p. 03. Lança-perfume. *Correio do Povo*, 17 de janeiro de 1956, p. 05. Liberado o lança-perfume nas ruas e nos clubes do Recife. *Correio do Povo*, 18 de janeiro de 1956, p. 03. Baixou o preço do lança-perfume. *Folha da Manhã*, 20 de fevereiro de 1955, capa. Vereador critica a proibição de lança. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1972, I caderno, p. 12. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

pés a cabeça como tivemos oportunidade de ver e ficamos até penalizados com os visitantes nipônicos, que talvez nunca tivessem visto, até então, tanta balburdia e sujeira. Sabemos que isto constitui a alegria eminentemente popular pois o pobre que não tem dinheiro para gastar nos clubes ‘exploradores’, diverte-se mesmo na rua sujando os seus semelhantes. Até ai tudo bem, porém podiam ser evitados alguns excessos que se constitui em abuso dos mais exaltados os quais se aproveitam destas ocasiões propicias à anarquia para mostrar de seu caráter de irracionais. Uma senhora, por exemplo, de luto fechado e além do mais enferma passava pela rua Duque de Caxias se esquivando da confusão quando foi abordada de maneira brutal por uns ‘engraçadinhos’ os quais não respeitaram nem mesmo aos justos reclamos da mulher que saiu quase chorando do local. Os ‘tarados’ não se fizeram ausentes destas manifestações, e as suas brincadeiras visavam sempre os brotinhos, que muitas vezes foram por eles ‘apertados’ em plena via pública. Somos favoráveis cem por cento, à liberdade do povo nestes dias em que Momo (Primeiro e Único) é soberano absoluto, no entanto, deve haver uma certa moderação, para que cenas desagradáveis não venham empanar o brilho de nossa festa, levando-se sempre em consideração que a nossa alegria não deve ser a causa de tristeza para outros.¹⁹⁴

A prática do mela-mela na capital pernambucana durante o carnaval atraía milhares de pessoas. As ruas ficavam repletas de indivíduos que se divertiam com o ‘simples’ ato de atirar água uns nos outros, “[...] A meninada não compreende mais o carnaval de outra maneira, senão à custa de água, de talco e goma, de carvão e lama, de graxa e urina, de soda cáustica [...]”.¹⁹⁵ Os excessos cometidos por parcela dos foliões causou preocupações relevantes as autoridades públicas, culminando na proibição da prática no início dos anos de 1970. Os jornais estavam repletos de matérias dos que se pronunciavam contra ou mesmo a favor da prática do mela-mela.¹⁹⁶

¹⁹⁴ TOJAL, Luiz. Excessos momescos. *Correio do Povo*, 12 de fevereiro de 1956, p. 07. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁹⁵ OLIVEIRA, Waldemar. Crônica da cidade: o mais sujo entrudo do mundo. *Jornal do Commercio*, 06 de fevereiro de 1970, I caderno, p. 12. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁹⁶ Mais ordem no mela-mela e jatos d’água. *Diário de Pernambuco*, 26 de fevereiro de 1972, 2º caderno, p. 02. Zé Pereira e o entrudo. *Jornal do Commercio*, 04 de fevereiro de 1967, p. 22. OLIVEIRA, Waldemar. Crônica da cidade: o mais sujo entrudo do mundo. *Jornal do Commercio*, 06 de fevereiro de 1970, I caderno, p. 12. COC só é contra mela-mela. *Diário da Noite*, 27 de janeiro de 1972, I caderno, p. 03. Mela-mela dá cadeira. *Diário da Noite*, 05 de fevereiro de 1972, capa. Léllis vai prender menor que brincar com água no carnaval. *Diário da Noite*, 04 de fevereiro de 1969, II caderno, p. 06. Carnaval de água e lama. *Diário de Pernambuco*, 25 de fevereiro de 1971, I caderno, p. 04. Foliões concordam com o fim do mela-mela. *Diário de Pernambuco*, 17 de fevereiro de 1971, I caderno, p. 03. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.



Imagem 07: mais ordem no mela-mela e jatos d'água. *Diário de Pernambuco*, 26 de fevereiro de 1972, II caderno, p. 02. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

Para os que estavam a favor da permanência do mela-mela, a consideravam uma prática 'tradicional' dos festejos carnavalescos da cidade, e caso fosse realmente proibida era mais uma 'tradição' do carnaval que estava morrendo.¹⁹⁷ Já o outro grupo, os que viam a necessidade de proibir a prática, a julgavam selvagem e atribuíam ao fato da sua permanência o motivo do êxodo durante a folia de parcela da população, bem como a diminuição de turistas vindos de outros lugares para os festejos de momo no Recife, em virtude do mela-mela.¹⁹⁸

Tenho a impressão que a meninada está acabando, pouquinho a pouquinho com o carnaval do Recife. [...] Disse-me o Aldemar Paiva que, no ano passado, havia no Hotel Guararapes sete quartos ocupados com pessoas que provavelmente haviam vindo ver o 'melhor carnaval do mundo'. Pois, estavam todos acuados, dentro dos quartos, temerosos de sair à rua para não voltar cobertas de graxa, de lama, de piche e coisas semelhantes. Vejo os jornais largamente informando coisas sobre os pedidos de acomodações nos hotéis durante o carnaval parecendo que, com isso, estão integrados na política do bom turismo. Não adianta. Parece-me que isso de hotéis ocupados já não se registra no Recife, em tempo de carnaval. Ninguém, salvo se ignora a realidade tristíssima, vem ao Recife para enclausurar-me num quarto de hotel e só sair depois das dez da noite, para um baile de carnaval – e isso mesmo correndo da porta do hotel para a porta do automóvel, porque penteados, fantasias, trajes finos podem ser atacados, repentinamente, pela pior espécie de folião (diurno) que há: o folião pernambucano.¹⁹⁹

¹⁹⁷ Vereador defende 'mela-mela' no carnaval. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1972, I caderno, p. 06. Folião acha que carnaval se faz com muito barulho. *Jornal do Commercio*, 24 de fevereiro de 1966, p. 10. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁹⁸ Turistas não vêm ao Recife por causa do mela-mela. *Diário de Pernambuco*, 11 de fevereiro de 1972, I caderno, p. 12. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

¹⁹⁹ OLIVEIRA, Waldemar. Crônica da cidade: o mais sujo entrudo do mundo. *Jornal do Commercio*, 06 de fevereiro de 1970, I caderno, p. 12. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

Os primeiros anos da década de 1970 foram marcados por uma preocupação mais ostensiva do governo federal com as manifestações populares, desde a promulgação do Ato Institucional nº 5 em 1968. O aparato policial existente, anterior ao Regime Militar, foi reestruturado, as delegacias tornaram-se órgãos investigativos. A sociedade estava sendo vigiada e as condutas cotidianas que pudessem perturbar a pretensa ordem político-social cerceada.²⁰⁰ E essa postura controladora repercutiu também no carnaval. Assim, desde o final dos anos de 1960 as autoridades municipais recifenses enrijeceram as medidas de coibição a prática do mela-mela. E os excessos cometidos por parcela dos foliões pareciam estar com os dias contatos.



Imagem 08: Policiais reprimem a brincadeira do “mela-mela” na Avenida Guararapes. *Jornal do Commercio*, 29 de fevereiro de 1968, p. 11, II Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano -APEJE.

Por meio da leitura dos jornais da época é possível visualizar inúmeras imagens que demonstram uma ação ostensiva da polícia contra os foliões. No entanto, mesmo com a proibição de determinadas práticas carnavalescas os foliões, nem sempre, levavam a sério os interditos, insurgindo-se ao seu modo, “aos excessos de zelo” das autoridades. Os atritos entre foliões e policiais eram, segundo aqueles, encorajados pela bebida que os tornavam desafiadores das regras do ‘bom convívio’, tanto no espaço público como nas relações sociais.

Proibição ao mela-mela, ao escape-livre, ao lança-perfume, cerceamento da prática do corso, ascensão da folia nos clubes, todas essas questões, segundo algumas matérias

²⁰⁰ Para um maior esclarecimento da atuação da censura durante o período da Ditadura Militar ver, entre outros: FICO, Carlos. O Estado contra o povo, In: *Como eles agiam. Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

publicadas nos jornais, desdobraram numa ‘decadência’ do carnaval de Rua do Recife. De acordo com as informações dos periódicos a cada ano que se passava os festejos nas ruas iam perdendo prestígio junto aos foliões.²⁰¹ E jornalistas escreviam condenando àquela situação do carnaval de rua da cidade, bem como os administradores dos dias de momo procuravam criar estratégias para ‘salvar’ a folia.

Que o nosso carnaval de rua, de ano para ano tem decaído, é fato sem contestação. Com efeito, não se vê mais aquela animação de antigamente, quando as ruas se enchiam de gente que se esbaldava no frevo, acompanhando blocos, clubes, troças, caboclinhos e maracatus. Até os palhaços, os arlequins, os dominós e os pierrôs abandonaram a rua, trocando as suas fantasias por uma camisa esportiva qualquer, para apreciar, apenas, o que resta do carnaval fora dos clubes. Não há mais carros alegóricos, não há mais serpentinas. Não há mais corso, que é outro complemento do carnaval, aos poucos desaparecendo, [...] Finalmente, a verdade é que pouco resta do carnaval de rua. [...] Que se pense em um meio de evitar que o público brinque apenas nos clubes, onde nem todos podem comprar ingressos e mesas. Afinal de contas, terminamos, o carnaval deve continuar sendo ‘festa do povo’, como sempre foi nos seus tempos áureos.²⁰²

A folia nos clubes era uma das mais concorridas durante os festejos carnavalescos. Os jornais estavam repletos de matérias sobre seus ‘gritos de abertura do carnaval’, Cabanga, internacional, Náutico, Santa Cruz, Sport e tantos outros promoviam inúmeras festas durante o período momescos que atraíam parcela significativa dos foliões. Nesses eventos, na maioria das vezes, era contratada uma orquestra de frevo e uma bateria de escola de samba. Uma vez que esses dois ritmos eram os que mais despertavam as atenções dos foliões durante o reinado de momo.

O carnaval em Recife estava mudando. No entanto, muitos intelectuais não aceitavam as transformações dos dias momescos. Muitos deles procuravam uma festa presa no tempo e que deveria permanecer estática e imutável, como se os sujeitos que ‘brincavam’ alegremente nas ruas da capital pernambucana fossem sempre os mesmos. Pela leitura dos jornais pude

²⁰¹ Carnaval de 71: fracasso total já é quase certo. *Diário da Noite*, 09 de janeiro de 1971, I caderno, p. 02. Receita de um secretário para reabilitar o carnaval de rua. *Diário da Noite*, 11 de janeiro de 1969, I caderno, p. 03. Prefeitura vai reformular carnaval de rua do Recife. *Diário da Noite*, 20 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 03. Cronista denuncia decadência do carnaval de rua no Recife. *Diário de Pernambuco*, 23 de janeiro de 1972, I caderno, p.03. Decadência do carnaval do Recife começou há 40 anos. *Jornal do Commercio*, 12 de janeiro de 1969, II caderno, p. 10. OLIVEIRA, Waldemar. Crônica da Cidade: decadência. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1969, I caderno, p. 04. Prefeitura apoiará o carnaval de rua. *Jornal do Commercio*, 13 de janeiro de 1970, I caderno, p. 12. GONÇALVES, Stélio. Comissões e Federações têm contribuído para decadência e morte do carnaval. *Diário de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 06. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

²⁰² PINHO, Nilson Sabino. *Diário de Pernambuco*, 08 de janeiro de 1967, II caderno, p. 05. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

interpretar que boa parte das mudanças, em sua maioria, provocavam reações que direcionavam o debate para o campo das tradições.

TUDO É CARNAVAL...

O carnaval está aí... já em plena semana pré-carnavalesca o folião recifense tenta restaurar a tradição do melhor carnaval do mundo. Governo, entidades particulares, DIÁRIO DE PERNAMBUCO, agremiações tradicionais de momo e folcloristas trabalham para que voltem a reinar a animação, alegria, ordem e frevança. Anunciam as autoridades que ‘a liberdade será ampla’. O povo poderá se esbaldar na folia. O talco será jogado nos transeuntes. Os banhos d’água acontecerão em cada trecho de rua. O uso do batom deixará muita gente marcada de vermelho. O escape-livre fará zuada e também incomodará a quem nada quer com o tríduo momesco. O curso ganhou mais algumas ruas por onde transitar, inclusive a Nova e a Imperatriz. Tudo é carnaval, como no verso de Vinícius de Moraes!

CARNAVAL DE ONTEM

É bom lembrar alguma coisa do carnaval do passado. Daquele que os nossos avôs contam com tanta saudade, relembando emoções e revivendo episódios. Era tradição até as primeiras duas décadas do século o entrudo que terminou sendo proibido pela chefatura de polícia. Os transeuntes das ruas do Rangel, Livramento, Direita, Nova, Imperatriz e Concórdia recebiam autêntico banho, das famílias que jogavam das janelas e varandas dos sobrados, baldes d’água, algumas vezes perfumadas. A lima de cheiro era outra tradição que sumiu. Em lojas e nos tabuleiros de rua os foliões adquiriam a lima de cheiro que estourava nas pessoas com água perfumada. Depois vieram as bisnagas que também foram proibidas pelas posturas municipais. Os lança-perfumes que tanto animaram os carnavais, desapareceram por determinação do ex-presidente Jânio Quadros. As fantasias preparadas com capricho pelas nobres famílias do Recife mostradas ao povo logo na tarde de Zé Pereira, deram lugar a trajés mínimos – o biquíni e a mini-saia. E o que dizer das batalhas de confetes e serpentinas? Na Pracinha, por exemplo, tradicional quartel general do frevo, multidão era envolvida entre os confetes e serpentinas. Lembram-se dos jetones? Mocinhas sacudiam confeitos enrolados em papel de seda nos rapazes que passavam. Eles também assim procediam. Dessa amabilidade adocicada um olhar enamorado deu lugar a muitos casamentos. De certa maneira o carnaval do passado não mudou muito distante, é bom frisar, era alegre, bom, animadíssimo. Jogavam água, mas era água perfumada, ou água limpa.

CARNAVAL DE HOJE

Festas nos múltiplos clubes e o curso. Ambos acabaram com o carnaval de rua. Afinal de contas, parecem ser mais cômodos. Festas carnavalescas existem fartamente. Da mais granfina à mais popular, nos morros e córregos. As fantasias são, agora, luxuosas, feitas somente para desfiles **Municipais** e outras funçanatas soçaitianas. Os confetes e serpentinas já não se misturam na frevança a não ser para ornamentar os salões de baile. E o que é pior: ao invés de jogarem água, sacodem no folião, maldosamente, de querosene até gasolina. Em lugar de talco jogam goma ou soda cáustica. Bem, o carnaval é sempre carnaval. Mudam os costumes, transformam as características, mas ele é, de fato, a festa do povo. E para ele, sem mais comentários tiremos o nosso chapéu. Tudo é carnaval...²⁰³

Outro motivo apresentado nos jornais para o insucesso do carnaval de rua era a ausência de agremiações consideradas ‘tradicionais’. Muitos desses grupos deixavam de desfilar em virtude da falta de dinheiro, não tinham seus administradores como arcarem com

²⁰³ HANNA, Samir Abou. Tudo é carnaval. *Diário de Pernambuco*, 18 de fevereiro de 1968, II caderno, p. 12. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

as despesas necessárias para a apresentação durante os dias de momo e as verbas públicas para auxiliar na preparação das agremiações, na maioria das vezes, atrasava. E assim, os defensores ‘tradicionalistas’ do carnaval vinham aos jornais lançar críticas contra a forma de se gerenciar os festejos em homenagem ao deus da galhofa. Pois achavam uma ofensa, as agremiações consideradas tradicionais, como os Batutas de São José, Clube da Pás, Vassourinhas, Lenhadores, deixassem de se exhibir.²⁰⁴

O insucesso dos carnavais de rua gerou medidas políticas na administração da folia de momo. Os jornais estavam repletos de matérias que atribuíam ao gerenciamento da COC (Comissão Organizadora do Carnaval) o principal responsável pelo declínio da folia nas ruas. E assim, com o objetivo de modificar aquele cenário e de ‘reerguer’ os festejos, a COC foi substituída em princípio da década de 1970 pela CPC (Comissão Promotora do Carnaval).²⁰⁵ Salientavam as autoridades que os dias de momo não poderiam mais ser organizados por uma comissão que se reunia apenas no período do carnaval, havia a necessidade de um grupo permanente que pudesse pensar e trabalhar o ano todo para o sucesso do carnaval.



Entretanto, nos anos de 1955 a 1972, as maiores metamorfoses do carnaval pernambucano era a presença das escolas de samba na folia. Parcela significativa dos

²⁰⁴Lenhadores volta às ruas com orquestra pra valer. *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1968, I caderno, p. 10. Falta de verba, motivo único da ausência do vassourinhas. *Diário de Pernambuco*, 24 de fevereiro de 1965, 2º caderno, p.02. Batutas de São José foi esquecido no auxílio concedido pelo Estado. *Diário de Pernambuco*, 13 de janeiro de 1968, 1º caderno, p. 06. Vassourinhas completa 80 anos, porém ainda não sabe se desfilará este ano. *Diário de Pernambuco*, 05 de janeiro de 1969, 1º caderno, p. 06. Vassourinhas talvez não tenha dinheiro para sair. *Jornal do Commercio*, 15 de janeiro de 1965, p. 08. Batutas de São José sem dinheiro sem dinheiro não sai este ano. *Jornal do Commercio*, 23 de janeiro de 1965, p. 08. Vassourinhas continua ameaçado de não desfilar. *Jornal do Commercio*, 27 de fevereiro de 1965, p. 10. Falta de verba prejudica o clube vassourinhas. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1972, 1º caderno, p. 12. Amantes das Flores desfilará no carnaval de 1972 graças a amigos. *Jornal do Commercio*, 13 de janeiro de 1972, I caderno, p. 12. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

²⁰⁵ Carnaval entre a COC e a Emetur: onde está a salvação. *Diário da Noite*, 16 de janeiro de 1971, I caderno, p. 03. Fim da COC pode ser o começo da recuperação. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, 2ª. Ed., II caderno, p. 01. Carnaval-empresa, a solução para evitar o fim do reinado de momo. *Diário da Noite*, 25 de fevereiro de 1971, I caderno, p. 03. Prefeito desmente intenção de extinguir a COC. *Diário da Noite*, I caderno, p. 03. Projeto que extingue a COC tem apoio de Alfredo Oliveira. *Diário da Noite*, 24 de janeiro de 1972, II caderno, p. 02. O que a COC deixou de fazer. *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 03. Comissão permanente para carnaval está em estudo. *Diário da Noite*, 20 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 03. Carnaval de laboratório, em 70. *Diário da Noite*, 22 de fevereiro de 1969, I caderno, p. 04. Geraldo enfrenta o desafio da COC aceitando a renúncia de 5 membros. *Diário da Noite*, 07 de janeiro de 1969, I caderno, p. 03. Geraldo Magalhães anuncia a extinção da COC. *Diário de Pernambuco*, 25 de fevereiro de 1971, I caderno, p. 03. Carnaval terá nova comissão. *Diário de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1972, I caderno, p. 03. Vereadores poderão abandonar a COC a qualquer momento. *Diário de Pernambuco*, 25 de janeiro de 1972, I caderno, p. 13. Coisas da cidade: O fim da COC. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1972, I caderno, p. 05. Emetur começará a organizar o carnaval em agosto. *Diário de Pernambuco*, 17 de fevereiro de 1972, capa. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

intelectuais inseria-se no debate a respeito da validade ou não da participação dessas agremiações nos dias momescos da capital pernambucana. O que estava em debate para que a intelectualidade local condenasse o samba? Quais os motivos da emergência desses discursos? Para tentar responder essas e outras perguntas o convido a virar a próxima página e procurar entender algumas dessas questões.

2 – A TRADUÇÃO DA TRADIÇÃO: intelectuais e a presença das escolas de samba no carnaval em Recife.

Neste segundo capítulo da dissertação, pretendo analisar qual o sentido de tradição que parcela dos intelectuais estava defendendo, em meados dos anos de 1950 e durante a década de 1960, quando escreveram nos jornais criticando a presença do samba no carnaval da cidade. Esses dias festivos não pareciam tão coloridos para parte da intelectualidade²⁰⁶, pois acusavam as escolas de samba de descaracterizarem a folia e de colocarem o carnaval pernambucano como ‘imitação’ do carioca. Os intelectuais já haviam estabelecido o maracatu, o frevo e os caboclinhos como a ‘verdadeira cultura da terra’, a ‘tradição pernambucana’, e acreditavam que essas práticas culturais estavam ameaçadas pelo que denominavam de ritmo invasor, ou seja, o samba.

Na pesquisa que realizei nos jornais encontrei inúmeras matérias atribuídas aos intelectuais, que ‘clamavam’ pela defesa da tradição carnavalesca recifense, pela salvação da sua ‘legítima e autêntica’ cultura local, que acusavam aqueles dias momescos de estarem descaracterizados e que a folia estava prestes a morrer. Os intelectuais entendiam que a ‘frágil’ cultura pernambucana precisava ser salva e defendida o tempo todo. E eles colocavam-se como os responsáveis por esse processo, principalmente nesses anos, pois acreditavam que o carnaval sofria uma espécie de contaminação pelo estrangeiro samba.

Procuo entender o que estava em jogo naquele debate da tradição carnavalesca local e por que, para parte da intelectualidade, sambar em dias de carnaval era considerado crime de lesa pátria. Para alguns intelectuais, como o jornalista Aníbal Fernandes, samba e frevo não poderiam co-existir sob o mesmo espaço geográfico, já que em torno do Estado de Pernambuco foi construído um discurso do lugar do frevo por excelência.

Quando os intelectuais, durante o recorte temporal, criticavam a presença do samba em Recife, eles assim fizeram porque a consideravam como pertencente a uma cultura que não associava-se ao Estado de Pernambuco. Dessa forma, procuro entender os mecanismos que construíram o samba como uma prática ‘não pernambucana’. O que estava em jogo para que determinado discurso pudesse ser legitimado. E mais, porque os sambistas e as escolas de

²⁰⁶ Partilho das colocações do Michel Löwy quando compreendeu a intelectualidade como “categoria social definida por seu papel ideológico: eles são os *produtores diretos* da esfera ideológica, os *criadores de produtos ideológico-culturais*”, o que engloba “escritores, artistas, poetas, filósofos, sábios, pesquisadores, publicistas, teólogos, certos tipos de professores e estudantes, etc”. LÖWY, Michel. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979, p. 1, *apud*: RIDENTI, Marcelo. *Cultura e política brasileira: enterrar os anos 60?* In: *Intelectuais: sociedade e política, Brasil – França*. Elide Rugai Bastos, Marcelo Ridenti, Dennis Rolland (Orgs.). São Paulo: Cortez, pp. 197-198, 2003.

samba na capital pernambucana, durante muitos anos, sofreram uma espécie de silêncio intelectual que poucos têm se esforçado em romper? Quais as dobras desse processo? O que estava em jogo para que os intelectuais não escrevessem sobre o samba em Recife?

O título do capítulo, ‘a tradução da tradição’, é repleto de intenções. É por meio dele que procuro ‘traduzir’ a concepção de tradição em jogo e de que forma tal concepção articulava-se com o carnaval local. Quais os motivos que levaram as elites dominantes a tomarem a festa carnavalesca como símbolo da identidade pernambucana? Qual a concepção de identidade regional que buscavam para aqueles dias de momo? A partir dessas questões, minha intenção nesse capítulo é analisar como alguns discursos veiculados pela imprensa e atribuídos aos intelectuais procuraram justificar a necessidade da condenação da presença das escolas de samba no carnaval do Recife. Esses são os motivos centrais que irão me acompanhar nesse capítulo. Convido você leitor a caminhar comigo por essas trilhas e a percorrer essas histórias.

2.1 O Território da Palavra

Antes de iniciar a exposição sobre a presença das escolas de samba na folia pernambucana e analisar como os intelectuais posicionaram-se perante o fato, acredito ser importante abrir espaço para a discussão em torno do papel desempenhado e do engajamento dos intelectuais na sociedade, bem como da concepção do ‘ser intelectual’, já que o entendimento deste conceito faz-se necessário, uma vez que a utilização do termo perpassa todo o trabalho. Não pretendo transformar o texto num balanço historiográfico, comentarei, mais enfaticamente, apenas sobre o posicionamento de três autores: Antônio Gramsci, Norberto Bobbio e Edward W. Said.²⁰⁷

A noção de intelectual é de contornos fluidos e se transforma com o tempo, indicando dificuldades que se traduzem na impossibilidade de uma definição rígida. Dessa forma, opto por chamar de intelectuais os sujeitos que escreviam nos jornais sobre a cultura e o carnaval na cidade, como os jornalistas Mário Melo e Aníbal Fernandes, o sociólogo Gilberto Freyre, entre outros. Esses indivíduos apropriavam-se da folia e procuravam representá-la por meio da escrita, convertendo-a em crônicas, narrativas históricas, poesia, relatos, memórias, buscando, com isso, construir um ‘modelo’ de festa carnavalesca para a urbe.

²⁰⁷ Isso não significa dizer que não dialogarei com outros autores que se dispuseram a questionar o papel dos intelectuais na sociedade, como: Michel Foucault, Beatriz Sarlo, Jean-François Sirinelli, entre outros.

Procuo compreender de que forma determinados indivíduos, entendidos como ‘intelectuais’, pensaram sua própria função na sociedade. Sobre isso, destaco as análises empreendidas pelo filósofo, marxista e jornalista italiano Antônio Gramsci. Para este autor, “Todos os homens são intelectuais, embora se possa dizer: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”.²⁰⁸

Gramsci tenta demonstrar que as pessoas que desempenham a função de intelectual na sociedade podem ser divididas em dois grupos, denominados por ele como o dos tradicionais, composto por professores, clérigos e administradores que geração após geração continuam a fazer a mesma coisa, ou seja, a exercer o mesmo ofício; e o dos orgânicos, ligados a classes ou empresas, que os usavam para organizar seus interesses.²⁰⁹

Outro intelectual a problematizar sua própria função foi o filósofo político Norberto Bobbio. Este autor assim definiu os intelectuais:

[...] hoje, chamam-se intelectuais aqueles que em outros tempos foram chamados de sábios, doutos, philosophes, literatos, gens de lettre, ou mais simplesmente escritores, e, nas sociedades dominadas por um forte poder religioso, sacerdotes e clérigos.²¹⁰

Para Bobbio, o que caracteriza os intelectuais não é o tipo de trabalho, mas a função que desempenham, ou seja, “um operário que realiza uma propaganda sindical, mesmo que inconscientemente, está desempenhando a função de um intelectual”.²¹¹ Dessa forma, jornalistas, escritores, literatos, folcloristas, memorialistas, entre outros, vão configurar o grupo denominado de intelectuais com o qual trabalho. Esses indivíduos, imbuídos do saber, da posição de legitimidade, do poder de falar a sociedade, escreviam nos jornais, lançavam sobre a população ideias diretivas, visões de mundo e concepções sobre os mais variados aspectos da vida pública.

Para Edward W. Said em “*Representações do Intelectual*”, o intelectual é um indivíduo com tamanho papel público na sociedade que não pode ser reduzido a um profissional sem rosto. A questão central para Said é o fato de o intelectual ser dotado de uma

²⁰⁸ GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 07, 1995.

²⁰⁹ GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 04-08, 1995.

²¹⁰ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, p. 11, 1997.

²¹¹ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, p. 114, 1997.

vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem ou mesmo um ponto de vista a um público.²¹²

Em primeiro lugar, é claro, está a noção de que todos os intelectuais representam alguma coisa para seus respectivos públicos e, dessa forma, se auto-representam diante de si próprios. Seja um acadêmico, seja um ensaísta boêmio ou um consultor do Departamento de Defesa, o intelectual faz o que faz de acordo com uma ideia ou representação que tem de si mesmo fazendo essa coisa: pensa em si próprio como fornecedor de conselhos “objetivos” em troca de pagamentos, ou acredita que o que ensina aos alunos tem um valor de verdade, ou se vê como uma personalidade advogando uma perspectiva excêntrica, mas consistente?²¹³

Os intelectuais do período em questão – Mário Melo, Aníbal Fernandes e Gilberto Freyre, entre outros – colocavam-se como detentores da ‘verdade’, a qual deveriam transmitir ao ‘povo’ para, e assim, modelar a sociedade. Pensavam que, por serem compreendidos como possuidores do saber, e conseqüentemente do poder, poderiam ser ouvidos, e foram durante algum tempo. Entretanto, acredito que cometiam a falha de pensar que os foliões fossem uma comunidade ilustrada de iguais, “imaginaram-se como intérpretes do gosto de uma república de iguais”.²¹⁴

Esse sentimento de transmitir a ‘verdade’ ao ‘povo’, de ensinar, de mostrar o caminho a ser seguido, estava presente em vários escritos dos intelectuais com que trabalho. Muitos deles colocavam-se como condutores da sociedade e tradutores de uma tradição. Sobre isso, Mário Melo dissertou: “[...] papel do jornalista é esclarecer o povo a responsabilidade do inevitável futuro do carnaval recifense [...] mesmo velho, ainda tenho força de gritar e converter minha terra”.²¹⁵

Esses intelectuais marcados pelo território da palavra, e principalmente, pela palavra escrita que torna viável a relação das suas visões de mundo com a sociedade, tomavam, muitas vezes, os anseios dos grupos dominantes como interesses gerais. Assim, de certa forma, estavam defendendo uma concepção de grupo, visto que “a grande parte dos intelectuais faz parte das elites”.²¹⁶ E, como ocupavam o lugar da legitimidade de maneira autorizada e com autoridade de quem pode falar e escrever ao ‘povo’, lançavam os seus ideais

²¹² SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: as conferências de Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, p. 25, 2005.

²¹³ SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: as conferências de Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 14-15, 2005.

²¹⁴ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Tradução de Sérgio Alcides. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 163, 2006.

²¹⁵ MELO, Mário. Aqui e Ali. *Folha da Manhã*, 15 de janeiro de 1956, p. 04. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

²¹⁶ SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais, In: *Por Uma História Política*. René Rémond (Organizador). Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, p. 235, 2003.

sobre a sociedade. Acreditavam com isso que os seus escritos, as suas idéias, tinham um caráter pedagógico e disciplinador para a população.

2.2 Qual o ‘*Mistério do Samba*’ em Recife?

Tomando de empréstimo o título da tese de Hermano Vianna gostaria de iniciar esta discussão perguntando qual o “mistério” que levou o samba a não ser aceito por parcela dos intelectuais²¹⁷ no carnaval em Recife durante os anos de 1955 a 1972? Quando parte da intelectualidade criticava a presença das escolas de samba nos festejos de momo, o que estava em jogo naquele debate? Pelo que pude interpretar o principal problema enfrentado pelo samba e pelas escolas de samba no carnaval na cidade do Recife foi o fato dessas práticas culturais estarem associadas a fenômenos cariocas. Para alguns dos intelectuais a permanência dessas manifestações culturais no carnaval iria corroê-lo e deturpá-lo, transformando o que eles denominavam de ‘legítimo’, ‘autêntico’ e ‘tradicional’ da região numa cópia dos festejos carnavalescos do Rio de Janeiro.

Porém, o que estava por trás da definição do samba como um produto carioca, e, conseqüentemente, não pernambucano? Inúmeros foliões, naquele momento, preferiram o samba durante o carnaval em detrimento das demais práticas culturais, como o maracatu, os caboclinhos e os clubes de frevo, já elevados à condição da ‘verdadeira cultura da terra’. Mas, mesmo assim, para os intelectuais, sambar em dias de momo era crime contra o regionalismo. Essa escolha de parcela da intelectualidade recifense refletia questões políticas, pois, ao incorporar o discurso das escolas de samba como uma prática carioca, relegava-se aos sambistas pernambucanos o lugar social do exilado, do estrangeiro em seu próprio Estado.

O samba, e conseqüentemente as escolas de samba, não era entendido como uma manifestação passível de ser constituída como o resultado de práticas diversas produzidas no Recife. Contudo, era relegado a ele uma ‘origem carioca’. E aqui residia o problema, pois para os intelectuais do período da pesquisa (1955-1972), só poderia representar o carnaval

²¹⁷ Certos indivíduos são ditos, entendidos e nomeados pela sociedade recifense da época a qual trabalho como intelectuais. Intelectual para esse momento histórico são aqueles sujeitos que escrevem nos jornais, ocupam cargos em instituições públicas importantes, produzem escritos, memórias, crônicas sobre o Recife, criam uma história sobre a cidade e o próprio Estado de Pernambuco. Ressalto que a categoria de intelectuais não é atemporal, nem homogênea, nem pode ser entendida como um “grupo” coeso, nem o ser intelectual representou a mesma coisa em todo o tempo. No entanto, não posso fugir a “essa categoria”, pois é dessa forma que esses indivíduos são entendidos e nomeados pela sociedade nos jornais. Entre os principais atores sociais com quem trabalho, representantes da função de intelectuais, estão: Gilberto Freyre, Mário Melo, Aníbal Fernandes, Katarina Real, Roberto Câmara Benjamin; Bernardo Alves; Arthur Malheiros, entre outros. Sobre o papel e a função do Intelectual na sociedade ver, entre outros: BOBBIO, Norberto. *Os Intelectuais e o Poder*. São Paulo: UNESP, 1997.

recifense aquilo que estivesse associado ao Estado de Pernambuco, e, como o samba foi construído como um produto que remete ao Rio de Janeiro, deveria ser condenado.

Durante muitos anos o samba em Recife enfrentou um silêncio intelectual. Quais os motivos que levaram a intelectualidade local a não escrever sobre essas práticas?²¹⁸ Mesmo quando condenadas as escolas de samba ganhavam visibilidade. Provavelmente, o que de fato os intelectuais não queriam era a divulgação que em Recife havia samba. Não seria interessante, num Estado em que se pregava um regionalismo tão forte, com uma tradição carnavalesca pautada nos clubes de frevo, maracatus e caboclinhos, o conhecimento de que havia em terras pernambucanas escolas de samba. Já que, se havia a crítica a esta prática implicava que ela estava sendo significada por parcela significativa de foliões recifenses que não coadunavam com a identidade regional e a tradição carnavalesca que estava sendo gestada por parcela dos intelectuais.

Um tema importante para a intelectualidade do período em questão (1955–1972) é a concepção de tradição. Como a maioria dos intelectuais gostava de proclamar “a defesa da legítima tradição carnavalesca recifense”, e essa tradição era entendida não só, no sentido antropológico do termo como regras, hábitos e costumes, mas numa visão mais conservadora, composta de aspectos que resistem à mudança e aos quais se imputam valores que devem ser preservados, muitas vezes, almejando a construção de um passado forjado e invariável. Interpreto esse fenômeno dentro do entendimento do que foi denominado pelo historiador Eric Hobsbawm de ‘tradições inventadas’ ou ‘fabricação da autenticidade’²¹⁹.

No entanto, a tradição não pode tão somente ser encarada como uma mera criação, ou mesmo *invenção* dos intelectuais. É notório que muitos deles contribuíram para a visibilidade e dizibilidade da construção do entendimento do que seria o conjunto das ‘tradições pernambucanas’, da ‘pernambucanidade’²²⁰, dentre os quais posso destacar o jornalista Mário Melo.

Entretanto, quando foca-se por demais a atenção no papel desempenhado pelos intelectuais na construção das tradições, esquece-se da ação dos sujeitos simples, das pessoas

²¹⁸ Realizei um trabalho sobre o silêncio dos intelectuais acerca das escolas de samba do carnaval em Recife: SILVA, Augusto Neves. *Debate Historiográfico sobre as escolas de samba em Recife (1955 – 1970)*. Monografia de Conclusão de Bacharelado em História. Recife: UFPE, 2009.

²¹⁹ Segundo Eric Hobsbawm: “Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado”. (Eric Hobsbawm & Terence Ranger (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. Introdução. 6. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 09, 2008).

²²⁰ Mais adiante irei problematizar “melhor” o sentido que certos intelectuais atribuíram quando defenderam a concepção de pernambucanidade dentro do carnaval em Recife nos anos de 1955 a 1972.

comuns que vivenciavam e significavam as práticas culturais. Como se estes fossem indivíduos inertes e receptores passivos nesse processo, e as tradições produtos ‘inventados’ pelos intelectuais, enquanto mediadores culturais²²¹. Deve-se, portanto, compreender que a legitimação histórica das tradições é fruto de diálogos travados entre diferentes grupos, internos e externos, mediados por interesses e ideologias diversas.

Muitas vezes, a tradição é compreendida enquanto uma forma de entendimento da cultura que encobre seus aspectos mais dinâmicos em favor de uma perspectiva única, interessada na reconstrução de um passado harmonioso e linear. Contudo, é melhor pensar em tradições no plural. É preciso distinguir o que os intelectuais definiam enquanto tradição da tradição que era vivida e significada pelos sujeitos que praticavam as manifestações culturais. É preciso reconhecer nesses indivíduos o direito de criar, de compor, de ter suas próprias tradições. Dito de outra forma, a apropriação feita pelos intelectuais das tradições nem sempre corresponde ao que foi incorporado e vivenciado pelos atores sociais das práticas culturais.

Nessa perspectiva, proponho analisar a tradição como dotada de sentidos mais amplos, a qual não possa ser vista como um dado homogêneo e limitador das práticas culturais, mas como uma espécie de resposta ao seu tempo. Por vezes, a definição de um aspecto ‘tradicional’ não pode ser colocada como um dado natural diante do sentido de todas as práticas culturais existentes. Destarte, as maneiras pelas quais uma tradição é evocada devem ser consideradas.

Processo semelhante a este ocorreu no carnaval em Recife, durante o período da pesquisa (1955–1972). Enquanto os intelectuais estavam defendendo uma prática para o carnaval da cidade, um modelo de festa, pautado no ritmo dos clubes de frevo, na apresentação dos maracatus e dos caboclinhos, parcela consistente dos foliões preferiu seguir outros caminhos que não o almejado por parte da intelectualidade.

Esses foliões acorriam para as quadras das escolas de samba, lotando suas apresentações. Para intelectuais, como o jornalista Mário Melo, os festejos dedicados ao deus da galhofa em Recife não deveriam ser representados por essas manifestações. No entanto, significativa porcentagem da população recifense não estava muito interessada em ‘defender’ a mesma concepção de tradição e de ‘pernambucanidade’.

²²¹ Os mediadores culturais foram assim definidos por Michel Vouvelle: “posso logo afirmar que é em termos dinâmicos que entendo o intermediário cultural, como seu próprio nome sugere, transitando entre dois mundos”. O mediador cultural assume diversas feições. Situado entre o universo dos dominantes e dominados, adquire uma posição excepcional e privilegiada, ambígua também, na medida em que pode ser visto tanto no papel de cão de guarda das ideologias dominantes, como porta-voz das revoltas populares. (VOUVELLE, Michel. *Os Intermediários Culturais*, In: *Ideologias e Mentalidades*. Tradução de Maria Julia Cottvasser. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, PP. 207-239, 1991).

Essa discussão sobre a validade ou não da presença das escolas de samba no carnaval da cidade não ficou apenas no campo do mero debate, mas gerou tensão e conflitos. Políticas públicas foram criadas pela Prefeitura do Recife dentro desse cenário, como as leis que regulamentavam a folia de momo, com o objetivo de ‘moldar’ o carnaval a uma concepção de festa defendida pelos intelectuais. Entretanto, havia um embate entre o desejo da intelectualidade, as leis municipais e as práticas carnavalescas de fato.

Todavia, volto à questão central do tópico, o samba! Como mencionei anteriormente, essa prática cultural enfrentou uma restrição no Recife em sua forma institucionalizada, ou seja, por meio das escolas de samba. E a questão principal apresentada por parte da intelectualidade local, era que esta, entendia essas manifestações como ‘cariocas’. Estava em debate a defesa do regionalismo, das particularidades, em que o samba não estava incluído.

No entanto, pode-se interpretar que os intelectuais não estavam interessados com quem fazia a festa carnavalesca. Os significados atribuídos pelos sujeitos sociais que viviam a folia de momo não os interessavam. O carnaval nesse cenário era entendido como um acontecimento que deveria ser vivido e significado por todos da mesma forma. Assim, intelectuais combatem e criticam formas diferentes das almejadas por eles para os dias dedicados ao deus da galhofa, entendendo-as como ‘desvios’ identitários.

Diferentemente do que abordaram alguns estudos antropológicos e sociológicos²²², os trabalhos de historiadores²²³ demonstraram que a festa carnavalesca comportava sob sua aparência singular sentidos e significados múltiplos que precisavam ser compreendidos por quem se dedica a analisá-la²²⁴. Contudo, durante o período que tomo como recorte para este trabalho (1955-1972), o carnaval foi pensado por parte da intelectualidade como uma festa

²²² Algumas análises empreendidas por sociólogos e antropólogos sobre a festa carnavalesca têm sua importância, visto que, foram trabalhos pioneiros no Brasil e me (nos) ajudam, de certa forma, a pensar a folia de momo. No entanto, são produções marcadas pela busca de uma “essência” generalizante da festa, que se manifestaria em todos os tempos. Esses mesmos estudos não cansam em formular teorias gerais para explicá-la. Os trabalhos a que me refiro são: MATTA, Roberto da. *Carnavais, Malandros e Heróis - Para uma Sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1987; PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

²²³ Entre os trabalhos dos historiadores que perceberam a folia de momo como dotada de identidades múltiplas que estavam em constantes conflitos para serem aceitas, e que não entenderam a festa como um processo único, homogêneo e universalizante vivido e significado por todos da mesma forma, estão: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca (1880 – 1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Carnaval das Letras: Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2. Ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004; e LAZARRI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870 – 1915)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP / Cecult, 2001.

²²⁴ A Historiadora Maria Clementina Pereira Cunha demonstrou como a folia de momo “carioca” foi palco de inúmeros conflitos e tensões em que as elites dominantes e as classes populares do Rio de Janeiro não se comportaram da mesma forma perante as inúmeras práticas de se festejar o carnaval. (CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca (1880 – 1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001).

homogênea e universalizante. Mas, ao contrário desta corrente, proponho-me a pensá-la como dotada de identidades plurais que estavam em constantes conflitos na busca de serem legitimadas.

2.2.1 Com que samba eu vou pra folia que você me convidou?

De acordo com o antropólogo Hermano Vianna, o samba como um produto nacional e mestiço, que teve o Rio de Janeiro como ‘lócus’ irradiador, é resultado de uma invenção. Não ‘nasceu autenticamente’ nacional e nem mestiço, mas foi sendo autenticado aos poucos como tal durante os anos de 1920 e 1930²²⁵. A tese central de Vianna está “no processo de invenção de uma tradição do samba como expressão social de raiz”. E segundo o referido pesquisador, este processo foi uma das bases fundamentais da mediação cultural pelo qual o samba passou, isto é, “de música marginal a louvada e brasileira por excelência”.²²⁶

No entanto, apesar da relevância dos estudos de Hermano Vianna, partilho com a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha quando salientou o fato de o autor dar muita importância ao papel desempenhado pelos intelectuais enquanto mediadores culturais, responsáveis pela criação e reinvenção do samba, pois, dessa forma, retira-se a possibilidade de se compreender os diálogos travados entre diferentes grupos dentro desse processo, e assim de visualizar as tensões e os conflitos gerados pelas diferenças sociais e culturais.

O samba não nasceu pronto, mas sim, foi fruto de um processo construído pelo diálogo com diferentes práticas que aos poucos foram compondo com o ritmo sua feição moderna²²⁷. Contrariando a versão de Hermano Vianna, de uma invenção mestiça e nacional para o samba, como resultado do intercâmbio entre diferentes grupos sociais, há outra vertente que defende a concepção do samba como a herança indelével e intrínseca de uma cultura afro brasileira, guardada nas senzalas e nos morros cariocas, denominada pelo pesquisador Carlos Sandroni de ‘concepção tópica’.

²²⁵ Segundo Hermano Vianna, “O samba surgiria como fruto do diálogo entre grupos heterogêneos que, cada um com seus propósitos e à sua maneira, criam ao mesmo tempo a noção de uma música nacional. Antes e fora deste processo nunca teria existido “um samba pronto, ‘autêntico’, depois transformado em música nacional. O samba, como estilo musical, vai sendo criado concomitantemente à sua nacionalização”, (VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. 6. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, UFRJ, 2007, p. 151). Além do estudo de Hermano Vianna ver também: CUNHA, Fabiana Lopes da. *Da Marginalidade ao estrelato. O Samba na construção da Nacionalidade (1917 – 1945)*. São Paulo: Annablume, 2004; MOURA, Roberto M. *No Principio era a roda: um estudo sobre samba, partido alto e outros pagodes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004; SANDRONI, Carlos. *O Feitiço Decente. Transformações do Samba no Rio de Janeiro (1917 – 1933)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. : Ed. da UFRJ, 2001.

²²⁶ VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. 6. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, UFRJ, PP. 145 – 158, 2007.

²²⁷ Sua feição moderna refere-se às mudanças do começo do século XX no Rio de Janeiro, moldadas historicamente pelo “pessoal” do Estácio que o samba enfrentou.

Nesta, o samba não teria sido inventado, muito menos por ‘vários grupos sociais’; ele já existia confinado às noites da senzala, dos terreiros de macumba ou dos morros do Rio de Janeiro, antes de sair à luz do dia e conquistar o Brasil. O ‘lugar’ do samba seriam os redutos da cultura negra, nichos onde esta se refugiou e resistiu.²²⁸

Para Sandroni, quanto mais se enfatiza a cultura negra como o ‘lugar’ por excelência do samba, mais a relação deste com a cultura branca será marcada pela repressão. Já na versão oposta, o samba mestiço como invenção, vê-se nele uma música neutra, “despida de marcas culturais potencialmente conflitivas”.²²⁹ Entretanto, se levarmos consideração a hipótese do samba enquanto herança dos negros, não poderia ser ele uma prática cultural ‘pernambucana’?

A este respeito constatei que foi no estado de Pernambuco que apareceu uma das primeiras referências da palavra samba associada a ritmo e dança: “tão agradável he (sic) um samba d’almocreves²³⁰, como a Semiramis, a Gaza-ladra, o Tancredi, e &c. de Rossini”.²³¹ Vale salientar que essa prática de samba, no entanto, não era a mesma feita pelas escolas de samba no Recife durante os anos de 1950 e 1960, visto que, entre outros aspectos, as culturas são múltiplas e dinâmicas. Porém, a partir dessa informação, posso questionar que o samba enquanto prática cultural já existia em Pernambuco há muitos anos, e não seria fruto de um processo de transposição, ou seja, advindo do Rio de Janeiro em meados do século XX, como defendiam certos pesquisadores e intelectuais.

A tese de doutoramento do historiador Ivaldo Marciano de França Lima vem corroborar com o debate em torno do começo do samba na capital pernambucana. Lima demonstra que, desde os últimos anos do século XIX e início do XX, já havia licença de carnaval para ‘grupos de samba’ desfilarem. Sobre essas agremiações, afirmou que não há muito a informar, nem condições de se descrevê-las, tampouco analisá-las, devido à inexistência de imagens e registros fonográficos. Também não se sabe sobre o tipo de samba que faziam, os instrumentos que utilizavam, nem quais os motivos que as levavam a

²²⁸ SANDRONI, Carlos. *Feitiço Decente. Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917 – 1933)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. : Ed. UFRJ, p. 114, 2001.

²²⁹ SANDRONI, Carlos. *Feitiço Decente. Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917 – 1933)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. : Ed. UFRJ, p. 114, 2001.

²³⁰ Para o padre Lopes Gama, autor do jornal humorístico o Carapuceiro, o samba d’almocreves representava o gosto das camadas mais baixas da sociedade, era o batuque dos negros. A palavra almocreves era relacionada a quem lidava com mulas.

²³¹ *O Carapuceiro* de 3 de Fevereiro de 1838, nº 06, In: TINHORÃO, José Ramos. *Os Sons de Negros no Brasil. Cantos, danças folguedos: origens*. 2. Ed. São Paulo: Ed. 34, p. 87, 2008.

denominar-se de ‘grupos de samba’, marcando uma diferenciação em relação às demais agremiações do carnaval na cidade.²³²

Carnaval:

Já estão devidamente licenciados pelo Sr. Dr. Chefe de polícia os seguintes clubs carnavalescos, que deverão percorrer as ruas da capital, nos próximos dias:

[...] Sambas – Quatro de Ouro, 3 de Ouro, Flor do Dia.²³³

Gazetilha. Clubs e sociedades carnavalescas.

Na Secretaria de Polícia pediram e obtiveram licença para percorrer as ruas da capital, hoje, amanhã e depois, os seguintes clubs e sociedades carnavalescas:

[...] Samba Trez de Ouro – Director, Paulo José Pinheiro; sede – Rua de São João.

[...] Samba Trez Estrellas – Director, Joaquim José da Costa; sede – Rua do Príncipe, 28.

[...] Samba Flor do Dia – Director, José Severiano de Andrade; sede – Rua da Matriz, 38 (Boa Vista).

[...] Samba Primeiro Anno – Director, João Romão de Sá Peixoto; sede – Rua da Jangada (Segundo Districto de São José).

[...] Samba Flor da Aurora – Director, Lourenço André da Silva; sede – Rua do Feitosa (Belém)

[...] Samba Dois de Dezembro – Directora Maria Joaquina do Espírito santo; sede – Rua da Guia, 42.²³⁴

Bernardo Alves, memorialista e pesquisador autodidata, defendeu a ideia de que o samba ‘nasceu’ em Pernambuco e, diferentemente do que pensavam alguns estudiosos, não foi uma prática negra advinda da África, mas sim sertaneja, nordestina e indígena.²³⁵ O autor afirmou que os grupos de samba estavam presentes no carnaval em Recife desde a segunda metade do século XIX.

O **Samba**, que era o forte do carnaval do Recife, na segunda metade do século XIX, era a cor local, sua característica mais expressiva, juntamente com o maracatu, entrou em decadência devido a migração de trabalhadores para o sul e a ascensão do frevo. A relação acima, baseia-se nas licenças para desfilar, exigida pela polícia a partir de 1886. Visto que só a partir desse ano é que foram exigidas tais licenças, esses **Sambas** que já desfilavam há décadas no nosso carnaval, quase não deixaram registros de sua trajetória anterior.²³⁶

²³² LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, p. 241, 2010.

²³³ Carnaval. A Província, 06 de fevereiro de 1891, p. 02; Carnaval. A Província, 08 de fevereiro de 1891, p. 01, apud: LIMA, Ivaldo Marciano de França Lima, *Op. Cit.* p. 240, 2010.

²³⁴ Gazetilha – Clubs e sociedades carnavalescas. Jornal do Recife, 28/02/1892, p. 02 – 03, apud: LIMA, Ivaldo Marciano de França Lima, *Op. Cit.* p. 240, 2010.

²³⁵ ALVES, Bernardo. *A Pré História do Samba*. Petrolina: Ed. do autor, p. 281, 2002.

²³⁶ ALVES, Bernardo. *A Pré História do Samba*. Petrolina: Ed. do autor, p. 266, 2002. Grifos do autor.

Para Bernardo Alves, os grupos de samba eram, em sua maioria, constituídos por pessoas oriundas do sertão que, além da viola e do pandeiro, utilizavam outro instrumento, a botija. Segundo o pesquisador “Dela, tirava-se um som rechinado ou por vezes tamborilado, o qual se conseguia com a ajuda de um pedaço de metal, fosse uma chave, um prego grande ou uma moeda”.²³⁷ Para reverberar sua afirmação, mencionou algumas matérias de jornais que circulavam na cidade no período.

Os **sambas** eram formados pela colônia **sertaneja**. Traziam entre oito e dez músicos que tocavam em maioria instrumentos de cordas, mas constava também pandeiro e um grande e quadrado tamborim.²³⁸

A tese de Alves toma como evidente as informações contidas nas matérias de jornais e não questiona o seu conteúdo: “Máscaras e **sertanejos** que **sambam**, chocalhos batem, vaqueiros vestidos de couro galopam”.²³⁹ Assim, toma as informações como o ‘real’, não indo a busca das redes que as instituíam, tampouco dos interesses que as legitimavam. Além disso, a afirmação de Alves de que a maioria dos ‘grupos de samba’ era constituída por sertanejos não é partilhada por outros pesquisadores, como é o caso de Clarissa Nunes Maia.²⁴⁰ Segundo a referida historiadora, existia nesses grupos forte presença de negros em sua formação.

A outra forma de ajuntamento que as posturas municipais tentaram coibir referiu-se aos chamados “batuques” ocorridos em casas de comércio, casas particulares ou mesmo em casas chamadas especificamente de “casas de batuque” ou “casas de samba”. “Batuque” era como as danças e músicas dos negros eram designadas de forma depreciativa pelo uso que faziam dos tambores. O termo “samba” só veio a ser usado como sinônimo em fins do século XIX.²⁴¹

Percebe-se que o objetivo central do livro de Bernardo Alves era a desconstrução da concepção do samba como uma prática ‘carioca e negra’. Dessa forma, compreende-se o fato de ele ter depositado relevante credibilidade às informações, colhidas junto aos jornais, que diziam o samba como um produto associado ao nordeste e aos indígenas, com o estado de Pernambuco enquanto o *locus* dessa irradiação e espaço ‘originário’ desse processo. No entanto, deve-se romper com essa ‘verdade evidente’ das coisas, como se o mundo fosse algo

²³⁷ ALVES, Bernardo. *A Pré História do Samba*. Petrolina: Ed. do autor, p. 121, 2002.

²³⁸ ALVES, Bernardo. *A Pré História do Samba*. Petrolina: Ed. do autor, p. 269, 2002

²³⁹ *Jornal do Recife*, 20/02/1898 *apud*: ALVES, Bernardo. *A Pré História do Samba*. Petrolina: Ed. do autor, p. 269, 2002. Grifos do autor.

²⁴⁰ MAIA, Clarissa Nunes. *Sambas, batuques, vozerias e farsas públicas. O controle social sobre os escravos em Pernambuco no século XIX. (1850 - 1888)*. São Paulo: Annablume, 2008.

²⁴¹ MAIA, Clarissa Nunes. *Sambas, batuques, vozerias e farsas públicas. O controle social sobre os escravos em Pernambuco no século XIX. (1850 - 1888)*. São Paulo: Annablume, PP. 102 – 103, 2008.

pronto e acabado, passível de ser descoberto, visto que as palavras, ao serem enunciadas, não oferecem por si a ‘verdade’.²⁴²

Na construção da trama histórica não se deve tomar os discursos e nenhum outro documento como portadores da ‘verdade’ inquestionável. No que tange aos discursos jornalísticos, deve-se levar em consideração a imensa capacidade de alguns jornalistas de criarem histórias. No fazer-se historiador, vai-se em busca dos fios que engendravam os acontecimentos, das redes que os instituía. Pois as “coisas não trazem em si mesmas um único significado, nem gritam ou mesmo dizem o que significam. As evidências são levadas a dizer algo por quem as disse, são levadas a serem vistas por quem as põe em evidência”.²⁴³

O que me propus até aqui foi tentar demonstrar que o samba em Recife não pode ser entendido como transposto literalmente, *‘ipsis literis’*, do Rio de Janeiro para a capital pernambucana, mas a prática já existia há muitos anos. Pode-se admitir, todavia, que houvesse diálogos com o samba vivenciado pelos cariocas, principalmente, pela força exercida pela indústria cultural que tinha (tem) a cidade do Rio de Janeiro como modelo a ser seguido (imposto) no que tange ao samba e aos desfiles das escolas de samba. No entanto, a prática do samba em Recife foi sendo feita e refeita pelos sujeitos sociais que a significavam, e é nisso que devemos nos deter nos usos, nas apropriações que os sambistas deram ao samba na capital pernambucana.

Procurou, desse modo, desmistificar os sentidos unívocos que relacionaram o objeto à palavra. Dito de outra forma, os sentidos que associavam o samba e as escolas de samba à cidade do Rio de Janeiro. A análise histórica tem como pressuposto “as relações, os significados, as práticas, os fios, que são associados a acontecimentos para que assim possa construir formas de entendimento histórico”.²⁴⁴ Dentro dessa perspectiva, concordo com Michel Foucault quando propõe rachar as palavras, rachar as coisas, desnaturalizá-las para ir à busca do que as significam, “diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros”.²⁴⁵

²⁴² MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, Metodologia, Memória*. São Paulo. Editora: Contexto, p. 30, 2010.

²⁴³ FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”, In: *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, p. 05, 1979.

²⁴⁴ MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, Metodologia, Memória*. São Paulo. Editora: Contexto, p. 31, 2010.

²⁴⁵ FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”, In: *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, p. 05, 1979.

2.3 Práticas de carnaval em disputas

O carnaval recifense foi palco de inúmeras disputas. Os representantes do poder público municipal, bem como os membros da intelectualidade local discorriam sobre os ‘destinos’ que os dias de momo deveriam seguir. É interessante ressaltar que essas escolhas não foram frutos do acaso, mas, de certa forma, tentativas de intervenções políticas e culturais específicas para a festa, que se constituíram como situações históricas relevantes dentro desse processo.

Em meio às diferentes concepções de carnaval para a capital pernambucana desejadas por parcela da intelectualidade, muitos dos súditos de momo não se reconheciam naquelas propostas, principalmente os sambistas que, paralelamente a esse processo, construía outros significados a festa. Pois, se inúmeros foliões saíam no período do carnaval para participarem da festa, possivelmente, construía para ela significados dos mais variados. E dentro desse diapasão, emergiam os conflitos e as tensões em torno daqueles alegres dias de loucura. O carnaval é uma festa marcada pela heterogeneidade e não pela homogeneidade como desejavam alguns membros da intelectualidade recifense.

Nesse contexto, convido você leitor a acompanhar comigo o posicionamento de alguns intelectuais a respeito da participação das escolas de samba na folia de momo recifense, depois visualizar como os sambistas posicionavam-se diante do fato, bem como, conhecer a tentativa de interpretação do sentido de tradição contida em muitos dos escritos dos membros da intelectualidade.

2.3.1 Os intelectuais e a oficialização dos dias de momo pela Prefeitura do Recife

No ano de 1955 os dias de momo foram oficializados pela Prefeitura do Recife. A partir daquela data, as agremiações carnavalescas contariam com uma verba dos cofres públicos para custear parte das despesas com suas apresentações durante as homenagens ao deus da galhofa. A institucionalização do carnaval pela prefeitura pode ser vista como mais uma tentativa das elites dominantes, de controlar a cidade, de normatizar os divertimentos populares.

Durante os festejos momescos ocorriam (ocorrem) frequentemente aglomerações de homens e mulheres nas ruas, e toda essa quantidade de alegres foliões podia representar um perigo, se não fossem normatizadas e determinadas as regras para quem quisesse participar da festa.

Dentro do recorte temporal que elegi (1955–1972), a oficialização do carnaval pela Prefeitura do Recife foi um dos momentos de maior ênfase no debate sobre a validade ou não da presença das escolas de samba nos festejos carnavalescos da cidade. Para parcela significativa dos intelectuais, sambar era uma descaracterizar a tradicional folia recifense. E face disso, escreviam nos jornais condenando a forma como o processo de oficialização do carnaval estava sendo conduzido.

A Lei nº 3.346/55 salientou que o órgão responsável pela organização do carnaval, o Departamento de Documentação e Cultura, deveria ajudar técnica e financeiramente as escolas de samba e demais agremiações carnavalescas que contribuíssem para a animação e grandeza do carnaval da cidade. Essa inclusão recebeu inúmeras críticas por parte da intelectualidade local. Entretanto, para o jornalista Mário Melo, o maior equívoco da referida Lei consistia no fato de incluir a União das Escolas de Samba como entidades auxiliares na organização dos festejos de momo.²⁴⁶

Como se fosse pouco, se não bastasse a oficialização das Escolas de Samba, organizou esse conselho eleitoralmente um representante da Federação, um representante dos Cronistas, um das Escolas de Samba e três da Rua da Guia. De início, quatro votos do Conselho, um do samba e três da Rua da Guia, contra dois.²⁴⁷

Assim que chegou ao poder municipal, em janeiro de 1956, o prefeito recentemente eleito, Pelópidas Silveira, convocou os vereadores para rever a lei aprovada em 1955, que ditava sobre os festejos de momo. Segundo Pelópidas, a lei nº 3.346/55 não preservava o tradicionalismo histórico da festa carnavalesca recifense e precisava ser revista para se corrigir esse erro. No entanto, muitos vereadores recusavam-se a fazer tal ato, pois, segundo relatavam os jornais, achavam desnecessários modificar a referida lei, uma vez que esta já havia sido anteriormente aprovada.

[...] Em defesa dos recifenses, o Prefeito Pelópidas Silveira convocou extraordinariamente a Câmara da Rua da Guia, para reexaminar o assunto, expurgando da oficialização as Escolas de Samba. Insistindo em colocar-se contra os recifenses, de que são indignos representantes, os vereadores deliberaram não atender ao Prefeito. Querem a oficialização do samba no carnaval recifense, porque nas <Escolas>, que consideram elementos de cultura (!!!) – assim figuram no orçamento municipal – contam com eleitorado. Entende o Prefeito, e entende muito bem, que não deve empregar o dinheiro dos recifenses com a descaracterização de seu carnaval, mesmo porque seu antecessor deixou o tesouro municipal como terra queimada. E assim, acertadamente, não despenderá um centavo com o carnaval. De tudo isso

²⁴⁶MELO, Mário. Crônica da Cidade: A Oficialização do Carnaval. *Jornal do Commercio*, 13 de janeiro de 1956, p. 02. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁴⁷MELO, Mário. Crônica da Cidade: O Carnaval da Rua da Guia. *Jornal do Commercio*, 15 de janeiro de 1956, p. 02. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

resulta que, ou a Câmara Municipal conserta seu erro para ser prestigiado so mente o que se enquadra no folclore recifense, ou por culpa dos Vereadores da Rua da Guia, à falta de amparo monetário, os cordões de frevo, os maracatus e caboclinhos serão privados de exhibir-se.²⁴⁸

Inúmeras matérias foram publicadas em diversos jornais recifenses, provocando um debate nos periódicos sobre a forma que deveria ser conduzida a oficialização do carnaval pela Prefeitura da cidade. Diversos intelectuais procuraram dialogar uns com os outros buscando a legitimidade dos seus escritos. Foram praticamente unânimes em afirmar uma posição contrária à disponibilização de recursos públicos da Prefeitura para subsidiar as escolas de samba, pois julgavam que essas práticas culturais não serviam para representar a ‘legítima’ cultura do (nosso) Estado.

Assim, acredito ser importante procurar compreender o jogo da tradição carnavalesca em que esses intelectuais estavam imersos. Como seus escritos foram recebidos, bem como analisar a rede de relações que lhes dava sustentação. Dessa forma, o convido a mergulhar comigo no debate promovido por alguns intelectuais, Mário Melo, Aníbal Fernandes, Alberto Campelo, Valdemar de Oliveira, entre outros, sobre a Oficialização do Carnaval da Cidade pela Prefeitura do Recife.

2.3.1.1 Aníbal Fernandes e o Regionalismo pernambucano

Aníbal Fernandes foi um jornalista do Diário de Pernambuco que durante o processo de oficialização do carnaval colocou-se ativamente nos jornais contra a inclusão das escolas de samba como agremiações que deveriam receber subvenção dos cofres públicos para apresentarem-se durante os dias de momo. De acordo com Fernandes, samba era um ritmo brasileiro, mas o que representava o carnaval em Recife era o frevo, e ele precisava ser preservado contra qualquer ‘ameaça’.

Na pesquisa que realizei encontrei inúmeras matérias que relatavam o posicionamento de Aníbal Fernandes em relação ao processo de mudança de que o carnaval na capital pernambucana fora palco. Numa delas, ele levantou a defesa de um carnaval ‘tipicamente recifense’, em que fossem valorizados “os bumba-meu-boi; os frevos; os antigos clubes e os cordões, com seus estandartes, as suas bandeiras e as suas tradicionais fantasias” e afirmava

²⁴⁸MELO, Mário. Crônica da Cidade: O Presente de grego dos marmeladores. *Jornal do Commercio*, 19 de janeiro de 1956, p. 02. Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ.

que não seria indicado estimular no Recife, “escolas de samba, porque as melhores delas são as do Rio de Janeiro”.²⁴⁹

[...] O carnaval do Recife deve ser tipicamente nosso, o que há de estimular são os maracatus, os bumba-meu boi, os frevos, os antigos clubes e cordões com seus estandartes e as suas bandeiras e as suas tradicionais fantasias. Não seria indicado, por exemplo, **estimular, no Recife, escola de samba: simplesmente porque isso não é recifense, é carioca. As melhores escolas de samba são as do Rio de Janeiro;** e o samba desce das favelas, como o frevo desceu dos mocambos [...]. Assim, quem quiser ver um carnaval com samba irá ao Rio e quem quiser ver um carnaval com frevo virá ao Recife. **Cada carnaval guardará o seu caráter próprio.**²⁵⁰

Será que Aníbal Fernandes rejeitava as escolas de samba no Recife simplesmente porque as comparava com as cariocas e, dentro da sua concepção de beleza, as congêneres do Rio de Janeiro eram melhores? Se o desfile das escolas de samba em Recife não estava no mesmo nível de espetáculo, da grandiosidade e da visibilidade que os do Rio de Janeiro, então não se encaixaria dentro da tradição carnavalesca recifense? Numa sociedade onde valoravam (valoram) o ‘maior’ e o ‘melhor’ dentro desse cenário as escolas de samba locais não se enquadrariam de fato.

Na mesma matéria, Aníbal Fernandes salienta que “cada carnaval deve guardar suas ‘características’ próprias e inimitáveis” procura defender a concepção de que o ‘tríduo momesco’ é dotado de uma ‘essência’ que marcaria uma identificação regional. Cada festa carnavalesca, mesmo dentro de suas particularidades era homogênea em termos regionais.²⁵¹ Entretanto, esse ato pode ser interpretado como sendo um mecanismo na tentativa de despolitizar os significados da festa, pois retira-se a possibilidade de os foliões, os sujeitos que de fato participavam da festa, construírem seus próprios significados.

Dizem que o carnaval é, sobretudo uma festa brasileira. Mas a do Rio é muito diferente da de São Paulo; e o dessas duas é muito diverso da de Recife. Por isso, o carnaval de Recife deve ser tipicamente nosso.²⁵²

Esse sentimento de homogeneidade tão presente na matéria do jornalista Aníbal Fernandes é mais um elemento com sentido despolitizador do carnaval. Era como se a festa

²⁴⁹ FERNANDES, Aníbal. Carnaval e Turismo. *Diário de Pernambuco*. 05 de janeiro de 1956, p. 04. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁵⁰ FERNANDES, Aníbal. Carnaval e Turismo. *Diário de Pernambuco*. 05 de janeiro de 1956, p. 04. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ). (Grifos Meu).

²⁵¹ FERNANDES, Aníbal. Carnaval e Turismo. *Diário de Pernambuco*. 05 de janeiro de 1956, p. 04. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁵² FERNANDES, Aníbal. Carnaval e Turismo. *Diário de Pernambuco*. 05 de janeiro de 1956, p. 04. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

fosse dotada de uma noção unívoca e totalizante para cada estado, e mais, teria o mesmo significado para todos os foliões, ficando, dessa forma, excluída a possibilidade de construção de diferentes sentidos culturais e políticos por aqueles que eram mais propriamente os sujeitos da festa.²⁵³

[...] Ora, no carnaval do Recife nunca houve escolas de samba [...] Assim, se verifica que o que temos de valorizar, a estimular e a proteger é o carnaval tipicamente pernambucano, o único capaz de atrair turistas internacionais para a cidade. Porque em matéria de samba, no Rio de Janeiro há o melhor.²⁵⁴

Para o jornalista Aníbal Fernandes, o que estava em jogo era a preservação dos particularismos, do regionalismo, de uma concepção de carnaval local. Cada Estado deveria competir, numa disputa pelo título de ‘melhor carnaval do mundo’, com suas ‘tradições’ e ‘características’ próprias, e Pernambuco era o lugar do frevo, não do samba, pois esta prática cultural já estava associada ao Rio de Janeiro.²⁵⁵

Sobre o embate travado entre os vereadores e o prefeito Pelópidas Silveira a respeito da oficialização ou não de escolas de samba no carnaval em Recife, o jornalista Aníbal Fernandes denominou o acontecimento numa de suas matérias de “*Samba e Guerra Fria*”. Para Fernandes, por trás da atitude dos vereadores de permitir escolas de samba na Lei que oficializou os festejos momescos na cidade estava a questão eleitoreira.

Samba e “Guerra Fria”

A <guerra fria> entre o prefeito e a câmara Municipal, rebentou no caso do reexame da Lei, que oficializou o Carnaval e rebentou pelos mais inferiores motivos: a maioria dos vereadores quer que se execute a lei, anteriormente votada, porque melhor se presta ao <Eleitoralismo>. Onde a vereança gosta de cevar-se é no <Eleitoralismo>. Sem <Eleitoralismo> não há vereança. É triste, mas é fato. [...] Pela lei em vigor os vereadores dão três representantes à comissão encarregada de distribuir a verba de um milhão pela lei nova, a vereança daria apenas um. Nem precisava mais. [...] Outra coisa antipática da lei atual é a subvenção a <escolas de samba>. [...] Assim, se verifica que o que temos a valorar, a estimular e a proteger é o carnaval típico pernambucano, o único capaz de atrair turistas para a cidade. Porque em matéria de samba, no Rio de Janeiro há o melhor.²⁵⁶

²⁵³ CHALHOUB, Sidney. Prefácio do Carnaval das Letras, In: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras: Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2. Ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 20, 2004.

²⁵⁴ FERNANDES, Aníbal. Samba e “Guerra Fria”. *Diário de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1956, p. 04. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁵⁵ FERNANDES, Aníbal. Carnaval e Turismo. *Diário de Pernambuco*. 05 de janeiro de 1956, p. 04. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁵⁶ FERNANDES, Aníbal. Samba e Guerra Fria. *Diário de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1956. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

O jornalista afirmava que muitas escolas de samba representavam espaços eleitoreiros dos vereadores. Por isso, para Fernandes, estava o poder legislativo medindo forças com o poder executivo. Não estavam preocupados em defender o “tradicionalismo histórico dos festejos carnavalescos recifenses”, mas sim, em defesa de seus próprios objetivos. Ele questionava que nunca houve escolas de samba no carnaval do Recife, então por que oficializá-las?²⁵⁷

Acerca das colocações de Aníbal Fernandes, não posso deixar de dissertar sobre as construções em torno do entendimento de ‘identidade regional’ e do próprio conceito de ‘pernambucanidade’ no Recife, enunciados por intelectuais engajados com o projeto de uma prática de carnaval para a capital pernambucana. Interpreto essas enunciações como ‘narrativas regionais’, ou seja, modalidades discursivas com o propósito de construir uma memória e uma identidade regional.²⁵⁸ No entanto, essas construções discursivas encobrem outras questões mais pragmáticas e podem ser pensadas como atos políticos.

Tais enunciações, possivelmente, são pensadas e direcionadas para o ‘povo’ em geral com um intuito pedagógico, de impor, de definir uma prática de carnaval almejada pelas elites dominantes. No entanto, essas construções não levam em consideração o modo como diversos grupos e categorias sociais veem e consideram o que seja a sua ‘nação’ ou mesmo ‘região’, e como estes se sentem enquanto parte dessa totalidade.

A ‘Região’ é entendida neste trabalho como uma ‘comunidade imaginada’²⁵⁹ que pode vir a ser construída de forma discursiva através de uma literatura, de uma língua nacional, de um dialeto, de uma raça, de um folclore e mesmo de um patrimônio cultural.²⁶⁰ Assim, essas inúmeras modalidades discursivas de construção do nacionalismo ou regionalismo podem ser interpretadas como uma das estratégias de um projeto cultural proposto por determinadas categorias ou grupos específicos de intelectuais. Mas, ao afirmar isso, não quero dizer que não havia os conflitos, as disputas, as diferenças políticas em torno desse grupo.

Nessa perspectiva, o regionalismo, pode ser entendido como um *campo* de disputas, no qual grupos com diferentes posições e interesses enfrentam-se. Dessa forma, este campo

²⁵⁷ FERNANDES, Aníbal. Samba e Guerra Fria. *Diário de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1956. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁵⁸ Utilizo as palavras ‘memória’ e ‘identidade’ a partir dos modos pelos quais determinada categoria social – intelectuais engajados na construção de um projeto histórico/cultural regional as definem segundo o empreendimento da construção da ‘pernambucanidade’. De acordo com tais modos, a identidade é entendida como uma entidade abstrata carregada de propriedades distintivas que diferenciam e especificam grupos sociais.

²⁵⁹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexão sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²⁶⁰ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, pp. 13-14, 2002.

apresentava-se como algo dotado de aspectos políticos e caracterizado por desigualdades sociais, “mas que se articula mobilizando sentimentos coletivos e veiculando identidades e ideologias associadas a memórias sociais”²⁶¹. Pierre Bourdieu, ao analisar o fato, menciona que as lutas em torno da identidade regional “se constituem num caso particular de lutas de classificação, lutas pelo monopólio de impor a definição da divisão do mundo social”²⁶².

Nessas disputas de enunciação sobre o conceito de identidade regional que estava sendo gestado, no período de 1955 a 1972, para configurar o conjunto da pernambucanidade, as escolas de samba não foram parte integrante. Quando intelectuais como Aníbal Fernandes colocaram-se enquanto defensores da tradição, era uma tradição associada a valores cristalizados que deveriam ser preservados. Já a identidade regional era entendida como a identificação com a origem do lugar, aquilo que definia e diferenciava os habitantes de uma determinada região a um sentimento de pertencimento, para assim configurar o conjunto da ‘Pernambucanidade’.

2.3.1.2 Mário Melo e o ‘Tradicionalismo Histórico da Festa Carnavalesca recifense’

Pela pesquisa que realizei pude interpretar que, dos intelectuais que criticavam a presença das escolas de samba no carnaval recifense, o que mais vezes escreveu nos jornais, e de forma mais enfática contra o samba foi de fato Mário Melo. Este era um jornalista atuante. No ano de 1956, por exemplo, ele prestava serviços para dois periódicos da capital pernambucana, o Folha da Manhã e o Jornal do Commercio. Melo acreditava ser as escolas de samba manifestações prejudiciais à folia de momo da cidade, bem como as considerava um espúrio à ‘tradicional festa’ local.

O memorialista e ex-deputado estadual Mário Melo recorria constantemente aos jornais durante o período da revisão da lei que oficializou os festejos de momo pela Prefeitura do Recife, para criticar a forma como este processo estava sendo conduzido. Diante da recusa do poder legislativo da cidade em comparecer nas reuniões convocadas pelo novo prefeito, Pelópidas Silveira, para rever a lei anteriormente sancionada, ele criticou incisivamente a

²⁶¹ OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil - nação*. 2. ed. rev. e ampl. – Petrópolis, RJ: Vozes, p. 25, 2006.

²⁶² BOURDIEU, Pierre. “L’Identité et larépresentation – Elémentspour une réflexion critique surl’idée de region”. *Actes de laRechercheenSciencesSociales*, n. 35, 1980, p. 69, *apud*: OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil - nação*. 2. ed. rev. e ampl. – Petrópolis, RJ: Vozes, p. 25, 2006.

atitude dos vereadores acusando-os de defender redutos eleitoreiros quando inseriram as escolas de samba no projeto que oficializava o carnaval²⁶³.

Mário Melo era um sujeito influente, e talvez, capaz de convencer não só os vereadores como também a própria sociedade sobre os problemas, apontados por ele, que seriam gerados com a inclusão das escolas de samba no processo de oficialização do carnaval da cidade. Para Melo, essas práticas culturais iriam ‘descaracterizar’ e aos poucos ‘matar’ a folia recifense, pois, “equivaliam, a uma espécie de câncer no maior e mais sublime símbolo da cultura pernambucana, o frevo”²⁶⁴.

[...] incentivar o samba pelo carnaval, é trabalhar contra o frevo. É tirar o frevo do carnaval pernambucano, é acabar de vez com o que ele tem de original e metê-lo como reboque no carnaval carioca. [...] **convém que os vereadores pernambucanos meditem nas minhas palavras** e, se querem o carnaval do Recife com sua originalidade, com suas características inimitáveis, **evitem qualquer referência, no projeto às <Escolas de Samba> porque equivalem a um câncer no frevo**²⁶⁵.

O ex-secretário da Federação Carnavalesca, Mário Melo, acreditava que a oficialização das escolas de samba no carnaval de Recife iria prejudicar o frevo. Frevo entendido por ele e alguns de seus congêneres como o símbolo máximo da cultura local. E nada nem ninguém poderiam ameaçar a soberania do ‘ritmo da terra’. Para Melo, as escolas de samba eram uma prática invasora, advinda de outro Estado. Para embasar suas afirmações ele evocou a defesa dos regionalismos: “As infiltrações prejudicam fundamentalmente o regionalismo”²⁶⁶. Assim, para o jornalista, o lugar da escola de samba é de onde provinham, ou seja, o Rio de Janeiro, e não Recife.

No entanto, como observei anteriormente, o samba estava presente na cidade há muitos anos, e não apareceu apenas no período da oficialização do “tríduo momesco”. Será que a sua aceitação não estava no fato de as escolas de samba passarem a receber um pecúlio dos cofres públicos? Como os próprios jornais já noticiavam, seus desfiles vinham se destacando na cidade e atraindo um grande número de foliões para suas apresentações. A subvenção recebida não iria fortalecê-las?

²⁶³ *Jornal do Commercio*, 15 de janeiro de 1956, p. 02. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁶⁴ *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1956, p. 02. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁶⁵ *Jornal do Commercio*, 07 de janeiro de 1956, p.02. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ). (Grifos Meus).

²⁶⁶ *Jornal do Commercio*, 13 de janeiro de 1956, p. 02. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

O ex-deputado estadual Mário Melo salientou que os vereadores não estavam interessados em preservar a ‘cultura local’, e sim, preocupavam-se com questões eleitoreiras, visto que as escolas de samba representavam um grande reduto de ‘clientelismo’. Segundo Melo, se realmente o poder legislativo fosse composto por indivíduos imbuídos da defesa do folclore pernambucano, não hesitariam em reorganizar e corrigir o erro que cometeram ao oficializar escolas de samba no carnaval de Recife, asfixiando (nossas) tradições²⁶⁷.

Para que o leitor possa ter uma ideia da importância de Mário Melo para a sociedade local da época, uma comissão de vereadores foi formada para ir à casa do jornalista com o objetivo de lhe convencer da importância da lei anteriormente aprovada. Que ela não ‘descaracterizava’ o carnaval, mas, ao contrário, lhe permitia maiores oportunidades de um brilhantismo inédito²⁶⁸.

No entanto, Mário Melo estava convencido de que as escolas de samba “representavam um espúrio, uma infiltração perniciosa na tradicional festa de momo recifense”, e que, se não fossem contidas, o frevo poderia desaparecer diante da pressão do samba. Assim discorreu sobre como, em sua visão, deveria ser feita a oficialização dos festejos de momo na cidade:

[...] preservando seu folclore: maracatus centenários, clubes de frevo quinquentenários, caboclinhos quinquentenários e não infiltrações perniciosas (exóticas escolas de samba) excrescências do samba²⁶⁹.

As críticas de Mário Melo ao processo de oficialização do carnaval recifense com a presença do samba provocavam tamanho alarido na cidade que os vereadores vinham aos jornais responder as suas indagações, o que de fato gerava um debate nos periódicos. O Presidente da Câmara de vereadores da época, chegou a publicar um editorial para responder as colocações do jornalista, fato que foi veementemente combatido por Melo.

O Carnaval da Rua da Guia

A Rua da Guia, por seu Presidente, citando meu nome, como que em resposta a meus artigos, porém, na verdade para dizer que não se reunirá extraordinariamente. Aliás, era sabido que, não havendo remuneração aos vereadores em reuniões extraordinárias, nem estoque de <marmelos>, não haveria interesse para que se abalassem de casa. Este o principal motivo de não quererem reunião extraordinária. A <leite de pato> e sem o tacho no fogo para infusão de <marmelos>, não lhes interessam os problemas municipais. Toda gente sabe que a infiltração do samba no carnaval pernambucano é coisa recente, oriunda da segunda grande guerra é que, se não for contido em tempo, bem poderá expelir o que é nosso, regionalismo nosso. [...] Como se fosse pouco, se

²⁶⁷ *Folha da Manhã*, 12 de janeiro de 1956, p. 04. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

²⁶⁸ *Correio do Povo*, 19 de janeiro de 1956, p. 02. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

²⁶⁹ *Folha da Manhã*, 15 de janeiro de 1956, p. 04. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

não bastasse a oficialização das Escolas de Samba, organizou esse conselho eleitoralmente um representante da Federação, um representante dos Cronistas, um das Escolas de Samba e três da Rua da Guia. De início, quatro votos do Conselho, um do samba e três da Rua da Guia, contra dois²⁷⁰.

Mário Melo afirmava que, caso as escolas de samba fossem oficializadas no carnaval da cidade, teríamos “então um carnaval amargo, pífio, descaracterizado”. E associa a dança do samba a algo contrário à masculinidade. “É melhor não termos o carnaval de rua, o carnaval tipicamente pernambucano, a vermos o samba imperando em nossos logradouros, com aqueles indivíduos de sexo duvidoso e ademanos que horripilam a dignidade masculina”²⁷¹.

Para o jornalista, quando as ‘exóticas’ escolas de samba fossem oficializadas nos festejos de momo da cidade, estes estavam fadados a desaparecer, prestes a morrer, ou seja, os dias em homenagem ao deus da galhofa estavam contados. A inclusão das escolas de samba na subvenção da prefeitura e, com isso, a possibilidade de um crescimento desta prática cultural, de um maior brilhantismo no carnaval, eram encarados por Mário Melo como a própria morte de momo.

O carnaval que passou

As escolas de samba, que a Câmara da Rua da Guia eleitoralmente incluiu na oficialização do Carnaval Recifeense, já ocasionaram malefício em nosso folclore, como pode ser apreciado por quem assistiu ao desfile da chamada <Gigantes do Samba>. Entre parênteses: quando se aproximou do palanque oficial, no domingo à noite, foi passado o microfone a um locutor de rádio que, entre palavras ocas sobre as <escolas de samba>, disse que elas representavam tradição no carnaval pernambucano. Não sei como o palanque não se desmoronou, quando proferida semelhante heresia! Fechado o parêntese. Dizia eu que as exóticas escolas de samba, haviam já produzido seu mal nas agremiações recifenses. Lembrem-se os que conheceram nosso carnaval antes do aparecimento em nossas ruas desse quisto mimosamente acolhido para Rua da Guia, [...]”²⁷².

O que deveria ser de fato preservado e oficializado, para o intelectual Mário Melo, eram os clubes de frevo, os cordões, os blocos, os maracatus, os caboclinhos, pois esses grupos sim representavam de fato o ‘tradicionalismo histórico da festa carnavalesca recifense’, não o samba!

Os sambistas, por sua vez, tiveram sua manifestação inclusa como uma prática partícipe dos festejos, mesmo diante da pressão exercida por intelectuais, como Mário Melo, que criticavam nos jornais a presença das escolas de samba na lei em que a Prefeitura do

²⁷⁰ *Jornal do Commercio*, 15 de janeiro de 1956, p. 02. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁷¹ *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1956, p. 02. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁷² *Jornal do Commercio*, 16 de fevereiro de 1956, p. 02. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

Recife oficializava o carnaval. Entretanto, foi criada uma lista hierárquica das agremiações, na qual as escolas de samba passaram a figurar na última posição, recebendo com isso a menor porcentagem, entre todos os grupos componentes da folia de momo, da verba destinada pelo governo municipal ao patrocínio da festa.

2.3.1.3 Os arautos da tradição: outras vozes sobre a oficialização do carnaval recifense

Como venho procurando demonstrar, havia nos jornais uma condenação expressa por parte de inúmeros intelectuais acerca da presença das escolas de samba na Lei que oficializou o carnaval do Recife. E, pelo que pude interpretar, o cerne das opiniões circundava praticamente o mesmo ponto de vista, ‘escola de samba é uma prática carioca e a sua presença no carnaval recifense iria corroê-lo e descaracterizá-lo, tornando-o assim uma cópia dos festejos do Rio de Janeiro’. E para que isso fosse evitado, os intelectuais procuravam defendê-lo dessa intromissão.

Valdemar de Oliveira, então jornalista do Diário de Pernambuco, inseriu-se no debate sobre a oficialização do carnaval da cidade dialogando com os seus pares e ratificando a opinião de alguns de seus congêneres, como Mário Melo e Aníbal Fernandes. Salientou que a Lei anteriormente aprovada sobre os dias de momo tinha caráter eleitoral, teceu elogios à atitude do prefeito recentemente eleito, Pelópidas Silveira, quando convocou os vereadores para rever o projeto da oficialização, e fez críticas à tentativa do poder legislativo de subsidiar escolas de samba no carnaval.

Oficialização do Carnaval

Todos os meus aplausos para o prefeito Pelópidas Silveira, pela atitude tomada em relação à Lei que oficializou o carnaval do Recife. Essa Lei tinha um cunho nitidamente eleitoralista. Foi feita para facilitar a influência de certos vereadores no seio da massa eleitoral, bastando lembrar que os próprios representantes do povo tinham direito a distribuir as verbas destinadas pela Prefeitura do Recife, ao incremento do carnaval recifense. O prefeito Pelópidas Silveira pôs a coisa em seus devidos termos e convocou a câmara de vereadores para se pronunciar a respeito, mostrando as incongruências da Lei sancionada em julho de 1955. Li o projeto enviado pelo Prefeito, com o fim de substituir a Lei em questão. Creio que nem deveria merecer discussão, porque é justo e simples. O departamento de Documentação e Cultura ficaria encarregado de promover e organizar o carnaval do Recife. Só o Departamento e mais nenhuma outra entidade. Nem mesmo se admite que, existindo essa entidade, possa o DDC auxiliá-la. Da verba que deve ser entregue ao Departamento de Documentação e Cultura em janeiro de cada ano deveria dizer-se: nos primeiros dias de janeiro de cada ano, 60% são destinados às agremiações carnavalescas legalmente registradas e 40% a ornamentação, propaganda, iluminação e incentivo das festas carnavalescas. O que, porém, mais importa, nesse nosso projeto, é que somente serão preservados os clubes de frevo, os blocos (desde que adotem, em seus cantos, exclusivamente o ritmo do frevo), os maracatus, obrigados a respeitar sua forma primitiva, quanto ao conjunto musical, e os clubes de caboclinhos. As escolas

de sambas, portanto, são excluídas de qualquer benefício. Adianta-se, ainda, que, do projeto, consta uma coisa muito boa: é que a Prefeitura não despenderá subvenção ou auxílio isoladamente a agremiações carnavalescas. Isso é o que se pode chamar um projeto cem por cento, merecedor de aprovação rápida e sumária.²⁷³

Como salientei, quando os intelectuais questionavam a presença de escolas de samba no carnaval da cidade afirmavam que elas iriam ‘descaracterizá-lo’ em sua ‘essência pura’, em sua forma ‘primitiva e autêntica’ e que, caso houvesse samba na capital pernambucana a festa perderia sua marca atrativa, pois, de acordo com o jornalista Aníbal Fernandes, “ninguém vinha ao carnaval em Recife ver escolas de samba e sim frevo! Porque as escolas de samba são uma prática carioca”.²⁷⁴

Leda Alves foi outra jornalista a se pronunciar sobre a oficialização do carnaval, a se colocar em favor das ideias do Mário Melo, e consequentemente, contrária à presença das escolas de samba nos dias de momo. Leda não era contra a presença do ritmo do samba na folia recifense, mas defendia o posicionamento de que essa prática deveria ser uma espécie de ‘descanso’ para os alegres foliões que brincavam nas ruas da capital pernambucana. A jornalista ainda salientou que, se o samba entrasse no carnaval, “a festa não seria mais a mesma, estaria se acariocando”.

Carnaval Pernambucano

Mário Melo vem por aí combatendo as Escolas de Samba, que solicitaram uma verba ou coisa parecida para fazer uma apresentação no nosso carnaval. Eu gostei da Escola, mas acho que o samba é apenas para que a gente descanse do frevo que mata uma criatura, desde que ela insista em pular doidamente durante três dias. Entretanto, concordo com esse contra que Mário Melo vem dando às Escolas de Samba que querem descaracterizar o nosso carnaval. Pernambuco é conhecido em todo o Brasil como a terra do frevo, esse ritmo gostoso, palpitante, que bole com os nervos de toda a gente. A pessoa fica se bulindo no lugar e acaba por se lançar ao salão pulando, inventando passos, completamente fora de si. O frevo dos nossos compositores, o frevo que mexe, vivo e palpitante, o frevo que não vem de fora, que é criação nossa, que nos pertence, que nos é exclusivo. Se o levarem para o Sul não será o mesmo. Não poderá ser tocado com tanta alma e tanto ritmo como é tocado aqui na sua terra natal. Não confundamos: o samba é do Rio e é também brasileiro, mas o frevo não é predominantemente do Brasil? É nosso e nós não devemos perder a nossa característica carnavalesca. Se entra o samba, o carnaval não será o mesmo. Será sofisticado, cariocado. Penso que ele deve ser sempre essencialmente pernambucano. Nós somos a terra do frevo. A Bahia é a terra da macumba. O Rio é a terra do samba. E se os outros Estados lutam para conservar sua tradição, os seus costumes regionais, as suas criações, os seus, vamos dizer folclores, nada mais natural do que barrar a entrada e evitar que o samba vença o frevo. Não digo que não gosto de samba, é um ritmo brasileiro finalmente. Mas o frevo é pernambucano, é mais valioso, é nossa tradição, é uma característica do nosso carnaval já tão conhecido. Se ele for relegado a um plano secundário que resistirá de original no nosso carnaval? Nada.

²⁷³ OLIVEIRA, Valdemar. Oficialização do Carnaval. *Diário de Pernambuco*, 15 de janeiro de 1956, p. 06. Esta matéria foi lida também na Rádio Clube do Recife, no programa Crônica da Tarde.

²⁷⁴ FERNANDES, Aníbal. Samba e “Guerra Fria”. *Diário de Pernambuco*, 14 de janeiro de 1956, p. 04. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

Terámarchas, sambas, frevinhos, como o carnaval carioca. Conservemos a tradição. Eu não sou inglesa e não gosto de velharias. Mas o caso é todo especial e merece um parêntese. Que tenhamos o samba para descansar a orquestra ou mesmo porque o samba também é um ritmo quente, mas não vamos deixar que ele tome o lugar do frevo que é nosso, que constitui um patrimônio nosso e absolutamente particular. E entre o samba e o frevo não há dúvida. Se nos é dado escolher, ficamos com o frevo. E “guerra ao samba”.²⁷⁵

Alberto Campelo, jornalista do *Correio do Povo*, escrevia na coluna ‘Freza Vida’ sobre os aspectos cotidianos da sociedade recifense. Ele foi outro intelectual a posicionar-se sobre a oficialização do carnaval. Campelo partilhou das colocações de seus congêneres quando afirmou que “escolas de samba não é uma prática pernambucana e sua presença macula a tradição local”. Entretanto, das concepções de Alberto Campelo sobre o processo de oficialização do carnaval e, conseqüentemente, da presença das escolas de samba, a que mais me chamou a atenção foi a relação que este jornalista estabeleceu ao comparar o frevo à liberdade e o samba ao comunismo (esse último entendido como o cerceamento das liberdades).

Para Campelo, o ritmo do frevo permite que os foliões brinquem o carnaval de maneira livre, espontânea, andando e cantando alegremente pelas ruas da capital pernambucana, sem cercear a liberdade. Já o samba, prende, impõe determinada ordem aos sambistas. Salientou também que “o frevo não permitirá que o comunismo triunfe em nosso país”, e destacou que as autoridades devem procurar preservar as “tradições genuinamente pernambucanas”.

A câmara municipal tenciona fundar, no Recife, escolas de samba, fugindo, assim, às nossas tradições, maculando o que há de mais belo e melhor em nosso carnaval: o frevo. Contra essa iniciativa medíocre de imitar o Rio de Janeiro está o chefe do Executivo Municipal. Sei que nenhum pernambucano, digno desse nome, deixará de apoiar o Prefeito. Sabemos que isso é mais que um erro, é um crime. O Sr. Pelópidas, mais uma vez, mostra que está com o povo, protegendo-o, em todos os momentos, principalmente quando em perigo as tradições da terra. O que mais atrai os excursionistas, em época carnavalesca, é, justamente o frevo. Cansados de ver e ouvir as batucadas do Rio e de outras Capitais, os visitantes vêm a Pernambuco em busca de originalidade e encontram, de fato, “La mais caliente música Del mundo”. Como a política na Câmara Municipal está, geralmente, composta de mediocridade e de má fé, não sabemos qual será o verdadeiro fim desse desentendimento entre o Prefeito e os vereadores. As escolas de samba são próprias do Rio. Em nossa terra não tem muita acolhida e não podem dominar. O pernambucano gosta de ter liberdade para pular em toda parte. Pular no clube, em casa, na rua. O frevo pede movimentos e ação. Nunca se pode comparar o dinamismo representado pelo frevo com o sambinha compassado e meloso do Rio. O frevo diz que é impossível o comunismo dominar o país, pois ele representa alma de um povo que só quer liberdade e nada mais. Basta dizer que é uma música tipicamente pernambucana. O que a Câmara Municipal deve fazer é cuidar

²⁷⁵ ALVES, Leda. Todos os dias: Carnaval Pernambucano. *Correio do Povo*, 24 de janeiro de 1956, p. 06. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

melhor das principais responsabilidades que estão a seu cargo. Sabemos perfeitamente, que o frevo é uma música conhecida mundialmente.²⁷⁶

José do Patrocínio, jornalista do *Correio do Povo*, em seus escritos, também partilhou do pensamento dos seus pares intelectuais. Para ele, as autoridades municipais não poderiam oficializar escolas de samba como uma prática peculiar ao carnaval da cidade. Patrocínio entendia escola de samba como uma manifestação carioca que até poderia figurar por terras pernambucanas, desde que não fossem subsidiadas pelo poder público. Quem quisesse participar de uma escola de samba que procurasse recursos e pessoas suficientes para mantê-las.

Tal cretinice só pode sair da Rua da Guia! Ora, vejam só os leitores. Pernambuco, possuindo uma dança quente como o frevo, que expressa o sentimento de nossa gente, que não tem sido, infelizmente, cultuado como deveria ser, nem poupado, a fim de evitar-lhe deformações de toda a espécie, descaracterizações numa época em que esse crime começa a atingir até o Vernáculo, tem de suportar a ideia luminosa de se fundarem escolas de samba no Recife! ... Essa é muito boa. Não se proíbe o samba no Recife. Dança-se samba nos salões dos clubes granfinos, nos de segunda classe, nas gafieiras, em todo arrasta pé de subúrbio. O gosto do dançarino é que dita a moda. Mas, desejar-se, a todo custo, contra a vontade de bons pernambucanos, descaracterizar o nosso carnaval, desvalorizar uma tradição da terra, somente pelo pedantismo de implantar aqui, aprofundar mais do sambinha desenxabido dos morros cariocas, é um crime que deverá ser repellido a todo custo. Quem quiser e tiver dinheiro para isso, poderá manter suas escolas de samba, em sua casa, que terá o amparo oficial, mas, para garantir, pelos meios legais, o seu normal funcionamento. É a liberdade prevista no regime democrático. De nossa parte, apesar de não irmos muito com esses sambinhas bestas, que não podem ser comparados a um frevo, mesmo dos mais fracos, de Carnera, defenderemos o seu funcionamento. Gritaremos bem alto se aparecer lá o cabo Chateaubriand com o seu R. P. 13 para cometer absurdos. Somente nesse caso. Mas, oficializá-las no sentido estrito da palavra, com direito a subvenções, isso é que não. Não toleraremos tal coisa de modo algum. Precisamos aqui é de preservar as tradições da terra que estão aí ao léu, senhores vereadores! Não carecemos de escolas de samba mantidas pela Municipalidade. Quem as desejar, como dissemos, se dê ao luxo de mantê-las com seus bonitos vinténs. Fazer figura com chapéu alheio é crime. Vimos, no ano passado, as tais escolas de samba. Não pode existir coisa mais besta. E agora esses vereadores recifenses com essa história cretina, desejando a todo o custo descaracterizar o nosso Carnaval, é um absurdo. Precisamos reagir. Tem saído tanta bobagem da Rua da Guia!...²⁷⁷

Expressivos nomes do cenário jornalístico recifense expressaram seus posicionamentos em relação à oficialização do carnaval em Recife, acontecimento perpassado por tensões e disputas, mas também marcado por alianças e consensos. Esses indivíduos buscaram apreender as representações da folia e produziram e/ou veicularam em suas

²⁷⁶ CAMPELO, Alberto. Coluna Freza Vida. *Correio do Povo*, 17 de janeiro de 1956, p. 03. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

²⁷⁷ PATROCÍNIO, José. Coluna Freza Vida. *Correio do Povo*, 18 de janeiro de 1956, p. 03. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

crônicas, confrontando-as entre si, a fim de identificar os semelhantes projetos de (re) construção da festa e, conseqüentemente, da identidade regional que defendiam.

Por meio do estudo da festa carnavalesca em Recife, interpreto tanto campos de consensos entre os intelectuais, quanto diferenças políticas em torno do 'tríduo momesco'.²⁷⁸ Os jornalistas e escritores elaboravam suas opiniões e estratégias de intervenção na folia em meio a conflitos de toda a sorte, cujos resultados lhes eram imprevisíveis. Visualizei, de certa forma, um diálogo harmonioso em torno dos escritos dos jornalistas, mas que não era em todo o tempo homogêneo. Houve as divergências, como é o caso de Valdi Coutinho, que posicionou-se nos jornais como uma voz em favor dos construtores de samba da capital pernambucana.

Para o jornalista do Diário de Pernambuco, Valdi Coutinho, o samba era uma prática pernambucana e as escolas de samba contribuía para o engrandecimento do carnaval recifense. Coutinho não partilhava das afirmações da maioria dos intelectuais que escreveram sobre o fato, os denominava de 'puristas', pois estavam preocupados com uma essência imutável nas manifestações culturais que, segundo ele, não existia. Mais adiante irei discutir melhor alguns dos posicionamentos deste jornalista a respeito da presença das escolas de samba nos dias de folia recifense.

2.3.2 Gilberto Freyre e a Pernambucanidade

O sociólogo Gilberto Freyre foi outro intelectual a inserir-se no debate sobre a validade ou não da presença das escolas de samba no carnaval em Recife. Em meio às críticas que essas manifestações enfrentavam de parcela significativa da intelectualidade local, no caloroso debate da oficialização de momo pela Prefeitura municipal, eis que Freyre emitiu um artigo afirmando não ver problemas na participação das escolas de samba nos festejos em homenagem ao deus da galhofa na capital pernambucana.

O frevo em face do samba

Deve-se expulsar o 'samba' do carnaval do Recife para que reinem sozinhos, absolutos e puros, em Pernambuco o 'frevo' e o 'maracatu'? Sou dos que pensam que não: que se deve admitir o 'samba' no carnaval do Recife. Dar-lhe o direito de ver competir com as danças e músicas da terra. Não, é claro, protegendo-o contra os valores nativos. Mas permitindo-lhe trazer a estes valores, temperos que talvez lhes estejam faltando. Não devemos descreer da vitalidade do 'frevo' recifense: é uma vitalidade em expansão. Pode até vir a absorver o 'samba'. Por que então expulsar-se

²⁷⁸ Mais adiante irei demonstrar como diferentes instituições que organizavam o carnaval, como a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife e a Federação Carnavalesca Pernambucana, tinham posicionamentos diferentes sobre a participação das escolas de samba na folia.

daqui o ‘samba’? Ou proibir-se que ele procure tornar-se cidadão do Recife? Este exclusivismo é que repugna ao espírito tolerante de um recifense verdadeiramente recifense. Não devemos querer para o carnaval recifense uma estabilidade de carnaval etnográfico. Seria fazermos de um carnaval que se distingue pela vibração, pela espontaneidade, pela inquietação, um correto carnaval de museu: sempre o mesmo. O interessante para quem considera num carnaval o que nele é vida, expansão de vida, e não apenas cristalização folclórica, é observar suas alterações, suas variações, suas novas combinações. Talvez do encontro, não fortuito, mas profundo do samba carioca com o ‘frevo’ recifense, resulte uma inesperada combinação nova, deliciosamente brasileira de dança e de música. Deixemos que se verifique esse encontro. Que se processe essa combinação. O purismo exagerado com relação a um carnaval como o do Recife, como o purismo excessivo com relação a uma língua como a portuguesa, pode resultar em arcaísmos lamentáveis. Não passaria de curiosidade etnográfica o carnaval de 1920 ou 1930, do mesmo modo que não passa de curiosidade estilística o livro que apareça hoje, escrito em português arremado do de Herculano ou copiado do de Rui. Dê-se assim liberdade ao samba de trazer ao carnaval do Recife o perigo de sua presença intrusa e perturbadora. É vencendo perigosamente que os valores, as artes, os estudos nacionais melhor se afirmam. E não sendo, excessivamente resguardadas por leis e por outras providências oficiais ou oficiosas.²⁷⁹

Freyre justificou não ver problemas na presença das escolas de samba nos dias de folia recifenses e destacou que essas manifestações poderiam até trazer “valores e temperos que talvez lhes estejam faltando aos ritmos entendidos como da terra”. Entretanto, mesmo defendendo a participação das escolas de samba no carnaval, salientou que são práticas cariocas, incorporando, assim, também o discurso da não pernambucanidade do samba.

O sociólogo teceu críticas aos intelectuais que viam nos dias de momo uma festa cristalizada, “não devemos ter no carnaval recifense uma festa etnográfica”.²⁸⁰ Afirmava que, se o carnaval era vibração, espontaneidade, então não poderia resultar de um fenômeno único e estanque no tempo. E concluía: “Talvez do encontro, não fortuito, mas profundo do samba carioca com o ‘frevo’ recifense, resulte uma inesperada combinação nova, deliciosamente brasileira de dança e de música. Deixemos que se verifique esse encontro”.²⁸¹

A repercussão desse artigo publicado por Gilberto Freyre não foi bem vista por seu primo, o jornalista Mário Melo. Este observou nas palavras de Freyre uma afronta ao regionalismo. Afirmou que ficou ‘estupefato’ com tamanho impropério contra a “genuína e legítima tradição carnavalesca local”, principalmente, vindo de quem veio, ‘o chefe do regionalismo nordestino’.

²⁷⁹ FREYRE, Gilberto. O Frevo em face do samba. *Jornal do Commercio*, 19 de fevereiro de 1956, p. 01. II Caderno. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁸⁰ FREYRE, Gilberto. O Frevo em face do samba. *Jornal do Commercio*, 19 de fevereiro de 1956, p. 01. II Caderno. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁸¹ FREYRE, Gilberto. O Frevo em face do samba. *Jornal do Commercio*, 19 de fevereiro de 1956, p. 01. II Caderno. (Departamento de Micro Filmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

Adeus, Regionalismo!

Fiquei estupefato com o artigo de Gilberto Freyre no JORNAL DO COMMERCIO de domingo em defesa do samba exótico, no Carnaval Recifense. Estupefato, porque Gilberto Freyre goza, fora de Pernambuco, a fama de chefe do regionalismo nordestino, em defesa da qual promoveu um congresso que se reuniu nesta cidade, ao tempo da República Velha. Ora defender uma música estranha, embora brasileira, em choque com outra genuinamente pernambucana, portanto regionalista da gema, equivale a enrolar o pendão do regionalismo, ou, pelo menos, a renunciar a chefia desse movimento de que foi porta-bandeira. Fui quem primeiro se insurgiu contra a oficialização do samba, imposta por mero eleitoralismo: hei de combatê-la sempre de acordo com a minha teimosia que não é mais do que a defesa de princípios. [...] Combato o samba no carnaval recifense porque sempre procurei preservar os costumes pernambucanos para o que fui o principal fundador há 21 anos da Federação Carnavalesca. Se temos música própria, típica, regionalmente nossa, devemos impedir toda infiltração que a descaracterize. O que não posso admitir calado é que a Prefeitura, chamada para preservar e proteger o que é exclusivamente, recifense, inclua por mero eleitoralismo, de vereadores, no mesmo grau de defesa e proteção costume exótico, introduzido por forasteiro. Que se toque o samba durante os trezentos e sessenta e cinco dias do ano, porém, não seja incluído em lei como digno de preservação e proteção ao lado do que é tipicamente pernambucano. Poderia esperar que os vereadores interessados em votos – venham de onde vierem – divergissem do prefeito regional que defendo. Jamais que, contra o regionalismo no carnaval recifense, tomasse partido o chefe do regionalismo nordestino [...].²⁸²

As escolas de samba foram cada vez mais, com o passar dos anos, provocando mais e mais atratividade entre os foliões recifenses. Entretanto, mesmo com toda a popularidade que desfrutavam entre os anos de 1950 e 1960 em termos de público eram um dos destaques do carnaval da cidade, pois formavam o maior bloco das agremiações desfilantes, ainda figuravam matérias em jornais que questionavam a legitimidade das escolas de samba na folia da capital pernambucana. Para alguns intelectuais as escolas de samba continuavam representando uma prática associada ao Rio de Janeiro e sua presença e crescimento eram entendidos como ‘carioquização’ dos festejos de momo recifenses.

Os indivíduos durante sua trajetória assumem posturas e posicionamentos diversos. E, como não poderia deixar de ser, essa premissa também se associa a Gilberto Freyre, ‘um homem orquestra’, múltiplo.²⁸³ Em 1956 ele escreveu no Jornal do Commercio defendendo a participação do samba no carnaval recifense, e eis que dez anos depois, em 1966, ele publica um artigo nos dois maiores periódicos da cidade, o Diário de Pernambuco e o Jornal do Commercio, denominado de ‘Recifense, sim, sub-carioca, não!’, no qual teceu críticas veementes ao crescimento e ao apoio recebido pelas escolas de samba na cidade.

²⁸²MELO, Mário. Crônica da Cidade: Adeus, regionalismo! *Jornal do Commercio*, 23 de fevereiro de 1956, p. 02. (Departamento de Micro Filmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

²⁸³BURKE, Maria Lúcia Pallares; BURKE, Peter. *Repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. Tradução de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Editora: UNESP, p. 23, 2009. Sobre a trajetória intelectual de Gilberto Freyre ver também: REIS, José Carlos. Gilberto Freyre, poeta do Brasil, In: *O Desafio Historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010.

Nesse artigo Gilberto Freyre não aceitava o destaque dado às escolas de samba pelos foliões, questionando o porquê da presença dessas manifestações culturais no carnaval em Recife. Para o sociólogo, esse processo era uma tentativa de colocar a festa de momo recifense como reboque da carioca. Incentivar essas práticas poderia ser comparado a um novo ‘calabarismo’²⁸⁴, uma traição das ‘tradições culturais’, ‘autênticas’ e ‘legitimamente pernambucanas’. Para Freyre, o regionalismo deveria ser preservado com suas particularidades contra uma espécie de ‘carnaval imperialista’ que se apresentava pelo Brasil por meio das escolas de samba.

O carnaval do Recife de 66 decorreu sob este signo terrível: perigo de morte! É que o assinalou uma descaracterização maciça, através da invasão organizada, dirigida e, ao que parece, até oficializada, dos seus melhores redutos de pernambucanidade: a invasão das escolas de samba [...]. A traição ostensiva às tradições mais características de Pernambuco no que se refere a expressões carnavalescas. Um carnaval do Recife em que comecem a predominar escolas de samba ou qualquer outro exotismo dirigido, já não é um carnaval recifense ou pernambucano: é um inexpressível, postiço e até caricaturesco carnaval sub-carioca ou sub-isso ou sub-aquilo. De modo que a inesperada predominância, no carnaval deste ano, do samba sub-carioca, deve alarmar, inquietar e despertar o brio de todo bom pernambucano: é preciso que a invasão seja detida; e que o carnaval de 67 volte a ser espontaneamente recifense e caracteristicamente pernambucano. Se há algum calabarismo a trair o carnaval do Recife, a favor de um carnaval estranho, que seja o quanto antes dominado este calabarismo. Afinal, como se explica a repentina organização de não sei quantas escolas de samba sub-carioca na Cidade do Recife? A que plano obedece tal organização? Com que objetivo ela está se perpetuando? Eleitoralismo disfarçado? Estará havendo politiquice de qualquer espécie através do carnaval? Inocentes úteis estarão em jogo? Ou colapso da tradição carnavalesca no Recife por simples e passivo furor de imitação do exótico furor tão contrário ao brio recifense [...].²⁸⁵

As palavras de Gilberto Freyre associavam a prática cultural do samba da cidade do Recife a uma invasão. Relacionava os pernambucanos que estavam participando das escolas de samba com o calabarismo, ou seja, com a traição, no caso, traição das ‘legítimas tradições carnavalescas’ do Estado. Freyre tenta ‘despertar’ nos pernambucanos o sentimento de defesa, pois, se o carnaval de 1967 continuasse com o destaque dado às escolas de samba, essa festa estaria fadada a desaparecer, a morrer. É interessante compreender como Gilberto Freyre tentou explicar as práticas culturais por meio das fronteiras estaduais, estabelecendo que sambar e participar das escolas de samba é crime contra a pernambucanidade!

²⁸⁴ A palavra Calabarismo expressa no texto por Gilberto Freyre joga as práticas culturais para o campo da lealdade ou da traição a supostos valores da terra. O “calabarismo” alude ao famoso Calabar, suposto traidor dos “brasileiros” no episódio da Insurreição Pernambucana, ocorrido no século XVII.

²⁸⁵ FREYRE, Gilberto. “Recifense, sim, sub-carioca, não”. *Jornal do Commercio*, 27 de fevereiro de 1966, p. 04. “Recifense, sim, sub-carioca, não”. *Diário de Pernambuco*, 27 de fevereiro de 1966, p. 04, I caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE). Grifos meus.

O ano de 1966 ‘talvez’ tenha sido crucial para o desfile das escolas de samba em Recife. Não só porque Gilberto Freyre escreveu nos principais jornais da capital, Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio²⁸⁶, condenando a presença das agremiações do samba, mas também porque, ao fazer isso, lhes proporcionava certa visibilidade, como expôs outra figura importante do campo intelectual recifense, o jornalista Valdemar de Oliveira. expôs. Provavelmente, neste desfile de 1966, as escolas causaram grande atratividade nos foliões, pois só assim se justificaria as reações preocupantes desses ‘defensores’ de um carnaval sem samba.

[...] Anote-se, por exemplo, o domínio crescente das escolas de samba, no carnaval do Recife. Surgem numerosas delas, cada qual aumentando, ano a ano, os seus efetivos. **Ninguém vai admitir que se tenha estabelecido de repente, do Rio para o Recife, tão elevada – e especializada – corrente migratória. É, ao contrário, gente que vai deixando, por elas, os maracatus, os caboclinhos, seus clubes de ruas, suas troças e seus blocos, em suma – os seus velhos amores, por novos; e em muitos casos levando para o sassaricado do samba, o seu curso completo de passo.** Ou isso ou vem adolecendo para o carnaval já se decidindo pelo samba, força nova, “estrangeira”, com modos de quinta-coluna se insinuando nos arraiais da folia pernambucana [...].²⁸⁷

Por seu turno, Valdemar de Oliveira salientou que os atores sociais que construíram as escolas de samba na capital pernambucana não eram advindos do Rio de Janeiro, tampouco de outros lugares, mas eram os cidadãos pernambucanos que não viam nenhum problema em associar ao conjunto das práticas carnavalescas da cidade o samba, bem como não acreditavam ser exilados em seu próprio Estado por preferirem as escolas de samba em detrimento de outras práticas momescas.

Mesmo inserido num campo intelectual que condenava o samba, e em outros momentos ele próprio ter se posicionado contra a presença dessa manifestação cultural no carnaval da cidade, Valdemar de Oliveira buscou outro caminho para explicar o sucesso das escolas nos dias de folia da capital pernambucana. E em 1966 não mais compartilhava da mesma ideia defendida em 1956 quando condenou essas práticas. Entretanto, por outro lado, talvez o receio de entrar em atrito com Gilberto Freyre, que no mesmo ano publicou o artigo “Recifense, sim, sub-carioca, não”, condenando as escolas de samba, tenha levado Oliveira a conter as suas palavras.

²⁸⁶ Refiro-me ao texto “*Recifense, sim, sub-carioca, não*”, escrito por Gilberto Freyre no ano de 1966. Neste o referido sociólogo tece críticas a presença das escolas de samba no carnaval da cidade do Recife.

²⁸⁷ OLIVEIRA, Valdemar. *A Recriação Popular. Boletim da Comissão Pernambucana de Folclore*, 1966, p. 12, *apud*: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, p. 227, 2010. Grifos meus.

Mesmo assim, vale destacar as colocações de Valdemar de Oliveira, que se esforçou em justificar que a prática do samba nesses anos era algo consciente por parte dos foliões recifenses e que não deturpava a tradição carnavalesca da cidade, não podendo, portanto, ser vista como uma mera transposição do Rio de Janeiro, “houve mesmo quem as entendesse como escolhas conscientes dos pernambucanos e o fruto da invenção popular”.²⁸⁸

As escolas de samba continuaram crescendo nos anos de 1960 e atraindo cada vez mais membros para seus desfiles. Esse desenvolvimento e popularidade entre os foliões recifenses não foi mais uma vez bem visto por Gilberto Freyre, o que o levou a escrever novamente outro artigo no Diário de Pernambuco questionando a participação das escolas de samba e o dinheiro empregado por indivíduos que ele denominou de ‘ricos e influentes’. O sociólogo perguntava-se: estará certo fazer isso?

Estará Certo?

Não é da melhor tradição pernambucana o entreguismo passivo ou inerte. Acolher o exótico, o transoceânico, o entranho, o novo, assimilá-lo, adotá-lo é uma coisa: e isto o pernambucano tem feito desde velhos dias. E feito, por vezes, magnificamente. [...] Tais observações ou assimilações só fazem bem a uma cultura regional ou nacional e só fazem honra aos que sabem adotar o exótico, adaptando-se às suas situações e às suas tradições. Arte que tem alguma coisa de ciência. O entreguismo é diferente. Não assimila: entrega-se. Não absorve: é absorvido pelo invasor ou corruptor. É o que está acontecendo com o carnaval do Recife, célebre pela originalidade dos seus maracatus, dos seus caboclinhos, do seu frevo: está sendo descaracterizado não só tem a justa resistência da parte dos pernambucanos, como com a adesão de alguns dos mais ricos, dos mais influentes, dos mais poderosos, dentre eles, ao samba invasor. Está a despernambucanizar-se. Está a acariocar-se. Grande parte do dinheiro que se destina à promoção do carnaval não está tendo outro fim entre nós senão este: trazer, a altos preços, risonhos cariocas, mestres do samba, ao Recife, para aqui procederem à despernambucanização de um dos carnavais mais originais do Brasil. Estará Certo? Onde está a pernambucanidade desses ricos? Que justiça haverá em dar-se tão bons dinheiros a esses, aliás, ilustres cariocas, desprezando-se os nossíssimos Nelsons Ferrerias e Capibas? Desprezando maracatus e frevos para substituí-los por ‘escolas de samba’, com que turistas contaremos para vir a um Recife assim acariocado no seu carnaval? Não se diga que é o povo – o Povo Pernambucano: Povo com P maiúsculo – que quer se acariocar, entregando-se de corpo e alma ao carioquismo samba: música e dança de que ninguém nega as virtudes nacionais sendo, como é, para o Brasil, o que na culinária, é a feijoada. O que vem acontecendo, porém, entre nós, é uma sistemática e um tanto misteriosa obra de glorificação do samba em detrimento do carnaval pernambucano – espécie de pitu do Rio Una. Glorificação em artigos nos jornais, em falas nos rádios, em exposições nas televisões. Impossível que essa glorificação assim constante não consiga alguns dos desejados efeitos: um deles, incluir o frevo e o maracatus, passo a marchas, o carnaval verdadeiramente do Recife, entre quadradices vergonhosas para uma cidade ‘progressista’. Este, um aspecto do fenômeno que não deve ser esquecido. Pode ser expressão nacionalista: mas um nacionalismo a custa de uma variante regional de cultura nacional tão válida quanto a

²⁸⁸ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, p. 227, 2010.

carioca. A discriminação pró-samba dá ao que há, na campanha de antipernambucano, um sentido quase sinistro [...].²⁸⁹

Gilberto Freyre procurou compreender o sucesso das escolas de samba na capital pernambucana como o desdobramento de uma campanha realizada por sujeitos ‘ricos e influentes’, que promoviam a vinda à cidade do Recife de ‘ilustres sambistas cariocas’ e que estes eram os responsáveis pela presença do samba no carnaval recifense. Para ele, as escolas de samba que desfilavam e atraíam inúmeros foliões para suas apresentações, não foram resultados da ação dos pernambucanos, mas de indivíduos advindos do Rio de Janeiro. O autor se negava a acreditar que o sucesso alcançado por essas práticas culturais no carnaval da cidade estava associado à ação do ‘povo pernambucano’.

2.3.3 Capiba e Nelson Ferreira: ‘ícones do frevo’ e o debate a respeito da presença do samba no carnaval recifense

Outro nome relevante no cenário da sociedade pernambucana da época e que apareceu nos jornais inserindo-se no debate sobre as disputas em torno do samba e do frevo no carnaval de Recife foi o músico e compositor Capiba²⁹⁰. Este foi aos periódicos, em alguns momentos questionar e em outros enfatizar a perseguição e a campanha sistemática de condenação feita por parte da intelectualidade contra as escolas de samba. A matéria publicada no *Diário da Noite* em 1966 informava que para Capiba “essa história de diminuir samba em Recife era besteira, o importante era tocar o que as pessoas queriam ouvir”²⁹¹.

[...] Samba e Frevo

Um assunto tentamos conversar: a confusão criada em torno de se tocar mais frevo ou mais samba no carnaval pernambucano. Manifestou Capiba: - eu não quero falar sobre o assunto. Vejam que até os defensores do frevo estão fugindo do ponto de vista... Lourenço Fonseca Barbosa tem razão. Essa estória de 80% de frevo, 20% de samba nas festas carnavalescas, é uma palhaçada. Partiu de algum idiota, que pretendia também que as orquestras tocassem duas horas e meia de frevo e meia hora de samba em cada festa. Isso para evitar o domínio do samba sobre o frevo. Como se o requebrado carioca fosse páreo para o quente e contagiante ritmo pernambucano... A

²⁸⁹ FREYRE, Gilberto. Estará Certo? *Diário de Pernambuco*, 20 de fevereiro de 1972, p. 04, I caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

²⁹⁰ Lourenço da Fonseca Barbosa, conhecido como Capiba, nasceu em 28 de outubro de 1904 na cidade de Surubim – PE. Filho de Severino Athanásio de Souza Barbosa de quem recebeu a influência musical. O apelido de ‘Capiba’ herdou do avô paterno. Desde criança começou a tocar instrumentos musicais. Ainda na infância mudou-se com a família para a Paraíba. Aos 26 anos de idade voltou para seu Estado natal, residindo em Recife onde passou a trabalhar no Banco do Brasil. Em 1938 formou-se em Direito, mas nunca chegou a exercer a profissão. Capiba foi um dos mais conhecidos compositores de frevo do país. Morreu no Recife em 31 de Dezembro de 1997. (ABRANTES, Teresa Maria Otranto. *Capiba: a expressão da tristeza e da saudade na máscara do folião*. Recife: Bagaço, 2006).

²⁹¹ Samba e frevo. *Diário da Noite*, 05 de janeiro de 1966, p. 02. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

posição de Capiba sempre foi a certa: as orquestras devem tocar o que os foliões gostarem. O resto é besteira e mais nada²⁹².

Já numa outra matéria, agora publicada no *Correio do Povo* em 1956, que mais uma vez informava tratar-se da opinião do músico Capiba, este se coloca como contrário à oficialização de escolas de samba no carnaval em Recife. Questionava-se sobre o porquê da presença do samba na cidade quando o frevo no Rio de Janeiro não tinha espaço e nem propaganda, mencionando que “pernambucanos devem defender-se dessa intromissão e defender o seu símbolo máximo, o frevo”.

“O problema não é ser contra o samba e sim a favor do frevo”

[...] eu acho que a questão não é ser contra o samba; o problema é que nós pernambucanos devemos ser é a favor do frevo. O carioca está certo quando defende e faz propaganda do samba e errado quando proíbe o frevo. **O pernambucano está errado porque quer a oficialização do samba e, mais errado ainda porque não dá a devida assistência do frevo**²⁹³.

Os textos atribuídos a Capiba são reveladores de leituras e discursos diversos, de acordo com o espaço e a rede social que estavam inseridos, pois, em certo momento o músico não via problemas em se tocar samba no carnaval, em outro, achou errado oficializarem escolas de samba. Neste sentido, de acordo com determinadas condições, cada indivíduo problematiza seu mundo e valoriza determinados comportamentos que estão relacionados a certos conjuntos de práticas, visto que, “[...] cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais”.²⁹⁴

No ano de 1964, o jornalista Moysés Kerstman²⁹⁵, do *Jornal do Commercio*, iniciou uma campanha nos periódicos, nas rádios e nas emissoras de televisão da capital pernambucana para ‘defender’ uma maior valorização do que ele denominava de ‘música da terra’, ou seja, do frevo. Objetivava-se que fossem tocados nos clubes e nas rádios em torno de oitenta por cento de música ‘legitimamente pernambucana’, em detrimento dos ritmos sulistas. Posso interpretar que essa foi mais uma medida tomada para coibir o crescimento e a popularidade do samba na cidade do Recife.

²⁹²Samba e frevo. *Diário da Noite*, 05 de janeiro de 1966, p. 02. Grifos meus. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

²⁹³ “Problema não é ser contra o samba e sim a favor do frevo”. *Correio do Povo*, 11 de fevereiro de 1956, p. 04. Grifos meus. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

²⁹⁴CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. 14 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: RJ, Vozes, p. 38, 2008.

²⁹⁵ Sobre isso ver a matéria do *Jornal do Commercio*: Preservação do ritmo do nosso carnaval, diz Nelson Ferreira. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1964, p. 15. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

Essa iniciativa do jornalista citado alcançou adeptos, entre eles, nada menos que uma figura conhecida como um ‘ilustre filho da terra’, o compositor Nelson Ferreira²⁹⁶, que veio aos jornais relatar sua satisfação pela campanha idealizada por Moysés Kerstman. Segundo Nelson Ferreira, a medida veio em momento oportuno, pois acreditava ser “lamentável, as festas na cidade serem animadas tanto por orquestras de frevo, como por escolas de samba”, bem como não entendia ‘porque tanto samba no carnaval pernambucano’.

[...] o povo deveria compreender que não se está fazendo um combate sistemático à música do carnaval carioca. <Entendo – afirmou – que o carnaval do samba e da marchinha da Cidade Maravilhosa também é brasileiro. Tudo é Brasil. Mas se termos essa coisa gostosa e impressionante que as outras terras não têm – precisamos resguardá-la >. <Infelizmente - prosseguiu – ainda deparamos, com certa tristeza, nos noticiários das festas carnavalescas, esta frase: uma orquestra de frevo e uma escola de samba animarão o frevo! É lamentável>.²⁹⁷

As afirmativas de Nelson Ferreira despertaram o interesse de outro compositor, Capiba. Como demonstrei anteriormente este em alguns momentos foi contra o samba, já em outros a favor. No ano de 1964 ele direcionou cartas à redação do *Jornal do Commercio* contrárias às colocações do Nelson Ferreira, que preconizavam a diminuição do samba nas festas e nas rádios da capital pernambucana. Eis o título da matéria “Capiba contrário às restrições de Nelson Ferreira ao samba”. O debate em torno do samba, promovido pelos ilustres compositores, teve direito a réplica e tréplica publicadas naquele jornal. Eis um trecho da carta atribuída a Capiba:

A meu ver, a introdução do samba no carnaval pernambucano é uma decorrência da marcha do tempo, que nem ele nem eu podemos parar. [...] Serão eles infiéis a Pernambuco? De modo nenhum, porque essas interpretações e mudanças são muito comuns no campo dos divertimentos populares. A meu ver, o caminho certo é não trabalhar contra o samba, é trabalhar a favor do frevo, mesmo porque, com campanha ou sem campanha, o samba se encarregará, ele mesmo, de furar as barreiras.²⁹⁸

²⁹⁶ Nelson Heráclito Alves Ferreira, nascido em dezembro de 1902, em Bonito no agreste pernambucano, popularmente conhecido como Nelson Ferreira, foi um destacado compositor e músico da MPB. Sua obra inicia-se na década de 1920. Sua primeira composição gravada foi “Borboleta não é ave”, lançada pela Odeon, em 1924. Nelson Ferreira pairou sobre a música de Pernambuco até a sua morte, em dezembro de 1976. Foi diretor musical de rádio e TV, maestro e arranjador. Sua marca está no catálogo da extinta Rozenblit, da qual foi, durante anos, diretor artístico. Sua obra, que está ainda por ser contabilizada, abrange desde valsas a frevo-canção. Notáveis foram suas séries de evocações. A primeira delas, *Evocação*, em 1957, foi sucesso nacional, e a música mais tocada no carnaval carioca. Seguiram-se outras evocações, marchas-de-bloco homenageando foliões do passado, e personalidades da vida pernambucana e brasileira. Para saber mais ver: BELFORT, Ângela Fernanda. *Nelson Ferreira: o dono da música*. 1.ed. Recife: COMUNIGRAF, 2009.

²⁹⁷ Nelson Ferreira não entende porque tanto samba em Pernambuco. *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1964, p. 06. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

²⁹⁸ Capiba: não sou contra o samba, mas pelo frevo. *Jornal do Commercio*, 04 de fevereiro de 1964, p. 11. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

Capiba classificava a campanha contra o samba como um processo ‘odioso’. Lamentava que um ritmo considerado a marca da ‘brasilidade’ fosse tão perseguido como era em Recife. Discordava de Nelson Ferreira quando este afirmou que no Rio de Janeiro, o frevo não tinha uma acolhida satisfatória. E afirmava que não é combatendo o samba que o frevo ia ganhar notoriedade, mas deveriam as autoridades competentes criar mecanismos para que o ritmo pudesse desenvolver-se melhor. Finalizava, “não sou contra o samba, mas a favor do frevo”²⁹⁹.

Nelson Ferreira respondeu às críticas de Capiba enviando uma carta ao *Jornal do Commercio*, a qual solicitou que fosse publicada na íntegra. Nesta, ele afirmava que estava defendendo “a essência carnavalesca recifense”, e que se fosse odioso lutar pela “legítima tradição pernambucana”, que o classificassem como quisessem. É interessante destacar que no fim da carta Nelson Ferreira pede que os “verdadeiros pernambucanos” que o julguem. Vale salientar que o sentido de ‘verdadeiro pernambucano’ para o compositor, provavelmente, não estava atrelado aos que praticavam ou defendiam o samba.

[...] se dar apoio a uma campanha justa de maior execução da nossa música; se combater tudo aquilo que venha descaracterizar o carnaval da minha terra: se defender a tradição do maracatu, do caboclinho, da troça, do clube, do bloco e, sobretudo, a maior expansão do frevo, esse ritmo inconfundível no mundo inteiro, se tudo isso é campanha odiosa, que me julguem os verdadeiros pernambucanos! Receberei de coração e consciência tranquila toda e qualquer manifestação de aplausos ou ... de ÓDIO.³⁰⁰

Os ilustres compositores, como eram definidos pelos jornais da época, expuseram posicionamentos diversos sobre a presença do samba, bem como deixaram à mostra seus desafetos. Esses sujeitos lutavam por espaço e pelas lisonjas do ‘maior compositor de frevo’ do Estado. Esses embates servem para demonstrar como o carnaval não foi (é) um campo harmonioso, mas desdobramento de um processo repleto de tensões e conflitos. Ambos deixam também à mostra que os estudos que procuram situar as disputas em torno do samba e do frevo no carnaval recifense, não devem entender esses grupos de forma rígida. Os grupos não eram tão fixos e pré-determinados, havia movimentos e fluidez entre eles.

²⁹⁹ Capiba contrário as restrições de Nelson Ferreira ao samba no carnaval. *Jornal do Commercio*, 26 de janeiro de 1964, p. 15. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

³⁰⁰ Preservação do nosso ritmo do nosso carnaval, diz Nelson Ferreira. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1964, p. 15. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

2.3.4 Os construtores de samba e os escritos de condenação dos intelectuais

Eles querem acabar / com nossa escola / não conseguiram / porque o samba é, do coração / fale, fale quem quiser / comentem se puder / o samba é arte de encantos mil / figura na história da cultura do Brasil / eles não sabem o que dizem / esses rapazes são infelizes / vamos deixar como está / senão o mundo vai chorar.³⁰¹

A letra do samba acima, de autoria do jornalista da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, Jamesson Araújo, procurou mostrar como parcela dos sambistas encarava a condenação que enfrentavam na cidade do Recife. Jamesson Araújo foi um dos fundadores em 1948 da UNESPE (União das Escolas de Samba de Pernambuco).³⁰² Os construtores de samba não se colocavam de forma inerte, mas atuavam, agiam. Eles não só movimentavam-se nesse processo, pois ‘lutavam’ para garantir a permanência de sua prática no carnaval, como também questionavam a forma que a ‘identidade carnavalesca pernambucana’ estava sendo gestada por parte da intelectualidade recifense.

Intelectuais, muitas vezes, colocavam-se como ‘agentes da consciência’, detentores da ‘verdade’ e seu conhecimento deveria ser direcionado ao povo. Mas, os construtores de samba questionavam esse saber ao afirmarem que “eles não sabem o que dizem”, pois “querem acabar com a nossa escola, esses rapazes são infelizes”. Mesmo não tendo a mesma legitimidade dentro do campo do poder, onde os intelectuais estavam inseridos, os sambistas conseguiam criar por meio das suas músicas um canal importante de crítica social e de defesa de sua prática e sua própria história.

Os sambistas frequentavam os jornais da capital pernambucana, mesmo que em grande parte do período pesquisado (1955-1972) figurassem enquanto sujeitos não desejáveis dentro do ideal de prática para a festa carnavalesca, no entanto, estavam presentes. É a partir também dessas matérias que posso tomar conhecimento de suas práticas, de suas experiências, de seu cotidiano e de sua história.

Na pesquisa que empreendi junto aos jornais, encontrei inúmeras matérias e crônicas sobre sambistas e escolas de samba. Muitas destas eram publicadas com sentido pejorativo, de crítica à presença dessas manifestações no carnaval. Por outro lado, mesmo com tal sentido,

³⁰¹Nossas Músicas. “O mundo vai chorar”. *Diário da Manhã*, 08 de fevereiro de 1947, p. 06. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE). Grifos Meus.

³⁰²No terceiro capítulo deste trabalho discutirei melhor a criação da União das Escolas de Samba em Pernambuco. União das Escolas de Samba de Pernambuco. *Jornal do Commercio*, 24 de janeiro de 1948, p. 04. União das Escolas de Samba de Pernambuco. *Diário da Noite*, 07 de fevereiro de 1948, p. 05. Será fundada a União das Escolas de Samba. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1948, p. 03. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

elas traziam informações preciosas sobre os conflitos e o cotidiano no qual os sambistas e suas escolas estavam envolvidos. Dando indícios valorosos sobre suas experiências e vivências. Dessa forma, confirmavam a afirmação do historiador italiano Carlo Ginzburg, segundo a qual, mesmo “uma crônica hostil pode fornecer testemunhos preciosos”.³⁰³

Em virtude do processo de mudanças por que passava o carnaval na cidade do Recife entre os anos de 1955 a 1972, membros da intelectualidade local, como Mário Melo, Aníbal Fernandes, entre outros, colocavam-se como ‘defensores’ de uma ‘tradição’ valorativa que buscava o sentido de uma ‘essência’ regional, de uma identidade última e profunda. Em suas palavras, defendiam uma cultura carnavalesca própria, ‘legítima’ e ‘autêntica’, como uma marca da região que deveria ser mantida e preservada. Afirmavam que a festa estava perdendo a sua ‘identidade regional’ ao oficializar escolas de samba e com isso fadada a desaparecer.³⁰⁴

Quando intelectuais como Mário Melo e Aníbal Fernandes nomeavam as escolas de samba de uma prática carioca, o que eles entendiam por ‘carioca’? Será que entendiam o ‘ser carioca’ como um ato atemporal e homogêneo? O que significava ser carioca naquele período? Em que o ser carioca se distinguiria do ser pernambucano? Será que existiria para os intelectuais em questão alguma estrutura imutável e definidora do ser carioca e do ser pernambucano?

Entendo que tanto o ser carioca como o ser pernambucano são frutos de uma invenção. São construções do ponto de vista de uma identidade social. Isto é, no meu entender não existe nenhuma substância estrutural imutável que defina o ‘ser isso’ ou o ‘ser aquilo’. A este respeito, concordo com a antropóloga Regina Abreu, que coloca que “a construção dessas identidades vem se fazendo em situações muito particulares e de maneiras diversificadas”. Assim, deve-se pensar em múltiplas invenções do ‘ser carioca’, como também do ‘ser pernambucano’.³⁰⁵

Além disso, acredito que a prática das escolas de samba construída no Rio de Janeiro não era tal como em Recife. O sentido e o significado que os sambistas da capital pernambucana davam a sua manifestação cultural não era igual ao que era vivido pelas

³⁰³ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 21, 1987.

³⁰⁴ Quando esses intelectuais escreviam que a folia carnavalesca estava fadada a desaparecer, era desaparecer no sentido ‘original’ da festa, perdendo suas ‘características’ e assumindo novas que nada tinham a ver com a ‘tradição’ regional.

³⁰⁵ ABREU, Regina. A capital contaminada: a construção da identidade nacional pela negação do “espírito carioca”, In: *Entre Europa e África: a invenção do carioca*. Organizado por Antônio Herculano. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, p. 168, 2002.

escolas de samba cariocas. Os sentidos são múltiplos e os significados plurais. Não se pode homogeneizar as práticas, cada sujeito apropria e representa de forma variada.

As escolas de samba que tanto esses intelectuais questionavam estavam em solo 'recifense', foram feitas e significadas por sambistas pernambucanos, ou que viviam por essas terras já há algum tempo. E porque não podiam ser enquadradas dentro dos festejos carnavalescos da cidade? O que era 'ser pernambucano' para esses indivíduos? Não era nascer no Estado, nem habitar essas 'bandas', mas era estar identificado com um conjunto de práticas culturais nas quais o samba não estava enquadrado!

Mesmo recebendo restrições para a prática do samba em Recife, uma quantidade significativa de foliões continuou participando das apresentações das escolas de samba. Será que o 'gosto' e os sentidos atribuídos por esse grupo social não interessava aos intelectuais? E os sambistas que participavam ativamente dos desfiles e contribuía para o engrandecimento e brilhantismo da festa carnavalesca não eram significativos para essa parcela da intelectualidade local?

Intelectuais procuravam moldar uma prática de festa carnavalesca, sambistas agiam e atuavam para modificar esse cenário. Dessa forma, procuro interpretar não somente o debate cujos intelectuais estavam inseridos, mas também, como os sambistas inseriam-se nesse processo. Numa lógica que não era o reflexo dos projetos de carnaval que se abatiam sobre esses construtores de samba, nem a contestação pura, mas sim, a compreensão do modo pelo qual se estabeleceria, alguma comunicação entre os dois polos. Trata-se de entender, não somente as práticas culturais dos sambistas e dos intelectuais, mas também a forma pela qual eles se comunicavam com os seus 'outros' e construía um conflituoso diálogo.

Os sujeitos que construía o samba em Recife não ficavam inertes a esse processo. Entravam no jogo das disputas posicionando-se diante dos fatos. Seja por meio de suas astúcias, driblando a ordem política, criando artifícios ou mesmo realizando protestos. Se não possuíam a mesma legitimidade para escrever em jornais ou revistas, nem suas concepções eram aceitas no debate do jogo da "tradição" local, estes sujeitos utilizavam outros recursos para ganhar visibilidade na imprensa e expor suas opiniões. Um dos mecanismos frequentes eram os sambas e sambas enredo, muitas vezes, utilizados com sentidos jocosos, estabelecendo uma espécie de '*desordem*' dentro da '*ordem*' estabelecida.

Rua da Aurora que encanto / Nos emociona seu avanço / Viaduto cinco pontas / De praças perdi a conta / Que esse meu Recife tem / Seu Ginásio é uma consagração / Geraldão, Geraldão, Geraldão.³⁰⁶

A letra acima de autoria de Sevy Silva, foi samba enredo da escola Gigantes do Samba no carnaval de 1971, momento em que a agremiação contou e cantou a história do Recife, numa homenagem declarada ao prefeito da cidade no período, o Geraldo Magalhães. A partir desse ato, posso conjecturar a possibilidade de um ‘drible’ dos sambistas. Enquanto as escolas de samba estavam sendo condenadas por parte dos intelectuais, os sambistas procuravam se aproximar do poder executivo da cidade, o homenageando em seu desfile, pois “o cotidiano se inventa de mil formas de caça não autorizadas”.³⁰⁷

Os sambas enredo não eram o único meio, mas representavam canais importantes dentro do processo de movimento dos sambistas a fim de garantir a participação e a defesa de sua prática cultural nos festejos momescos da cidade. Por meio das suas canções os construtores de samba expressavam, de forma crítica, seu posicionamento sobre a questão. Mesmo recebendo a menor porcentagem entre todas as agremiações do carnaval e enfrentando a condenação de parte dos intelectuais locais, os sambistas criaram artifícios para sobreviver, manter-se, desenvolver-se e ganhar legitimidade na cidade.

Contudo, os sambistas não representavam um grupo homogêneo em si próprio. Havia as disputas em torno deles. A própria prática de uma forma de se fazer o samba era um dos mais recorrentes canais de tais disputas. O mestre de bateria da escola Gigantes do Samba, o Lavanca, por exemplo, criticava a presença de instrumentos de sopro³⁰⁸ nas baterias das escolas de samba da cidade. Segundo este sambista, no ‘verdadeiro’ samba não tem sopro. Já outros, como os sambistas da escola Estudantes de São José, acreditavam que a presença dos instrumentos de sopro era a *marca* de uma cultura local, numa alusão ao frevo.³⁰⁹ Estas duas escolas, por sua vez, representavam as maiores rivais nesse processo, e seus duelos eram um dos mais esperados entre as agremiações que desfilavam durante o período do deus momo.

Ainda dentro do campo das disputas que circulavam os sambistas em torno das práticas de samba, principalmente, os das escolas Gigantes do Samba e Estudantes de São

³⁰⁶ Samba enredo ‘O novo Recife’ de autoria do sambista Sevy Silva, da escola de samba Gigantes do Samba. Estudantes tentam amanhã conquistar tricampeonato. (*Diário de Pernambuco*, 22 de fevereiro de 1971, p. 08, I Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

³⁰⁷ CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. 14 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: RJ, Vozes, 2008, p. 38.

³⁰⁸ No terceiro capítulo deste trabalho tratarei melhor dessas disputas em torno da utilização ou não dos instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba em Recife.

³⁰⁹ Escolas só com batuque. *Diário da Noite*, 26 de janeiro de 1966, p. 02. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

José, uma matéria publicada no jornal Folha da Manhã (1958), intitulada “*Querem prejudicar a Escola de Samba*”, informava que há 11 anos a escola Estudantes de São José tentava se filiar à União das Escolas de Samba (UESP), mas não conseguia obter êxito. A mesma matéria salienta ainda que o presidente da UESP era o então presidente da Gigantes do Samba, e que o principal motivo para a escola do bairro de São José não ser filiada era financeiro, pois, segundo a Lei que oficializou o carnaval na cidade só poderiam receber a verba quem fosse filiada à Federação Carnavalesca ou à União das Escolas de Samba em Pernambuco.

Fundada há mais de 11 anos, a “Escola de Samba Estudantes de São José” – que tem personalidade jurídica – vem de há muito solicitando filiação à “União das Escolas de Samba”. A entidade que controla as atividades das organizações carnavalescas desse tipo. O professor presidente da União, ninguém sabe por que, não permitiu até agora a filiação do bloco dos rapazes do bairro de São José. Aliás, ele que também PE presidente da “Gigantes do Samba” na União é uma espécie de proprietário, não permitindo, inclusive, a realização duma Assembleia para a eleição de nova diretoria.

Dinheiro e o Diabo

“Estudantes de São José” quer se filiar para usufruir os mesmos direitos atribuídos as suas congêneres. Contra essa justa pretensão ergue-se a má vontade do “professor” presidente, porque, ninguém sabe [...].³¹⁰

Ano após ano durante o carnaval os jornais da capital pernambucana estavam repletos de matérias em alusão às lutas travadas em torno dos sambistas dessas escolas. Cada uma ao seu modo, no período do carnaval, procurava apresentar-se melhor nos desfiles, disputando quem possuía o ‘melhor’ samba, o ‘melhor’ sambista, qual escola vinha ‘melhor’ vestida, e conseqüentemente, buscando uma negar a apresentação da outra, e assim o cenário das disputas era mantido e renovado a cada ano.

[...] o samba tem grande repercussão universal / também é cultura / é a maior parte da euforia do carnaval / **isto é verdade / muito embora alguém censure / o samba é tradicional** [...].³¹¹

Um ano após o outro, ruidosamente, o desfile das escolas de samba invadiu a vida de muitas pessoas no Recife. Assim que as festas do ciclo natalino se encerravam, e o calor do verão do hemisfério sul aparecia, os preparativos dos desfiles ganhavam crescente atenção por

³¹⁰ Querem prejudicar a Escola de Samba. *Folha da Manhã*, 27 de janeiro de 1958, p. 05. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

³¹¹ Samba-enredo “Festival de Tradições” da escola Império do Asfalto, desfile de 1971, autoria de Plácido Gomes da Hora. Estudantes tenta amanhã conquistar o tricampeonato. *Diário de Pernambuco*, 21 de fevereiro de 1971, p. 08. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE). Grifos Meus.

parte dos jornais da capital pernambucana. Neste contexto, carnaval para os sambistas significava não apenas a festa e o seu sentido lúdico, mas também toda a sua preparação, o longo processo em que o enredo transformava-se em samba-enredo, alegorias e fantasias. A cada ano as escolas de samba competiam entre si diante de um objeto valorado por todas, o título de campeã, e narravam em seu desfile um novo enredo por meio de regras comuns pré-estabelecidas.

Os desfiles das escolas de samba da capital pernambucana foram marcados por inúmeros conflitos. Compreender o processo ritualístico que compõe esses desfiles, toda a sua preparação e a integração junto a segmentos culturais e sociais diversos “é compreender também a cidade que o realiza, as tensões que a constituem e nela se desenvolvem”.³¹² Estes desfiles fazem parte de práticas culturais que reproduzem e se transformam dentro de determinado quadro histórico. Os conflitos inerentes a tais práticas e aos significados atinentes aos desfiles e concursos de escolas de samba envolvem a consciência que seus atores sociais têm deles, bem como de aspectos históricos e estruturais que estão além de seus próprios domínios.

As escolas de samba são agremiações carnavalescas que assumiram gradativamente um papel de destaque no cenário sociocultural brasileiro. Segundo a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, essas agremiações foram consideradas por alguns folcloristas do início do século XX como uma prática cultural ‘típica’ da alma nacional, como que incorporada a uma herança genética que define e diferencia os brasileiros. No Rio de Janeiro, em pleno governo Vargas, foram entendidas por ideólogos do regime como a maturidade original e cadenciada que celebrava e exprimia a imagem que reconciliava, acima das diversidades e das profundas desigualdades existentes no Brasil.³¹³

Mas o que definiria uma escola de samba? O que classificaria essa manifestação cultural como tal? Sobre essa questão, a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti sinalizou que o elemento distintivo e fundador das escolas de samba como modalidade carnavalesca é o fato de que, em seus cortejos, o enredo é dramatizado plásticamente e musicalmente.³¹⁴ Assim, escola de samba configura-se como uma manifestação cultural que tem o enredo e o samba-enredo como cerne de suas performances.

³¹² CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ, p. 26, 2008.

³¹³ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca (1880 – 1920)*. São Paulo: Cia das Letras, pp. 309-310, 2001.

³¹⁴ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ, pp. 58-59, 2008.

Já para o sambista do Recife José Bonifácio Dias dos Santos, o Deca, quatro elementos básicos definiria uma escola de samba. São eles: a bateria, a ala das baianas, o casal de mestre-sala e porta-bandeira e a comissão de frente. Caso alguma agremiação não fosse constituída por essas partes não configuraria uma escola de samba, “poderia até ser um bloco de samba, mas não escola”³¹⁵, enfatiza Deca.

As escolas de samba em Recife construíram seus desfiles entre os anos de 1955 e 1972 em meio à presença de críticas sobre a validade ou não de sua participação nos festejos momescos da cidade. No recorte temporal que elegi (1955-1972) essas manifestações foram um dos destaques da folia de momo local, não só por se constituírem nas agremiações com maior número de desfilantes mas por como atraírem maior contingente de foliões para suas apresentações.³¹⁶

Palavras como ‘invasão’, ‘estrangeiras’, ‘imitação’, ‘excrescências’, ‘espúrio’, ‘alienígenas’, ‘desvirtuadoras’, entre outras, eram recorrentes nos jornais quando mencionavam as escolas de samba e sambistas na cidade do Recife. Assim, ao analisar os

³¹⁵ Declaração proferida em entrevista realizada por mim com o referido sambista em 22 de abril de 2010 na Federação das Escolas de Samba em Pernambuco (FESAPE).

³¹⁶ O samba venceu nos Guararapes, *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1962, p. 01; Um show de samba na terra do frevo, *Diário da Noite*, 07 de março de 1962, p. 08; Nelson Ferreira defende o frevo, *Diário da Noite*, 09 de março de 1962, p. 06; Estudantes deu uma aula de samba na terra do frevo, *Diário da Noite*, 03 de março de 1965, p. 01; São falsas as razões da “guerra fria” contra o samba, *Diário da Noite*, 19 de janeiro de 1967, p. 06; Carnaval Autêntico. *Diário da Noite*, 16 de janeiro de 1965, p. 07; Descaracterização. *Diário da Noite*, 25 de fevereiro de 1966, p. 01; Estudantes com meio século de samba. *Diário da Noite*, 20 de fevereiro de 1968, p. 10; Samba está crescendo na capital quente do frevo. *Diário da Noite*, 03 de março de 1965, p. 11; Samba no Pátio do Terço. *Diário da Noite*, 11 de janeiro de 1965, p. 01; Multidões de Foliões prestigiou “O samba no Pátio do Terço”. *Diário da Noite*, 08 de fevereiro de 1966, p. 02; Folião não dá bola para a guerra samba – frevo e brinca a vontade. *Diário da Noite*, 02 de janeiro de 1966, p. 02; 23 escolas de samba na batalha. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1968, p. 05; Frevo está esfriando. *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 11; Samba Ganhou mais pontos. *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 16, II edição; Samba de Estudantes tem 120 batuqueiros este ano. *Diário da Noite*, 14 de janeiro de 1969, p. 01, III caderno; Escolas dominaram na segunda. *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, p. 02, I caderno; Escolas de samba mais fortes. *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, p. 08, II caderno; Samba desce do morro e invade Boa Viagem. *Diário da Noite*, 05 de fevereiro de 1972, p. 03, I Caderno; Escolas já estão nas ruas alegria nos salões: Comece a viver o carnaval. *Diário da Noite*, 15 de janeiro de 1972, p. 02, I Caderno; Porque estão boicotando o nosso frevo? *Diário da Noite*, 15 de janeiro de 1972, p. 02, I Caderno; Frevo perde de novo na passarela. *Diário da Noite*, 16 de fevereiro de 1972, p. 03, I Caderno; Frevo perde mais uma vez: só deu samba na passarela. *Diário da Noite*, 16 de fevereiro de 1972, p. 03, I caderno; Municipal e desfile das escolas de samba foram ponto alto do carnaval. *Diário da Noite*, 17 de fevereiro de 1972, p. 02, II caderno; Frevo e samba de mãos dadas, *Última Hora*, 09 de janeiro de 1964, p. 08; Carnaval com frevo e samba é melhor, *Última Hora*, 23 de fevereiro de 1964, p. 04; A elevação do samba, *Última Hora*, 29 de fevereiro de 1964, p. 08; Em ritmo de samba, *Última Hora*, 11 de março de 1964, p. 09; Exaltação ao Samba – festa que marcará época. *Correio do Povo*, 23 de janeiro de 1961, p. 04; Samba na avenida. *Diário de Pernambuco*, 21 de fevereiro de 1971, p.08, I caderno; Sambistas descem do morro para a avenida. *Diário de Pernambuco*, 25 de fevereiro de 1971, p. 04, II caderno; Nelson Ferreira não entende porque tanto samba em Pernambuco. *Jornal do Commercio*, 17 de janeiro de 1964, p. 06; Preservação do ritmo do nosso carnaval diz Nelson Ferreira. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1964, p. 15; Samba no Asfalto. *Jornal do Commercio*, 04 de março de 1965, p. 03; Cadencia do Samba. *Jornal do Commercio*, 04 de março de 1965, p. 11; Samba pede passagem. *Jornal do Commercio*, 24 de fevereiro de 1966, p. 18; Gigante quer mostrar que samba tem a sua vez. *Jornal do Commercio*, 04 de janeiro de 1967, p. 22. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

desfiles das escolas de samba no carnaval da capital pernambucana não posso deixar de relacionar essa(s) palavra(s) com o cenário em que eles ocorriam. Os jornais que noticiavam as escolas de samba com palavras de ‘condenação’ eram os mesmos que evidenciavam a grande atratividade e popularidade que seus desfiles provocavam na festa carnavalesca. O que teria levado esses órgãos de imprensa a agirem dessa forma? Sobre isso a historiadora Tânia Regina de Luca dissertou:

Sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida sobre o governo [...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegera como digno de chegar até o público.³¹⁷

É necessário que, ao trabalhar com as matérias dos jornais, os historiadores tenham a consciência que elas representam o posicionamento de determinado grupo. Eram os interesses que estavam em jogo, cada grupo determinava o que seria interessante de chegar até ao público. Não era aleatório a forma que os acontecimentos eram narrados, havia uma clara intenção em cada passagem desses relatos. Desta forma, faz-se necessário analisar e procurar ‘cruzar’ as informações contidas nos períodos a fim de possibilitar as formas de entendimento histórico.

As matérias que coletei sobre a folia de momo da cidade demonstram que inúmeras práticas carnavalescas estavam em disputas, não havia, como defendia parte da intelectualidade local, uma festa homogênea que era vivida e significada por todos os sujeitos da mesma forma. Variadas práticas de carnaval apareciam nos jornais e ‘clamavam’ para serem aceitas.³¹⁸

Diante do crescimento do desfile das escolas de samba na cidade, toda a atração que provocavam, alguns sujeitos nomeados de intelectuais vão questionar que o carnaval em Recife estava passando por um processo de ‘descaracterização’. Mas o que seria o característico? Pelo que pude interpretar dos escritos dos jornais, o não ‘característico’ era a presença das escolas de samba na cidade.

³¹⁷ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos, In: *Fontes Históricas*. Organizado por Carla Bassenezi Pinsky. 2.ed. São Paulo: Contexto, p. 116;139, 2006.

³¹⁸ Na pesquisa que empreendi junto aos jornais da capital pernambucana pude constatar que o seu carnaval convivia com práticas tidas como atrasadas, como é o caso do mela-mela, e com outras consideradas inovadoras, como a presença das travestis nas agremiações carnavalescas da cidade. É recorrente nos jornais desse período o debate sobre a validade ou não dessas práticas no carnaval em Recife.

[...] e o **carnaval pernambucano**, infelizmente, parece condenado a uma completa descaracterização, ameaçado de, dentro um pouco, ficar reduzido no **desfile de Escolas de Samba, em uma contrafanação do carnaval carioca**.³¹⁹

Essa tradição carnavalesca não pode morrer, **ceder os seus troféus e as suas glórias às escolas de samba que desceram dos morros cariocas para tomar de assalto o Recife** [...] é prerrogativa e dever do poder público municipal resguardar a história de sua cidade, suas músicas típicas, sua coreografia, todo um mundo folclórico que a distingue das outras.³²⁰

Até certo ponto não posso afirmar que os sambistas em Recife enfrentavam condenação por parte de todos os setores da política e da intelectualidade local. Dentro do episódio da oficialização dos festejos momescos da cidade (1955 / 1956) observei como os jornais relatavam o embate travado entre alguns vereadores, a favor da presença das escolas de samba no carnaval recifense, e o prefeito Pelópidas Silveira contrário a essa atitude. Infelizmente não encontrei o nome dos membros do poder legislativo que se colocavam como favoráveis à presença dessas manifestações culturais no carnaval. Os jornais apenas os nomeiam de vereadores, sem mencionar os seus nomes.

Segundo uma matéria publicada no jornal *Folha da Manhã* (1956), atribuída a Mário Melo, a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife (ACCR) foi uma instituição que incentivou as escolas de samba na cidade diferentemente do que fazia a Federação Carnavalesca.

[..]a Federação não lhes dava acolhida e procurava convertê-los em blocos, troças, ou clubes de feição pernambucana, os cronistas as mimavam e até lhes ofereciam prêmios [...]escola de samba foi coisa que nunca existiu em nosso carnaval [...]. Se os cronistas lhes tivessem, de início, dado o tratamento que lhe deu a Federação, de certo os vereadores não animariam a, numa Lei de caráter eleitoral, impor ao prefeito a representação desse gênero exótico no conselho que orienta o carnaval oficial do Recife e a **distribuir auxílio monetário com o samba que abastarda o “passo” na sua “malemolência”**.³²¹

Na pesquisa que empreendi junto aos jornais da cidade no período do carnaval, observei que a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife (ACCR) foi um dos principais órgãos de atuação durante a preparação e execução dos festejos dedicados ao deus da galhofa na capital pernambucana.³²² De acordo com a matéria exposta acima as escolas de

³¹⁹ Descaracterização. *Diário da Noite*, 25 de fevereiro de 1966, capa. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE). (Grifo meus).

³²⁰ MELO, Cezário de. Carnaval Autêntico. *Diário da Noite*, 16 de janeiro de 1965, p. 07. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE). (Grifo Meus).

³²¹ MELO, Mário. Aqui e Ali. *Folha da Manhã*, 24 de janeiro de 1956, p. 04. (Grifo Meu). (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

³²² Associação dos Cronistas Carnavalescos. *Correio do Povo*, 14 de janeiro de 1956, p. 03; Também será eleita a Rainha do carnaval: concurso instituído pela ACCR. *Correio do Povo*, 08 de fevereiro de 1957, p. 02; Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife. *Correio do Povo*, 01 de março de 1957, p. 02; Baile dos

samba foram, de certa forma, beneficiadas pela ACCR e perseguidas pela Federação Carnavalesca, que procurava ‘converter’ essas práticas culturais em “blocos, troças ou clubes de feição pernambucana”.

Os sambistas não enfrentavam somente a perseguição dos sujeitos que faziam a Federação Carnavalesca a qual tinha em Mário Melo seu representante máximo. Na pesquisa que realizei nos jornais durante os anos de 1950, 1960 e 1970 inúmeras foram as matérias que se destinavam a condenar a presença das escolas de samba no carnaval da cidade do Recife. Não só empreenderam a diminuição das verbas destinadas às escolas, como também, segundo os periódicos, tentaram transferir os desfiles das agremiações do samba da segunda-feira de carnaval para o sábado de Zé Pereira.

[...] Transferência – **A transferência do desfile das escolas de samba da segunda-feira para o sábado de carnaval abriu o debate que sucedeu a campanha sistemática que se vem fazendo contra o samba-música.** Possivelmente, na próxima terça-feira, os dirigentes daquelas agremiações serão ouvidos pela Comissão Organizadora do Carnaval. **Dirigentes das escolas de samba são unânimes em afirmar** que se a medida for oficializada, acarretará uma mudança radical nos seus programas para os dias de carnaval. **Por isso, em represália, as escolas de samba desfilarão apenas pelos subúrbios e ruas centrais da cidade, sem, contudo, se apresentaram perante o Palanque Oficial.**³²³

[...] Durante a reunião de ontem, da Comissão Organizadora, voltou a ser ventilado, desta feita, através de um apelo formulado pela Comissão Estadual de Folclore, a **possibilidade das escolas de samba desfilarem no sábado de carnaval e não na segunda-feira, como vem ocorrendo.**³²⁴

A perseguição dos sujeitos que faziam a Federação Carnavalesca e a tentativa de transferência do dia do desfile das escolas de samba, faziam parte de uma campanha sistemática contra a presença dessas manifestações nos festejos momescos da cidade, movida nos jornais, principalmente, pelos ‘defensores’ de um carnaval estritamente ‘pernambucano’,

Cronistas. *Correio do Povo*, p. 21 de janeiro de 1961, p. 06; O Baile dos cronistas iniciou carnaval do povo. *Correio do Povo*, 30 de janeiro de 1961, capa; Sucesso absoluto marcou o I baile dos cronistas. *Correio do Povo*, 30 de janeiro de 1961, p. 05; Reúne-se hoje a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife. *Folha da Manhã*, 27 de janeiro de 1955, p. 13; O carnaval de 1955 e a atuação da ACCR *Folha da Manhã*, 12 de janeiro de 1955, p. 19; Reúne-se hoje a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife. *Folha da Manhã*, 21 de janeiro de 1955, p. 13; Semana Pré-carnavalesca da ACCR. *Folha da Manhã*, 09 de fevereiro de 1955, p. 09; As atividades da Associação dos cronistas carnavalescos. *Folha da Manhã*, 11 de fevereiro de 1955, p.09; A associação dos cronistas premiará os clubes. *Folha da Manhã*, 17 de fevereiro de 1955, p.02; A ACCR colaborará com o Governo municipal. *Folha da Manhã*, 21 de janeiro de 1956, p. 08; A ACCR movimenta o carnaval do Recife. *Folha da Manhã*, 25 de janeiro de 1956, p. 06; Reunião da ACCR amanhã a tarde. *Folha da Manhã*, 22 de janeiro de 1957, p. 03; Vai reunir, hoje, a ACCR *Folha da Manhã*, 03 de janeiro de 1959, p. 04. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

³²³ Guerra ao samba. Carnaval: monte real, Inocentes, Veteranos, transferência. *Diário da Noite*, 15 de janeiro de 1966, p. 03. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE). Grifos meus.

³²⁴ Escolas de samba iriam desfilarem “sábado gordo”. *Diário da Noite*, 12 de janeiro de 1966, p. 02. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE). Grifos meus.

nisso entenda-se, sem a presença do samba. Mesmo com toda a atratividade que provocavam (provocam) numa parcela significativa da população do Recife, os sambistas continuavam enfrentando a condenação de suas práticas, como também estavam envoltos nos mais variados conflitos, os quais eram driblados por meio de suas astúcias.

Numa das minhas conversas com o senhor José Bonifácio Dias dos Santos (Deca) ele me relatou que a tentativa de transferência do desfile das escolas de samba da segunda-feira para o sábado de Zé Pereira, não foi uma medida promovida pela COC (Comissão Organizadora do Carnaval), mas sim, uma tentativa dos próprios sambistas mostrarem sua força no carnaval retirando da segunda-feira o título de ‘grande noite dos desfiles’, transferindo para o sábado, ou seja, os sambistas queriam com essa medida mostrar sua força dentro do carnaval da cidade do Recife. Enquanto, os grupos que dirigiam o carnaval pensavam que essa medida iria enfraquecer o samba, os sambistas procuravam, por meio dessa atitude, desviar, burlar a ordem imposta e, assim, demonstrar sua força dentro dos festejos momescos recifenses.

Os jornais noticiavam que *“os dirigentes são unânimes em afirmar”*, mas de acordo com a conversa que tive com Deca, essa informação pode ser questionada, pois, segundo seu relato, não era a COC que estava intencionada em transferir o dia dos desfiles das escolas de samba, mas os próprios sambistas, ou parte deles, que desejavam essa ação. No entanto, há de se considerar que estou analisando um fato que ocorreu em meados dos anos de 1960, há mais de 40 anos. Ou seja, o senhor Deca rememora experiências vivenciadas há muito tempo.

Nesse ínterim, sua vida foi palco de inúmeros acontecimentos, leituras múltiplas que a vida lhe ofereceu, e que possivelmente o fazem inferir outros significados daquele passado. Deve-se levar em consideração que o que se tornou uma marca, ou mesmo, um registro da memória é resultado de operações complexas, seletivas. Assim, Deca, ao construir seu relato e rememorar um acontecimento, conta uma história que pode deslocar os sentidos e redefinir os significados.

Mesmo entre os intelectuais houve quem defendesse a permanência do desfile das escolas de samba na segunda-feira. Valdemar de Oliveira classificou a medida de absurda, salientou que obrigar as escolas a desfilar no sábado gordo era o mesmo que “promover um espetáculo sem espectadores”. Oliveira destacava ainda a dedicação das pessoas que faziam as escolas, o sacrifício que realizavam para participar dos desfiles.

Escolas de samba iriam desfilar sábado gordo

Durante a reunião de ontem, da Comissão Organizadora, voltou a ser ventilado, desta feita, através de um apelo formulado pela Comissão Estadual de Folclore, a

possibilidade das Escolas de Samba desfilarem no sábado de carnaval e não na segunda-feira, como vem ocorrendo. Apesar de pertencer ao Conselho da Comissão Estadual de Folclore, não tendo no entanto nenhuma ligação com as escolas de samba, ficarei sempre contrário a essa pretensão absurda. Observe que reina, entre muitas pessoas conservadoras (cujas ideias, respeito), um pavor infundado de que as Escolas de Samba possam ofuscar os clubes de frevo, admitem que elas estão asfixiando as nossas agremiações genuínas e tradicionais. Creio que o que tem concorrido para o enfraquecimento do nosso carnaval de rua seja o alto preço das orquestras e das fantasias. Agremiações formadas de pessoas humildes, muitas delas que se sacrificam fazendo economias absurdas e até desfazendo de seus pertences, para conseguir participar do desfile de suas entidades, os clubes, blocos e troças estão caminhando a passos largos para o desaparecimento, contribuindo, assim, para o enfraquecimento dos festejos de rua. [...] A segunda-feira, sempre foi destinada aos caboclinhos e maracatus. Ocorre que o número dessas agremiações é insignificante, o que tem determinado uma quase ausência de público nas ruas e conseqüentemente completo desânimo dos festejos, no dentro da cidade. A designação do desfile das Escolas de Samba para esse dia veio contribuir para que houvesse atração nas ruas na segunda-feira, permitindo que os clubes e blocos pudessem visitar os subúrbios e até cidades vizinhas. Sou dos que acreditam que jamais as escolas de samba farão sombra ao frevo, desde que sejam agremiações que fazem o nosso carnaval autêntico e genuíno sejam devidamente assistidas financeiramente. Obrigar as escolas de samba desfilarem no sábado é mesmo que promover um espetáculo sem espectadores. É matar essas agremiações que, de qualquer maneira, estão também contribuindo para divertir o nosso povo.³²⁵

É possível dizer que as escolas de samba alcançaram certa visibilidade junto aos jornais da cidade do Recife. Estes, durante os anos de 1950, 1960 e 1970, estavam cheios de matérias que mencionavam as agremiações do samba, mesmo que muitas vezes de forma pejorativa. Em finais dos anos de 1960, um jornalista vai se colocar como um ‘defensor’ das escolas de samba no carnaval recifense. Suas matérias começam a aludir que essas manifestações culturais já faziam parte das ‘tradições’ dos festejos momescos locais.³²⁶ Esse jornalista foi o Valdi Coutinho.³²⁷

³²⁵ Escolas de samba iriam desfilarem no sábado gordo. *Diário da Noite*, 12 de janeiro de 1966, p. 02. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

³²⁶ Samba Uniu-se ao Frevo e voltou a deslumbrar o povo. *Diário de Pernambuco*, 29 de fevereiro de 1968, p. 02, II Caderno. Enfim a hora e a vez da passarela. *Diário de Pernambuco*, 16 de fevereiro de 1969, p. 02, III Caderno. Isto é Samba. *Diário de Pernambuco*, 26 de janeiro de 1969, p. 01, III Caderno. E a Pracinha explodiu na batucada dos bambas. *Diário de Pernambuco*, 12 de fevereiro de 1970, p. 02, II Caderno. Escola de Samba: o clube social do morro. *Diário de Pernambuco*, 01 de fevereiro de 1970, p. 01, III Caderno. Estudantes canta Zumbi e Gigantes mostra inconfidência. *Diário de Pernambuco*, 08 de fevereiro de 1970, p. 04, III Caderno. O “bizu” da passarela no desfile deste ano. *Diário de Pernambuco*, 08 de fevereiro de 1970, p. 04, III Caderno. Estudantes e Gigantes que tomem cuidado. *Diário de Pernambuco*, 25 de janeiro de 1970, p. 01, III Caderno. Bonecos de mola querem revolucionar o samba em Pernambuco. *Diário de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1971, p. 03, II Caderno. Sambistas descem do morro para a avenida. *Diário de Pernambuco*, 25 de fevereiro de 1971, p. 04, II Caderno. Estudantes de São José acusa Gigantes do Samba. *Diário de Pernambuco*, 25 de fevereiro de 1971, p. 06, I Caderno. Limonil está forte na guerra do samba. *Diário de Pernambuco*, 11 de fevereiro de 1972, p. 07, I Caderno. Samba é malemolência e alegoria. *Diário de Pernambuco*, 17/02/1972, p. 02, II Caderno. Saberé é da pesada: um samba sem compromisso. *Diário de Pernambuco*, 27 de janeiro de 1972, p. 01, III Caderno. Na Guerra do Samba vale tudo: macumba, suor, choro e ritmo. *Diário de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1972, p. 08, I Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

³²⁷ Valdi José Coutinho, nascido em 25 de outubro de 1942 na cidade de Aliança - PE. Jornalista e Teatrólogo, foi durante muitos anos ligado ao *Diário de Pernambuco*, onde ingressou em 1968 permanecendo até 1998, quando se aposentou. Informações colhidas junto à entrevista realizada por mim em 24 de junho de 2010.

Numa entrevista realizada por mim com Valdi Coutinho, perguntei sobre o porquê de suas matérias sempre colocarem-se na ‘defesa’ e valorização das escolas de samba. Enquanto era comum nos mesmos jornais matérias de condenação, Valdi apresentava-se como uma voz quase isolada entre seus pares. Sobre sua relação com o samba Valdi salientou:³²⁸

[...] sempre gostei muito de samba, de frevo também e de maracatu e de caboclinho, mas o samba era minha paixão. Por isso eu era mal visto pelos **intelectuais puristas que achavam que o samba era um invasor e eu achava que não**, porque eu lia e via que o samba tinha muita origem no interior, os cocos de Arcoverde vêm dos índios que moravam naquela região e **achava uma idiotice essa discriminação contra o samba e acho que o samba aqui em Pernambuco foi vítima de um sufocamento** (Depoimento do jornalista Valdi Coutinho). (Grifos meus).

Valdi Coutinho procurou condenar o posicionamento de parcela consistente dos intelectuais da cidade, a quem denominou de ‘puristas’. O jornalista citado partilhava da ideia de que o samba, enquanto prática cultural, já estava presente no Estado de Pernambuco há muitos anos, isto é, o samba não surgiu na cidade somente nos anos que se realizaram a oficialização dos festejos momescos. Afirmava que o samba em Recife ‘era vítima de uma espécie de um sufocamento’.

Esse ‘sufocamento’ que relata o jornalista Valdi Coutinho, pode ser interpretado como o silêncio intelectual que o samba e as escolas de samba enfrentaram. O que de fato ocasionou uma invisibilidade da prática pela historiografia e pelo ‘grande público’. Mas isso não quer dizer que não havia movimento da manifestação cultural. A própria existência das críticas já denota a preocupação dos intelectuais com algo que ‘ameaçava’ suas convicções do que seria o ‘tradicional carnaval da cidade’.

2.4 O Campo Intelectual em Debate

Alguns estudos têm compreendido a atividade dos sujeitos que escreviam nos jornais, sejam eles jornalistas ou mesmo cronistas, como uma forma ideológica de intervenção nas práticas de carnaval das camadas mais baixas da sociedade a serviço de um projeto elitista.³²⁹ Nessa perspectiva historiográfica, esses sujeitos são tidos como os “pedagogos da civilização de Momo”, ideólogos que pretendiam moldar a festa, relegando ao esquecimento as práticas

³²⁸ Em entrevista realizada por mim, com o jornalista Valdi Coutinho em 24 de junho de 2010.

³²⁹ COUTINHO, Eduardo Granja. *Os Cronistas de Momo: imprensa e carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

que não serviam aos moldes do que entendiam como ‘tradicionalismo histórico’ e ameaçava o bom gosto e a sensibilidade das elites dominantes.³³⁰

Entretanto, a imprensa do Brasil, mesmo controlada pelas elites dirigentes, representa um dos espaços de luta da sociedade civil pela cultura. Não se deve apenas observá-la como um órgão unilateral de atuação no carnaval, servindo aos interesses dos dominantes, já que, por meio dos jornais, as camadas marginalizadas pela sociedade, com seu caráter irreverente, burlesco, e muitas vezes crítico, conseguiam expressar as suas aspirações, os seus desejos, os seus anseios, mesmo que de forma sutil.

Os jornalistas Mário Melo, Aníbal Fernandes, Alberto Campelo, entre outros, produziam seus escritos dialogando com seus iguais.³³¹ Numa rede de relações de forças que representava os interesses dos dominantes. Ocupavam uma posição de prestígio e legitimidade e assim foram ouvidos. Algumas vezes negligenciavam todo tipo de poder, pois o representavam de outra forma, como o poder ideológico, que se faz presente na sociedade, não sobre os corpos, nem sobre a economia, mas sobre as ideias, sobre as visões de mundo e concepções de sociedade mediante o uso da palavra.³³²

Esses intelectuais não levavam em consideração que parcela significativa dos foliões em Recife não correspondia com a proposta de carnaval desejada por eles e por parte das elites dominantes da cidade. Colocavam-se como condutores da direção que a sociedade deveria seguir. Os sambistas eram pessoas ‘simples’, que não possuíam a legitimidade da fala, não tinham a autoridade de escrever nos jornais, e por isso, muitas vezes, não eram ouvidos. Entretanto, as massas não necessitam dos intelectuais para saber, como diz Foucault, “elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, que proíbe, invalida esse discurso e esse saber”.³³³

Parte dos ‘homens de letras’ de Recife acreditava que podia modificar o pensamento dos construtores de samba e dar voz a esses indivíduos oprimidos pela ignorância, privados de cidadania, e, muitos deles, marcados pelo preconceito da cor da pele. Entretanto, esses

³³⁰ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss da Folia: uma história social do carnaval carioca (1880 – 1920)*. São Paulo: Cia das Letras, p. 181, 2001.

³³¹ Aqui e Ali. *Folha da Manhã*, 14 de janeiro de 1956, p. 04; Aqui e Ali. *Folha da Manhã*, 17 de janeiro de 1956, p. 04; Aqui e Ali. *Folha da Manhã*, 18 de janeiro de 1956, p. 04; Aqui e Ali. *Folha da Manhã*, 21 de janeiro de 1956, p. 04; Aqui e Ali. *Folha da Manhã*, 21 de fevereiro de 1956, p. 04. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

³³² BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, p. 11, 1997.

³³³ FOUCAULT, Michel. Os Intelectuais e o poder: Conversa com Michel Foucault e Gilles Deleuze, In: *Microfísica do Poder*. Organização e Tradução de Roberto Machado. 26. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 71, 1979.

intelectuais não sabiam quais eram os interesses dos sambistas, por que eles agiam daquela forma e qual o significado que davam a sua prática cultural.

Pensaram que sabiam mais do que as pessoas comuns e que esse saber lhes outorgava um só privilégio: comunicá-lo e, se preciso fosse, impô-lo a maiorias cuja condição social as impedia de ver com clareza e, conseqüentemente, trabalhar no sentido e seus interesses.³³⁴

Para que se possa entender o jogo dessas relações em que esses indivíduos estavam inseridos, é preciso primeiro “compreender o campo com o qual e contra o qual cada um se fez”.³³⁵ O espaço no qual sambistas e intelectuais estiveram inseridos pode ser interpretado através da análise de campo intelectual cunhada por Bourdieu. Este espaço é marcado por lutas, por disputas, e cada indivíduo se utiliza das armas que possui a partir das relações de forças estabelecidas.

[...] cada um dos agentes investe a força (o capital) que adquiriu pelas lutas anteriores em estratégias que dependem, quanto à orientação, da posição desse agente nas relações de força, isto é, de seu capital específico.³³⁶

No período em que empreendi a pesquisa (1955–1972), interpreto um *campo intelectual* tal qual Pierre Bourdieu o definiu. Conforme este autor, para que exista esse campo, há a necessidade das lutas em torno de um objeto em questão uma prática de carnaval e de sujeitos dotados do *habitus* interessados em entrar nessa disputa. No caso do trabalho aqui em destaque, essa disputa foi travada por sambistas e intelectuais.

Um *campo*, e também o *campo científico*, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros *campos* (não se poderia motivar um filósofo com questões próprias dos geógrafos) e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar nesse *campo* “cada categoria de interesses implica à indiferença em relação a outros interesses, a outros investimentos, destinados assim a serem percebidos como absurdos, insensatos, ou nobres, desinteressados”.³³⁷

Outra questão que está em jogo nas lutas é a definição dos limites do próprio *campo intelectual*, ou seja, a participação legítima ou não de certos indivíduos, se eles possuem ou

³³⁴ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e vídeo cultura na Argentina*. Tradução de Sérgio Alcides. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 159, 2006.

³³⁵ BOURDIEU, Pierre. *Esboço de Auto análise*. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, p. 40, 2005.

³³⁶ BOURDIEU, Pierre. Campo Intelectual: um mundo à parte, In: *Coisas Ditas*. Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Monteiro. – São Paulo: Brasiliense, p. 172, 2004.

³³⁷ BOURDIEU, Pierre. Campo Científico, In: *Pierre Bourdieu Sociologia*. Renato Ortiz (org.). São Paulo: Ática, p. 89, 1983.

não a legitimidade de estarem inseridos nas disputas. Nesse ínterim ocorre o desejo de excluir certos sujeitos do debate, recusar-lhes a existência legítima, de excomungá-los. Tal exclusão simbólica tem o objetivo de dar ao sujeito excluído do *campo*, a não legitimidade de sua prática.³³⁸ Isto é, intelectuais procuravam retirar os sambistas do debate sobre a prática de carnaval legítima para a cidade do Recife.

O campo intelectual é o espaço da luta concorrencial. O que está em jogo é o monopólio da autoridade, definida enquanto a capacidade de falar e de agir legitimamente, que é outorgada socialmente a um agente determinado. O fato é que todas as práticas colocadas em execução estão interessadas em adquirir a capacidade e legitimidade da autoridade intelectual.

Quando Mário Melo e muitos dos seus congêneres afirmavam que escolas de samba não faziam parte do conjunto do “tradicionalismo histórico do carnaval na cidade do Recife”, eles não falavam sozinhos. Buscavam uma rede, dialogavam com vários indivíduos, em sua maioria, escritores e jornalistas como eles. Dito de outra forma, esses intelectuais foram em busca dos fios que podiam legitimar seus escritos.

Em suas matérias, buscavam associar os seus pensamentos ao de vários outros jornalistas, entendidos por eles como ‘defensores da legítima tradição carnavalesca recifense’, mesmo alguns sendo desafetos históricos, como é o caso das disputas entre os jornalistas Mário Melo e Aníbal Fernandes³³⁹. Entretanto, a estratégia era legitimar suas afirmações, se inserir no jogo das disputas, mas não desvirtuando as regras do jogo.

Carnaval Xinfrim por causa da Rua da Guia

A atitude dos marmeladeiros da Rua da Guia, de emprestar o carnaval folclórico recifense com as exóticas e indesejáveis escolas de samba, foi condenada de público por vários jornalistas: Aníbal Fernandes, Valdemar de Oliveira, Alberto Campelo, José do Patrocínio. Condenação positiva: uns brandos, pacientes, conforme seu temperamento, outros furibundos, trepidantes. Nenhuma voz a favor dos marmeladeiros. Se, por desgraça, não tivermos o carnaval de rua, a culpa única e exclusiva será dessa pobre gente da Rua da Guia. [...] Condenando também, o que sempre de público condenei, tanto que a Federação Carnavalesca jamais as admitiu em seu grêmio essas escolas de samba, cujo padrão, no Rio foi a de <Mimosos

³³⁸ BOURDIEU, Pierre. Campo Intelectual: um mundo à parte, In: *Coisas Ditas*. Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Monteiro. – São Paulo: Brasiliense, p. 175, 2004.

³³⁹ Aqui e Ali. *Folha da Manhã*, 17 de janeiro de 1956, p. 04, dialoga com o jornalista do Diário de Pernambuco Aníbal Fernandes um dos seus desafetos históricos; Aqui e Ali. *Folha da Manhã*, 18 de janeiro de 1956, p. 04, dialoga com o jornalista do Correio do Povo Alberto Campelo; Aqui e Ali. *Folha da Manhã*, 20 de janeiro de 1956, p.04, dialoga com o jornalista do Correio do Povo José do Patrocínio. Aqui e Ali. *Folha da Manhã*, 21 de janeiro de 1956, p. 04, dialoga mais uma vez com o jornalista do Diário de Pernambuco, Aníbal Fernandes. Crônica da cidade: prestigiemos o que é nosso. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1956, p. 02, dialoga com o artigo de Aníbal Fernandes, publicado no Diário de Pernambuco. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

Colibris> - quartel general dos invertidos sexuais – Nelson Ferreira estranha que a Associação dos Cronistas Carnavalescos venha contemplando.

<escolas de samba que se exibem no Recife, com dotações e auxílios superiores aos destinados aos maracatus, caboclinhos, bumba-meu-boi, do carnaval do Recife.

Como se vê, mais uma voz autorizada contra os núcleos eleitorais, sob rótulo de Escolas de Samba, dos fabricantes de marmeladas da Rua da Guia.³⁴⁰

Para escrever suas crônicas os intelectuais precisavam estar envolvidos num circuito de sociabilidade que, ao mesmo tempo em que lhe situe num mundo cultural, os permitam interpretar o mundo político e social de seu tempo. Assim, justificava-se a premissa de que o relevante não era somente a condição de ‘ser intelectual’, mas sim a sua participação numa rede de contatos, pois é ela que demarca a inserção de um intelectual no mundo cultural. E, como bem salientou a historiadora Ângela de Castro Gomes, “intelectuais são, portanto, homens cuja produção é sempre influenciada pela participação em associações, mais ou menos formais, e em uma série de outros grupos, que se salientam por práticas culturais de oralidade e/ou escrita”.³⁴¹

Participar do *campo intelectual* para Pierre Bourdieu significa incorporar o *habitus* socialmente construído, compartilhar da *illusio*³⁴² que atrai, congrega determinados indivíduos e os afasta de tantos outros, inseridos numa disputa pela luta legítima por prestígio, reconhecimento, poder e hegemonia.³⁴³ Assim, o que é interpretado como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como tal perante os *pares*, pois é a partir dos olhos de seus *outros* que o agente produtor e o seu produto se tornavam importantes e interessantes para e dentro do *campo* intelectual em questão.³⁴⁴ Sobre isso, o jornalista Mário Melo buscou a legitimidade de suas afirmativas contra a presença do samba no carnaval em Recife, dialogando com seus pares e procurando ratificar sua posição ao evidenciar a opinião de outros jornalistas.

³⁴⁰ MELO, Mário. Crônica da Cidade: Carnaval xinfim por causa da Rua da Guia. *Jornal do Commercio*, 22 de janeiro de 1956, p. 02. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

³⁴¹ GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre, In: *Escrita de Si, Escrita da História*. Ângela de Castro Gomes (organizadora). Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 51, 2004.

³⁴² A *illusio* está intimamente associada à existência do campo, pois é a partir “da vontade de indivíduos socialmente predispostos a se comportarem como agentes responsáveis, a arriscarem seu tempo, seu dinheiro, sua honra, para perseguir os interesses e objetivos e obter os proveitos decorrentes, que visto, de outro ponto de vista podem parecer ilusórios, o que afinal sempre são, na medida em que repousam sobre aquela relação de cumplicidade ontológica entre o hábito e o *campo* que está no princípio da entrada no jogo, da adesão ao jogo, da *illusio*”, In: BOURDIEU, Pierre. *Lições de Aula*. São Paulo: Ática, p. 52, 1994.

³⁴³ BOURDIEU, Pierre. *Lições de Aula*. 2. ed. São Paulo: Ática, p. 52, 1994.

³⁴⁴ BOURDIEU, Pierre. *Campo Científico*, In: *Pierre Bourdieu Sociologia*. Organizado por Renato Ortiz. São Paulo: Ática, p. 123-125, 1983.

Prestigiemos o que é nosso

Praz-me ver que o velho 'Diário de Pernambuco' esposa o ponto de vista da Federação Carnavalesca, no concernente a escoimar de nossa festa folclórica as excrescências que a maculam. Tendo o município oficializado, o Carnaval, dando às Escolas de Samba o mesmo tratamento que ao frevo, ao maracatu e aos caboclinhos, organizações tipicamente recifenses, o que resultou dum contubérnio do Prefeito Djair Brindeiro com a gente da Rua da Guia: os diretores da Federação Carnavalesca, em sinal de protesto, renunciando coletivamente, não chegando a tomar efetiva a renúncia por solicitação do Prefeito Pelópidas Silveira, que prometeu envidar esforços para o restabelecimento em sua pureza. [...] Foi justamente para restaurar e estimular o tipicamente recifense, quando se procurava cariocar a nossa festa característica, que surgiu a Federação Carnavalesca, tendo conseguido, quando possível, reerguer e animar em sua pureza nossos costumes. A própria oficialização do carnaval pelo Município foi de iniciativa da Federação. Infelizmente, saiu o tiro pela culatra, porque o anteprojeto da Prefeitura, ao tempo do senhor José Maciel, foi para o limbo da Câmara dos Vereadores, donde emergiu um substitutivo, colocando no mesmo pé de igualdade o que era puro e o que era espúrio, e fixando a interferência de vereadores na organização dos festejos populares. Foi contra tudo isso que a Federação protestou, tendo seu protesto encontrado ressonância ao Sr. Pelópidas Silveira, que prometeu diligenciar a extirpação das impurezas existentes na lei de oficialização. E é com agrado que vejo estar vibrando a fibra pernambucana no velho Diário. Povo que não valoriza o que é seu, tipicamente seu; que deixa enfraquecer os elos que o prendem ao passado; que não presa suas tradições; que apreço não dá a seus costumes é povo em degenerescências.³⁴⁵

Nesse sentido, intelectuais como Mário Melo, Aníbal Fernandes, Valdemar de Oliveira, Alberto Campelo, entre outros, mesmo em meio as suas disputas pessoais, estavam inseridos numa rede de relações, na qual dialogavam e legitimavam uns aos *outros* quando escreviam nos jornais do Recife sobre os festejos momescos. Da mesma forma que se legitimavam, procuraram negar aos sambistas o direito da participação legítima diante do debate de uma prática de carnaval na cidade.

No entanto, mesmo combatidos diante da tentativa de silenciamento de sua prática, os sambistas 'gritaram', movimentaram-se, defenderam suas convicções e escolhas frente ao carnaval do Recife. Procuravam com isso, demonstrar que não eram exilados em seu próprio Estado pelo fato de escolherem o samba como a manifestação cultural que representariam e significariam durante o reinado de momo. Assim, convido você leitor a continuar a leitura deste trabalho e visualizar comigo no próximo capítulo algumas histórias e personagens que construíram a prática das escolas de samba no carnaval da capital pernambucana. Vamos lá, é tempo de sambar! Recife abriu as portas para a folia!

³⁴⁵MELO, Mário. Crônica da Cidade: prestigiemos o que é nosso. *Jornal do Commercio*, 08 de janeiro de 1956, p. 02. (Departamento de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ).

3. E O RECFE SAMBOU

Neste terceiro capítulo da dissertação pretendo demonstrar os conflitos e as tensões em torno das ‘primeiras’ escolas de samba no Recife. Como estas práticas culturais apareceram pela cidade? Qual o posicionamento de alguns intelectuais e sambistas perante este fato?³⁴⁶ Praticamente todos os que escreveram a respeito dos começos das escolas de samba na capital pernambucana, as associavam com um fenômeno transposto do Rio de Janeiro. Em raros momentos o leitor encontrará uma discussão apresentando as escolas de samba como construção de homens e mulheres inseridos em uma sociedade, na qual buscavam espaço e poder.

Como já salientei, as escolas de samba em ‘terras pernambucanas’ foram compreendidas por parcela significativa dos intelectuais como uma prática associada ao Rio de Janeiro. Dessa forma, retiravam a possibilidade de interpretá-las como uma manifestação repleta de significados impressos por aqueles que a faziam. Não era posta a ideia de entender as escolas de samba como parte das estratégias dos sambistas em meio a uma complexa rede de sociabilidades, “nas quais outras práticas estavam presentes como forma de compor esse jogo tático que é viver em uma sociedade marcada pelo olhar da alteridade, do outro e do indiferente”.³⁴⁷

Procuo ainda, interpretar o que estava em jogo para que ocorressem as disputas pela primazia do samba na capital pernambucana, buscando discutir qual a importância de ser nomeada a ‘primeira’ escola de samba do Estado. Os sambistas lutavam por espaços numa sociedade marcada pela valorização do tradicional. Nesse sentido, podem-se compreender essas disputas como a tentativa de almejar um lugar no conjunto da tradição carnavalesca local. Os construtores de samba, mesmo combatidos, movimentaram-se para assegurar a permanência de sua prática nos festejos momescos da cidade.

³⁴⁶ Nesse trabalho, procuro esboçar uma genealogia do posicionamento dos intelectuais e de alguns sambistas a respeito dos começos das escolas de samba na cidade do Recife. Para isso, tomo como referência o texto “Nietzsche, a genealogia e a história”, parte da obra *Microfísica do Poder*, em que Michel Foucault estabelece uma diferença entre origem e genealogia. (FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”, In: *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.). “Foucault partilha com Nietzsche o ponto de vista de que a história deve ser uma atividade que busca destronar ídolos e deuses, que visa a inquietar o pensamento e o poder, que se dedica a nos libertar do peso do passado, de sua repetição mecânica e acrítica. Ela deve arruinar a familiaridade com as coisas de antanho, dessacralizar e desnaturalizar o que nos chega do passado como valores universais e eternos. Ele pratica a História, ironicamente, a serviço do esquecimento e não da lembrança, da perturbação do mesmo, da unidade, da identidade e da semelhança”. ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História*. Bauru: SP: EDUSC, p. 185, 2007.

³⁴⁷ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo história. Recife, 1930-1945*. Recife: Bagaço, p. 28, 2008.

Durante o recorte temporal da pesquisa (1955 -1972), os jornais da cidade estavam repletos de matérias a respeito das disputas pelo título de campeã do carnaval, ocorridas entre as escolas Estudantes de São José e Gigantes do Samba. Essas agremiações travavam ‘verdadeiras batalhas’ na passarela pela hegemonia do samba em Recife. Por meio do conhecimento dessas histórias posso visualizar táticas e estratégias de sambistas para resistirem àquele cenário de condenação. Pois, mesmo diante do discurso intelectual de uma identidade carnavalesca pernambucana contrária a essa manifestação na cidade, os sambistas reagiam e tornavam a sua prática, segundo as matérias dos jornais, em uma das maiores atrações carnaval recifense.

3.1 Diálogos entre fronteiras: os começos das escolas de samba

“Quem não gosta de samba,
Bom sujeito não é
É ruim da cabeça
Ou doente do pé”.³⁴⁸

Parafraçando a letra da música do compositor Dorival Caymmi, pergunto se ‘quem gostava de samba, bom pernambucano não era’? Visto que era imbuída dessa concepção que parte da intelectualidade em Recife, entre 1955 e 1972, posicionava-se frente aos sujeitos sociais que viviam e significavam a prática do samba no carnaval. Entendiam que ‘gostar’ de samba não era elemento de identificação com o discurso da pernambucanidade.

Por outro lado, será que os sambistas que participavam do carnaval da cidade do Recife eram ‘menos’ pernambucanos do que os que praticavam o frevo? Será que esses atores sociais não tinham autonomia diante de suas próprias vidas para decidirem o que deveriam ou não fazer durante os dias momescos? Será que realmente precisavam de espécies de ‘guias culturais’ para os informarem sobre o que poderiam ou não praticar? Que manifestação cultural deveriam significar?

Os sambistas em Recife agiram diante desse processo, não se colocaram como seres passivos e inertes. Ousavam no direito de defender sua música, sua vida e sua história. Atuavam como sujeitos que pensavam e transformavam o cenário em que viviam. Indivíduos como agentes da sua própria história, resistindo de formas diversas e variadas contra normas e padrões estabelecidos pelas elites dominantes. Pois, a ordem política e econômica impunha

³⁴⁸ Dorival Caymmi, *Samba da minha terra*, 1940.

uma disciplina, porém os atores sociais não a aceitavam passivamente. Eles a manipulavam através de suas táticas e procedimentos.³⁴⁹

No Recife, poucos são os trabalhos que se dedicaram a romper a invisibilidade historiográfica enfrentada pelos sambistas na cidade. Conflitos, dúvidas e escassas informações é o que encontramos quando a referência é o aparecimento do samba e suas manifestações culturais nos festejos momescos da cidade. Diante dessa questão, não posso deixar de levar em consideração o campo das possibilidades, o ‘é possível que’, ou mesmo, o ‘talvez’, dentro da perspectiva do que o historiador Carlo Ginzburg definiu como das possibilidades históricas.³⁵⁰

O caráter lacunar das fontes ou, até mesmo, a falta delas, obrigam ainda mais o historiador a imaginar, uma ‘imaginação histórica’, a construir uma história do ‘é possível que’. A historiografia é limitada pelas próprias informações que se tem do objeto, pelo conhecimento que o próprio profissional de história tem do período que estuda, por aquilo que sabe sobre as relações da sociedade e da cultura que está estudando. Assim, imagina-se o provável, o possível de ocorrer naquele tempo e lugar, com pessoas que viveram em dada situação social e segundo certos códigos culturais.

O historiador João José Reis, quando se deparou com problemas na documentação e na historiografia, propôs que o profissional que se dedica a realizar uma análise histórica:

[...] deve jogar os coloridos dos búzios, das significações que acha possível serem dadas a um evento, tem que exercer suas artes divinatórias, deixar a intuição

³⁴⁹ Refiro-me ao tático conforme o sentido construído por Michel de Certeau, que assim o definiu, “denomino ‘tático’ um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem aprendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face às circunstâncias. O ‘próprio’ é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos [...], mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ‘ocasião’. Muitas práticas cotidianas [...] são do tipo tática. E também, de modo mais geral, uma grande parte das ‘maneiras de fazer’ vitórias do fraco sobre o mais forte [...], pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de caçadores, mobilidades de mão de obra, simulações polimorfas, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos”. (CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 46-47, 1994.). No que se refere à percepção das estratégias e das táticas existentes nas ações dos populares, não posso deixar de destacar a relevância dos estudos dos historiadores da micro história, particularmente, Giovanni Levi. Sobre essa questão ver: LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. LEVI, Giovanni. Sobre a micro história, In: *A Escrita da História: novas perspectivas*. BURKE, Peter (org). Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

³⁵⁰ “A questão da prova permanece mais do que nunca no cerne da pesquisa histórica, mas seu estatuto é inevitavelmente modificado no momento em que são enfrentados temas diferentes em relação ao passado, com a ajuda de uma documentação que também é diferente”. GINZBURG, Carlo. Provas e Possibilidades, In: *O Fio e os rastros*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Cia das Letras, p. 334, 2007.

trabalhar, estabelecer ligações entre os eventos que não estão explicitadas na documentação.³⁵¹

Vale ressaltar que não estou preocupado em desvendar a causa, a consequência, a finalidade ou mesmo a origem das escolas de samba, mas “o que se passa entre”.³⁵² Pretendo analisar como intelectuais posicionavam-se diante dos fatos e também interpretar as memórias de alguns sambistas sobre os começos dessas manifestações culturais na cidade do Recife. Não acredito ser esse um fenômeno transposto do Rio de Janeiro como afirmaram alguns pesquisadores³⁵³, mas creio que a prática foi sendo feita e refeita a partir das apropriações, dos diálogos, dos trânsitos culturais, dos usos e dos sentidos atribuídos a ela pelos sujeitos sociais.

Partilho com Michel Foucault quando, ao criticar a busca pela origem, entendida como o lugar da verdade, do precioso, do essencial e exato das coisas, afirma que o começo histórico é baixo. Neste sentido, buscar a origem das práticas culturais é tentar reencontrar “o aquilo mesmo de uma imagem exatamente adequada a si, é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces”.³⁵⁴

O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate. A história ensina também a rir das solenidades da origem. A alta origem é o “exagero metafísico que reaparece na concepção de que no começo de todas as coisas se encontram o que há de mais precioso e de mais essencial”: gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou luz sem sombra da primeira manhã.³⁵⁵

Assim, deve-se tomar cuidado e desnaturalizar determinadas análises e discursos de certos grupos sociais que buscavam para si uma ‘origem’, uma legitimidade, um ‘verdadeiro’ uso, a primazia das escolas de samba. Tenho a consciência da dificuldade da construção das fronteiras e dos limites rígidos entre as culturas, visto que elas são múltiplas e dinâmicas. Os problemas são maiores ainda quando se pensa no começo das práticas culturais, pois, frequentemente, uma coisa é a manifestação de alguma outra. Deve-se atentar também para o

³⁵¹ REIS, João José. *Domingos Sodré: Um Sacerdote Africano. Escravidão, Liberdade e Candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 38.

³⁵² DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, p. 151, 1992, *apud*: MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, Metodologia, Memória*. São Paulo: Editora Contexto, 2010, p. 131.

³⁵³ Para a antropóloga Katarina Real, as escolas de samba são um fenômeno cultural transposto do Rio de Janeiro para a cidade do Recife. Sobre isso, ver: REAL, Katarina. *O Folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. rev e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, Pp. 47-48, 1990.

³⁵⁴ FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”, In: *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 17.

³⁵⁵ FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”, In: *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 18.

pluralismo cultural, muitas vezes, existente nessas regiões e levar em consideração o que Fridrik Barth denominou de ‘correntes de tradição cultural’.³⁵⁶

A historiografia comumente tem associado a origem das escolas de samba ao Rio de Janeiro.³⁵⁷ Nesta cidade, segundo a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, essas manifestações culturais ascenderam em virtude do ‘nacionalismo exacerbado’ que passou a predominar a partir dos anos de 1920. Dito de outra forma, para a referida pesquisadora, o carnaval das escolas de samba no Rio de Janeiro foi fruto do beneplácito de Getúlio Vargas que as teria abençoado como sinal de novos tempos, não passando tais mudanças de um arranjo de cima.³⁵⁸

Entretanto, partilho das críticas feitas ao trabalho da socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz pela historiadora Rachel Soihet, que salientou em suas pesquisas que Getúlio Vargas valeu-se da música popular e das agremiações carnavalescas como veículo para a integração dos populares em seu projeto de construção da nacionalidade. No entanto, não se pode desprezar a participação de líderes populares no sistema, que, com isso, garantiam a presença reconhecida de suas manifestações nas ruas da cidade. Soihet ainda ressaltou que “os negros tiveram papel preponderante na construção dessa cultura, que passou posteriormente, a caracterizar toda a sociedade”.³⁵⁹

De acordo com Rachel Soihet, as escolas de samba tornaram-se o símbolo máximo do carnaval carioca por meio de uma convergência de interesses, o que garantiu o transbordamento da cultura popular na urbe nos anos de 1920. Foi através delas que se afirmavam os segmentos populares, que por tanto tempo estiveram condenados a segregação,

³⁵⁶ Ao analisar o pluralismo cultural em algumas áreas do Oriente Médio, Barth considerou “esclarecedor pensar em termos de ‘correntes de tradição cultural’, cada uma delas exibindo uma agregação empírica de certos elementos e formando conjuntos de características coexistentes que tendem a persistir ao longo do tempo, ainda que na vida das populações locais e regionais várias dessas correntes possam misturar-se”. BARTH, Fridrik. A análise da cultura nas sociedades complexas, In: *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000, p. 123.

³⁵⁷ ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de História*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000; CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumiar, 1996; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4.ed. Rio de Janeiro. FUNARTE; UFRJ, 2008; COSTA, Haroldo. *100 anos do carnaval do Rio de Janeiro*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001; GOLDWASSER, Maria Júlia. *O Palácio do Samba: Estudo Antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1975; SEBE, José Carlos. *Carnaval, Carnavais*. São Paulo: Ática, 1986; SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo Riso. Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2008; LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba Ritual e Sociedade*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1977; PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992; AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

³⁵⁸ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, pp. 93-96, 1992.

³⁵⁹ SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo Riso. Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2008, p. 158.

e, dessa forma, alcançavam a participação na ‘vida pública’ da cidade e a legitimação de uma identidade própria.³⁶⁰ Soihet afirma ainda que:

O processo de predomínio da cultura popular no carnaval carioca consolida-se com as escolas de samba, que teriam surgido em fins da década de 1920, quando ocorreu uma concentração maior da população pobre nos morros e nas áreas suburbanas. Os componentes das escolas de samba provinham das camadas mais baixas da população.³⁶¹

No Recife, como ressaltai no segundo capítulo deste trabalho, os ‘grupos de samba’ estavam presentes nos jornais desde o final do século XIX, quando saíam às ruas no período dos festejos carnavalescos. Questiono-me sobre o porquê de essas agremiações procurarem uma diferenciação em relação às demais atrações da folia de momo recifense. Por que procuravam associar-se ao samba? E mais, por que durante os anos de 1930 vão procurar denominar-se de escola de samba? Sobre os grupos que praticavam o samba e desfilavam durante o carnaval no Recife, o sambista José Bonifácio Dias dos Santos rememora:

A moçada que fazia samba era chamada Batucada, grupo de homens, chapéu de palha, instrumentos de borracha, não era couro, chamava “melê”, hoje é surdo. **Saía no período do carnaval, bloco de samba, bloco de sujos.** (Depoimento do senhor José Bonifácio, conhecido como Deca).³⁶²

O que teria levado esses sambistas da primeira metade do século XX a procurarem participar de uma prática carnavalesca que, de acordo com o que venho pesquisando, desde os anos de 1940 já enfrentava a crítica de parcela da intelectualidade local, que a entendia como ‘desvios identitários’ da ‘legítima cultura carnavalesca recifense’? Por que parcela dos foliões escolheu o samba na capital pernambucana? Sobre isso, não posso deixar de levar em consideração as colocações de Michel Foucault, quando salientou que não podemos falar de qualquer objeto em qualquer época, visto que é necessário aparecer condições históricas mínimas para que um objeto possa ser tema de vários discursos.

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que se possa “dizer qualquer coisa” dele e várias pessoas dele dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco como outros objetos, para que possa estabelecer com ele relações de semelhança, de vizinhança, de

³⁶⁰ SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo Riso. Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2008, pp. 155 – 156.

³⁶¹ SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo Riso. Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2008, p. 159.

³⁶² Entrevista realizada por mim em 22 de abril de 2010, com o sambista José Bonifácio Dias dos Santos, conhecido como Deca. (Grifos meus).

afastamento, de diferença, de transformação – essas condições, vê-se, são numerosas e pesadas. [...] Existe [o objeto] sob as condições positivas de um feixe completo de relações. Essas relações são estabelecidas entre instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamento, sistema de normas, técnicas de classificação, modos de caracterização; e essas relações não estão presentes no objeto; não são elas que são desenvolvidas quando se lhe faz a análise; elas não desenham a trama, a racionalidade imante, essa nervura ideal que reaparece totalmente ou em parte quando o pensamos na verdade de seu conceito.³⁶³

Ainda a respeito do crescimento e de uma maior atratividade da prática do samba entre os foliões em Recife, destaco as considerações do antropólogo Hermano Vianna, quando mencionou que o rádio possibilitou, nas décadas de 1930-40, que as músicas, e demais formas de expressão presentes no carnaval carioca, fossem levadas às demais regiões do Brasil, numa tentativa de ‘colonizar’ internamente o país, que passou a ter o samba como estilo musical nacional.³⁶⁴

Dessa forma, o samba passou a ser mais divulgado nas rádios de todo o país como o estilo musical nacional. Era a tentativa de construção de uma identidade comum para a nação. Entretanto, em muitas localidades essa prática vai encontrar restrições. No caso de Pernambuco, havia os intelectuais, que questionavam por que um produto do Rio de Janeiro seria elevado à condição de símbolo da nacionalidade e não o frevo, que era ‘legítimo e autêntico ritmo da terra’? Entre outras questões, esse foi um dos motivos apresentados por alguns intelectuais para condenarem o samba na capital pernambucana.

Ainda a respeito dessa questão, o jornalista José Teles salientou que “apesar de todo o protecionismo o samba era mais tocado e tinha mais discos comprados no Recife. Seria impossível isolar o estado da potência das ondas curtas de emissoras como a Rádio Nacional”.³⁶⁵ Conforme as colocações da historiadora Zélia Lopes da Silva, a respeito das mudanças implementadas no carnaval carioca ao longo dos anos de 1930, as quais se espalhavam pelo Brasil,

[...] ao longo da década de 1930, houve alterações significativas na estrutura do carnaval praticado no Rio de Janeiro, que se projetam para os folguedos praticados em outras regiões do país, consagrando, como paradigmas, o baile de gala oficial, as escolas de samba e os desfiles oficiais, o Rei Momo e a rainha do carnaval, como parte constitutiva da nova estrutura dessas celebrações, muito embora o período de guerra tenha involuntariamente imposto um interregno a esse processo. Esse modelo, porém, não foi aceito em todo o país, notadamente naquelas localidades onde tais

³⁶³ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1972, pp. 59-60.

³⁶⁴ VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. 6. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, UFRJ, 2007, pp. 109-110.

³⁶⁵ TELES, José. *O Frevo rumo à Modernidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2008, pp. 40-41.

folganças se apoiavam em outras tradições, o que se verifica, sobretudo, no Norte e no Nordeste brasileiro.³⁶⁶

Mesmo tendo consciência dessas questões, pergunto-me, por que certos foliões do Recife escolheram uma prática cultural carnavalesca associada ao samba nos anos de 1930, uma vez que, nesse período, o samba já estava sendo construído como um fenômeno peculiar dos festejos carnavalescos do Rio de Janeiro, e na capital pernambucana foram entendidas como ‘desvios identitários’ do carnaval local? Será que a força do rádio e o ‘padrão’ carioca de carnaval eram tão fortes assim, que fizeram com que esses sambistas enfrentassem uma condenação expressa da intelectualidade recifense?

Na leitura dos jornais da época da capital pernambucana, encontrei matérias que mencionavam a presença de algumas agremiações carnavalescas, já denominadas de escolas de samba nos anos de 1940, entre os grupos que figuravam nesse período tem: *Santos Dumont; Duvidosas do Samba; Escola de Samba Oriente; Marca O'lho; Gigantes do Samba; Limonil; Milionários do Ritmo; Molambo da Vila; Mimosas da Folia; Sapato Furado*; entre outras, que durante o período dedicado aos festejos do deus da galhofa realizavam ensaios e atraíam inúmeros foliões para suas apresentações.³⁶⁷

O que teria levado esses sambistas a denominarem uma de suas práticas de escola de samba, já que essa nomenclatura estava associada aos festejos cariocas? Como esses grupos eram formados? Que tipo de samba praticavam? Foram transpostos do Rio de Janeiro, como advogavam alguns? Ou já havia um samba em Recife que a ele foram somadas influências e diálogos múltiplos?

A respeito dos começos das escolas de samba na capital pernambucana, uma das principais referências são os estudos realizados pela antropóloga Katarina Real.³⁶⁸ Esta

³⁶⁶ SILVA, Zélia Lopes da. Os Carnavais na Cidade de São Paulo nos anos de 1938 a 1945, In: *Muitas Histórias, Outras Memórias*. FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto & KHOURY, Yara Aun (organizadores). São Paulo: Editora Olho d'água, 2004, pp. 69-70.

³⁶⁷ Escola de Samba Santos Dumont. *Diário da Manhã*, 06 de fevereiro de 1947, p.02. Escola de Samba Duvidosas. *Diário da Manhã*, 13 de fevereiro de 1947, p.06. Escola de samba Santos Dumont, realizou ontem seu penúltimo ensaio. *Diário da Manhã*, 16 de fevereiro de 1947, p.08. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

³⁶⁸ Katarina Cate Real nasceu no dia 07 de dezembro de 1927, na cidade de Annapólis, Maryland, Estados Unidos. Formou-se em Artes e Estudos Luso Brasileiros, pela Stanford University, em 1949. Katarina e seu marido, Robert Cate, vieram morar pela primeira vez no Brasil em Belém do Pará, durante os anos de 1950. Na capital pernambucana, Katarina atuou principalmente junto à Comissão Pernambucana de Folclore (CPF), de 1964 a 1968, e foi presidente da Comissão Organizadora do Carnaval de Recife, de 1966 a 1968. Nos anos de 1960 terminou seu mestrado em Antropologia e Estudos de Folclore, na Universidade da Carolina do Norte, em Chape Hill (UNC-CH), sua dissertação foi sobre o carnaval brasileiro. Ganhou uma bolsa da Organização dos Estudos Americanos para passar mais um ano no Brasil (Bahia ou Pernambuco), dando continuidade as suas pesquisas sobre o carnaval. De acordo com Clarisse Kubrusly, Katarina Real teve uma carreira bastante marginal nos EUA. Não conseguiu terminar seu doutorado em UNC-CH e também não teve sucesso em suas tentativas de

chegou ao Recife em 1960 para realizar pesquisas sobre o carnaval na cidade, o que culminou com o lançamento do livro “*O Folclore no carnaval do Recife*”.³⁶⁹ Katarina Real, na década de 1960, passou a integrar a Comissão Organizadora do Carnaval (COC). Ela também frequentou a sede de várias agremiações carnavalescas e andou com figuras ‘ilustres’ dos festejos de momo local, tais como os maracatuzeiros Luiz de França, Eudes Chagas e D. Santa, o sambista Luiz Rodrigues Melo, entre outros.

Para Katarina Real, as escolas de samba constituíam uma presença bastante antiga no carnaval da cidade, datando da década de 1940 o aparecimento dessas práticas culturais. Ela menciona também que essas manifestações já começavam a despertar preocupação para os integrantes das agremiações mais ‘tradicionais’ do Recife.

Assim, a sua presença no Carnaval do Recife não é surpreendente. E essa presença tem de ser notada, não somente porque já é antiga, como também porque as escolas de samba são hoje uma força no carnaval da cidade – uma força de importância crescente, até o ponto de causar preocupações às agremiações mais tradicionais e aos defensores de um carnaval estritamente pernambucano.³⁷⁰ (Grifos meus).

De onde vieram as escolas de samba? Como surgiram no carnaval do Recife? Desde quando e por que essas agremiações começaram a utilizar a nomenclatura de escolas de samba? Para Katarina Real, essas manifestações culturais e o próprio samba são fenômenos resultantes de um processo de difusão do Rio de Janeiro para o Recife, ou seja, “sendo a escola de samba um caso, um grande caso, de difusão cultural do Rio de Janeiro para Pernambuco, temos que encontrar os caminhos dessa difusão”.³⁷¹ Ela conclui que:

As primeiras escolas de samba apareceram no Recife há mais de 20 anos, geralmente, introduzidas por pernambucanos que, a serviço das forças armadas do país, tiveram de passar alguns anos no Rio e entraram em contato com o samba carioca. De volta ao Recife, esses pernambucanos fundaram escolas de samba, como Garotos do Céu, que segundo o Prof. Luiz Rodrigues, seu fundador, foi uma das primeiras. Reforçando esses entusiastas do samba, havia as visitas durante a II Guerra Mundial, dos navios da Marinha Brasileira, cujos tripulantes saíam em ‘batucadas’ para brincar o carnaval e ganhavam a simpatia do povo pernambucano. Daí em diante, as escolas de

publicações. KUBRUSLY, Clarisse Q. *Reflexão antropológica sobre a “experiência etnográfica” de Katarina Real com os maracatus em Recife*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007, pp. 30-41.

³⁶⁹ REAL, Katarina. *O Folclore no Carnaval do Recife*. 2. Ed. rev. e aum. Recife: FUNDAJ: Editora Massangana, 1990.

³⁷⁰ REAL, Katarina. *O Folclore no Carnaval do Recife*. 2. Ed. rev. e aum. Recife: FUNDAJ: Editora Massangana, 1990, p. 49.

³⁷¹ REAL, Katarina. *O Folclore no Carnaval do Recife*. 2. Ed. rev. e aum. Recife: FUNDAJ: Editora Massangana, 1990, p. 48.

samba começaram a crescer, sempre contra a violenta oposição da Federação Carnavalesca Pernambucana e alguns de seus fundadores, como o grande folclorista pernambucano, Mário Melo.³⁷² (Grifos meus).

Transposição do Rio de Janeiro! Como se a frase fosse dotada de grande caráter elucidativo! Foi dessa forma que a antropóloga Katarina Real procurou resolver os problemas dos começos das escolas de samba na cidade do Recife. Não acredito ser difícil haver as trocas e os diálogos culturais entre os diferentes sujeitos sociais. Entretanto, o conceito de transposição, por si só, não elucida os problemas. Não se pode pensar que uma prática cultural pode, simplesmente, ser transposta de um lugar para outro, além do que, de acordo com o que venho pesquisando, há indícios de que os usos do samba e a constituição das escolas no Recife não ocorreram tal como no Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, o surgimento e a legitimação das escolas de samba estiveram atrelados a um processo complexo, múltiplo, repleto de tensões e conflitos que englobavam desde a associação com antigas formas carnavalescas, como os ranchos, passando pelo processo de mediação cultural. A este respeito, vide o exemplo de Paulo da Portela nos anos de 1920 e 1930, e mais adiante de vários carnavalescos no início dos anos de 1960, até as medidas tomadas pelo poder público, principalmente, durante os governos varguistas.³⁷³

Afirmar simplesmente que marinheiros, ao passar alguns dias no Rio de Janeiro, entravam em contato com o samba e, ao voltarem ao Recife, fundavam as ‘primeiras’ escolas de samba, e, como que num ‘passe de mágica’, essas manifestações passavam a exercer uma atratividade tamanha que começavam a enfrentar uma perseguição dos sujeitos que faziam a mais importante instituição do carnaval da cidade, a Federação Carnavalesca³⁷⁴, para mim, não soluciona os problemas. É necessário atentar para as experiências dos sambistas durante os anos de 1920 e 1930, compreender que prática de samba estava sendo gestada nesse período.

³⁷²REAL, Katarina. *O Folclore no Carnaval do Recife*. 2. Ed. rev. e aum. Recife: FUNDAJ: Editora Massangana, 1990, p. 48.

³⁷³ Sobre o processo de afirmação e legitimação das escolas de samba no Rio de Janeiro ver, entre outros, os trabalhos de: SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo Riso. Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. 2. ed.rev e ampl. Uberlândia: EDUFU, 2008; AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O Rito e o Tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Já sobre a atuação dos carnavalescos enquanto mediadores culturais ver: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008; SANTOS, Nilton. *A arte do efêmero: carnavalescos e mediação cultural no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

³⁷⁴ Sobre a atuação da Federação carnavalesca no carnaval em Recife, ver: VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *A fresta do Estado e o brinquedo para os populares: histórias da Federação Carnavalesca Pernambucana*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

Daí em diante, **as escolas começaram a crescer**, sempre contra a violenta **oposição da Federação Carnavalesca Pernambucana** e alguns dos seus fundadores, como o grande folclorista pernambucano **Mário Melo**. Com dons proféticos, Mário Melo previu que, para preservar o frevo e os clubes tradicionais da força desta **“intrusa” vigorosa, dinâmica e de irresistível simpatia**, o Recife teria que tomar providências urgentes. Daí a origem da “legislação carnavalesca” de 1956, que estipulou que do total da verba destinada aos clubes carnavalescos (verba antigamente da própria Federação Carnavalesca, mais tarde, porém, da Prefeitura Municipal do Recife), **somente 5% podiam ser divididos entre todas as escolas de samba**. O significado desse artigo de lei era aparente: aumentando o número de escolas de samba, mais diminuta seria a ajuda oficial dada para cada uma.³⁷⁵ (Grifos meus).

Estou longe de advogar com as afirmações da Katarina Real sobre os começos das escolas de samba no Recife. Acredito ser o processo que constitui o desfile dessas agremiações no carnaval da cidade um fenômeno complexo. Tenho a consciência de que a ‘origem’ de uma prática cultural é humanamente impossível de ser demarcada e encontrada no tempo e no espaço, visto que esta é permeada por várias outras contribuições que à manifestação vão sendo somadas. Além disso, mesmo se pudesse encontrar a ‘origem’ da coisa, isso não significaria nada. Por esta e outras questões, prefiro seguir outros caminhos que o apontado pela referida antropóloga.

Valdemar de Oliveira³⁷⁶, em seu livro *Frevo, capoeira e passo*, comenta sobre o começo das escolas de samba no Recife.³⁷⁷ Remonta que esse processo estivera atrelado à ‘decadência’ do frevo, que sofreu com a concorrência impetuosa das escolas de samba. O sucesso dessas manifestações no carnaval recifense estava associado a sua apresentação mais variada, regular e ao ritmo da batucada, entre outros fatores. O autor salienta que para ‘defender nossas tradições’ não se devia combater as escolas de samba, mas ajudarem os clubes de rua para garantirem um maior brilhantismo dos festejos momescos ‘legítimos e autenticamente recifenses’.

[...] **Escolas de Samba, que dizem ter surgido, no Recife, por ocasião da última guerra**, quando o carnaval pegou muita tripulação de navio de guerra nacional

³⁷⁵ REAL, Katarina. *O Folclore no Carnaval do Recife*. 2. Ed. rev. e aum. Recife: FUNDAJ: Editora Massangana, 1990, p. 48.

³⁷⁶ Valdemar de Oliveira nasceu no dia 02 de maio de 1900, na cidade do Recife-PE. Em 1918 foi estudar medicina em Salvador, onde se formou em 1923, defendendo um trabalho sobre musicoterapia. Regressando ao Recife, passou a escrever no *Jornal do Commercio* e, a partir de 1935, manteve a coluna ‘A Propósito’, dedicada à música e ao teatro. Foi médico, professor, jornalista, teatrólogo, compositor, escritor, crítico de arte, foi membro da Academia Pernambucana de Letras, da Academia Pernambucana de Médicos, da Academia Pernambucana de Música, do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico. Foi diretor do Teatro Santa Isabel e membro da Comissão Pernambucana de Folclore. Escreveu vários livros, na área do folclore, destaque para *A Recriação Popular* (1966); e *Frevo, Capoeira e Passo* (1971), entre outros. Morreu em 18 de abril de 1977, na cidade do Recife. In: MAIOR, Mário Souto. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999, p. 178-179.

³⁷⁷ OLIVEIRA, Valdemar. *Frevo, capoeira e passo*. Recife, CEPE, 1971, pp. 137-138.

folgando pelas ruas da cidade. Desde então, **a Escola de Samba enraizou-se, cresceu, deu flor, está dando fruto**, sendo o seu número, hoje, o mesmo de clubes-de-frevo de primeira categoria.³⁷⁸ (Grifos meus).

Valdemar de Oliveira não chegou a mencionar que as escolas de samba correspondiam a um processo de difusão cultural do Rio de Janeiro, tal como afirmou a Katarina Real. Por outro lado, apresentou algumas similaridades com a referida antropóloga quando expôs a relação com a II Guerra Mundial e com os marinheiros. Marinheiros é uma palavra importante diante desses conflitos que se apresentam sobre o começo das escolas de samba na cidade. Mais adiante irei discutir melhor essa questão.

Segundo o historiador Ivaldo Marciano de França Lima, mesmo com sua validade, as pesquisas de Katarina Real e Valdemar de Oliveira chocam-se com as memórias de uma antiga moradora do Alto de Santa Isabel, Dona Leinha. Segundo esta senhora, “a batucada Cuíca de Bambu foi o ‘primeiro’ grupo de samba que conheceu. Mais tarde, essa agremiação vai dar origem à Escola de Samba Quatro de Outubro, no Alto de Santa Isabel”.³⁷⁹ As memórias desta senhora vêm corroborar com a de outros antigos sambistas que afirmavam que as escolas de samba em Recife remontavam aos anos de 1930 e entram em conflito com as afirmações de Katarina Real e Valdemar de Oliveira.

Num texto escrito por Edvaldo Ramos, jornalista e ex-presidente da União das Escolas de Samba de Pernambuco (UESP), baseado nas memórias de Ranulfo Ferreira, um antigo sambista do Recife, há a seguinte versão sobre o aparecimento das escolas de samba que se junta a de Dona Leinha e outros congêneres:

[...] Em Pernambuco, a Escola de Samba tem sua história e luta pelo seu espaço. **Em 1942, na época da 2ª Guerra Mundial, chegando ao Recife, o Encouraçado São Paulo trazia, entre seus tripulantes, além de uma banda marcial, elementos que compunham um bloco de samba, que desfilou na cidade, pela primeira vez com o nome de Mimosas da Folia (rancho e escola de samba).** Destacava-se na escola de samba, o **Cabo Lavanca**, hoje Tenente José Carlos, com seu tamborim. É professor aposentado da Escola de Pesca Almirante Tamandaré. **Já havia em Casa Amarela a batucada o Bando da Noite**, dirigido por Lourival de Jesus, Nenen, Ulisses, Xixarrão, Ranulfo e outros. **De Bando da Noite passou a Cuíca de Bambu, ainda batucada, e por fim ficou sendo Escola de Samba Quatro de Outubro [...].**³⁸⁰ (Grifos meus).

³⁷⁸ OLIVEIRA, Valdemar. *Frevo, capoeira e passo*. Recife, CEPE, 1971, p. 137.

³⁷⁹ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, p. 231, 2010.

³⁸⁰ RAMOS, Edvaldo. *Escolas de samba em Pernambuco. Agremiações carnavalescas. Carnaval 1988*. Prefeitura da Cidade do Recife/ Fundação de Cultura da Cidade do Recife, páginas não numeradas, *apud*: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2010, p. 232.

Nada impede que entre textos acima possam ser observados diálogos. As memórias de Dona Leinha, juntamente com as de Ranulfo e o texto de Edvaldo Ramos dialogam em suas afirmações sobre o começo das escolas de samba. Não desmentem os estudos de Katarina Real e Valdemar de Oliveira, pois faz referência aos marinheiros com ‘o seu samba’, que ao chegar a Recife tenham dialogado com ‘o samba que já existia pela cidade’.

O jornalista Mário Melo, um dos maiores críticos das escolas de samba na capital pernambucana, afirmava que ao condenar sua presença nos festejos de momo estava defendendo a ‘legítima tradição carnavalesca recifense’. Numa matéria publicada no *Jornal do Commercio*, Mário Melo, procurou explicar o surgimento das escolas de samba em Recife. Para este jornalista, os embriões dessas manifestações eram as chamadas ‘turmas’ que desfilavam pelas ruas dos subúrbios da cidade. Ele conclui afirmando que:

[...] Mais tarde na Segunda Grande Guerra, estando aqui ancorado o Cruzador São Paulo, os marinheiros formaram uma escola de samba e vieram à rua, à moda do carnaval carioca. E quando partiram deixaram aguçado o espírito da imitação. Começaram a surgir escolas de samba. Era a infiltração prejudicial ao nosso folclore. Deixamo-las à parte como quistos. Nunca filiamos nenhuma, por ser prejudiciais ao nosso carnaval típico.³⁸¹

Pelas colocações do jornalista Mário Melo, posso interpretar que a nomenclatura ‘escola de samba’ teria surgido em Recife por volta dos anos de 1940 e que essa prática foi introduzida na cidade pelos marinheiros. Entretanto, de acordo com o que venho pesquisando, os grupos que praticavam o samba na capital pernambucana eram bem anteriores ao período da Segunda Guerra Mundial. No entanto, vale ressaltar que o aparecimento do nome ‘escola de samba’ neste período é algo bem provável, essa é uma possibilidade.

De acordo com as memórias do folclorista e fundador da Escola Estudantes de São José, Liêdo Maranhão, a história dos começos das escolas de samba de Recife relacionados aos marinheiros se repete.³⁸² Para Liêdo Maranhão essas agremiações foram introduzidas na

³⁸¹ MELO, Mário. *Jornal do Commercio*, Crônica da Cidade, dezembro de 1955, *apud*: TELES, José. Conflitos: um passado de preconceitos. *Revista Continente*, fevereiro de 2011, p. 29. Vale ressaltar que não encontrei a matéria citada na data informada pelo jornalista José Teles. Entretanto, como não é possível ter acesso a todos os dias do *Jornal do Commercio* nos anos de 1955 e 1956, tanto no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, quanto na Fundação Joaquim Nabuco, pois encontram-se alguns exemplares extraviados ou mesmo indisponíveis para consulta, é bem provável que essa matéria só esteja disponível ou na sede do próprio *Jornal do Commercio* (à qual não tive acesso, apesar de algumas tentativas) ou mesmo faça parte do acervo pessoal do jornalista citado.

³⁸² Liêdo Maranhão de Souza, dentista de profissão, nasceu em 03 de julho de 1925, na cidade do Recife. Liêdo Maranhão tornou-se conhecido na capital pernambucana por sua atuação como folclorista. A entrevista foi realizada em 30 de maio de 2008, pelas professoras Isabel Guillen e Ângela Grillo, e pelo professor José Britto. A entrevista foi transcrita por Gabriel Navarro e encontra-se disponível para consulta no Laboratório de História

cidade após ‘um navio, do Rio de Janeiro, ficar atracado aqui no período do carnaval e um grupo de rapazes saírem pelas ruas cantando o samba’. E sobre isso rememora:

[...] **Aqui esteve um navio que ficou aqui no carnaval, atracado, um navio brasileiro. E no carnaval eles saíram fantasiado de menino novo, com aquela roupinha de menino, aquele gorrinho e uma chupeta na boca. E o nome era Mimosas da Folia.** Então, depois do carnaval, dessa Mimosa da Folia, apareceram escolas de samba, as primeiras escolas [...]. (Depoimento de Liêdo Maranhão; Grifos meus).

Numa matéria publicada no Diário de Pernambuco, o jornalista Valdi Coutinho, um dos ‘defensores’ do samba na capital pernambucana, entrevistou o sambista Luiz Rodrigues, um dos principais nomes que figuravam nos jornais nesses anos como participantes da escola Gigantes do Samba. Luiz Rodrigues afirmou que, ao chegar à cidade, vindo do Rio de Janeiro, encontrou em Recife um samba diferente daquele praticado por terras cariocas, denominado de ‘turmas’. Segundo relatou ao jornalista Valdi Coutinho, era um samba de família, mais restrito ao subúrbio, não se dirigia ao centro da cidade durante o carnaval. O sambista também confirma a história dos marinheiros como os iniciadores do samba de escola na capital pernambucana.

Quem contou a história do samba em Pernambuco para a gente foi seu **Luiz Rodrigues da Silva Melo**, um dos seus iniciantes por essas plagas. **‘Naquele tempo (1936), eu havia chegado do Rio e encontrei por aqui algumas turmas que visitavam casas de família, nas ruas de subúrbio, com uma espécie de batuque diferente, quase iguais ao que lá havia deixado. Ambientei-me com a “Turma Quente”, “Turma Sem Rival” e “Quem Fala de Nós Tem Paixão”, e comecei a acompanhar a rapaziada em seus passos, de preferência até Prazeres. O povo gostava muito e elas foram aumentando. De 30 a 40 participantes algumas vezes alcançou até 100. Eu continuava insistindo que escola de samba não era somente para casa de família, mas também para sair às ruas do centro durante o carnaval. A primeira vez que isto aconteceu foi durante a II Guerra Mundial, quando marinheiros do “Tender” Belmonte e do Cruzador “São Paulo” desfilaram pelas ruas com “Mimosas em Folia” que obteve grande sucesso.** O relato, em suas essências, foi confirmado pelo pesquisador, etnógrafo e jornalista Paulo Viana, que acrescentou “Daí então, as ‘turmas’ viraram ‘Escolas’ e formaram adeptos”.³⁸³ (Grifos meus).

Segundo o jornalista do Jornal do Commercio, José Teles, as primeiras referências ao samba em Recife remontam aos anos de 1930, por meio das denominadas ‘turmas’, os embriões das escolas de samba na capital pernambucana. Nesse período, havia as chamadas ‘turmas quentes’, ‘turmas frias’, ‘turmas elétricas’ e as ‘turmas boas’, que se espalhavam

Oral e Imagem – LAHOI, no 11º Andar, no Departamento de História, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco.

³⁸³ COUTINHO, Valdi. No carnaval do Recife cabe o samba também. *Diário de Pernambuco*, 26 de janeiro de 1969, p. 02, III caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

pelos mais variados bairros da cidade e já começavam a despertar, nesses anos, a atenção dos intelectuais preocupados com a ‘pureza’ das tradições (no sentido mais convencional de sua conceituação) do carnaval local.

O embrião das escolas de samba em Pernambuco remonta à década de 1930. Um dos primeiros a compor para elas foi Edgar Ferreira (autor de alguns clássicos do repertório de Jackson do Pandeiro, entre outros, *17 na corrente e 1x1*), para a ‘turma boa’, de Afogados. Havia também pela mesma época a ‘turma elétrica’. **As batucadas de inspiração carioca, chamadas de ‘turmas’, eram esnobadas pela imprensa da época, provavelmente, porque não se sabia como classificá-las.** A ‘Gigantes do Samba’, da Bomba do Hemetério, uma das escolas de samba mais importantes de Pernambuco, começou como a ‘turma quente’, fundada em 1937, em Água Fria por um grupo de amigos, entre os quais Waldomiro Silva, Olímpio Ferreira, José Marques da Silva, Luis Ferreira de França. Em 1938, a batucada saiu com outro nome ‘Garotos do Céu’. Em 1941, adotou o nome ‘Gigantes do Samba’. **Os que combatiam as marchinhas e sambas cariocas nem imaginavam a ameaça que essas supostamente irrelevantes ‘turmas’ seriam para o frevo dentro de pouco mais de dez anos.** Organizadas a partir de 1940. **Na década seguinte, elas já eram em número suficiente para desfilar na avenida, e começar a preocupar os defensores do frevo.**³⁸⁴

É estranho as colocações do jornalista José Teles quanto aos começos do samba na capital pernambucana remontarem aos anos de 1930. Essa informação não é partilhada por outros pesquisadores.³⁸⁵ Quanto a ‘as turmas’ serem os embriões das escolas de samba, pelo que pude interpretar, essa história se repete nos escritos de alguns intelectuais, bem como nas memórias de muitos sambistas. Por meio da presença das ‘turmas’, posso questionar também sobre as colocações de alguns estudiosos que entendiam o samba como uma prática externa, pertencente ao Rio de Janeiro, ou mesmo que esta só chegou ao Recife por meio da imposição de um modelo de carnaval carioca através das ondas do rádio. O samba já existia em Pernambuco, e a ele os sujeitos que o significavam foram somando influências e travando diálogos múltiplos.

Ainda na pesquisa que realizei junto aos periódicos, encontrei uma matéria publicada no Jornal do Commercio que informava, conforme a opinião de um sambista denominado de ‘Confiança’, o qual, segundo as informações ali contidas, era um indivíduo ligado, desde muitos anos, à escola Gigantes do Samba, que as primeiras manifestações das escolas de samba na capital pernambucana remontavam também às ‘turmas’, e a sua própria agremiação também já havia saído durante o carnaval com essa designação.

³⁸⁴ TELES, José. *O Frevo rumo à Modernidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2008, pp. 40-41. (Grifos meus).

³⁸⁵ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2010; MAIA, Clarissa Nunes. *Sambas, batuques, vozerias e farsas públicas. O controle social sobre os escravos em Pernambuco no século XIX. (1850 - 1888)*. São Paulo: Annablume, 2008.

NASCEU NO MORRO

<Confiança> disse que a <Escola> saiu pela primeira vez em 1937, com a denominação de <**Turma Quente**> fundada no subúrbio de Água Fria, por um grupo de foliões, tais como, Waldomiro Silva, Guilherme Braz, Olímpio Ferreira da Silva, José Marques da Silva, Luiz Ferreira de França e outros, sendo sua primeira sede localizada na residência de um dos fundadores, onde permanece até o presente. **Naquela época, ainda éramos projeto de <escola>, pois não tínhamos nem sequer instrumentos. Saíamos batendo em latas.** Em 1938, desfilamos naquele subúrbio com outro nome: <Garotos do Céu>, passando em 1941, para o atual <Gigantes do Samba>, sob cujo título requeremos filiação à Federação Carnavalesca, na 2ª categoria, desfilando pela manhã, até 1953.³⁸⁶

Realizei uma entrevista com o sambista Antônio José de Santana, mais conhecido como ‘Belo-x’, que durante os anos de 1960 e 1970 foi ligado à Escola Estudantes de São José, nos dias atuais é compositor e intérprete da Gigantes do Samba. Este sambista recordou que a primeira escola de samba do Estado de Pernambuco foi a **Duvidosas do Samba**, que atualmente é a **Gigantes do Samba**. No entanto, ele ressaltou: “já ouvi falar que a mais antiga é a Almirantes do Samba, do bairro de São José, mas não tenho uma certeza disso não”. Belo-x também associa os começos das escolas de samba na cidade do Recife à presença dos marinheiros:

Segundo meu pai fala, as escolas de samba surgiram quando os marinheiros aportaram aqui no cais e eles vindo todos do Rio de Janeiro, e aonde eles aportavam, eles começavam a fazer, a trazer aqueles instrumentos de escola de samba. E muitas vezes, no carnaval eles faziam um desfile na rua, aí todos eles tocavam, porque todos eles eram da Portela ou da Mangueira, e ele me disse que a escola de samba veio desse negócio. Tanto que existe uma figura que foi esquecida pelo mundo do samba aqui, que foi o mestre Lavanca, de Gigantes, que era marinheiro e que teve esse comportamento antes de vir morar em Recife. **Quando o navio aportava aqui, ele trazia os marinheiros, já tinham bateria, tinha surdo, tinha caixa, tamborim e faziam um carnaval aqui. E meu pai disse que aquilo ali incentivou muito as escolas de samba a se formarem aqui em Recife.**³⁸⁷

Como venho tentando demonstrar, os começos das escolas de samba na capital pernambucana são permeados de conflitos e tensões. Entretanto, em torno deles posso empreender algumas similaridades, entre elas, estão as ‘turmas’ enquanto embriões dessas manifestações, bem como a presença dos marinheiros como seus iniciadores. Sobre a presença desses sujeitos, questiono-me até que ponto essa relação não estava atrelada à figura do sambista da Gigantes do Samba, José Carlos, conhecido como Lavanca, já que este era marinheiro. Lavanca é considerado pela ‘tradição’ sambista do Recife como uma das pessoas

³⁸⁶ Gigantes tem baile de gala. *Jornal do Commercio*, 06 de fevereiro de 1966, p. 12. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

³⁸⁷ Entrevista realizada por mim com o sambista Antônio José de Santana, mais conhecido como Belo-X, em 26 de novembro de 2010.

mais importantes dentro do processo de constituição, afirmação e difusão de uma prática de samba na capital pernambucana.

Lavanca foi um antigo sambista, mestre de bateria da escola Gigantes do Samba, carioca e marinheiro aposentado.³⁸⁸ Segundo relatam algumas matérias de jornais, Lavanca foi responsável pela introdução em Recife, no final dos anos de 1960, de um samba marcado pela percussão contra os instrumentos de sopro tão presentes nas apresentações das escolas de samba da cidade até os anos de 1970.³⁸⁹

Será que o fato de Lavanca ser marinheiro não teria influenciado as histórias, as relações com os começos das escolas de samba na cidade associadas a esse grupo? Não duvido que marinheiros, pernambucanos ou cariocas, pudessem, no período carnavalesco, sair pelas ruas do Recife cantando e dançando o samba. Mas, a partir disso, tomar esse fato como o marco dos começos das escolas de samba na cidade? Isso pode ser apenas o ‘lugar comum’ e talvez o caminho mais ‘fácil’ para a explicação dos fatos.

Talvez os marinheiros, estando em Recife no período do carnaval, possam ter constituído um grupo denominado, de acordo com as memórias de alguns sambistas, de ‘Mimosas da Folia’ e saído durante os dias de momo pelo centro da capital pernambucana. Esse acontecimento pode ter despertado, nos sambistas das agremiações já existentes na cidade, o desejo de fazer o mesmo, uma vez que, segundo relataram alguns sambistas, os grupos de samba eram mais restritos aos subúrbios.

Destarte, mais uma vez defendo a ideia de que pode ter existido sim diálogo entre o samba praticado no Rio de Janeiro e o realizado no Recife. No entanto, não acredito em transposição da prática. O samba foi sendo feito, refeito e reapropriado pelos sujeitos sociais que o significavam por terras pernambucanas.

Voltando ao texto do Edvaldo Ramos, pode-se observar outro conflito, isto é, as disputas em torno da primazia das escolas de samba na cidade. Lutas pela possibilidade de ser legitimada como a escola de samba mais antiga do Recife. Conforme Ramos, a **Batucada Bando da Noite** já existia pela cidade, depois tornou-se a **Escola de Samba Quatro de Outubro**, como também confirma algumas informações a respeito da presença da escola ‘**Mimosas da Folia**’, introduzida na cidade por um grupo de marinheiros do Rio de Janeiro.

³⁸⁸ RAMOS, Edvaldo. Escolas de samba em Pernambuco. Agremiações carnavalescas. Carnaval 1988. Prefeitura da Cidade do Recife/ Fundação de Cultura da Cidade do Recife, páginas não numeradas, *apud*: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2010, p. 232.

³⁸⁹ Escolas só com batuque, *Diário da Noite*, 26 de janeiro de 1966, p. 02. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

Já a antropóloga Katarina Real afirma que a ‘primeira’ escola de samba da cidade foi a **Garotos do Céu**. No Guia do Folião, uma publicação da Prefeitura Municipal do Recife, uma informação diferente a estas foi apresentada:

[...] No Recife, as primeiras referências do samba de escolas encontram-se no bairro de Casa Amarela, na batucada o **Bando da Noite**, mais tarde chamada **Escola de Samba Quatro de Outubro**. Nos anos 1930, a **Escola de Samba Limonil**, do bairro de Afogados, entra para a história do carnaval da cidade. Na década de 1940, a chegada do Encouraçado São Paulo, que trazia sambistas entre seus tripulantes, contribuiu para o aumento de blocos e escolas de samba [...].³⁹⁰ (Grifos meus).

O texto acima menciona a **Bando da Noite** como a escola de samba ‘mais antiga’ e a **Limonil**, fundada já nos anos de 1930. Mais uma vez a referência aos marinheiros e ao Encouraçado São Paulo aparecem. Tal versão reforça a concepção de que o samba no Recife foi trazido do Rio de Janeiro pelos marinheiros. A informação de que a **Limonil** é a escola de samba mais antiga é confirmada mais adiante no mesmo Guia do Folião, distribuído pela Prefeitura da cidade do Recife:

[...] A **Escola de Samba Limonil** surgiu de uma reunião de amigos que conversavam e bebiam na esquina da 5ª Rua da Vila São Miguel, atual Campo Largo, onde até hoje funciona sua sede. **Antes de sua fundação como Escola de Samba, que ocorreu em 28 de maio de 1935, era denominada de batucada, manifestação bastante comum no Recife (...). Limonil é a mais antiga Escola de Samba em atividade**, tendo como grande referência a sua bateria que, a partir da década de 60, foi considerada por 10 anos consecutivos a melhor bateria do Concurso de Agremiações Carnavalescas [...].³⁹¹ (Grifos meus).

As informações contidas no Guia do Folião foram coletadas através de uma entrevista realizada com o senhor Dilermando José do Nascimento, com quem também fiz uma entrevista, momento em que me confirmou suas colocações feitas para a publicação da prefeitura do Recife. Quando o indaguei sobre a ‘primeira’ escola de samba, Seu Dilermando foi taxativo: “a escola de samba mais antiga do Recife é a Limonil, embora haja outras da mesma época, como a Duvidosas do Samba, a Almirantes do Samba e a Milionários do Ritmo”.³⁹²

³⁹⁰ Escolas de samba, In: *Guia do folião*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, páginas não numeradas, 2008.

³⁹¹ Escolas de samba, in *Guia do folião*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, páginas não numeradas, 2008. As versões existentes no Catálogo de 1988 e no Guia do Folião são repetidas em: *Cartilha do Carnaval*. Prefeitura da Cidade do Recife, 2010, p. 50.

³⁹² Entrevista realizada por mim com o senhor Dilermando José do Nascimento, em 02 de fevereiro de 2011. Dilermando nasceu em 07 de fevereiro de 1949 (dia de carnaval) e sempre foi ligado à escola Gigantes do Samba, da qual já foi Presidente.

Retornando as memórias do folclorista Liêdo Maranhão, a primeira escola de samba do Recife foi a **‘Mimosas da Folia’**. De acordo com o folclorista citado, as escolas de samba foram introduzidas na cidade por marinheiros cariocas. Após fundarem tal escola, as suas congêneres começaram a atrair a atenção dos foliões recifenses.

A primeira escola de samba que surgiu aqui no Recife foi Mimosas da Folia. Não se conhecia escola de samba, escola de samba era uma coisa do Rio de Janeiro. Não havia escola de samba aqui. Aqui esteve um navio que ficou aqui no carnaval, atracado, um navio brasileiro. E no carnaval eles saíram fantasiados de menino novo, com aquela roupinha de menino, aquele gorrinho e uma chupeta na boca. E o nome era Mimosas da Folia. **Então, depois do carnaval, dessa Mimosas da Folia, apareceram escolas de samba, as primeiras escolas.** (Depoimento de Liêdo Maranhão; Grifos meus).

A referência à escola de samba ‘Mimosas da Folia’ aparece também numa matéria publicada no jornal Diário da Noite, que alegava tratar-se da afirmação do sambista Irak Santos. Este foi uma das principais figuras da escola Estudantes de São José durante os anos de 1960 e 1970. Agremiação que tanto o senhor Liêdo Maranhão como Irak afirmam serem um dos fundadores.

APARECIMENTO DAS ESCOLAS DE SAMBA – UM POUCO DE HISTÓRIA
Falando do aparecimento das escolas de samba no carnaval recifense disse o Snr. Irak Santos, que é fundador de Estudantes de São José, que muito contribuiu para isto **uma exibição, em 1945, das Mimosas em Folia, escola de samba integrada por marujos do cruzador <São Paulo>**.³⁹³ (Grifos meus).

Já num material distribuído pela Prefeitura da Cidade do Recife, na parte destinada ao samba, novamente a questão da primazia das escolas de samba foi colocada em debate. De acordo com as informações colhidas junto a este folheto, quem aparece como a ‘mais antiga’ escola de samba do Recife é a **Gigantes do Samba**:

[...] Fundada em 16 de março de 1942, no Alto do Céu, em Água Fria, a **Escola de samba Gigantes do Samba provavelmente é a mais antiga que desfila no carnaval do Recife** [...].³⁹⁴ (Grifos meus).

³⁹³ Estudantes de S. José gastará Dez Milhões no carnaval deste ano. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1965, p. 08. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

³⁹⁴ GRES Gigantes do Samba. *Carnaval*. Impressão digital do Recife. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2003, p. 19, apud: LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre *Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2010, p. 233.

Os conflitos em torno da primazia do samba em Recife estavam atrelados a um processo de busca pela legitimidade e de um espaço maior perante uma sociedade hostil ao que considerava ‘estrangeiro’, mas que, ao mesmo tempo, valorava palavras como ‘tradicional’ e ‘tradição’. Assim, seja ela a **Quatro de Outubro** ou a **Cuíca de Bambu**, a **Gigantes do Samba** ou a **Garotos do Céu**, ou mesmo a **Limonil**, ou a **Mimosas da Folia**, nessa disputa pela primazia o que estava em jogo mesmo era ocupar o posto de destaque, de visibilidade, demonstrar que estavam na terra há muito tempo, a fim de barganhar um lugar dentro do conjunto das tradições carnavalescas do Recife. Era a busca por um espaço dentro da ‘Tradição’.

Vale salientar que não dou relevância ao processo de busca pelo primevo, pelo primeiro, ou mesmo pelo lugar de ‘mais antiga’. O importante é compreender como se deram esses conflitos e essas tensões, analisar como determinados sujeitos, ou grupos sociais, posicionavam-se diante do fato, atentando para o que estava em jogo nessas questões e interpretando essas disputas como as ações, os movimentos dos sambistas para conquistar espaços e poder numa sociedade que se lhes apresentava hostilmente.

3.2 Na Ginga do Samba

Mesmo tendo sua prática combatida, muitos sambistas agiam, movimentando-se diante daquele cenário de condenação. Como recebiam a menor porcentagem da verba destinada para a organização do carnaval pelos cofres públicos da Prefeitura do Recife, durante os anos de 1950 e 1960, os construtores de samba criavam táticas e estratégias para driblar as ações das elites, que procuravam extirpar as escolas de samba do carnaval. Pensar o movimento dos sambistas na capital pernambucana para resistir e defender a sua prática me fez lembrar as palavras de Michel de Certeau, quando afirma:

[...] a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von Büllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas.³⁹⁵

³⁹⁵ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: I Artes de Fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 100.

Com a greve das agremiações carnavalescas ocorrida em 1947 no Recife, (episódio comentado no capítulo I deste trabalho) os sambistas souberam tirar proveito daquela situação e procuraram colocar sua prática em evidência. Em meio àquelas lutas do acaso, as escolas de samba começaram a ganhar visibilidade na cidade.³⁹⁶ Dessa forma, já no ano posterior, foi criada, por iniciativa do jornalista Jamesson Araújo, ‘A União das Escolas de Samba de Pernambuco – UESP’.³⁹⁷ Este acontecimento pode ser interpretado como o movimento dos sambistas para defender, num cenário intelectual de crítica, sua prática, sua música e história.

A União das Escolas de Samba de Pernambuco – UESP, criada em 1948 só foi oficialmente registrada, de acordo com uma publicação dos sambistas, disponível na sede da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco – FESAPE, em 28 de fevereiro de 1954 e sua sigla foi modificada para UNESP.

A União das Escolas de Samba de Pernambuco foi fundada em 28 de fevereiro de 1954, onde foi criado um estatuto pelos sambistas Manoel José da Silva, Hermegildo Batista da Silva e Antônio Batista da Silva (todos já falecidos). Seu primeiro presidente foi o Sr. Danilo Vieira da Silva. **Mesmo organizada a UNESP não conseguiu apoio político para seu crescimento, pois, naquela época, havia um grande preconceito em relação aos sambistas.** A maioria da imprensa condenava o samba com unhas e dentes, preferindo sempre divulgar o ritmo da terra – O Frevo. O samba era considerado um intruso no carnaval de Pernambuco. No ano de 1988 o presidente da UNESP, Sr. Ranulfo Silva (já falecido), convocou uma reunião na Rua da Concórdia, Nº 20, surgindo daí, o nome do Professor Newton Elias de Santana para assumir os destinos da Entidade. Em 1988 durante uma Assembleia Geral realizada no Sindicato da Construção Civil, localizado na Rua da Concórdia, Nº 829, a UNESP – transformou-se em FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA DE PERNAMBUCO – FESAPE, para euforia dos sambistas presentes.³⁹⁸ (Grifos meus).

É interessante destacar que em 1954 a União das Escolas de Samba de Pernambuco ganhou personalidade jurídica, e no ano de 1955 – data da promulgação da Lei municipal que oficializa o carnaval do Recife – ela apareceu como uma das instituições organizadoras dos festejos momescos. O fato de a UNESP figurar na Lei que oficializou os dias de momo na capital pernambucana, como demonstrei no capítulo dois deste trabalho, causou estranheza em muitos intelectuais recifenses. A Lei Nº 3.346, de 07 de junho de 1955, mencionava o seguinte:

³⁹⁶ VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *A fresta do Estado e o brinquedo para os populares: histórias da Federação Carnavalesca Pernambucana*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010, p. 190.

³⁹⁷ União das Escolas de Samba de Pernambuco. *Jornal do Commercio*, 24 de janeiro de 1948, p. 04. União das Escolas de Samba de Pernambuco. *Diário da Noite*, 07 de fevereiro de 1948, p. 05. Será fundada a União das Escolas de Samba. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1948, p. 03. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

³⁹⁸ Jubileu de Ouro 1954 -2004. Publicação da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco – FESAPE.

A Prefeitura Municipal do Recife, por intermédio do Departamento de Documentação e Cultura, organizará, patrocinará e promoverá os festejos carnavalescos do Município, a partir do ano de 1956, dentro dos moldes folclóricos, preservando sobretudo: os clubes de frevos; os maracatus, em sua forma primitiva e os clubes de caboclinhos. **Deverá também o Departamento de Documentação e Cultura da Municipalidade, ajudar técnica e financeiramente, todos os blocos, troças, escolas de samba e demais organizações carnavalescas que contribuírem para animação e grandeza do carnaval do Recife.** [...] A Federação Carnavalesca Pernambucana, a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, a **União das Escolas de Samba de Pernambuco** e outras organizações carnavalescas porventura existentes, serão consideradas como **entidades auxiliares do Departamento de Documentação e Cultura na organização do Carnaval do Município do Recife.**³⁹⁹

Caso a Lei Nº 3.346 não fosse modificada logo no ano posterior a sua homologação, em 1956, por determinação do Prefeito Pelópidas Silveira, os sujeitos que representavam a União das Escolas de Samba de Pernambuco estariam organizando o carnaval da cidade, defendendo os interesses dos sambistas, lutando pela legitimidade da sua prática, Eles enfrentariam, assim, em igualdade seus oponentes, representados em sua maioria pelos membros da Federação Carnavalesca Pernambucana.

Os objetivos em torno do carnaval do Recife eram diferentes para estes dois grupos, representados pela Federação Carnavalesca Pernambucana (FCP) e a União das Escolas de Samba de Pernambuco (UNESP). A imprensa veiculava matérias que procuravam construir uma imagem dos festejos momescos da cidade atrelada aos ideais da FCP, onde uns foliões se reconheciam, enquanto outros não. Assim, instituía-se um campo de luta, de disputas em torno dos alegres dias de momo. As forças que digladiavam naquele momento apontavam para:

Um combate “pela verdade” ou, ao menos, “em torno da verdade” – entendendo-se, mais uma vez, por verdade não “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui aos verdadeiros efeitos específicos de poder”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha.⁴⁰⁰

A leitura dos jornais sinalizou que a UNESP pareceu-me sem ‘forças’ para lutar pelos direitos e objetivos dos sambistas. De acordo com matérias nos jornais, bem como com uma publicação da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco, essa entidade foi criada em 1948 e foi oficialmente registrada em 1954. No entanto, encontrei matérias nos jornais que

³⁹⁹ Essa e outras Leis e Decretos-Leis da capital pernambucana (1955-1972), estão disponíveis na Biblioteca Setorial do Departamento Jurídico da Prefeitura do Recife, 3º andar do edifício sede, no Bairro do Recife.

⁴⁰⁰ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 13.

apoiavam a criação de outra entidade para defender os sambistas, a ‘União das Escolas de Samba do Recife’.

ESCOLAS DE SAMBA VÃO CRIAR UNIÃO

A criação da União das Escolas de Samba do Recife, antes mesmo do carnaval, foi a principal decisão dos dirigentes das escolas de samba Estudantes de São José, Limonil, Massangana e 4 de Outubro, reunidos, ontem, na sede do Atlético. A medida foi tomada como represália ao descaso com que a Federação Carnavalesca vem tratando as escolas de samba. Dependendo apenas do apoio de duas entidades, Gigantes do Samba e Império do Asfalto, as escolas do Recife devolverão as quotas que receberam e não desfilarão nas ruas centrais da cidade, fazendo uma apresentação somente nas ruas do bairro de São José, centralizada do Pátio do Terço. Segunda-feira será realizada nova reunião, quando será tomada a decisão final, embora seja pensamento de todas as escolas de samba não prestigiar as programações oficiais, preferindo realizar um carnaval à parte.⁴⁰¹

Os sambistas lutavam por espaços e disputavam poder numa sociedade que se lhes apresentava hostilmente. No entanto, não se deve procurar nos sambistas um grupo homogêneo, pois havia as diferenças internas. O próprio incidente da tentativa de criação da ‘União das Escolas de Samba do Recife’ pode ser compreendido como um exemplo dessas questões. Segundo a matéria publicada no Diário de Pernambuco, a maioria das agremiações do samba que desfilariam naquele ano de 1968 desejava a instituição do órgão. Entretanto, os sambistas da Gigantes do Samba, não! Esse fato pode ser interpretado como uma clara demonstração das diferenças de posicionamento frente à participação da prática do samba no carnaval da cidade.

GIGANTES DO SAMBA DESFILARÁ NÃO ACEITANDO ‘COMLOT’ CONTRA A COC

A escola de samba ‘Gigantes do Samba’ não apoiará a iniciativa de suas congêneres que pretendem transferir o desfile para o bairro de São José, tendo em vista o descaso com que são tratadas pela Federação Carnavalesca. Falando, ontem, ao DIÁRIO o Sr. Luiz Rodrigues, presidente da ‘Gigantes’, que foi campeã no ano passado, disse que sua agremiação participará do desfile oficial, de qualquer maneira, mesmo que seja para conquistar, sozinho, o primeiro lugar. Com relação à União das Escolas de Samba do Recife, mostrou-se favorável, embora diretamente ligado à Federação Carnavalesca. O motivo com que sua escola se apresentará é, para o Sr. Luiz Rodrigues, segredo a ser mantido a todo custo, a fim de proporcionar maior interesse a apresentação. [...] Será realizada segunda-feira a reunião dos dirigentes das outras escolas de samba, quando será decidida a posição a ser tomada em face da deliberação da ‘Gigantes’, de romper com a COC.⁴⁰²

⁴⁰¹ Escolas de samba vão criar União. *Diário de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1968, capa. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁰² Gigantes do Samba desfilará não aceitando comlot contra a COC. *Diário de Pernambuco*, 25 de janeiro de 1968, p. 06. I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

Em meio às disputas internas, os sambistas resistiam, criavam táticas e estabeleciam estratégias para ganhar legitimidade e a atenção dos foliões. A análise das matérias dos jornais sinalizou que, na maioria das vezes, quando as escolas de samba apareciam nas matérias, havia uma comparação com o frevo. Havia um claro interesse de associar o ‘sucesso’ do samba ao ‘fracasso’ desse ritmo.⁴⁰³ Os sambistas eram entendidos como indivíduos que desvirtuavam os foliões, pois os traziam para o samba, os tirando da ‘autêntica cultura da terra’, o frevo.

No entanto, mesmo combatidos nos jornais, os sambistas tiveram ‘aliados’ importantes nessas disputas, entre eles posso citar os jornalistas Jamesson Araújo, Aristófanes da Trindade, Valdi Coutinho, Paulo Viana, entre outros, que aos poucos foram demonstrando em suas matérias a validade do samba no Recife. Nesse sentido, de veementemente combatidas nos anos de 1950, as escolas de samba passaram, no final da década de 1960, a ser entendidas por alguns sujeitos que escreviam nos jornais como agremiações partícipes da ‘tradição carnavalesca recifense’, e como contribuintes para a grandeza do carnaval da cidade. Sobre isso, destaco os escritos de Valdi Coutinho:

O samba no carnaval Pernambucano é um fato consumado porque ele já faz parte de nossa cultura. Pode ter vindo de outras plagas (aculturação) ou, o que é mais lógico, dos batuques dos negros africanos (endoculturação) já existentes em algumas

⁴⁰³Samba e frevo. *Diário da Noite*, 05 de janeiro de 1966, p. 02. Guerra ao samba. Carnaval: monte real, Inocentes, Veteranos, transferência. *Diário da Noite*, 15 de janeiro de 1966, p. 03. O samba venceu nos Guararapes. *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1962, p. 01; Um show de samba na terra do frevo. *Diário da Noite*, 07 de março de 1962, p. 08; Nelson Ferreira defende o frevo. *Diário da Noite*, 09 de março de 1962, p. 06; Frevo e samba de mãos dadas. *Última Hora*, 09 de janeiro de 1964, p. 08; Carnaval com frevo e samba é melhor. *Última Hora*, 23 de fevereiro de 1964, p. 04; A elevação do samba. *Última Hora*, 29 de fevereiro de 1964, p. 08; Em ritmo de samba. *Última Hora*, 11 de março de 1964, p. 09; Estudantes deu uma aula de samba na terra do frevo. *Diário da Noite*, 03 de março de 1965, p. 01; Melhor carnaval do mundo é mesmo no Rio de Janeiro. *Diário da Noite*, 06 de março de 1965, p. 04; Escolas de samba iriam desfilar “sábado gordo”. *Diário da Noite*, 12 de janeiro de 1966, p. 02; São falsas as razões da “guerra fria” contra o samba. *Diário da Noite*, 19 de janeiro de 1967, p.06; Levino não é contra o samba, mas quer um carnaval bem quente. *Diário da Noite*, 25 de janeiro de 1967, p. 07; Carnaval do Recife está nas ruas, não esqueçam que o frevo é nosso. *Diário da Noite*, 26 de janeiro de 1967, p. 07; Músicas cariocas abafaram no carnaval pernambucano. *Diário da Noite*, 08 de fevereiro de 1967, p. 02, 2ª edição; Paulo Fernando Craveiro pergunta por que imitar o som dos outros? *Diário da Noite*, 18 de janeiro de 1968, p. 04; Onda maior contra o frevo. *Diário da Noite*, 23 de janeiro de 1968, p. 01; Frevo com outro concorrente: “Bafo de Onça” tem sua filial no Recife. *Diário da Noite*, 23 de janeiro de 1968, p. 02; Posição do frevo ainda é considerada satisfatória. *Diário da Noite*, 06 de fevereiro de 1968, p. 02; Compositor vê decadência no frevo. *Diário da Noite*, 13 de fevereiro de 1968, p. 10; Estudantes com “meio século de samba” contra o frevo. *Diário da Noite*, 20 de fevereiro de 1968, p. 10; Carnaval de rua perdeu de novo. *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 12, 1ª edição; Samba ganhou mais pontos. *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 16, 1ª edição; Escolas dominaram na segunda. *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, p. 02 – 1º caderno, 1ª edição; Escolas de samba mais fortes que clubes de frevo. *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, p. 08 - 2º caderno, 1ª edição; Iê-iê-iê toma conta do frevo. *Diário da Noite*, 14 de janeiro de 1970, p. 01; Iê-iê-iê está ameaçando o carnaval. *Diário da Noite*, 14 de janeiro de 1970, p. 01 – 2º caderno; Frevo não morreu, mas vai muito mal. *Diário da Noite*, 16 de fevereiro de 1971, p. 01; Sambistas desceram do morro para saudar vitória de Gigantes. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, p. 01 – 2º caderno, 2ª edição; Fracasso do frevo – a culpa é mesmo da COC? *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, p. 01.

manifestações do século passado. O certo é que ele faz parte de nossa cultura através do processo da dinâmica social, tão facilitado com os avanços da era industrial. Apareceu e ficou. Não há mais quem o impeça.⁴⁰⁴

Provavelmente, um dos motivos para a mudança de opinião de alguns membros da imprensa local deveu-se, entre outras medidas, a atratividade provocada pelas escolas de samba na passarela durante os dias de momo. E esse sucesso pode ser entendido como o desdobramento das ações, dos movimentos de homens e mulheres e de sambistas pernambucanos. Eles não se contentavam com a denominação de ‘alienígenas da folia recifense’. Ousaram e transformaram o cenário de crítica, como nos lembra Michel de Certeau, deram o ‘drible’, agiram com ‘trampolinagem’:

Palavra que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim, e como trapaçaria, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou driblar ou termos dos contratos sociais. Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, que caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistentes de grupos que, por não ter um próprio devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que “fazer com”. Nesses estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes dos lances, um prazer em alterar as regras do espaço opressor. Destreza tática e alegria de uma tecnicidade.⁴⁰⁵

O sucesso das escolas de samba na passarela, divulgado pela imprensa escrita, principalmente a partir do final dos anos de 1960, chegou a ser questionado por alguns intelectuais, como o jornalista Valdemar de Oliveira, que se perguntava de onde vinham tantos foliões para participarem dos desfiles das agremiações do samba, criadas em meio aos maracatus, frevos e caboclinhos, era produto autóctone? Ou estavam as escolas de samba retirando os sujeitos que participavam de outras práticas do carnaval?

AINDA O CARNAVAL

[...] Este ano o que mais me ficou foi o ‘espetáculo’ das escolas de samba, contra as quais muitas vezes clamam, por serem postas em pé de igualdade com organizações muito mais nossas, porque pernambucanas. Muito bem. Mas, a evidência se impõe e nos leva a perguntar por que se multiplicam elas (dizem-me que havia 19 escolas de samba, neste último carnaval) e quais as razões que despertam tanta curiosidade do povo, em volta delas. Há um segredo, sem dúvida, ainda não desvendado: o de serem tão numerosos – e selecionados, parece-me, os elencos com que contam, as ‘escolas’ do Recife. Criada e crescida entre maracatus, frevos e caboclinhos, de onde vem tanta gente a inscrever-se nas ‘escolas de samba’, produto, sem dúvida alguma, autóctone? Não se sabe. As escolas de samba atuaram, no Recife, como epidemia cujo germe foi importado – o que nos não deve estranhar muito, porque é precisamente do Rio que nos vêm ideias, hábitos, costumes, tendências, músicas, anedotas, tudo. Como as distâncias são cada vez menores, essa influência é cada vez mais intensa – e tanto nos

⁴⁰⁴ No carnaval do Recife cabe o samba também. *Diário de Pernambuco*, 26 de janeiro de 1969, p. 02, III Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁰⁵ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: I Artes de Fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 79.

deixamos levar pelo espírito como pelo hábito dos ‘castelinhos’, pelos penteados como pela música e, em consequência, pela dança. Centro de maior poder de irradiação, o Rio exportou suas escolas de samba. E eis que, ao mesmo tempo que recebemos um bom produto, com bula minuciosa para sua ‘ministração’, vemos o produto de casa – o frevo – decair, por falta de organização, de disciplina – ou, para dizer tudo numa só palavra: por falta de apresentação. Enquanto as escolas de samba fazem uma exibição de puro virtuosismo coreográfico (é parte a beleza e o luxo de suas vestes, ao lado de uma bateria de ritmo seguro e justo), os clubes pedestres que nos restam se mostram pobres e em matéria de coreografia – não tem nenhuma. Mesmo porque, esta é verde incontestável – e andamento em que estão sendo levados os frevos, não permite a ninguém fazer o ‘passo’. Comparem a apresentação de uma escola de samba e de um clube pedestre – e me digam depois.⁴⁰⁶

Com a leitura dos jornais constatei que durante os anos de 1960 os sambistas conseguiam provocar um deslocamento da sua prática, mudando o status das escolas de samba aos poucos de ‘condenadas’ a ‘louvadas’. Atraíam para o seu campo personalidades importantes no cenário da cidade, como o governador do Estado Nilo Coelho, que, segundo uma matéria de jornal, aguardou horas na passarela para esperar a escola Gigantes do Samba desfilar, indo embora sem realizar o seu desejo.

EXIBIÇÃO DA VITÓRIA DUROU ATÉ A MADRUGADA

O governador Nilo Coelho esperou até as duas horas desta madrugada a exibição da escola de samba Gigantes do Samba, na passarela da Avenida Guararapes e saiu sem satisfazer o seu desejo de ver os campeões de samba de 1968 porque somente às 2h20min os sambistas chegaram ao local do desfile, quando já centenas de pessoas haviam se retirado porque não mais tinha agremiações a desfilar e muitos queriam terminar a terça-feira no seu clube predileto. Os <Gigantes> deveriam fazer sua exibição de vencedores para as autoridades e povo, às 21 horas, quando receberiam o troféu do Secretário da Educação, professor Aderbal Galvão, no entanto, uma enfermidade súbita acometeu um dos diretores da agremiação, daí ter decorrido o atraso. Somente às 2h30min foi entregue o troféu ao diretor Luiz Rodrigues da Silva, por um locutor da COC, e em seguida foi feita a exibição de gala para a multidão que ainda se concentrava da Guararapes e Pracinha.⁴⁰⁷

GOVERNADOR NÃO VIU

O Governador do Estado mostrava-se ansioso para ver o desfile dos sambistas de Água Fria, que se sagraram bicampeões na sua categoria, mas outros compromissos que ainda tinha de cumprir na madrugada de hoje o impediram de permanecer no palanque da COC até que <Gigantes > chegasse. Ainda assim, o Sr. Nilo Coelho esperou das 21h30min às 2 horas, quando o prefeito Augusto Lucena e outras autoridades já haviam se retirado. O governador Nilo Coelho esperou todo esse tempo para assistir o desfile e entrega do troféu a <Gigantes do Samba> porque no dia anterior não teve oportunidade de conhecer os campeões, uma vez que saiu antes da chegada da escola de samba à Avenida Guararapes. Quando se retirou do palanque, dirigindo-se a um dos clubes da cidade, lamentou ter de esperar para o próximo ano <ver Gigante passar...>.⁴⁰⁸

⁴⁰⁶ OLIVEIRA, Valdemar. Crônica da Cidade: Ainda o Carnaval. *Jornal do Commercio*, 26 de fevereiro de 1966, p. 04. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁰⁷ Exibição da vitória durou até a madrugada. *Diário da Noite*, 28 e fevereiro de 1968, p. 12, II edição. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁰⁸ Governador não viu. *Diário da Noite*, 28 e fevereiro de 1968, p. 12, II edição. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

A antropóloga Katarina Real aos poucos foi se tornando uma figura importante no cenário carnavalesco da capital pernambucana. Em 1966 ela passou a integrar a comissão de organização da folia de momo e, de acordo com uma matéria publicada no *Jornal do Commercio*, defendeu a união dos ritmos carnavalescos, destacando que a presença das escolas de samba nos festejos momescos não ‘descaracterizava’ a festa como pregavam alguns intelectuais. Salientou ainda que essas agremiações contribuíam para o engrandecimento do carnaval da cidade e que a grandeza da folia de momo recifense se dava exatamente pela diversidade e pluralidade de suas práticas culturais.

KATARINA REAL PREGA A UNIÃO DOS RITMOS CARNAVALESCOS

A Snra. (*sic*) Katarina Real Cate, que é uma das maiores animadoras do Carnaval pernambucano e integrante da Comissão Organizadora do Carnaval (COC), pregou ontem, a União de todos os ritmos carnavalescos, declarando que não se deve fazer distinção entre o samba e o frevo. < A riqueza e a beleza do carnaval de Pernambuco – disse – residem exatamente na variedade dos ritmos que são tocados nos festejos de Momo, como o frevo (de bloco e de rua), o maracatu, o caboclinho e o samba>. Acrescentou a Snra (*sic*) Katarina Real que esta multiplicidade de ritmos faz com que seja < *sui-generis* > o nosso carnaval. < Acho justo – continuou – que se faça a defesa do frevo, que é um ritmo autenticamente pernambucano; entretanto, sou da opinião de que os sambistas também contribuem para o brilhantismo do carnaval da 3ª capital>.⁴⁰⁹

Uma vez que dentro do processo de oficialização dos festejos momescos pela Prefeitura ficou determinado que as escolas de samba receberiam a menor porcentagem entre todas as agremiações – e como havia inúmeras dessas agremiações espalhadas pela cidade, e quanto mais delas tivessem menor seria o valor da verba a ser recebido – os sambistas criavam estratégias: saíam pelas ruas com o ‘livro de ouro’ arrecadando recursos junto aos comerciantes para fazer o carnaval, bem como realizavam os ‘sambões’ nas quadras das escolas, onde era cobrado um valor para entrar e participar do ‘show’ de samba promovido.

Com essas medidas, além de estabelecerem contratos com empresas privadas e de instituírem personalidades políticas como patronos das escolas, os sambistas ‘driblavam’ a situação de ‘primo pobre’ do carnaval que lhe foi imposta por parcela das elites dominantes. Dessa forma, iam conquistando a legitimidade, ao mesmo tempo em que atraíam mais e mais foliões para suas apresentações.

De acordo com Katarina Real, no carnaval de 1961, enquanto a Federação Carnavalesca Pernambucana recebia recursos para organizar o carnaval da cidade da Prefeitura Municipal, sob o governo de Miguel Arraes, a União das Escolas de Samba de

⁴⁰⁹ Katarina Real prega a união dos ritmos carnavalescos. *Jornal do Commercio*, 24 de dezembro de 1966, p. 09, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.)

Pernambuco, estava sendo subsidiada pelo Governo do Estado, gestão de Cid Sampaio, uma polarização não só entre os dois políticos, mas também entre as duas instituições.⁴¹⁰

Com isso, segundo as matérias dos jornais, as escolas de samba tornavam-se o grande destaque dos dias de folia. Eram as agremiações que atraíam o maior número de desfilantes, bem como as que provocavam relevante fascínio no público presente nas arquibancadas. Os foliões esperavam com ansiedade o desfile das escolas de samba, mesmo quando atrasavam suas apresentações, a multidão continuava de prontidão para ver o bailado dos sambistas na passarela.⁴¹¹

Mas, como eram esses desfiles? Como as escolas de samba durante o recorte temporal da pesquisa apresentavam-se? De acordo com o que tenho pesquisado, principalmente por meio das fotografias, das matérias dos jornais e das entrevistas realizadas, as apresentações nos anos de 1950 eram realizadas na Praça do Diário. Ali, as escolas subiam numa espécie de palanque montado, denominado de ‘elevado’, e apresentavam-se diante a comissão julgadora, ala por ala, em separado.

⁴¹⁰ REAL, Katarina. *O Folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. rev e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990, p. 178.

⁴¹¹ O samba venceu nos Guararapes, *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1962, p. 01; Um show de samba na terra do frevo, *Diário da Noite*, 07 de março de 1962, p. 08; Nelson Ferreira defende o frevo, *Diário da Noite*, 09 de março de 1962, p. 06; Frevo e samba de mãos dadas, *Última Hora*, 09 de janeiro de 1964, p. 08; Carnaval com frevo e samba é melhor, *Última Hora*, 23 de fevereiro de 1964, p. 04; A elevação do samba, *Última Hora*, 29 de fevereiro de 1964, p. 08; Em ritmo de samba, *Última Hora*, 11 de março de 1964, p. 09; Estudantes deu uma aula de samba na terra do frevo, *Diário da Noite*, 03 de março de 1965, p. 01; Melhor carnaval do mundo é mesmo no Rio de Janeiro, *Diário da Noite*, 06 de março de 1965, p. 04; Escolas de samba iriam desfilasr “sábado gordo”, *Diário da Noite*, 12 de janeiro de 1966, p. 02; São falsas as razões da “guerra fria” contra o samba, *Diário da Noite*, 19 de janeiro de 1967, p.06; Levino não é contra o samba, mas quer um carnaval bem quente, *Diário da Noite*, 25 de janeiro de 1967, p. 07; Carnaval do Recife está nas ruas, não esqueçam que o frevo é nosso, *Diário da Noite*, 26 de janeiro de 1967, p. 07; Músicas cariocas abafaram no carnaval pernambucano, *Diário da Noite*, 08 de fevereiro de 1967, p. 02, 2ª edição; Paulo Fernando Craveiro pergunta por que imitar o som dos outros? *Diário da Noite*, 18 de janeiro de 1968, p. 04; Onda maior contra o frevo, *Diário da Noite*, 23 de janeiro de 1968, p. 01; Frevo com outro concorrente: “Bafo de Onça” tem sua filial no Recife, *Diário da Noite*, 23 de janeiro de 1968, p. 02; Posição do frevo ainda é considerada satisfatória, *Diário da Noite*, 06 de fevereiro de 1968, p. 02; Compositor vê decadência no frevo, *Diário da Noite*, 13 de fevereiro de 1968, p. 10; Estudantes com “meio século de samba” contra o frevo, *Diário da Noite*, 20 de fevereiro de 1968, p. 10; Carnaval de rua perdeu de novo, *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 12, 1ª edição; Samba ganhou mais pontos, *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 16, 1ª edição; Escolas dominaram na segunda, *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, p. 02 – 1º caderno, 1ª edição; Escolas de samba mais fortes que clubes de frevo, *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, p. 08 - 2º caderno, 1ª edição; Iê-iê-iê toma conta do frevo, *Diário da Noite*, 14 de janeiro de 1970, p. 01; Iê-iê-iê está ameaçando o carnaval, *Diário da Noite*, 14 de janeiro de 1970, p. 01 – 2º caderno; Frevo não morreu, mas vai muito mal, *Diário da Noite*, 16 de fevereiro de 1971, p. 01; Sambistas desceram do morro para saudar vitória de Gigantes. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, p. 01 – 2º caderno, 2ª edição; Fracasso do frevo – a culpa é mesmo da COC? *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, p. 01, 1ª edição. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).



Imagem 09: Carnaval de 1957. Apresentação de uma escola de samba, não identificada, no palanque da Praça do Diário. Acervo Fotográfico do Museu da Cidade do Recife – MCR. Localização: 03147. Fotógrafo: Severino Fragoso.

Pela análise da Imagem 09, é possível observar o palanque, denominado de ‘elevado’, montado na Praça do Diário, centro do Recife, onde as agremiações apresentavam-se para a comissão julgadora durante os anos de 1950, bem como integrantes das escolas de samba com instrumentos de sopro. Mais adiante irei discutir a presença desses elementos na bateria das escolas. Visualizam-se também as indumentárias dos sambistas, bem diferentes do luxo e da ostentação de outros momentos.

Em inícios dos anos de 1960, mais precisamente em 1964, os desfiles foram transferidos da Praça do Diário para a Avenida Conde da Boa Vista, onde foi montada uma passarela e arquibancadas para as agremiações se apresentarem.⁴¹² Em seguida, foram deslocados para as Avenidas Guararapes e Dantas Barreto, respectivamente.⁴¹³

Pela pesquisa realizada pude compreender que havia nesses anos a figura do mestre de cerimônia, que era representado por um sambista, munido de um apito, que chamava cada parte constitutiva da escola, ou seja, ala por ala e a apresentava aos jurados. De acordo com as informações contidas numa matéria publicada no *Jornal do Commercio*, esta figura foi

⁴¹² Será na Avenida Conde da Boa Vista desfile de carnaval. *Diário de Pernambuco*, 03 de janeiro de 1964, p. 03, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴¹³ SILVA, Leonardo Dantas. Elementos para a História Social do Carnaval do Recife, In: *Antologia do Carnaval do Recife*. Mário Souto Maior e Leonardo Dantas Silva. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1991, p. LXXXIV.

introduzida no carnaval da cidade pelo sambista Irak Santos. Segundo Irak, os mestres de cerimônias ‘surgiram’ com o objetivo de organizar melhor a apresentação das escolas no ano de 1959. Quem iniciou esse processo foi a sua agremiação, a Estudantes de São José.

MESTRE DE CERIMÔNIA – BOSSA NOVA

O mestre sala Irak Santos é o responsável pela apresentação da Escola na Passarela da Comissão Organizadora do Carnaval. Até o ano de 1959 – disse – não havia o cerimonial e a Escola se apresentava desordenadamente, fazendo com que eu <bolasse> uma maneira nova de realçar cada uma das alas do conjunto. O cerimonial foi então criado como uma <bossa nova> valendo a nossa experiência o título naquele ano e nos três anos seguintes. As outras escolas de samba começaram então a nos imitar, senão com o mesmo jeito, pelo menos com a mesma intenção – continuou o Snr. Irak Santos.⁴¹⁴

Ainda conforme o mestre de cerimônia Irak Santos, após a introdução desse elemento nos desfiles por Estudantes de São José, as demais congêneres passaram a ‘copiar’ essa inovação. Quando perguntei ao sambista e ex-presidente da Gigantes do Samba, Dilermando José do Nascimento, a respeito da presença do mestre de cerimônia nos desfiles, ele me confirmou a presença dessa categoria nos desfiles de sua escola durante os anos de 1960. Entretanto, não soube informar quem iniciou esse processo. Mas, rememora a atuação desse elemento em sua escola: “Em Gigantes do Samba, o mestre de cerimônia era o padre Luiz Rodrigues que entrava todo de branco, com um lenço verde, ele ia apresentando a escola antes dela entrar”.⁴¹⁵

No início dos anos de 1960 as escolas consideradas ‘grandes’, Estudantes de São José e Gigantes do Samba, desfilavam em média com cerca de quatrocentos integrantes, o que já era uma multidão para a época. No final da década de 1960 e início dos anos de 1970, essas agremiações chegavam a desfilarem com quase mil componentes.⁴¹⁶ Segundo as matérias dos jornais, de fato as escolas de samba estavam se tornando uma importante atratividade dentro dos festejos de momo, chegando inclusive a ‘ameaçar’ o frevo no gosto dos foliões.

A verdade é que o frevo já era, na opinião do povo. O povo só cantou frevo, de verdade, nos salões dos clubes sociais, **mas, nas ruas, nas esquinas em todo o lugar os comentários eram apenas dirigidos às escolas de samba. Ninguém falava dos clubes, troças, tribos, maracatus. Todos só falavam do desfile das Escolas de Samba. Da vitória de Estudantes, da derrota de Gigantes, etc.** e também já era

⁴¹⁴ Estudantes de São José gastará dez milhões no carnaval desse ano. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1965, p. 08. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴¹⁵ Entrevista realizada por mim com o senhor Dilermando José do Nascimento em 02 de fevereiro de 2011.

⁴¹⁶ Essas informações foram retiradas do depoimento cedido pelo sambista Severiano Ferreira de Lima, em 22 de abril de 2010, no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco. Severiano nasceu na cidade do Recife em 30 de dezembro de 1938. De acordo com seu relato, sua entrada na prática do samba em Recife ocorreu em 1957, na escola de Samba Estudantes de São José, à qual permaneceu ligado por muitos anos, participando de seus desfiles durante o carnaval da cidade.

essa história de ‘dizer’ não devemos promover o samba é brasileiro. E a mais autêntica música do nosso país. Enquanto o frevo, já quase superado pela não renovação de certos compositores bitolados, está marcando compasso, infelizmente.⁴¹⁷

Ao analisar esses desfiles ao longo dos anos, observei inúmeras mudanças que estavam associadas às transformações que ocorreram na própria festa carnavalesca e aos espaços urbanos da cidade do Recife. Os desfiles, como mencionei, mudaram de local e passaram a ser cronometrados. Antes de a forma como os concursos eram organizados sofrer alterações, não havia regulamento sobre o tempo e a ordem para apresentação das escolas, e os parâmetros de julgamento também foram alterados, quesitos foram incluídos e estipulados números mínimos e máximos para componentes.

O desfile das escolas de samba em sua constituição competitiva e artística ao longo dos anos integrava música, canto, dança e artes plásticas. Para a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, os desfiles são marcados por dois elementos, o ‘visual’ e o ‘samba’, os quais englobam e relacionam os diferentes gêneros que o compõem. O aspecto ‘visual’ é composto pelas alegorias, fantasias e coreografias que se referem à dimensão espetacular e plástica dos desfiles, já o ‘samba’ diz respeito ao canto, à música e à dança, ligada aos aspectos festivos e participativos.⁴¹⁸

No recorte temporal eleito (1955 – 1972), as escolas de samba eram divididas para a apresentação durante os festejos de momo em dois grupos: as de *primeira categoria* e as de *segunda categoria*. O que definia uma escola como de ‘primeira categoria’ eram o luxo das fantasias, o número de componentes e a qualidade de sua apresentação. Nesse ínterim, as escolas de samba campeãs no grupo de Primeira Categoria foram a **Gigantes do Samba** e a **Estudantes de São José**.

Sobre a quantidade das escolas de samba presentes no carnaval em Recife durante os anos de 1960, Katarina Real destacou:

Em 1965 mais de quarenta (40) tinham licença da Polícia para sair no carnaval, umas vinte das quais filiadas à Federação. Mas é bem provável que várias outras tivessem brincado somente no seu próprio subúrbio ou bairro, sem se preocupar em tirar licença.

Filiadas à Federação Carnavalesca:

Almirante do samba

⁴¹⁷ Gueiros vai mandar gravar samba-tema de Estudantes. *Diário da Noite*, 17 de fevereiro de 1972, p. 03, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴¹⁸ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ, 2008, pp. 67-73.

Boêmios de Santo Amaro
Camuré
Comandante do Samba
Bloco de Samba Couro de Bode
Cruzeiro do Sul
Duvidosas
Estudantes do Pina
Estudantes de São José
Gigantes do Samba
Garotos Desamparados
Geógrafos do Samba
Império do Asfalto
Império do Samba
Limonil
Macombeba
Portela
4 de Julho
4 de Junho
4 de Outubro
Sambistas do Cordeiro
Unidos da Linha do Tiro
Unidos de Massangana

Não Filiadas à Federação Carnavalesca

Acadêmicos do Ibura
Aliados dos Remédios
Amadores do Ritmo
Baiana da Sudan
Bandeirante do Samba
Baianinha da Cidade
Boêmio do Samba
Brotinho
Burra Brasileira
Burra Carnavalesca da C.I.T.
Filhos do Mar
Galeria do Samba
Inocentes do Pina
Labariri
Luar de Prata
Macaco da Sede do Guararapes
Mocidade de Caixa D'água
Unidos do Samba⁴¹⁹

Katarina Real apontou como uma das principais ‘características’ das escolas de samba no Recife sua efemeridade. De acordo com a pesquisadora, era incentivada a criação de muitas dessas agremiações pelas autoridades municipais, como também pelos indivíduos que dirigiam o carnaval.⁴²⁰ No entanto, como as escolas de samba recebiam a menor porcentagem da verba dos festejos de momo entre os anos de 1950 e 1960, quanto mais delas houvesse na cidade, menor seria o valor a ser recebido da prefeitura, uma vez que deveriam dividir a verba

⁴¹⁹ REAL, Katarina. *O Folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. rev e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990, p. 49.

⁴²⁰ REAL, Katarina. *O Folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. rev e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990, p. 178.

entre si. Para Katarina Real isso era uma estratégia de as autoridades municipais imporem o enfraquecimento das agremiações do samba locais.

Real salientou ainda que os indivíduos que estavam participando do samba, em outros momentos participavam do frevo. Havia, desse modo, um trânsito das práticas entre esses sujeitos. Em certo momento estavam participando dos clubes de frevo, das troças, dos maracatus, depois passavam a integrar as agremiações do samba. A autora chegou a destacar a cordialidade com que conviviam os simpatizantes do frevo e do samba, posição bem diferente da que encontrei nos jornais, que direcionavam para uma espécie de ‘batalha’ samba versus frevo.

Vale ressaltar que, em geral, as relações entre os velhos clubes carnavalescos e as poderosas escolas de samba são das mais amigáveis. Alguns dos diretores das escolas de samba da atualidade, eram, no passado, diretores de clubes, blocos ou troças – ‘éramos do frevo, hoje somos do samba’ – é como eles costumam dizer. E esses ‘sambistas’ estão presentes às festas as sedes dos clubes, cedem seus ‘batuqueiros’ por preços mínimos para animar as manhãs-de-sol e os bailes porque o povo dos clubes de frevo também gosta de ‘sambar’, e, às vezes, voltam a brincar nos ‘cordões’ dos seus clubes e blocos preferidos. Até fazem gestos simpáticos como o de oferecer ‘ensaios’ especiais para angariar dinheiro para ajudar clubes e blocos que se encontrem em dificuldades financeiras. Ao mesmo tempo, os integrantes das agremiações tradicionais ‘do frevo’ não escondem a sua admiração pelas escolas de samba e disfarçam qualquer tendência ciumenta sob frases generosas como: “pois, todos somos brasileiros, e o samba também é do Brasil” – numa tolerância e bondade bem característica do povo carnavalesco pernambucano.⁴²¹

Já Valdemar de Oliveira salientou que “não eram os cariocas ou alienígenas que integravam estes grupos, mas gente que outrora estavam nos clubes e maracatus que migravam para as escolas”⁴²². Por seu turno, o sambista José Bonifácio Dias dos Santos, seu Deca, sinalizou:

[...] o que eu vejo é o seguinte **sempre foram do samba, já ocorreu de sair do samba para outro canto, não vir de outro canto para o samba**, está entendendo? Como o finado **Nascimento do Passo**, ele iniciou a vida dele na cultura no samba, quem não se lembra dele em Samarina e pela Império,⁴²³ e outros que também, até por uma questão de sobrevivência, a gente não pode dizer que foi por uma questão de traição, nem nada disso, uma questão de sobrevivência, aí pularam o muro, mas o sambista até hoje ainda é o sambista, é ele o mesmo e pronto. (Depoimento de José Bonifácio Dias dos Santos).

⁴²¹ REAL, Katarina. *O Folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. rev e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990, pp. 53-54.

⁴²² OLIVEIRA, Valdemar. A Recriação Popular. *Boletim da Comissão Pernambucana de Folclore*, 1966, p. 12, *apud*: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2010, p. 254,.

⁴²³ O senhor José Bonifácio se refere a duas escolas de samba, a Samarina e a Império do Samba. Esta última já desapareceu, a Samarina ainda desfila no carnaval do Recife. (Grifos meus).

A partir dessas colocações, posso interpor que os sujeitos sociais que faziam o samba em Recife não estavam muito preocupados com uma pretensa ‘identidade pernambucana’, gestada por uma elite intelectual dominante. É preciso observar no movimento desses sujeitos o ato de ‘driblar’ a dominação, é necessário interpretar em suas ações, muitas vezes, o objetivo de compor, de tecer, de criar suas próprias tradições e identidades.

Por meio destas informações, pode-se compreender esses sambistas não como passivos e inertes, mas como indivíduos construtores de suas próprias histórias, como ‘homens comuns’ que pensavam, atuavam e transformavam o cenário em que viviam por meio de suas ‘práticas ordinárias’, quase invisíveis, que normalmente não deixam vestígios escritos, mas apenas traços de memórias.⁴²⁴

Entre as agremiações que mais recorrentemente apareceram no grupo de Primeira Categoria dos desfiles desses anos estão: *Estudantes de São José, Gigantes do Samba, Duvidosas do Samba, Império do Asfalto, 4 de Outubro, Império do Samba, Unidos de Massangana, Almirante do Samba e Limonil*. Estas, juntamente com as demais congêneres, realizavam o espetáculo de samba, atraindo milhares de pessoas para seus desfiles.

No recorte temporal que elegi (1955 – 1972), o carnaval na cidade do Recife foi marcado pelos desfiles das escolas de samba. Mesmo diante da condenação que enfrentavam por parte da intelectualidade recifense, os sujeitos que significavam essas práticas culturais contrapuseram a dominação, alcançaram visibilidade junto aos jornais e adquiriram espaço entre as manifestações consideradas mais ‘tradicionais’ na folia de momo local. Era para as escolas de samba que a maioria dos foliões acorria, lotando suas quadras nos ensaios e nos desfiles, seja participando diretamente junto a elas ou mesmo vibrando com sua passagem pela passarela.

3.3 Um samba à pernambucana?

Diferentemente do que afirmou a antropóloga Katarina Real, a respeito de uma ‘cordialidade’ entre os praticantes do frevo e do samba,⁴²⁵ os jornais no período do carnaval mencionavam constantemente uma disputa, um embate entre essas práticas. A respeito desses conflitos, da relação que envolve as ‘batalhas’ do samba com o frevo no carnaval do Recife, o

⁴²⁴ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: I Artes de Fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

⁴²⁵ REAL, Katarina. *O Folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. rev e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990, p. 178.

sambista José Bonifácio Dias dos Santos, de certa forma, confirmou as afirmações da Katarina Real:

Sempre foi uma relação amistosa, não existe uma disputa como alguém pregou, alguns pregaram por aí, não existe! **O sambista com o pessoal do frevo sempre se encontram, sempre brincam no mesmo lugar, agora existe sim, certa disputa de espaço, não é? Porque o espaço da Federação Carnavalesca, dos frevistas é todo, e o nosso é nenhum, então nós brigamos por um espaço**, então existe uma ideia de que há um confronto, mas não existe esse confronto (Depoimento de José Bonifácio Dias dos Santos). (Grifos meus).

Não defendo a ideia de que o conjunto dos indivíduos que constituíam os sambistas em Recife era um grupo homogêneo. Dentro dele existiam as disputas internas que iam desde as questões políticas que envolviam as escolas de samba e a prefeitura da cidade, até as lutas em torno da própria concepção de uma prática do samba para o carnaval. Por exemplo, provavelmente, até os anos de 1970 algumas escolas tinham em sua bateria instrumentos de sopro. Para uns sambistas, essa presença era uma ‘deturpação’ do ‘legítimo samba’ que é marcado pela percussão, já para outros, era uma peculiaridade local e que acentuava suas diferenças em relação as suas congêneres cariocas.

Nesse sentido, pela leitura das matérias dos jornais, pude interpretar que várias escolas de samba, durante o recorte temporal da pesquisa (1955 – 1972), utilizavam instrumentos de sopro em sua bateria. E só em meados da década de 1960 ocorreu, de forma mais intensa, uma disputa polarizada em torno de uma prática de samba com ou sem sopro para o carnaval recifense. Segundo os periódicos, no cerne dessa disputa estavam as duas ‘maiores’ escolas do período, a Estudantes de São José e a Gigantes do Samba.

A disputa em torno de uma prática de samba para o carnaval da cidade era polarizada por essas escolas. Assim, de um lado estava Estudantes de São José, com os instrumentos de sopro, e do outro a Gigantes do Samba, combatendo os ‘sopros’ com um modelo marcado pelos instrumentos de percussão mais próximo ao que era praticado no Rio de Janeiro. Desse modo, a presença ou não dos instrumentos de sopro estava atrelada a um processo maior, ou seja, ao debate acerca das negociações em torno do que era entendido como externo, o samba praticado no Rio de Janeiro, e o local, o samba feito em Recife. Dito de outra forma, o samba praticado por Estudantes de São José era divulgado nos jornais como um ‘modelo’ pernambucano, enquanto que o de Gigantes do Samba buscava para si a autenticidade, associando a sua prática ao que era feito por suas congêneres no Rio de Janeiro.⁴²⁶

⁴²⁶ Escola de Samba: o clube social do morro. Diário de Pernambuco, 01 de fevereiro de 1970, p. 01, III Caderno. Quilombo dos palmares será tema de Estudantes de São José. Diário de Pernambuco, 05 de fevereiro

Segundo o historiador Ivaldo Marciano de França Lima, o que estava em debate também nesses anos (1955-1972), era a busca pela legitimidade e aceitação das escolas. Pois, caso adquirissem elementos com a marca do que era entendido como ‘cultura local’, poderiam angariar mais espaços e serem melhor aceitas. Os instrumentos de sopro davam às agremiações do samba um formato diferente das cariocas que, com isso, poderiam almejar um lugar no conjunto das ‘tradições carnavalescas recifenses’.⁴²⁷

Dessa forma, as disputas em torno de uma prática de samba para o carnaval do Recife, durante o recorte temporal da pesquisa, circundavam em torno da seguinte questão: o samba praticado em Pernambuco deveria seguir os padrões do Rio de Janeiro ou ‘inventar’ um novo modelo? Essa era a principal questão. A leitura dos jornais sinalizou que os instrumentos de sopro estiveram presentes na maioria das escolas.

ESCOLA ALMIRANTE DO SAMBA

A aplaudida escola Almirante do Samba, **com todos os seus figurantes, batuqueiros, cabrochas e trombonistas**, será uma das grandes atrações do grito de carnaval da ACCR a ser realizado hoje, na sede do Atlético Clube de Amadores. O diretor da escola Almirante do Samba está convidando todos os seus integrantes a se acharem hoje, às 22 horas, na sede do Atlético.⁴²⁸ (Grifos meus).

O SAMBA NÃO SILENCIOU - QUATRO DE OUTUBRO VAI MANTER A TRADIÇÃO

[...] A bateria é composta de cinco ‘surdos’, quatro taros, dois reco-recos, dois pandeiros, 15 tamborins, um trombone, uma cuíca, duas ganzarras, dez frigideiras, dois agangôs (gangorras) e dois caracachás. Quatro de Outubro foi fundada em 4 de outubro de 1954, por um grupo de foliões, à frente Djair Francisco dos Santos, Antônio Barbosa Rodrigues. José Mariano dos Santos, Valdevino Antônio do Nascimento e Leônia Martins. Hoje, é dirigida por José Ferreira de Moraes e outros foliões do Alto Santa Isabel. Contará esse ano com aproximadamente 120 figuras.⁴²⁹ (Grifos meus).

TROMBONE

Ao contrário do que haviam acertado as Escolas de Samba desta capital apresentar-se-ão neste carnaval com trombonistas. Trata-se de uma aberração,

de 1970, p. 06, I Caderno. Estudantes canta Zumbi e Gigantes mostra inconfidência. Diário de Pernambuco, 08 de fevereiro de 1970, p. 05, III Caderno. E a pracinha explodiu na batucada dos bambas. Diário de Pernambuco, 12 de fevereiro de 1970, p. 16, I Caderno. Escolas só com batuque. *Diário da Noite*, 26 de janeiro de 1966, p. 02. Gigantes e Estudantes: samba de uma nota só. *Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1969, p. 04, I Caderno. Só deus pode silenciar o trombone de Zezinho. *Diário da Noite*, 22 de janeiro de 1973, p. 06. Zezinho da Estudantes garantiu o show do Português, Coluna do Moysés. *Diário da Noite*, 30 de outubro de 1973, p. 06; Zezinho deixa Estudantes de São José, Coluna do Moysés. *Diário da Noite*, 03 de janeiro de 1975, p. 05. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴²⁷ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2010, p. 218.

⁴²⁸ Escola Almirante do Samba. *Jornal do Commercio*, 24 de janeiro de 1964, p. 10. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴²⁹ O Samba não silenciou – Quatro de Outubro vai manter a tradição. *Jornal do Commercio*, 25 de janeiro de 1970, p. 08, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

mas que assinala, significativamente, a diferença entre os nossos e os conjuntos cariocas. Aliás, por falar em escola de samba, podemos desde já informar para os amantes desse tipo de agremiação que de qualquer maneira vem contribuindo para animar e diversificar o nosso carnaval, que a partir de 1967 esses conjuntos somente se exibirão no sábado, quando terão a seu cargo a realização da <<noite do samba>>. As medidas discricionárias serão adotadas a partir deste ano, pois a <Escola> que se prolongar demasiadamente fazendo evoluções perante a Comissão do Carnaval, será inapelavelmente desclassificada. Como há gente que prefere perder toda uma boiada a sacrificar um boi... É o caso das escolas de samba. Não quiseram dispensar o trombone...⁴³⁰



Imagem 10: Escola Gigantes do Samba reconquistou a hegemonia. *Diário de Pernambuco*, 13 de fevereiro de 1964, p. 08, I Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

De acordo com a matéria de jornal publicada acima, é possível visualizar instrumentos de sopro na própria bateria da Escola Gigantes do Samba, apesar de durante meados dos anos de 1960 o seu mestre de bateria, José Carlos da Silva, conhecido como Lavanca, ter sido um dos maiores combatentes desses elementos nas escolas de samba.

[...] Escolas só com batuque – após o carnaval de 1965 ficou praticamente acertado que as Escolas de Samba não iriam desfilar este ano com instrumentos de sopro (trombone). Quem defende a apresentação das Escolas exclusivamente com o batuque, a exemplo do que ocorre na Guanabara, é o próprio “Mestre de Harmonia” da ES “Gigante do Samba”, José Carlos da Silva (Lavanca), sub-oficial reformado da Armada e ex-integrante da Portela, do Rio. Resta apenas que a Comissão Organizadora do Carnaval, em vez de um gesto pateta de marcar o desfile

⁴³⁰ Trombone. *Diário da Noite*, 17 de fevereiro de 1966, p. 02. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

dessas agremiações, torne efetiva essa deliberação, partida, aliás, dos próprios dirigentes de Escolas de samba.⁴³¹

A partir dessa matéria, não posso deixar de aludir sobre a importância do mestre de bateria da Gigantes do Samba, Lavanca⁴³², na construção de um padrão de desfile para as escolas de samba em Recife muito semelhante ao que era feito no Rio de Janeiro. Lavanca apresentava-se como um dos ‘combatentes’ dos instrumentos de sopro nas baterias das escolas, segundo os jornais, para ele, samba deveria ser praticado apenas com instrumentos de percussão. De acordo com a matéria acima, Lavanca entrou em contato com o samba praticado na Guanabara quando passou a frequentar a escola de samba Portela e, de volta ao Recife, procurava difundir os estilos apropriados por lá.

No entanto, segundo o sambista Belo-X, quem ‘acabou’ como os instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba foi ele próprio. Depois de passar algum tempo no Rio de Janeiro e conviver com sambistas da Portela, Império Serrano, Vila Isabel e Mocidade Independente de Padre Miguel, Belo-X retornou ao Recife e procurou ‘inovar’ a prática de samba na cidade. Relata que encontrou objeção entre alguns importantes nomes da escola a que estava ligado na época, Estudantes de São José, como Zezinho do Trombone e Waldeck Melo.⁴³³

Não havia samba enredo, os sambas não eram trazidos no cavaquinho, eram trazidos no trombone. Quando eu voltei do Rio, eu acabei com esse negócio em Estudantes de São José, acabei com o sopro. Tinha Zezinho do trombone muito famoso, nós ainda estávamos muito quadrados, eu cheguei do Rio agora, e foi aquela briga do caramba, Waldeck Melo não queria, ficou com raiva de mim. Em meados dos anos sessenta, com um samba meu, sobre o casamento de Tereza Cristina, agente colocou o cavaco. O pessoal não aceitou muito não, mas vou aos poucos aceitando pelas escolas de samba do Rio, que já faziam assim. E depois disso foi que começou a acabar com essa mística do trombone aqui. E Gigantes também depois mudou. (Depoimento do sambista Belo-X).

Na pesquisa com os jornais, encontrei uma matéria que destacava a atividade do sambista Sebastião da Silva, mais conhecido como ‘Boneco de Mola’. Esse sambista de Gigantes do Samba exercia a função de ‘copiador’, ou seja, frequentemente realizava viagens ao Rio de Janeiro para entrar em contato com as ‘novidades’ das escolas cariocas e

⁴³¹ Escolas só com batuque. *Diário da Noite*, 26 de janeiro de 1966, p. 02. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴³² Lavanca foi um mestre de bateria da escola de Samba Gigantes do Samba. Sobre Lavanca, Valdi Coutinho alude: “Mestre Lavanca, um dos maiores mestres de bateria, inconfundível, com estilo, com uma personalidade, com carisma incrível. Lavanca tinha um estilo pessoal de comandar a bateria, de ser uma espécie de maestro que encantava toda vez que Gigantes passava, ele foi o mais famoso e carismático mestre de bateria que conheci”.

⁴³³ Entrevista realizada por mim com o sambista Antônio José de Santana, mais conhecido como Belo-X, em 26 de novembro de 2010.

implementar essas medidas na sua agremiação em Recife. É interessante destacar que, de acordo com essa matéria, o sambista Boneco de Mola apareceu como uma das pessoas responsáveis por introduzir em Gigantes do Samba, uma prática de samba difundida no Rio de Janeiro, e não o mestre de bateria Lavanca.

GIGANTES TEM GRANDE ARMA NA PASSARELA

Nas rodas de samba e nas escolas de samba do Recife, pouca gente conhece Sebastião da Silva. Mas, 'Boneco de Mola' – seu apelido – todo mundo conhece e respeita. Sebastião 'Boneco de Mola' é de Gigantes do Samba, onde além de comandar uma ala importante nos desfiles, tem uma missão pouco conhecida dos leigos: é 'copiador'. Todo ano, Sebastião da Silva viaja, ao Rio, onde, de julho a dezembro, acompanha ensaios de todas as escolas de samba cariocas. Na sua missão de 'copiador' ele assimila todas as novidades e bossas implantadas, todo ano, no modo de gingar e sambar do passista de lá. Depois as traz para o Recife e ensina as novas bossas para todos os passistas da Gigante do Samba. Por isso faz questão de afirmar que, em todo o carnaval, a Gigantes desfila com o que há de mais moderno em matéria de samba, de passo e de ginga. Dos 21 anos de sua vida, Sebastião dedica quatro anos a sua missão de 'copiador', "por amor a Gigantes", como ele próprio afirma. Todo ano, por conta própria, vai ao Rio para desempenhar seu ofício. Agora está na terra, com todas as novidades que as escolas de samba do Rio vão apresentar no carnaval deste ano. E, sem perda de tempo, já começou a ensinar e ensaiar os seus discípulos da Gigantes do Samba nas novas bossas cariocas deste carnaval. E neste fevereiro, como acontece sempre, o pernambucano Sebastião da Silva estará à frente da sua ala 'Os 7 Bonecos de Mola', garantindo – afirma ele – os 10 pontos anuais que sempre consegue para a sua Gigantes do Samba nessa modalidade.⁴³⁴

Por meio do relato de Belo-X, bem como da matéria de jornal a respeito de Boneco de mola, posso interpretar que outras vezes buscavam para si a introdução no Recife de uma prática de samba semelhante ao que era realizado no Rio de Janeiro, e não somente Lavanca. O que estava em jogo era a disputa de ser legitimado como o 'precursor' da autenticidade do samba, que estava (está) atrelado ao que era (é) praticado pelas escolas cariocas.

No entanto, nem todos os sambistas confirmam a presença dos instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba. O sambista José Bonifácio, conhecido como 'Deca', chegou a afirmar que isso nunca existiu. Que foi um modismo de poucas escolas, como a Estudantes de São José. E que os instrumentos de sopro serviriam apenas para anunciar a escola na avenida.⁴³⁵ Contudo, a partir da análise do depoimento de outros sambistas, das matérias de jornais, bem como de algumas fotografias, é possível compreender que esses elementos eram

⁴³⁴ Gigantes tem grande arma na Passarela. *Diário da Noite*, 18 de janeiro de 1972, p.03, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴³⁵ Entrevista realizada por mim em 22 de abril de 2010, com o sambista José Bonifácio Dias dos Santos, conhecido como Deca.

utilizados pelas escolas durante suas apresentações.⁴³⁶ Quando indagado por mim sobre a presença dos instrumentos de sopro na bateria das escolas, seu Deca foi incisivo:

É um crime! Se botar instrumentos de sopro numa bateria está tirando a originalidade de uma bateria, porque a percussão do samba é a percussão dos negros, e os negros nunca estudaram num conservatório para aprender música metálica [...]. Em Recife teve um ano, uma época que um ou dois saxofonistas eram amigos do povo da escola, **como Estudantes de São José teve que eu me lembre só Estudantes teve, na época dos desfiles, mas muito pouco, não prevaleceu** porque destoa dele quem conhece a percussão do samba está sabendo que não cabe metal no samba, é mesmo que pegar um bloco carnavalesco, um bloco lírico e botar instrumentos [...]. (Depoimento do senhor José Bonifácio). (Grifo Meu).

É interessante compreender hoje como certos sambistas procuram negar a presença dos instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba. São categóricos em relatar que esse acontecimento foi apenas um modismo que não era bem visto e, por isso, não se perpetuou. Era uma prática efêmera. Por outro lado, matérias nos jornais e fotografias demonstram uma realidade diferente da defendida pelos construtores de samba, como seu Deca. Do relato do referido sambista, posso questionar ainda sua afirmação de que apenas a escola Estudantes de São José utilizava esses instrumentos, quando fotografias e a atuação de combate do próprio mestre de bateria Lavanca em Gigantes do Samba a contrariam.

⁴³⁶ Escolas só com batuque. *Diário da Noite*, 26 de janeiro de 1966, p. 02. Só Deus pode silenciar o trombone de Zezinho. *Diário da Noite*, 22 de janeiro de 1973, p. 06. Zezinho da Estudantes garantiu o show do Português, Coluna do Moisés. *Diário da Noite*, 30 de outubro de 1973, p. 06; Zezinho deixa Estudantes de São José, Moisés. *Diário da Noite*, 03 de janeiro de 1975, p. 05. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).



Imagem 11. Carnaval de 1957. Músicos da escola de samba Gigantes do Samba, no palanque da Praça do Diário, centro do Recife. Acervo Fotográfico do Museu da Cidade do Recife – MCR. Localização: 03148. Fotógrafo: Severino Fragoso.

Através da fotografia acima, é possível identificar instrumentos de sopro nas mãos dos sambistas. De acordo com a referência, nesta fotografia vê-se a Gigantes do Samba, escola na qual alguns dos seus integrantes combateram a presença dos instrumentos de sopro na bateria, durante os anos de 1960. No entanto, obviamente se Lavanca combatia esses elementos era porque, de certa forma, eles estavam presentes na bateria das escolas.

Não foram apenas os sambistas que se posicionaram a respeito do debate sobre a validade ou não da presença dos instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba em Recife. Em seus estudos, a antropóloga Katarina Real destacou esses elementos como o diferencial das agremiações recifenses em relação a suas congêneres no Rio de Janeiro. Destacou que, até o final dos anos de 1960, a maioria das escolas de samba utilizavam os instrumentos de sopro, principalmente, pistão e trompete. Perguntava-se se essa presença era a influência do frevo? E sobre isso afirmou:

É na composição do conjunto instrumental que as escolas recifenses evidenciam algumas diferenças relativamente às do Rio. Além dos tamborins, pandeiros, cuícas, cabaças, agogôs, etc. típicos da escola de samba em todo o Brasil, as escolas do Recife sempre saem com alguns instrumentos de sopro, principalmente trombones e pistão. Seria influencia do frevo nas escolas de samba? Há vários entusiastas do samba que

acham que esses instrumentos de sopro representam uma ‘descaracterização’ e que tais grupos deviam utilizar exclusivamente instrumentos de percussão.⁴³⁷

Outro intelectual a posicionar-se a respeito da questão foi o folclorista Roberto Câmara Benjamin⁴³⁸, que salientou que “a utilização desses elementos era a marca da cultura pernambucana, era a influência do frevo”. Benjamin afirmou que o ‘externo’, no caso o samba, aos poucos foi adquirindo os sinais da ‘legítima cultura recifense’, ou seja, do frevo. Aos poucos o samba ‘importado’ do Rio de Janeiro foi sendo reprocessado até transforma-se num produto de aceitação local.

A cultura popular, com sua dinâmica própria e sob a influência de diversos fatores **incorporou o samba às autênticas e tradicionais manifestações do carnaval de Pernambuco.** [...] O novo recebido e aceito vai sendo devorado e digerido, reprocessado até resultar em um produto ou valor, que apresentando ainda as características de original importado tem a marca local. **No caso da importação do samba carioca, já é possível sentir no Recife a ação das forças locais, marcando um distanciamento entre a manifestação observada no carnaval pernambucano e o samba do carnaval carioca.** As diferenciações ocorrem apesar da resistência de dirigentes de escolas e organizadores do carnaval que pretendem manter o samba do Recife fiel ao modelo carioca. Enquanto as autoridades agem assim, **as tradições pernambucanas roem por dentro as escolas, agindo nas suas baterias, e nos passistas, preparando um samba autenticamente pernambucano cuja consagração se aproxima.** O samba encontrou em Pernambuco uma fortíssima tradição de percussão pesada, de gente vinda e vivida nos terreiros de xangô, e nos maracatus; [...] **o samba carnavalesco de Pernambuco já é, e será cada vez mais – uma música onde prevalecerá a execução instrumental,** com variações e improvisos sobre a execução vocal convencional [...].⁴³⁹

Para Roberto Câmara Benjamin, o samba em Recife foi fruto de uma transposição do Rio de Janeiro, que aos poucos foi adquirindo uma marca local. Em suas palavras, “esse samba invasor” causou certo furor entre os foliões, e, mesmo contra a vontade de algumas lideranças das escolas, “a força da cultura pernambucana vai corroendo por dentro suas baterias”, o transformando num ritmo ‘da terra’. O historiador Ivaldo Marciano de França Lima, sobre a questão, salientou que: “O samba, a meu ver, foi se constituindo em um

⁴³⁷ REAL, Katarina. *O Folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. rev e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990, p. 51.

⁴³⁸ Roberto Câmara Benjamin nasceu em 1943 na cidade do Recife. Filho do professor Coronel José Emerson Benjamin e da Professora Inspetora Federal de Ensino, Laudelina Câmara Benjamin. Bacharel em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP –, especializou-se em Ciência da Informação no Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina, em Quito, Equador. Promotor Público, Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE –, Professor Titular da Universidade Católica de Pernambuco, Membro da Comissão Pernambucana de Folclore. Escreveu vários livros, entre eles: *Expressão Literária Popular* (1970); e *Maracatus Rurais* (1976). In: MAIOR, Mário Souto. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999, p. 160.

⁴³⁹ BENJAMIN, Roberto Câmara. Samba de Carnaval, In: *Antologia do Carnaval em Recife*. Mário Souto Maior e Leonardo Dantas Silva (orgs). Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1991, pp. 335-336. (Grifos meus).

processo de influências do frevo e de outras práticas culturais, em meio às imitações das escolas de samba cariocas”.⁴⁴⁰

Com os diálogos, no trânsito cultural do samba em Recife com o que era feito no Rio de Janeiro, acredito que nenhuma prática surge do nada, mas sim, através da interação com outras já existentes. No entanto, não acredito que a presença dos instrumentos de sopro nas baterias das escolas de samba possa ser entendida como a marca do frevo, esse é um processo mais complexo que necessita de maiores estudos para que se possa fazer uma afirmação mais enfática.

A historiadora Zélia Lopes da Silva, quando analisou os começos das escolas de samba na capital paulista, salientou as diferenças dessas agremiações para com suas congêneres cariocas. Destacou que, como muitos dos fundadores das escolas de samba vinham dos cordões carnavalescos, ou mesmo das tradicionais rodas de samba da cidade, sua base instrumental era diferente da das escolas do Rio de Janeiro, mencionando os estudos de Wilson de Moraes, que salientou:

Traz como fundamentação para seus argumentos os depoimentos de Sebastião E. Amaral e Alcides Marcondes, este último instrumentista da *Lavapés*. Marcondes, além de seu flautim, relacionou para aquela escola “cavaquinho, pandeiro, reco-reco, surdo, um ganzá e coisa, pra fazer ritmo e tal e eu é que garantia. Depois teve um tempo que nós arranjamos um trombone... da casa de Seu Antoninho. Tocava de ouvido, mas era muito bom trombone, viu?”⁴⁴¹

De acordo com os estudos realizados por Wilson de Moraes, e destacados por Zélia Lopes da Silva, os instrumentos de sopro estavam associados aos começos das escolas de samba na capital paulista, estando presentes até o ano de 1968, quando “as escolas de samba paulistanas passaram a ser estruturadas de acordo com o modelo carioca”.⁴⁴² Ou seja, as escolas de samba de São Paulo tiveram instrumentos de sopro em sua bateria. E será que por aquelas plagas essa ‘peculiaridade’ também foi a marca da influência do frevo como apontado em Recife por alguns pesquisadores?

⁴⁴⁰ LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2010, p. 229.

⁴⁴¹ MORAES, W. R. *Escolas de Samba de São Paulo (capital)*. São Paulo: Conselho Estadual de Arte e Ciências Humanas, 1978, *apud*: SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais da cidade de São Paulo nos anos de 1938 a 1945, In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d’água, 2004, pp. 81-82.

⁴⁴² MORAES, W. R. *Escolas de Samba de São Paulo (capital)*. São Paulo: Conselho Estadual de Arte e Ciências Humanas, 1978, *apud*: SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais da cidade de São Paulo nos anos de 1938 a 1945, In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d’água, 2004, p. 81.

Além disso, não posso deixar de aludir sobre a presença dos instrumentos de sopro nos grupos de samba no Rio de Janeiro durante os anos de 1920 e 1930, entre eles os ‘Oito Batutas’.⁴⁴³ A respeito dessa questão o historiador Marcos Napolitano dissertou:

O carnaval de 1930 consagraria “Na Pavuna”, introduzindo o surdo, o tamborim e o pandeiro na tradição do samba gravado, e “Dá Nela” (Ary Barroso, gravada por Francisco Alves), indicando novos rumos para a marcha carnavalesca, **com o ritmo marcado pelos instrumentos de sopro, sobretudo o naipe de pistons**. Os timbres gravados criaram uma nova experiência fonográfica, renovando a identidade dos dois gêneros.⁴⁴⁴

A respeito da presença desses elementos na bateria das escolas de samba do Rio de Janeiro, Hermano Vianna alude que os desfiles dessas agremiações foram oficializados em 1932, e que no ano seguinte “formulou um regulamento para o certame, no qual se estabelece a proibição dos instrumentos de sopro e a obrigatoriedade da ala das baianas”.⁴⁴⁵ Dessa forma, será que a presença desses instrumentos na bateria das escolas de samba cariocas também foi resultado da influência do frevo?

Trago também para a discussão, as análises realizadas pelo pesquisador Roberto Moura, que salientou que nos anos de 1930, após a proibição dos instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba cariocas, os seus desfiles vieram ‘sepultar’ um modelo de carnaval pautado nas grandes sociedades e nas tradicionais agremiações de frevo da cidade. Segundo Moura, o ‘sucesso’ do desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro estava atrelado à condenação de outras práticas carnavalescas, entre elas os grupos de frevo. Ou seja, esse pesquisador também confirmou a presença de instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba cariocas.

[...] As escolas, por vocação ou destino, encaminham-se não apenas para serem aceitas no panorama do carnaval – mas converteram-se em sua galinha dos ovos de ouro, num processo que acabou por sepultar definitivamente as grandes sociedades e as agremiações tradicionais de frevos e ranchos.⁴⁴⁶

Assim, será que a presença dos instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba em Recife, entre os anos de 1950 e 1960, não estava dialogando com aquele ‘modelo’ de

⁴⁴³ A capa do Livro “O mistério do Samba”, de Hermano Vianna, é ilustrada com uma imagem do grupo Oito Batutas. Percebe-se claramente a presença de instrumentos de sopro nesse grupo. VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. 6. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, UFRJ, 2007.

⁴⁴⁴ NAPOLITANO, Marcos. *A Síncopa das Ideias: a questão da tradição na música popular brasileira*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2007, pp. 24-25. (Grifos meus).

⁴⁴⁵ VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. 6. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, UFRJ, 2007, p. 124.

⁴⁴⁶ MOURA, Roberto. *No princípio era a roda: um estudo sobre samba, partido alto e outros pagodes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004, p. 151.

desfile feito nos anos de 1930 no Rio de Janeiro? Ou, como defenderam alguns pesquisadores, era a marca do frevo?

Acredito serem precipitadas as afirmações do folclorista Roberto Câmara Benjamin, quando salientou que esse processo era a ‘marca da cultura local’, bem como as do historiador Ivaldo Marciano de França Lima, quando afirmou que a presença dos instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba recifenses era fruto da ‘influência do frevo’.

No entanto, não posso deixar de destacar, no que se refere a esses estudos, que o artigo do folclorista Roberto Câmara Benjamin é um trabalho de ‘apenas duas páginas’ e faz parte de uma coletânea de estudos sobre o carnaval organizado pelo memorialista Leonardo Dantas Silva. Para que o leitor possa entender essa colocação, faz-se necessário explicar que o memorialista citado foi (é) um dos maiores combatentes das escolas de samba na capital pernambucana. Foi durante a gestão de Leonardo Dantas Silva, nos anos de 1980, à frente da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, que foi retirada a passarela para a apresentação das agremiações, num processo conhecido como ‘despassarelização’.⁴⁴⁷

Portanto, talvez, em virtude de o organizador da obra, onde o artigo de Roberto Câmara Benjamin se encontra, tratar-se de quem se trata, este tenha sido tão curto e com análises pouco aprofundadas, bem como tenha chegado a uma conclusão, de certa forma, ‘simplista’, a qual procura dar ao evidente a condição de verdade. Sobre isso, não posso deixar de levar em consideração as afirmações de Gilles Deleuze, quando diz que “[...] o conteúdo não se confunde mais com um significado, nem a expressão com um significante”.⁴⁴⁸ Além do que, “Uma época não preexiste aos enunciados que a exprimem, nem às visibilidades que a preenchem”.⁴⁴⁹

No que tange ao trabalho do historiador Ivaldo Marciano de França Lima, trata-se de uma tese de Doutorado a respeito dos maracatus da cidade do Recife. Em suas análises, o professor dedicou um capítulo às relações estabelecidas entre as escolas de samba e os maracatus. Para mim, este capítulo foi de grande valia, pois apontou caminhos bem interessantes para se compreender melhor as táticas e estratégias dos sambistas para

⁴⁴⁷ A partir do final dos anos de 1970, a Fundação de Cultura da Cidade do Recife passou a organizar o carnaval recifense e teve Leonardo Dantas Silva à frente da fundação. Numa tentativa de reorganizar os festejos dentro do que denominavam de ‘carnaval participação’, as passarelas foram retiradas. Durante o processo de ‘despassarelização’ ocorrido na gestão municipal do prefeito Gustavo Krause (1980-1983), os sambistas foram às ruas para exigir a volta da passarela para a apresentação das agremiações carnavalescas.

⁴⁴⁸ DELEUZE, Gilles. Topologia: “Pensar de outra forma”, In: *Foucault*. Tradução de Cláudia Sant’ Anna Martins. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 57.

⁴⁴⁹ DELEUZE, Gilles. Topologia: “Pensar de outra forma”, In: *Foucault*. Tradução de Cláudia Sant’ Anna Martins. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 58.

‘driblarem’ as situações hostis que enfrentavam, vindas por parte de parcela da intelectualidade recifense, durante os anos de 1960.

O trabalho do professor Ivaldo Lima é, pois, de suma importância para romper com a invisibilidade historiográfica que os sambistas e as escolas de samba enfrentaram na capital pernambucana. No entanto, como o foco das suas análises eram os maracatus, talvez por isso ele tenha chegado a essas conclusões com que eu não partilho. Feitas as devidas explicações, volto ao tema central do tópico, a presença dos instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba recifenses!

Como vinha salientando, a questão dos instrumentos de sopro nas escolas necessita de estudos mais aprofundados. Além disso, olhar para esta presença na bateria das escolas de samba e ver nela, de imediato, a marca do frevo é naturalizar a história, é tomar a interpretação do objeto como o ‘lugar comum’, e elevar o evidente, o dado e o natural à condição de ‘verdade’. “É preciso extrair das palavras e da língua os enunciados correspondentes a cada estrato e a seus limiares, mas também extrair das coisas e da vista as possibilidades, as ‘evidências próprias a cada estrato’”.⁴⁵⁰

É como se a presença dos instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba contivesse um significado evidente que se encontrava impresso e expresso no acontecimento. Dito de outra forma, se para tocar frevo necessita de instrumentos de sopro, e como esses elementos estavam presentes nas escolas de samba, logo, isso seria a influência do frevo! Entretanto, não partilho dessas conclusões, tampouco acredito que seja possível estabelecer definições em que as palavras ou os conceitos conteriam o próprio sentido e significado do mundo. Dessa forma, prefiro seguir outros caminhos que o apontado pelos referidos pesquisadores.

Nesta esteira, deve-se levar em consideração que muitas das agremiações carnavalescas recifenses utilizavam instrumentos de sopro em seus desfiles, assim como o grande contingente de bandas marciais espalhadas pela cidade, o que, de certa forma, proporcionava um número elevado desses elementos. Nesse sentido, posso conjecturar que, como havia uma maior facilidade de acesso aos instrumentos de sopro, talvez, essa seja também uma das explicações possíveis para sua presença na bateria das escolas de samba.

⁴⁵⁰ Gilles Deleuze definiu os estratos como “formações históricas, positivities ou empiricidades, ‘Camadas sedimentares’. Eles são feitos de coisas e de palavras, de ver e de falar, de visível e de dizível, de regiões de visibilidade e campos de legitimidade, de conteúdos e de expressões”. DELEUZE, Gilles. *Topologia: “Pensar de outra forma”*, In: *Foucault*. Tradução de Cláudia Sant’ Anna Martins. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 57-62.

Acredito também que semelhantemente aos estudos realizados por Wilson de Moraes e demonstrados pela historiadora Zélia Lopes da Silva, os quais apontaram que a presença dos instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba paulistas estava atrelada aos ‘embriões’ dessas agremiações, ou seja, os cordões carnavalescos, e que essa peculiaridade marcava as suas diferenças em relação às congêneres cariocas, esse pode ser um dos caminhos para se compreender a presença desses elementos nas escolas de samba recifenses.

Como observei anteriormente, alguns estudiosos apontaram que as ‘turmas’ (grupos de homens que saíam pelas ruas dos subúrbios no período do carnaval) foram os embriões das escolas de samba pernambucanas. Talvez na estruturação dessas agremiações esteja algumas das (nossas) perguntas e questionamentos a respeito da presença dos instrumentos de sopro na bateria das escolas de samba da capital pernambucana.

Tenho consciência de que as práticas culturais são passíveis de múltiplas transformações por meio dos diferentes significados que a elas vão sendo somadas, no passar dos anos, pelos foliões. Assim sendo, as escolas de samba recifenses estavam (estão) continuamente sendo criadas, recriadas e reapropriadas, revelando “as paixões, os conflitos, as crenças e as esperanças de seus próprios agentes sociais”.⁴⁵¹

3.4 Estudantes de São José e Gigantes do Samba: a batalha da passarela

Inúmeras escolas de samba participavam dos desfiles carnavalescos desses anos (1955-1972), entretanto, nenhuma, segundo as matérias dos jornais, atraía tanto a atenção do público como Estudantes de São José e Gigantes do Samba. Essas eram as maiores rivais. Travavam táticas e estratégias para alcançarem o tão desejado ‘título de campeã do carnaval recifense’. Na ‘guerra’ do samba tudo valia, desde guardarem a ‘sete chaves’ o modo como a escola viria à avenida, ou até mesmo evocar as forças do Xangô⁴⁵² ou da Umbanda para vencer a concorrente.

NA GUERRA DO SAMBA VALE TUDO: MACUMBA, SUOR, CHORO E RITMO

Na guerra do samba, vale tudo: macumba, com despacho e tudo: prestígio político e participação com sacrifício de cada um de seus componentes. Em Pernambuco, o

⁴⁵¹ ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 38.

⁴⁵² Em Recife, uma série de costumes e práticas associadas aos negros foram denominadas de Xangô ou mesmo Catimbó, o que hoje é conhecido como religião dos orixás, bem como das entidades da Jurema. Sobre isso, ver: GUILLEN, Isabel. C. M. Catimbó: saberes e práticas em circulação no Nordeste dos anos de 1930-1940. In: *Cultura Afro descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós*. LIMA, Ivaldo Marciano de França & GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Recife: Bagaço, 2007, p. 209.

samba também é quente. O título de campeã, sempre foi disputado por Estudantes e Gigantes. Este ano a conversa é outra, porque Limonil e Império do Asfalto estão com vontade de acabar com esse privilégio.⁴⁵³

Durante esses anos (1955 – 1972), as escolas campeãs do Grupo de Primeira Categoria foram a Gigantes do Samba e a Estudantes de São José, contudo, outras de suas congêneres em alguns anos ensaiaram ‘quebrar’ essa bipolaridade. Entre estas estavam a Limonil, a Império do Asfalto, a Duvidosas do Samba, a Império do Samba e a Unidos de Massangana. No entanto, nenhuma delas conseguiu, de fato, ameaçar a hegemonia das duas ‘grandes rivais’. Neste contexto, as histórias dos desfiles de Estudantes de São José e Gigantes do Samba desenham o fio condutor das análises deste tópico. Alguns enredos, personagens, conflitos e táticas da disputa pelo título de campeã do carnaval serão trazidos à baila.

Ano após ano os jornais no período do carnaval estavam repletos de matérias com histórias ‘saborosas’ sobre esses conflitos. Como viria para a passarela Gigantes do Samba? Quais as ‘armas’ de Estudantes de São José para conquistar o título? Será que este ano teremos alguma escola que irá quebrar a ‘tradicional’ disputa? Com a pesquisa pude interpretar que essas eram as principais perguntas que moviam, nesse período, os membros da imprensa que realizavam a cobertura jornalística do desfile das escolas de samba.

ESCOLAS FORAM DONAS DA NOITE

As Escolas de Samba foram praticamente as <donas do desfile> na segunda-feira de carnaval, tendo como ponto de destaque a tradicional <guerra> entre a Estudantes de São José e a Gigantes do Samba. [...] O fato é que, da rivalidade entre as nossas duas maiores escolas de samba, tem surgido o aprimoramento de suas apresentações com vantagem para o sucesso do próprio carnaval pernambucano.⁴⁵⁴

Em meio as suas disputas pelo título de campeã do carnaval, as escolas Estudantes de São José e Gigantes do Samba, ampliavam, readaptavam, teciam, construía novas estratégias para saírem vitoriosas nesse jogo tático da competição. Essas manobras foram, de certa forma, as responsáveis pela ‘grandiosidade’ e aprimoramento do espetáculo de suas próprias apresentações. A manutenção ano a ano dessa rivalidade era o fator responsável pela própria vitalidade dos seus desfiles.

Para os sambistas, a preparação de um desfile começa quase instantaneamente ao término do outro. Ao longo do ano o tema do enredo transforma-se em alegorias, fantasias e samba enredo, “cada elo desse processo coloca em cena não só formas distintas de expressão

⁴⁵³ Na Guerra do Samba vale tudo: macumba, suor, choro e ritmo. *Diário de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1972, p. 08, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁵⁴ Escolas foram donas da noite. *Jornal do Commercio*, 24 de fevereiro de 1966, p. 03. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

artística como grupos sociais muito diferenciados entre si”.⁴⁵⁵ Por meio dos seus desfiles as escolas de samba estabeleciam uma competição em que rivalizavam, por meio de regras reafirmadas consensualmente ano a ano. Esse mecanismo ritualístico competitivo garantiu aos desfiles a sua vitalidade artística e social que se revelava anualmente. Sobre isso, a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti sinalizou:

Como toda competição, o desfile revela com clareza a ambivalência intrínseca à reciprocidade social: relacionar-se é também confrontar-se. Por meio de uma sofisticada forma estética e ritual, o desfile das escolas de samba articula de modo próprio esse princípio social geral. A natureza festiva e agonística do confronto entre as escolas, realizando através da encenação anual dos enredos, define a natureza própria do desfile como ritual carnavalesco.⁴⁵⁶

Ao atentar para o processo ritualístico do qual faziam (faz) parte as escolas de samba recifenses, ressalto que não o entendo como um fenômeno ‘estático e repetitivo’, mas como resultado da sua capacidade de absorção e expressão dos conflitos sociais e culturais da própria cidade. E como bem salientou a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, “compreendê-lo é, ao mesmo tempo, compreender a cidade que o realiza, as tensões que a constituem e nela se desenvolvem”.⁴⁵⁷

Assim, procuro compreender o ritual não como uma relíquia do passado, mas problematizado, atentando para as relações que nele se desenvolviam, observá-lo como um processo passível de ser readaptado e recriado para um novo fim. Nesse sentido, partilho das colocações da historiadora Isabel Guillen, quando destaca que “é preciso considerar as mudanças históricas, ou seja, não tomar os rituais como se fossem sempre os mesmos, cuidando para não estabelecer dessa forma um contínuo temporal, cronológico. Sem que, não obstante, se perca sua dimensão histórica”.⁴⁵⁸

⁴⁵⁵ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008, p. 23.

⁴⁵⁶ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008, p. 31.

⁴⁵⁷ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008, p. 26.

⁴⁵⁸ GUILLEN, Isabel C. M. Rainhas Coroadas: história e ritual nos maracatus-nação de Recife. In: LIMA, Ivaldo Marciano de França & GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Cultura Afro-descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós*. Recife: Bagaço, 2007, p. 182.

3.4.1 Samba de Morro: ‘Sou eu o velho Gigantes’

Sou eu e você não sabia, eu vivo no morro onde o
samba está, confesso que o samba chama, sou Gigantes, sou
eu que vocês ouviram falar⁴⁵⁹

A escola Gigantes do Samba é uma das mais antigas agremiações carnavalescas da capital pernambucana. Desde os anos de 1950 figura entre as primeiras posições na disputa do título de campeã do carnaval recifense. Do bairro de Água Fria, no Recife, os seus membros construíram a história dessa escola a associando ao morro. Morro entendido como o lugar do samba, composto de gente ‘simples’, mas que se dedicava ao carnaval com garra e amava aquilo que fazia, ou seja, o samba.

Com a pesquisa nos jornais, pude constatar que antes do nome Gigantes do Samba (1941), esta escola era denominada de ‘Garotos do Céu’. Embora os jornais nomeassem pouco os sujeitos que construíam as histórias desta escola, entre os principais nomes que figuravam nesses anos, pode-se encontrar: o mestre de bateria Lavanca, a cabrocha Ana e o sambista Biu da Guarda. Talvez, esses sambistas ‘pioneiros’ de Gigantes do Samba não imaginassem que aquele pequeno grupo pudesse se tornar uma das maiores representantes do samba no Estado, chegando a travar, nos anos de 1960, ‘batalhas’ fabulosas com sua congênera Estudantes de São José.

Os sambistas de Gigantes, muitos deles anônimos, esperavam o ano todo pela oportunidade de vestir a fantasia nos dias de momo e serem saudados e admirados na passarela. Era o ‘povo’ que descia do morro para triunfar no asfalto durante o período do carnaval. Uma multidão de pessoas invisualizadas o ano todo, mas que nos dias de folia tornavam-se protagonistas de parte da história da cidade do Recife.

⁴⁵⁹ Hino da Escola Gigantes do Samba, rememorado numa entrevista cedida pelo sambista Antônio José de Santana, mais conhecido como Belo-X, em 26 de novembro de 2010.



Imagem 12. Carnaval de 1955. Apresentação da escola de samba Gigantes do Samba no palanque da Praça da Independência. Acervo Fotográfico do Museu da Cidade do Recife – MCR. Localização: 07328. Fotógrafo: N/I.

A fotografia acima representa a apresentação de Gigantes do Samba no alambrado, montado na Praça do Diário, centro do Recife. Observando-se a Imagem 12, é possível afirmar que as escolas de samba desfilavam pela manhã. Com a leitura dos jornais tomei conhecimento de que a escola Gigantes do Samba desfilou pela manhã até o ano de 1953.⁴⁶⁰ É interessante ressaltar que nas minhas conversas com alguns sambistas, foi relatado que eles ‘lutaram’ muito para transferir o horário da apresentação das escolas. De acordo com José Bonifácio Dias dos Santos, “a segunda-feira era um dia morto, e depois que as escolas passaram a desfilar neste dia, à noite, tornou-se o grande dia dos desfiles no período do carnaval”.⁴⁶¹

SAMBISTAS DESCERAM DO MORRO PARA SAUDAR VITÓRIA DE GIGANTES

Gigante do Samba, arrebatou com muita categoria o título de Estudantes de São José, já bicampeão em 70. Do Alto do Pascoal, em Água Fria, para os sambistas desceram, ontem à tarde, tendo à frente o líder da agremiação e iniciador do samba em Pernambuco, o conhecido ‘Lavanca’, carregando uma euforia comum dos campeões. Muito dinheiro se gastou e a população concentrada na Dantas Barreto vibrou ao ver a novidade lançada pela Escola Gigantes do Samba que, desenvolvendo um batuque ao ritmo de Portela do Rio de Janeiro, apresentou, ainda uma ala de ripinicares composta de 19 figuras encarregada de fazer a segunda marcação. [...] A bateria de Gigante do Samba com 135 instrumentos ritmava o samba real, dos morros cariocas, embora a Estudantes de São José conserva o seu batuque original ao modo pernambucano com 125 figuras.⁴⁶²

⁴⁶⁰ Gigantes tem baile de Gala. *Jornal do Commercio*, 06 de fevereiro de 1966, p. 12. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁶¹ Depoimento cedido pelo senhor José Bonifácio Dias dos Santos.

⁴⁶² Sambistas desceram do morro para saudar vitória de Gigantes. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, p. 01, II Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

Uma das peculiaridades de Gigantes do Samba nesses anos (1955-1972) era a sua bateria. Como observei anteriormente, de acordo com a pesquisa, pude interpretar que nesta escola também houve instrumentos de sopro. No entanto, durante os anos de 1960, um movimento dentro da agremiação procurou construir a musicalidade e a sonoridade da sua bateria, semelhantemente ao que era feito nas escolas de samba do Rio de Janeiro, ou seja, sem instrumentos de sopro, só com os de percussão. Uma das figuras que os jornais apontam como o principal responsável por esse processo foi o mestre de bateria Lavanca. Essa personagem constitui-se como uma das mais importantes dentro do cenário de Gigantes do Samba, a ele é atribuída a adequação dessa escola a um padrão de desfile aproximado ao que era praticado por suas congêneres cariocas.

GIGANTES PRESTA HOMENAGEM AO DIÁRIO DE PERNAMBUCO

A 'Bateria', um dos pontos fortíssimos da escola e que representa o ponto alto de sua apresentação desfilará todos os instrumentos novos. Também os elementos da 'bateria' foram ao Rio de Janeiro para fazer estágios e manter contatos com os mistérios da cuíca, do a-go-go, tarol, surdo, bombo e dos pratos. O Recife – afirmara – será sacudido pelo samba.⁴⁶³

Quando perguntei a alguns sambistas qual era o grande destaque da escola Gigantes do Samba nesses anos, todos foram unânimes em me afirmar que era a sua bateria, comandada pelo mestre Lavanca. Na minha pesquisa encontrei posicionamentos diferentes e contraditórios a respeito dessa personagem de Gigantes do Samba. Para seu Dilermando José do Nascimento, por exemplo, “Lavanca era uma pessoa rude, rígida. Trabalhava com a bateria com muita rigidez, ele era a autoridade na bateria”. Já quando entrevistei o jornalista Valdi Coutinho, tive uma representação diferente. Sobre o mestre de bateria ele aludiu:

Mestre Lavanca um dos maiores mestres de bateria, inconfundível, com estilo, com uma personalidade, com carisma incrível. Lavanca tinha um estilo pessoal de comandar a bateria, de ser uma espécie de maestro que encantava toda vez que Gigantes passava, ele foi o mais famoso e carismático mestre de bateria que conheci.

A leitura dos jornais sinalizou que Lavanca foi construído em suas trajetórias como o 'inovador' do samba pernambucano. Era atribuído a ele a introdução do tarol e do apito na bateria das escolas de samba. Lavanca, por defender o samba em Recife, foi combatido por personalidades relevantes da capital pernambucana, como o jornalista Mário Melo e o

⁴⁶³ Gigantes presta homenagem ao Diário de Pernambuco. *Diário de Pernambuco*, 16 de janeiro de 1972, p. 12, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

compositor Nelson Ferreira. No ano de 1972, Lavanca não comandou a bateria de Gigantes por afirmar-se ‘cansado’, fato comentado pelos jornais. No entanto, muitos sambistas de Gigantes retiraram-se da bateria neste ano pela ausência de seu mestre. O que demonstrava a força que esse sujeito exercia nessa escola.

AUSÊNCIA DE ‘LAVANCA’ NÃO IMPEDIRÁ SAÍDA DE GIGANTES INOVADORA

Segundo um dos componentes da bateria, a escola ‘Gigantes do Samba’ foi a que mais inovou o carnaval pernambucano, na sua especialidade. Foi o velho ‘Lavanca’ – hoje com 56 anos e dizendo-se cansado para o carnaval – quem introduziu o uso do tarol nas escolas de samba de Pernambuco e utilizou, também, o apito pela primeira vez, para reger os movimentos da bateria. Por essa iniciativa, o famoso ‘Lavanca’ recebeu muitos ataques. Era acusado de querer deturpar o carnaval pernambucano, dando maior ênfase ao samba, quando o nosso frevo era que deveria ser prestigiado. O próprio ‘Lavanca’ afirma dois dos seus maiores acusadores foram o jornalista Mário Melo e o maestro Nelson Ferreira que na época se iniciavam nos segredos do carnaval.⁴⁶⁴

RETIRADA

Pessoas ligadas à agremiação disseram que alguns bateristas, desgostosos com a ausência de ‘Lavanca’ – o grande inovador do samba em Pernambuco – já estão pedindo ‘baixa’ da escola. Eles afirmam que sem o mestre, Gigantes não terá a mesma força e poderá ser facilmente superada por outras escolas. Apesar disso, a diretoria da escola já se prepara para arranjar novos elementos, a fim de que a bateria não seja prejudicada. Alguns músicos da Bomba do Hemetério já foram convocados. A bateria de Gigantes deverá desfilar com mais de oitenta homens.⁴⁶⁵

Os anos passavam e as escolas de samba iam cada vez mais ganhando atratividade, popularidade e atraindo mais e mais foliões para suas apresentações. De agremiações ‘condenadas’ desde o final dos anos de 1940, as escolas de samba passaram a ser ‘louvadas’ pelas matérias de jornais em finais da década de 1960. Porém, quero destacar que esse feito não foi um processo fruto da ‘boa vontade’ dos jornalistas, mas das ações, do movimento dos sambistas, que souberam ousar, recriar e readaptar as situações de conflitos que se lhes apresentavam no cotidiano.

SAMBA GANHOU MAIS PONTOS

O samba ganhou mais pontos no carnaval de 1968. As escolas, desde as pequenas até as de primeira classe, capricharam em suas apresentações e, mesmo as modestas mostraram bom gosto em suas fantasias. Os malabaristas foram o ponto alto, extasiando o público com seus passos, acompanhados das gingas das morenas, numa demonstração de que o pernambucano aprendeu, de maneira impressionante, o samba. A ala de passistas do Gigante do Samba impressionou, particularmente. O grande contraste notado com as agremiações do frevo foi justamente, em relação a apatia dos participantes destas. Agremiações como Pão Duro, por exemplo, chegaram a decepcionar pelas condições de suas fantasias, muito especialmente traje de orquestra. O público notou a compenetração dos integrantes das escolas de samba, que levaram

⁴⁶⁴ Ausência de Lavanca não impedirá saída de Gigantes. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1972, p. 06, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁶⁵ Ausência de Lavanca não impedirá saída de Gigantes. *Diário de Pernambuco*, 29 de janeiro de 1972, p. 06, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

suas apresentações com muita seriedade. Este detalhe, por sinal, foi a grande vantagem de Gigantes do Samba, cuja fantasia estava, em luxo, inferior à de Estudantes, mas em termos de apresentação e imaginação quanto ao tema, ganhou longe. Além disso, Gigante do Samba tinha, inclusive torcida organizada, que vibrou por ocasião do seu desfile perante a Comissão Organizadora do Carnaval. É, ainda, uma prova de que as escolas, aos poucos, estão ganhando a preferência dos apreciadores dos desfiles. Apenas clubes como as Pás e Lavadeiras de Areias demonstraram capacidade de criação e grande empenho de seus dirigentes. Outro fator interessante é que as escolas de samba reclamam menos da falta de condições financeiras.⁴⁶⁶

De acordo com a matéria acima, ‘as escolas de samba, aos poucos, ganharam a preferência dos apreciadores dos desfiles’, era o reconhecimento por parte da imprensa de que essas manifestações culturais não ‘deturpavam’ os festejos de momo recifenses, mas contribuía para o seu engrandecimento. Mais uma vez é necessário reconhecer que esse deslocamento de opinião, em relação às escolas de samba, foi um desdobramento das ações de muitos sambistas, que ‘se dedicavam com seriedade’ à apresentação de sua agremiação na passarela e que resultava num fascínio por parte dos súditos de momo.

Uma peculiaridade dos sambistas de Gigantes do Samba, que ‘marcaria’ algumas das suas diferenças em relação ao desfile de suas congêneres cariocas, era a ala de malabaristas. Esta era formada por um grupo de homens que, na ginga do samba, representavam na passarela uma espécie de pirâmide humana que provocava fascínio entre os foliões. Segundo algumas matérias dos jornais, “Os malabaristas eram um ‘show’ à parte e com seus passos de samba extasiavam o público presente”.⁴⁶⁷ O responsável pela introdução dessa ala em Gigantes do Samba foi o sambista Sebastião da Silva, conhecido como ‘Boneco de mola’.⁴⁶⁸

⁴⁶⁶ O Samba ganhou mais pontos. *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 16. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁶⁷ Samba ganhou mais pontos. *Diário da Noite*, 28 de fevereiro de 1968, p. 16. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁶⁸ Bonecos de Mola querem revolucionar o samba em Pernambuco. *Diário de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1971, III caderno, p.01. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).



Imagem: 13. Estudantes mostra por que foi campeã. *Diário da Noite*, 19 de fevereiro de 1969, p. 10, 2ª. Edição. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

Os sambistas de Gigantes não aceitavam a ‘condenação de parcela da intelectualidade’, e procuravam romper com a condição imposta de ‘alienígenas da folia’. Para isso, aproximavam-se de personalidades políticas e intelectuais, compunham sambas e propunham enredos com o intuito de homenagear figuras importantes da cidade. Dessa forma, ‘driblavam’ a situação de excluídos e alcançavam visibilidade e legitimidade no cenário da capital pernambucana. Além disso, estabeleciam contratos com empresas privadas para patrocinarem seus ensaios e apresentações durante o carnaval. Com a leitura dos jornais, pude identificar que no final dos anos de 1960 e início da década de 1970, Gigantes do samba, tinha contrato com as Lojas Cláudia e a Indústria de Tecidos Paulista.⁴⁶⁹

GIGANTES RECEBEU

A Diretoria da Escola Gigantes do Samba, substituiu, quinta-feira última, o seu ensaio semanal por uma recepção oferecida a autoridades, próceres carnavalescos, jornalistas e admiradores. Esta – segundo frisaram alguns oradores – foi a primeira promoção social da agremiação e que reuniu gente de alto gabarito. A coisa está clareando para os lados de Gigante, como diria o famoso Jamelão, pois a moçada do Morro está compreendendo <<que os tempos estão mudando>>.⁴⁷⁰

⁴⁶⁹ Gigantes se inspirou na exaltação do samba. *Jornal do Commercio*, 03 de fevereiro de 1967, p. 04. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁷⁰ Gigantes do Samba recebeu. *Diário da Noite*, 12 de fevereiro de 1966, p. 04. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

Esses foram alguns indícios dos mecanismos que possibilitaram aos sambistas de Gigantes do Samba resistirem àquele cenário de condenação imposto por parcela dos intelectuais. Esses homens e essas mulheres ‘simples’ agiam para modificarem a situação de excluídos da folia que lhes era apresentada. Mesmo em meio à condenação, as escolas de samba durante os anos de 1970 tornaram-se as grandes atrações dos alegres dias de momo da capital pernambucana.

3.4.2 Estudantes de São José: os bambas da folia

Você me chamou de carne fraca, mas agora que eu me levantei, você anda chorando por aí, vou gargalhando pois vou ver você cair, você bem sabe a parada como é que é, quando se fala na Estudantes de São José, quem é bamba no samba, sempre dar o que falar, vá carregando o seu balaio de azar⁴⁷¹

A Escola de Samba Estudantes de São José tem sua fundação datada em 1949. Segundo relataram-me alguns sambistas, foi numa tarde debaixo do calor do sol recifense, que um grupo de rapazes decidiu criar a agremiação para sair nos dias de momo, sem, no entanto, o objetivo inicial de competir pelo título de campeã do carnaval. Contudo, já no primeiro ano em que Estudantes de São José disputou o título da ‘Primeira Categoria’ (1959), foi a campeã do carnaval da cidade. Vale ressaltar que o bairro de São José, localizado no centro da cidade do Recife, nesses anos (1955 – 1972), era conhecido pelo relevante número de grupos carnavalescos que possuía.

Em entrevista com alguns sambistas, pude interpretar que, enquanto a principal ‘arma’ de Gigantes do Samba era sua bateria, em Estudantes uma das ‘marcas’ mais fortes dessa escola era o luxo de suas fantasias e alegorias. Pela pesquisa com os jornais, os principais nomes que aparecem ligados a Estudantes de São José, e responsáveis por esse processo, foram Waldeck Melo, Valdécio Melo e Zezinho do Trombone.

TÍTULOS

A escola de samba Estudantes de São José foi fundada em 1949 por um grupo de rapazes do bairro que lhe deu o nome, com o fim de abrilhantar suas festas. Com o crescimento da Escola, seus sócios decidiram pela sua filiação a Federação Carnavalesca, passando, então a participar dos desfiles no tríduo momesco. Até o

⁴⁷¹ Música composta pelos sambistas de Estudantes de São José em resposta a uma ofensa feita pelos membros de Gigantes do Samba, lembrada por Antônio José de Santana, mais conhecido como Belo-X. Entrevista cedida em 26 de novembro de 2010.

momento, a Estudantes já conquistou seis campeonatos e mais de 20 troféus, apresentando-se, também, nas cidades de Campina Grande, João Pessoa e Natal.⁴⁷²

O luxo das fantasias e alegorias de Estudantes de São José não era aleatório, pois os sambistas que representavam essa escola ousavam, iam em busca de mecanismos que possibilitassem a sua agremiação essa peculiaridade, bem como do título de campeã do carnaval. Os construtores de samba andavam pelas ruas com o ‘livro de ouro’ procurando arrecadar, junto aos comerciantes, verbas para que sua escola pudesse sair nos dias de folia e custear os altos gastos com a produção do desfile.

Um fator relevante que ocorria em Estudantes de São José, era que os seus diretores estabeleciam contrato com empresas privadas da região metropolitana do Recife para patrocinarem seus desfiles e ensaios. Entre essas empresas pude identificar que no carnaval de 1965 a Delta S/A patrocinava a escola.⁴⁷³ Vale destacar que os ensaios dessa escola, antes do carnaval, atraíam centenas de foliões, que, durante a apresentação da agremiação, recebiam presentes das empresas envolvidas com a escola.⁴⁷⁴

Nos anos de 1960, a Estudantes de São José ensaiava no Teatro do Parque, localizado na Rua do Hospício, centro do Recife. Nesse evento, de acordo com os jornais, chegavam a participar mais de 300 pessoas, que se deslocavam de suas residências para prestigiar a apresentação, no período de preparação para os desfiles de carnaval.⁴⁷⁵

No ano de 1964, os jornais noticiavam que a Estudantes de São José não iria desfilar em virtude da construção de sua sede, e, no ano posterior, para marcar a volta dessa escola para os desfiles oficiais, os sambistas de Estudantes criariam a ‘Noite do Samba’. Um evento que era realizado no ‘Pátio do Terço’, localizado no centro do Recife – espaço ‘tradicional’ da manifestação das práticas associadas aos negros nesta cidade. Durante sua realização, a ‘Noite do Samba’ atraía milhares de pessoas que iam prestigiar o samba na capital pernambucana.

Além da contribuição dos seus sócios, as escolas de samba realizavam, durante o ano todo, ‘tocatas’ em diversos clubes sociais da cidade, com o objetivo de angariar recursos para custearem as despesas com a preparação e organização do carnaval, bem como, alugavam suas ‘quadras’ para realização dos mais variados tipos de eventos. Assim, conseguiam os recursos ‘necessários’ para ‘colocarem a escola na avenida’.

⁴⁷² Estudantes de São José que o Bi-campeonato. *Jornal do Commercio*, 09 de fevereiro de 1966, p. 08. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁷³ Samba no pátio do terço. *Diário da Noite*, 09 de janeiro de 1965, p. 02. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁷⁴ Folia de 1965 vai começar amanhã no Bairro de São José. *Diário da Noite*, 14 de janeiro de 1965, p. 01. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁷⁵ Ensaios. *Diário da Noite*, 06 de janeiro de 1965, p. 02. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

ESTUDANTES DE SÃO JOSÉ GASTARÁ DEZ MILHÕES NO CARNAVAL DESTE ANO

Não fossem as contribuições de associados e o resultado financeiro das exibições que fazemos durante todo o ano não seria possível proporcionar aos recifenses as apresentações a que nos acostumamos – prosseguiu o Sr. Irak Santos. Acrescentou que este ano Estudantes de São José receberá uma quota de 160 mil cruzeiros, da Federação Carnavalesca. O mestre sala Irak acredita que sua escola este ano voltará a ser campeã.⁴⁷⁶

A bateria de Estudantes de São José era outro diferencial dessa escola em relação as suas coirmãs do samba. Enquanto, nos anos de 1960, os sambistas de Gigantes procuravam construir um samba semelhante ao que era praticado pelas escolas do Rio de Janeiro, em Estudantes ‘permanecia’, até o início dos anos de 1970, um estilo marcado pelos instrumentos de sopro. Zezinho, com seu Trombone, “transformava qualquer música em samba”,⁴⁷⁷ e assim Estudantes ia se contrapondo ao formato de desfile das suas congêneres cariocas. Entretanto, além dos instrumentos de sopro, a bateria desta escola passou a utilizar guitarras em suas apresentações.

SAMBA DE ‘ESTUDANTES’ TEM 120 BATUQUEIROS ESTE ANO

Com uma bateria composta de 120 homens e uma ala jovem formando o cordão, a Escola de Samba Estudantes de São José espera acontecer no carnaval e bater suas concorrentes. A seu favor estão três firmas importantes da Capital, que dão ajuda financeira para a compra de fantasias e ainda, as ‘tocadas’ realizadas em clubes garantem o numerário necessário para os preparativos. Todo o seu enredo está ligado à História e somente oito dias antes da apresentação será revelado ao público durante um coquetel oferecido à Imprensa.⁴⁷⁸

‘ESTUDANTES DO SAMBA’ ENTRA DE GUITARRA E XANGÔ NA PASSARELA

Estudantes de São José, uma das mais famosas escolas de samba do Nordeste, está em ponto-de-bala para o grande desfile da segunda-feira de carnaval. [...] São 9 horas da noite. Eles estão reunidos em sua sede, à Rua da Concórdia, 890. A bateria – o ponto alto da Escola para este ano – segundo afirmam, ensaia os últimos repiques, as mais rítmicas bossas. O detalhe: a ausência do trombone. ‘Não sairemos de trombone desta feita’. – Realmente, a grande bossa da bateria de Estudantes é a introdução de guitarras elétricas, num ‘molho’ super da pesada, motivada muito mais embalado aos participantes.⁴⁷⁹

É interessante destacar que a rivalidade entre as escolas, principalmente, Gigantes do Samba e Estudantes de São José, proporcionava que novos recursos fossem somados às

⁴⁷⁶ Estudantes de São José gastará dez milhões no carnaval deste ano. *Jornal do Commercio*, 28 de janeiro de 1965, p. 08. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁷⁷ Saberé é da Pesada: Um samba sem compromisso. *Diário de Pernambuco*, 27 de janeiro de 1972, III Caderno, p. 01. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁷⁸ Samba de Estudantes tem 120 batuqueiros este ano. *Diário da Noite*, 14 de janeiro de 1969, p. 01, II Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁷⁹ Estudantes do Samba entra de Guitarra e Xangô na passarela. *Diário da Noite*, 29 de janeiro de 1972, p. 03, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

apresentações das escolas na avenida. Procuravam introduzir determinadas ‘inovações’ que nem sempre foram bem aceitas na passarela. Mas, o objetivo era surpreender as suas congêneres e conquistar o almejado título de campeã do carnaval da cidade.

‘ESTUDANTES’ RECORREM À UMBANDA PARA GANHAR O TÍTULO

A disputa entre as escolas de samba de 1ª categoria vai ser muito dura este ano e os dirigentes da Escola de Samba Estudantes de São José que recorreram à Umbanda, para ganharem o título de 1972, devem fazer um ensaio no dia 5, saindo a Escola, do terreiro da Federação dos Cultos Africanos, em Bebinho Salgado, conforme informou o presidente daquela entidade, babalorixá José Paiva de Oliveira. Para isso, o Snr. Waldeck Melo manteve demorada reunião com o babalorixá pai Paiva, quando ficou acertado que a Federação não se oporia a que o ensaio de rua fosse realizado partindo do terreiro, pois segundo alguns integrantes, os santos terão que proteger aos Estudantes de São José, ameaçados que estão pelas Escolas Gigantes do Samba, Império do Asfalto e até Limonil que em 1972 está bem organizada, disposta a desbancar os grandes do Carnaval de Pernambuco.⁴⁸⁰

XANGÔ NA PASSARELA

Agora a grande dica: 120 participantes do famoso ‘Xangô Pena Branca’, da Bahia, desfilarão pelo carnaval com a Escola de Samba Estudantes de São José. Aos poucos seus personagens vão chegando ao Recife (mais da metade já se encontra ente nós) e, sem dúvida alguma, será mais uma grande atração para o público que afluí ao QG (Quartel General) da Dantas Barreto. – Estudantes de São José vai apelar pro Xangô, a fim de derrotar Gigantes? ‘Não! Nada disso! A vinda do ‘Xangô Pena Branca’, da Bahia, consiste apenas em tentarmos oferecer sempre algo a mais’ – é o que nos informa outro destacado elemento da Escola. A verdade é que segundo se comenta, a ‘apelação’ para os ‘santos’, já teve início entre as escolas. Todos estão otimistas. O ensaio prossegue, ao som de tamborins, cuíca, atabaques, pandeiros, guitarras, ginga de mulatas, malabarismo de crioulos, que fazem misérias coreograficamente. Estudantes de São José é uma Escola que também vive do seu ‘livro-de-ouro’, que é passado de mão em mão, entre seus adeptos, angariando sempre uma melhor situação financeira. A escola sairá na segunda e terça-feira de carnaval para os desfiles às 19h lá do Pátio do Terço. [...] ⁴⁸¹

Na guerra do samba tudo era válido, não importava de onde viesse a ajuda, o que estava em jogo era ganhar o carnaval. E se para isso fosse necessário ‘evocar’ as forças sobrenaturais, elas eram evocadas. Havia (há) uma relação tênue entre os sambistas e o Xangô. Comumente algum orixá estava relacionado às escolas. No bairro de São José existia uma famosa mãe de santo, Badia, figura conhecida na cidade por suas relações com a religião, bem como com as agremiações carnavalescas, entre elas, a própria Estudantes de São José.⁴⁸²

⁴⁸⁰ Estudantes recorrem a Umbanda para ganhar o título. *Jornal do Commercio*, 18 de janeiro de 1972, p.12, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

⁴⁸¹ Estudantes do Samba entra de Guitarra e Xangô na passarela. *Diário da Noite*, 29 de janeiro de 1972, p. 03, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE)

⁴⁸² Sobre isso, ver o artigo: COSTA, Manuel Nascimento. Candomblé e Carnaval, In: *Antologia do Carnaval do Recife*. MAIOR, Mário Souto & SILVA, Leonardo Dantas. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Centro de Estudos Folclóricos, 1980.

Durante estes anos (1955-1972), inúmeros foram os sambas enredos cantados por Estudantes de São José, poderia destacar qualquer um, mas vou escolher um em especial, por acreditar ser singular dentro desse processo. O samba enredo “Brasil: glórias e tradições dos seus Estados”, de 1972, de autoria de Waldeck Melo, já que esta foi uma clara demonstração de ‘louvação’ aos ideários do Regime da Ditadura Militar.

Brasil, teus Estados, tua história
Brasil, belo por natureza
Brasil, ó meu Brasil
És coberto de glórias,
Brasil, cheio de grandeza!
Brasil pra frente
Brasil avança (Bis)
Brasil terra da esperança!
Brasil, o progresso te chama
À frente nosso grande Presidente!
Salve a Transamazônica
Orgulho de nossa gente.
Brasil pra frente,
Brasil avança
Brasil, terra da esperança.

É interessante destacar que o governador do Estado de Pernambuco, Eraldo Gueiros, divulgou nos jornais que iria enviar ao Presidente Médici uma cópia do samba de Estudantes de São José, com visíveis passagens em alusão à ideologia do regime da Ditadura Militar, lemas como ‘Pra frente Brasil’, ‘Brasil país do progresso’, ‘Avança Brasil’, entre outros, podem ser encontrados em versos da música.⁴⁸³

ERALDO MANDA GRAVAÇÃO DE SAMBA PARA MÉDICI

O Governador Eraldo Gueiros enviará ao presidente Médici uma gravação contendo o samba-enredo da Escola Estudantes de São José, cujo tema é ‘Glória e tradição dos Estados do Brasil’. ‘Estudantes’ conquistou, este ano, o título de campeã do carnaval, derrotando espetacularmente a sua rival ‘Gigante do Samba’. A Escola desfilou ostentando à frente do cortejo uma gigantesca fotografia do Presidente da República.⁴⁸⁴

⁴⁸³ **Sobre a relação do carnaval do Recife e a Ditadura Militar**, ver: MELO, Diogo Barreto. *Brincantes do Silêncio: A atuação do Estado Ditatorial no Carnaval do Recife (1968 – 1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2011. **E a respeito dos diálogos entre o regime da Ditadura Militar no Brasil e as escolas de samba do Rio de Janeiro**, ver: CRUZ, Tâmara Paola dos Santos. *As Escolas de Samba sob vigilância e censura na ditadura militar: Memórias e Esquecimentos*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010; TAVARES, Luiz Edmundo & FREIXO, Adriano de. O Samba em tempos de ditadura: as transformações no universo das grandes escolas do Rio de Janeiro nas décadas de 1960 e 1970. In: FREIXO, Adriano de; MUNTEAL FILHO, Osvaldo (Orgs). *Ditadura em Debate: Estado e Sociedade os anos do Autoritarismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

⁴⁸⁴ Gueiros vai mandar gravar samba-tema de Estudantes. *Diário da Noite*, p. 03, I Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

Ao criarem um samba enredo com esse tipo de postura, as escolas de samba, principalmente, Estudantes de São José, alcançavam certa visibilidade e atraíam para seu celeiro os olhares das autoridades políticas. Com isso, conseguiam importantes aliados numa disputa por espaços numa sociedade marcada pela condenação dos intelectuais ao samba. É possível também, compreender essas manifestações culturais, enquanto lugar de disputas políticas, de vigilância e de censura durante o regime militar no Brasil.

Como procurei demonstrar, os sambistas em Recife não se contentaram com a situação de ‘excluídos da folia’, mas foram à luta, ‘arregaçaram as mangas’ e procuraram transformar aquele cenário hostil, tanto que, durante os anos de 1970 e 1980, serão, segundo os jornais, ‘as grandes atrações da folia momesca recifense’.⁴⁸⁵

⁴⁸⁵ Escolas de samba fizeram o sucesso da passarela. *Diário da Noite*, 12 de fevereiro de 1975, p. 06; O desfile das escolas de samba o foi o auge do carnaval. *Diário da Noite*, 12 de fevereiro de 1975, p. 01; Escolas de samba. *Diário da Noite*, 06 de fevereiro de 1975, p. 04; Frevo e samba. *Diário de Pernambuco*, 30 de abril de 1975, 2º caderno, p. 07; Frevo cede terreno para samba. *Diário de Pernambuco*, 06 de dezembro de 1975, 1º caderno, p. 03; Frevo morre: amorfina-se o povo pernambucano? *Diário de Pernambuco*, 26 de fevereiro de 1976, 2º caderno, p. 05; Estado atual do frevo. *Diário de Pernambuco*, 29 de fevereiro de 1976, 2º caderno, p. 12; Samba e frevo para animar o recifense. *Diário de Pernambuco*, 24 de janeiro de 1981, p. b9; Defesa do frevo, Paulo Fernando Craveiro. *Diário de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1981, p. A6; Um carnaval em declínio. *Jornal da Cidade*, 09 a 15 de fevereiro de 1975, p. 04; Urbanização e folclore. *Jornal da Cidade*, 23 de fevereiro a 01 de março de 1975, p. 04; O lugar do frevo. *Jornal da Cidade*, 09 de novembro a 15 de novembro de 1975, p. 03; Nascimento não quer a morte do frevo. *Jornal da Cidade*, 07 de dezembro a 13 de dezembro de 1975, p. 14; Carnaval sem frevo, mas com Bilu Tetéia. *Jornal da Cidade*, 08 de fevereiro a 14 de fevereiro de 1976, p. 13; Escolas de samba empolgam na passarela. *Jornal da Cidade*, 07 de março a 13 de março de 1976, p. 12; Capital do frevo? *Jornal da Cidade*, 07 de dezembro a 13 de dezembro de 1976, p. 07; Escolas de samba dão um show na terra do frevo. *Folha de Pernambuco*, 09 de fevereiro de 1989, p. 05; Disputa do frevo com o samba. *Folha de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1989, p. 01. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE).

CONSIDERAÇÕES

O carnaval é uma festa plural! É impossível ter conhecimento de todos os diversos significados que os mais variados foliões atribuíram aos dias de folia durante o recorte temporal desta pesquisa. Em nenhum momento tive a intenção de ‘julgar’ os intelectuais pelo fato de criticarem a presença das escolas de samba na festa de momo recifense. Procurei interpretar o sentido de tradição que estavam defendendo quando emitiram determinados discursos. “Cada época elenca novos temas que, no fundo, falam mais de suas próprias inquietações e convicções do que de tempos memoráveis, cuja lógica pode ser descoberta de uma só vez”.⁴⁸⁶

Por outro lado, procurei também, na análise dos dias de folia, ter um maior entendimento dos significados, das táticas e estratégias que os sambistas construíram nesses anos (1955-1972) para resistirem e driblarem as mais variadas situações que lhes apareceriam, principalmente, nos dias de carnaval. Tentei, neste trabalho, descortinar ao máximo as práticas ordinárias desses sujeitos, levando em conta as atuações de variados grupos sociais, e suas relações muitas vezes conflituosas, como por exemplo, com a imprensa e parcela da intelectualidade local.

Nesta pesquisa, busquei tornar mais inteligível as lutas cotidianas entre diversos projetos de controle simbólico sobre a festa carnavalesca. Procurei situar como aqueles alegres dias de momo não eram tão pacíficos e coloridos assim, e compreender que em torno deles havia as lutas, as batalhas, as disputas pelo cenário a ser construído para a folia. O discurso de ‘terra do frevo’ foi fruto de uma construção que encobriu inúmeras outras memórias. E é papel da história mexer com aquilo que é entendido como dado e natural.

Compreendi que o desfile das escolas de samba em Recife mostrou-se atrelado a inúmeros conflitos que foram silenciados em nome de uma história oficial. A imagem propalada do carnaval recifense como a ‘terra do frevo’ foi construída encobrindo-se inúmeras tensões. Procurei desmistificar essa autenticidade exclusivista, reducionista e por vezes cruel, que determina a morte de outras manifestações, consideradas sob este ângulo, como estrangeiras, desvirtuadoras de uma cultura local própria e ‘pura’.

Trazer à tona essas questões, evidenciando a história que foi invisualizada e ainda o entendimento que os sujeitos sociais que construíam o samba na capital pernambucana tinham da sua cidade e da sua prática cultural foram algumas das minhas propostas. E aqui se

⁴⁸⁶SCHWARZC, Lilia Moritz. Apresentação, In: BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou o ofício do historiador*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. ,p. 07, 2001.

encontra uma das chaves deste estudo, isto é, fazer com que essas experiências invisualizadas e suprimidas de parte da população no Recife reencontrem-se com a dimensão histórica da cidade. Que a história desses sujeitos sociais, dos sambistas que tanto lutavam pelo direito de exercer a sua prática cultural, pudesse emergir.

Compreendi esses sambistas, em sua maioria negros, como agentes construtores da sua própria história, sujeitos simples que, por meio de suas *astúcias*, driblavam as mais variadas situações do cotidiano. “Os negros percebidos como agentes, como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual – atributos negados pelo racismo moderno”⁴⁸⁷. Dá-se, assim, visibilidade às “*dobras*” desse processo, emergindo a história desses sambistas, desses *homens comuns*, para que se possa construir outro horizonte historiográfico, apoiando-se na memória, em meio às subjetividades desses construtores de samba, mesmo essa memória não tendo íntima relação com a história regional instituída.

Hoje as escolas de samba não provocam mais a mesma atratividade que nos anos de 1960, 1970 e 1980. Entretanto, ainda são umas das maiores atrações do carnaval multicultural da cidade do Recife. O luxo, *glamour* e a ostentação das fantasias dessas agremiações ficaram no passado, mesmo assim, ainda é possível visualizar não só nos dias de folia, mas o ano todo, inúmeros foliões que se dedicam com garra aos desfiles das escolas de samba recifenses.

Diferente das suas congêneres cariocas, as escolas de samba recifenses não usufruem das mesmas condições de visibilidade, não contam com os altos valores para financiarem seus carnavais, tampouco seus desfiles possuem o mesmo status de comercialização e espetacularização. Diferentemente do Rio de Janeiro, em Recife não existe bicheiros, nem emissoras de televisão, ou mesmo, grandes empresas que patrocinem suas apresentações.

Como os sambistas mesmos me disseram: “fazer samba em Recife é muito difícil”, mas mesmo assim eles romperam e contrapuseram a dominação evidente que se apresentava. Não se comportaram como seres passivos e inertes, mas foram à luta e modificaram aquele cenário eminente de condenação e oposição intelectual. Se não contavam com o apoio da maioria da intelectualidade recifense, em contrapartida, mas recebiam os aplausos dos foliões, que corriam para suas quadras lotando suas apresentações.

Em oposição ao que a intelectualidade estava pregando naqueles anos (1955-1972), parcela consistente dos foliões preferiu acorrer para a quadra das escolas de samba, mesmo quando parte dos intelectuais afirmavam que essas práticas culturais maculavam a “legítima tradição carnavalesca recifense”, ou seja, ao que parece, naqueles alegres dias de folia os

⁴⁸⁷ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001, p. 40.

súditos de momo estavam construindo uma identidade carnavalesca diferente da almejada por parcela da intelectualidade local.

Ao se interpretar os conflitos e as tensões em torno da presença das escolas de samba na capital pernambucana, é possível se compreender a própria cidade do Recife, talvez, não a Recife de Gilberto Freyre, de Joaquin Nabuco, de Joaquin Inojosa, de João Cabral de Melo Neto, ou tantos outros intelectuais que contaram essa cidade, mas a Recife de homens e mulheres simples, em sua maioria negros, habitantes dos morros, dos locais mais ermos, os quais parcela das elites dominantes procurou encobrir.

Por meio deste trabalho pude compreender outra Recife, a situando como uma urbe que se colocava em disputas. Eram as disputas pela memória a ser instituída como oficial a respeito dessa cidade. Busquei com essas páginas carnavalescas, os fios que deram forma aos sentidos atribuídos ao carnaval recifense pelos sambistas. Como estes indivíduos, por meio de suas experiências, construíram infinitas possibilidades de significados que se aproximavam/afastavam do próprio processo de construção da pernambucanidade.

Procurei, ainda, ver a cultura não como um campo de construção de harmonias e consensos, mas como um meio de efetivação de disputas e embates entre diferentes práticas e tradições que se digladiavam para serem legitimadas. Ao se recompor essas tramas, me possibilitei entender esse movimento e os diversos pontos de vistas, de sambistas e intelectuais. Espero que os sinais, os rastros deixados por esta dissertação possam ser palco de outras análises, para que, assim, os sambistas recifenses possam ter suas histórias de vida devidamente narradas.

Obrigado!

ANEXOS

Escolas de Samba Campeãs do Grupo de Primeira Categoria no Carnaval da Cidade do Recife entre 1955 e 1972.	
ANO	ESCOLA CAMPEÃ
1955	Duvidosas do Samba / Gigantes do Samba
1956	Gigantes do Samba
1957	Gigantes do Samba
1958	Gigantes do Samba
1959	Estudantes de São José
1960	Gigantes do Samba / Estudantes de São José
1961	Gigantes do Samba / Estudantes de São José
1962	Estudantes de São José
1963	Estudantes de São José
1964	Gigantes do Samba
1965	Estudantes de São José
1966	Estudantes de São José
1967	Gigantes do Samba
1968	Gigantes do Samba
1969	Estudantes de São José
1970	Estudantes de São José
1971	Gigantes do Samba
1972	Estudantes de São José

Fonte: *Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco, Diário da Noite, Correio do Povo, Diário da Manhã, A Última Hora e Folha da Manhã.*

REFERÊNCIAS:

Bibliográficas:

ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ABREU, Regina. A capital contaminada: a construção da identidade nacional pela negação do “espírito carioca”, In: *Entre Europa e África: a invenção do carioca*. Organizado por Antonio Herculano. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2000.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História, In: *Fontes Históricas*. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 4. Ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

ALVES, Bernardo. *A Pré-História do samba*. Petrolina: Edição do Autor, 2002.

AMORIM, Maria Alice; BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. *Carnaval: cortejos e improvisos*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexão sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de História*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Festas: Máscaras do Tempo_ entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife*. Recife, Fundação de Cultura da cidade do Recife, 1996.

_____. DIP DOPS no Frevo. Carnaval, política e identidade cultural em Pernambuco (1930 – 1945). In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins (Org). *Tradições & Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha Salvacionista de 1911*. Natal: EDUFRN, 1998.

_____. *A capital da Saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife: Ed. Bagaço, 2006.

_____. *O Pântano e o Riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2004.

AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BARTH, Fridrik. A análise da cultura nas sociedades complexas. In: *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BELFORT, Ângela Fernanda. *Nelson Ferreira: o dono da música*. 1.ed. Recife: COMUNIGRAF, 2009.

BLOCH, Marc. *Apologia da História: O Ofício do Historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, 1997.

BOURDIEU, Pierre. Campo Científico, In: *Pierre Bourdieu Sociologia*. Organizado por Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Campo Intelectual: um mundo à parte, In: *Coisas Ditas*. Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Monteiro. – São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *Esboço de Auto-Análise*. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Lições de Aula*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

BURKE, Maria Lúcia Pallares; BURKE, Peter. *Repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. Tradução de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Editora: UNESP, 2009.

BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumiar, 1996.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. A temática racial no carnaval carioca ou o carnavalesco como mediador cultural, In: *O Rito e o Tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4. ed. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ, 2008.

_____. O rito e o tempo a propósito do carnaval carioca, In: *Entre Europa e África: a invenção do carioca*. Antonio Herculano Lopes (org.). Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, Topbooks, 2000.

_____. Os Sentidos do Espetáculo. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, 2002, v. 45, Nº 1.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. 14 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: RJ, Vozes, 2008.

_____. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *A História Contada: Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. Ed. Lisboa: Difel, 2002.

COSTA, Haroldo. *100 anos do carnaval do Rio de Janeiro*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.

COSTA, Manuel Nascimento. Candomblé e Carnaval, In: *Antologia do Carnaval do Recife*. Mário Souto Maior & Leonardo Dantas Silva. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Centro de Estudos Folclóricos, 1980.

COUCEIRO, Sylvia Costa. *Artes de Viver a Cidade: Conflitos e Convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos de 1920*. Recife: Tese de Doutorado em História da UFPE, 2003.

COUTINHO, Eduardo Granja. *Os Cronistas de Momo: imprensa e carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

CRUZ, Tâmara Paola dos Santos. *As Escolas de Samba sob vigilância e censura na ditadura militar: Memórias e Esquecimentos*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

CUNHA, Fabiana Lopes da. *Da Marginalidade ao estrelato. O Samba na construção da Nacionalidade (1917 – 1945)*. São Paulo: Annablume, 2004.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca (1880 – 1920)*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. Topologia: “Pensar de outra forma”, In: *Foucault*. Tradução de Cláudia Sant’ Anna Martins. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, p. 57, 1988.

DIEHL, Astor Antônio. Memória e identidade: perspectivas para a História, In: *Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FARGE, Arlette. *O Sabor do Arquivo*. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. *Lugares para a História*. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FERRAZ, Marilourdes. *Aníbal Fernandes: jornalista – Nos caminhos da liberdade*. Associação da Imprensa de Pernambuco. Recife: CEPE, 1996.

FERRO, Marc. *A História Vighada*. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1989.

FICO, Carlos. O Estado contra o povo, In: *Como eles agiam. Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FOUCAUL, Michel. Os Intelectuais e o poder: Conversa com Michel Foucault e Gilles Deleuze, In: *Microfísica do Poder*. Organização e Tradução de Roberto Machado. 26. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. “Nietzsche, a genealogia e a história”, In: *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. Verdade e Poder. In: *Microfísica do Poder*. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Provas e Possibilidades, In: *O Fio e os rastros*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

_____. Sinais: raízes de um paradigma indiciário, In: *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e História*. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo, Companhia das Letras. 1989.

GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre, In: *Escrita de Si, Escrita da História*. Ângela de Castro Gomes (organizadora). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GUILLEN, Isabel C. M. Maracatus-nação entre os modernistas e a tradição: discutindo mediações culturais no Recife dos anos de 1930 e 1940, In: *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*. Nº 21, 2003. Recife. Universidade Federal de Pernambuco. PP. 107 – 135.

_____. Rainhas Coroadas: história e ritual nos maracatus-nação do Recife, In: *Cultura Afro-descendente no Recife: maracatus, valentes e catimbós*. Ivaldo Marciano de França Lima e Isabel Cristina Martins Guillen. Recife, Bagaço, 2007.

_____. Catimbó: saberes e práticas em circulação no Nordeste dos anos de 1930-1940, In: *Cultura Afro descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós*. LIMA, Ivaldo Marciano de França & GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Recife: Bagaço, 2007.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Artes da Memória, Fontes Orais e a Escrita da História, in *Cidades da Mineração: Memória e Práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EduFMT, 2006.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs). *A Invenção das Tradições*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

KUBRUSLY, Clarisse Q. *Reflexão antropológica sobre a “experiência etnográfica” de Katarina Real com os maracatus em Recife*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

LAZARRI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870 – 1915)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP / Cecult, 2001.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro história, In: *A Escrita da História: novas perspectivas*. BURKE, Peter (Org.). Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

LIMA, Cláudia. *Evoé: história do carnaval – das tradições mitológicas ao trio elétrico*. 2. Ed. Recife: raízes brasileiras, 2001.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2010.

_____. *Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo história. Recife, 1930-1945*. Recife: Bagaço, 2008.

LIMA, Ivaldo Marciano de França; GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Os Maracatus Nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 1990), In: *Cultura Afro descendente no Recife: maracatus, valeses e catimbós*. Recife: Bagaço, 2007.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos, In: *Fontes Históricas*. Organizado por Carla Bassenezi Pinsky. 2. ed. São Paulo: contexto, 2006.

MAIA, Clarissa Nunes. *Sambas, batuques, vozerias e farsas públicas. O controle social sobre os escravos em Pernambuco no século XIX. (1850 - 1888)*. São Paulo: Annablume, 2008.

MAIOR, Mário Souto. Carnaval, carnavais, In: *Nordeste: a inventiva popular*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.

_____. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.

MELO, Diogo Barreto. *Brincantes do Silêncio: A atuação do Estado Ditatorial no Carnaval do Recife (1968 – 1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2011.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Desassossego das Travessias, In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 5. Nº 58. Julho 2010. Pag. 98.

_____. *História, Metodologia, Memória*. São Paulo. Editora: Contexto, 2010.

MOURA, Roberto M. *No Principio era a roda: um estudo sobre samba, partido alto e outros pagodes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. *A Síncopa das Idéias: a questão da tradição na música popular brasileira*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2007.

OLIVEIRA, Waldemar. *Frevo, capoeira e passo*. Recife, CEPE, 1971.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil - nação*. 2. Ed. rev. e ampl. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo, 1985.

PARAÍSO, Rostand. *Cadê Mário Melo?* Recife: Comunigraf, 1997.

PATRÍCIO, M. C. *No truque: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras*. Recife: Tese de Doutorado em Antropologia da UFPE, 2008.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Carnaval das Letras: Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ª. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural, In: *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Sandra Jatahy Pesavento, Nádia Maria Weber Santos, Miriam de Souza Rossini (Org). Porto Alegre, RS: Asterisco, p. 110, 2008.

REAL, Katarina. *O Folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. rev e aum. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990.

REIS, João José. *Domingos Sodré: Um Sacerdote Africano. Escravidão, Liberdade e Candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

REIS, José Carlos. *O desafio Historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010.

REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. (Org.) Magdalena Almeida. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e política brasileira: enterrar os anos 60? In: *Intelectuais: sociedade e política, Brasil – França*. Elide Rugai Bastos, Marcelo Ridenti, Dennis Rolland. Organizadores. São Paulo: Cortez, 2003. P. 197-198.

ROSTAND, Paraíso. *Cadê Mário Melo*. Recife: COMUNIGRAF, 1997.

SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: as conferências de Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANDRONI, Carlos. *O Feitiço Decente. Transformações do Samba no Rio de Janeiro (1917 – 1933)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. : Ed. da UFRJ, 2001.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. *Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2010.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Mangueira e Império: a carnavalização do poder pelas escolas de samba*, In: *Um século de Favela*. Organizadores: Marcos Alvito e Alba Zaluar. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

SANTOS, Taciana Mendonça. *Alianças Políticas em Pernambuco: a(s) frente (s) do Recife (1955 – 1964)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Tradução de Sérgio Alcides. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

SILVA, Augusto Neves. *Debate Historiográfico em torno das escolas de samba em Recife (1955 – 1970)*. Monografia de Conclusão de Curso de História. Recife: UFPE, 2009.

SILVA, Leonardo Dantas; TINHORÃO, José Ramos. *Carnaval do Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade, 2000.

SILVA, Lucas Victor. *O carnaval na cadência dos sentidos: uma história sobre as representações das folias do Recife entre 1910 e 1940*. Tese (Doutorado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

SILVA, Zélia Lopes da. *Os Carnavais na Cidade de São Paulo nos anos de 1938 a 1945*, In: *Muitas Histórias, Outras Memórias*. FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto & KHOURY, Yara Aun (organizadores). São Paulo: Editora Olho d'água, 2004.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais, In: *Por Uma História Política*. René Rémond (Organizador). Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

SOIHET, Rachel. *A Subversão pelo Riso. Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Èpoque ao tempo de Vargas*. 2. ed. rev e ampl. Uberlândia: EDUFU, 2008.

TAVARES, Luiz Edmundo & FREIXO, Adriano de. O Samba em tempos de ditadura: as transformações no universo das grandes escolas do Rio de Janeiro nas décadas de 1960 e 1970, In: *Ditadura em Debate: Estado e Sociedade os anos do Autoritarismo*. FREIXO, Adriano de & MUNTEAL FILHO, Osvaldo (Orgs). Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *O Movimento e a Linha: Presença do Teatro do Estudante e do Gráfico amador no Recife (1946 – 1964)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

TELES, José. *Frevo rumo à modernidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2008.

TINHORÃO, José Ramos. *Os Sons de Negros no Brasil. Cantos, danças folguedos: origens*. 2. Ed. São Paulo: Ed. 34, 2008.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, UFRJ, 1998.

VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. *A fresta do Estado e o brinquedo para os populares: histórias da Federação Carnavalesca Pernambucana*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Periódicos Pesquisados:

Correio do Povo

Diário da Manhã

Diário da Noite

Diário de Pernambuco

Folha da Manhã

Jornal do Commercio

A Última Hora

Entrevistas Realizadas:

Antônio José de Santana

Dilermando José do Nascimento

José Bonifácio Dias dos Santos

Severiano Ferreira de Lima

Valdi José Coutinho

Entrevista Consultada:

Liêdo Maranhão de Souza, entrevista realizada em 30 de maio de 2008 pelas professoras Isabel Cristina Martins Guillen e Maria Ângela de Faria Grillo e pelo professor José Brito. A Entrevista foi transcrita por Gabriel Navarro.

Instituições Consultadas:

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE

Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ

Museu da Cidade do Recife – MCR